

A 667007

*are
add*
LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.027.105-68



Horatius Flaccus, Quintos

ODES
DE
Q. HORACIO FLACCO,

TRADUZIDAS

EM VERSO NA LINGUA PORTUGUEZA,

POR

JOSÉ AUGUSTO CABRAL DE MELLO,

CAVALLEIRO PROFESSO NA ORDEM DE CHRISTO,

ADVOGADO PUBLICO, SECRETARIO DA CAMARA

MUNICIPAL D'ANGRA DO HEROISMO,

ILHA TERCEIRA,

ONDE NASCEU.

veniam pro laude peto.

OVID. I. I. Eleg. 6.

ANGRA DO HEROÍSMO

TYP. DO ANGRENSE, DO VISCONDE DE BRUGES,

RUA DE SANTA LUIZA N.º 2.

1853.

878
H5
TC12

PREFACÃO.

..... si les auteurs les plus difficiles à traduire sont ceux qui ont le plus éminemment le mérite du style, la supériorité d'Horace en ce genre est une excuse pour son traducteur ; nul poète n'a plus de grâce, et la grâce est plus intraduisible que la force.

Delille, respons. au disc. de M. Lamierre.

As composições de HORACIO, d'esse insigne poeta lyrico da antiga Roma, um dos ornamentos do seculo de Augusto, tem sempre merecido até hoje, apezar da diuturnidade dos tempos, a grande estima e applauso universal das nações cultas. Nas suas Odes especialmente, como reconhecem os doutos, brilham todas as graças e bellezas das producções poeticas dos mais abalizados talentos da famosa Grecia : — soube HORACIO feirir na sua lyra, como já disse um traductor illustre, os sons harmoniosos de Alceo, de Pindaro, de Sapho e de Anacreonte.

Apresenta esse engenho eminentes os fructos preciosos da sabedoria entre as flores bellissimas do Heli-con. Com razão é geralmente apreciado e tido por tão grande poeta como philosopho. Não só recreia o espi-

rito do homem com jovialidades finas, imagens e expressões nobres sobre variados assumptos, sustentando sempre o natural, o gracioso, o delicado, o sublime, mas simultaneamente, exceptuando algumas poesias eroticas e de liberdade propria do paganismo, move e dirige o seu coração, com maximas de sólida doutrina, á prática e exercicio das virtudes sociaes. Ensina-o a contentar-se de pouco; a desprezar o luxo e a avareza, a fugir á ambição desregrada, a apreciar as delicias do campo, a obedecer ás leis, a respeitar os superiores, a amar a justiça e a rectidão, a lembrar-se da brevidade da vida, a expô-la em defesa da patria, e a não chamar nem crêr felices senão aquelles que sabem usar sabiamente dos dons do céo e temer a vergonha mais que a morte. Quem pode ser indiferente aos encantos d'esta admiravel poesia?

A traducção completa das referidas Odes, que ora offereço á minha patria; comprehendido o poema secular, foi por mim emprendida e começada no anno de 1828, em que teve principio a porsíosa luta, entre os partidos *liberal* e *realista*, que encheu a nação portugueza de calamidades.

Eu fui uma das victimas dos actos violentos d'essa época desastrosa. Andei retirado e fugitivo para subtrahir-me a maiores vexames que injustamente se me preparavam, e que a final sempre vim a sofrer n'uma rigorosa prisão. Não podia consequentemente ter o sobrêgo preciso para dedicar-me a um trabalho litterario d'esta natureza; mas a necessidade de distrahir-me dos males presentes para tornar menos sensivel a sua gravidade me animou a empreendê-lo, e posso afirmar sin-

ceramente que receeci com elle o espirito e alentei a existencia.

São pois os meus versos filhos do infertunio, quando os d'aquele estremado lyrico romano tiveram origem na felicidade. Protecções illustres e grandiosas, uma situação prospera e alegre, animaram o seu es- tro e lhe asfaram a lyra para produzir essas magni- ficas e delicadas Odes. Uma perseguição porém iniqua e acérrima, um estado penoso e triste, me convidaram a verter em linguagem patria esses thesouros riquissi- mos de verdades philosophicas, de dictames moraes, de historia, de graças e de eloquencia poetica. Já se vê a diferença que deve haver necessariamente, prescin- dindo de outras considerações, entre o texto e a tra- dução, entre o exemplar e a copia.

Não puz os versos originaes em frente da versão, como muitos traductores fizeram, por me persuadir que, tendo de ser lida provavelmente por pessoas não versa- das na lingua latina, estas veriam com summo desgosto páginas inteiras em idioma estranho, quando os leito- res instruidos, querendo, a poderão confrontar com o texto publicado por Dacier, que eu em geral segui com as pequenas excepções que hei-de notar opportunamen- te.

Tambem, ao passo que julguei uteis as notas ex- trahidas de distintos escoliadores, para intelligéncia e elucidação de muitos logares que envolvem obscurida- de e noções historicas, mythologicas e geographicas, que nem todos estão habilitados a comprehendér perfei- tamente, pareceu-me acertado não interromper na le- tura os intelligentes com o ordinario reclamo, podendo

os menos instruidos, á medida que se offerecerem termos e passagens superiores á sua esphera, recorrer, sem dependencia d'esse sinal, ás competentes notas, especie de diccionario, as quaes acharão no fim do volume alphabeticamente, com distincção das odes que elucidam e dos livros a que as mesmas respeitam. — Abaixo de certas odes porém achei conveniente fazer algumas notas e observações criticas sobre o texto ou sobre a intelligencia que lhe deram alguns interpretes e commen-tadores, como sobre outros objectos interessantes.

Já quatro traducções portuguezas, segundo tenho co-nhecimento, duas em prosa e duas em verso, (1) existem d'estas excellentes Odes, excepto das que exprimem sentimentos ou envolvem idéas de alguma maneira des-conformes com os sólidos principios moraes proprios do autor. — Não me atrevo a enunciar o meu particular juizo sobre o merecimento de cada uma das referidas traducções: — direi só em geral, quanto ás primeiras, que as producções das Musas, onde brilham os encantos do espirito entre as cadencias harmonicas, não podem absolutamente traduzir-se em prosa de um modo plau-sivel: — a prosa pode expressar o sentido verdadeiro, mas não os ornamentos e as graças: — pode fazer um ligeiro esboço, uma fria imagem, mas não um retrato fiel ou simulante, com o ar, o gesto, as cores, a vida do original, o que é só privilegio da linguagem dos deoses, a encantadora poesia: — e, quanto ás se-

(1) Traducções em prosa, a de José Antonio da Matha, e a de Jo-aquim José da Costa e Sá: — em verso, a de José Agostinho de Ma-cedo, e a de Antonio Ribeiro dos Santos, que se intitulou — *ELFINO Du-RIENSE*—.

gundas, que são pelos intelligentes consideradas desfeituosas, uma por demasiadamente afastada do texto, desprezando as excellencias que o ornam e até muitas vêzes o seu verdadeiro e obvio sentido, outra por demasiadamente litteral cingindo-se strictamente ás palavras com a mesma inversão, hypérbatos e figurias, sem attender á indole diversa das duas linguas e á doçura e harmonia que deve ter a versificação. — Não obstante porem estes defeitos que geralmente se lhes notam, eu não posso deixar de reconhecer que os illustres traductores fizeram um valioso serviço á mecidade estudiosa e são benemeritos do reconhecimento publico.

Não sei se esta minha traducção, confrontada com as precedentes, tem o merito da superioridade: — talvez não seja mais digna de ser lida pelos litteratos de bom-gosto; mas existindo em minha carteira, na maior parte, com emendas successivas ha dezoito annos, dobrado numero dos que exige o mesmo Horácio na sua *Arte-poética* para a correcção de uma obra litteraria antes de vêr a luz, não me parece justo deixar de a publicar pela imprensa para chegar ao conhecimento de meus compatriotas. É mais uma copia de tão primoroso original; é mais uma homenagem rendida a tão insigne poeta lyrico da antiguidade; é mais um serviço feito á litteratura portugueza: e, quando esta versão não mereça ser laureada do applauso publico, servirá ao menos a fazer realçar o merecimento das outras e a estimular algum engenho mais feliz a emprender com melhor successo o mesmo trabalho n'esta época de reconhecido progresso nacional em o desenvolvimento da intelliéncia e a cultura das bellas-letras.

As grandes difficuldades de uma tal empreza são obvias. « Os traductores (disse um homem de genio) « devem ser comparados a esses pintores que se propõem a fazer uma copia. Não somente devem tomar as « principaes cores do modelo, mas ainda os coloridos e « as transições as mais delicadas. Devem, quanto for « possivel, exprimir o pensamento ornando-o das mesmas graças que tinha no original. (1) »

Não posso infelizmente lisonjear-me de haver isto conseguido, apezar de meus desejos e esforços.—Serviram-me de grande auxilio os melhores interpretes conhecidos, especialmente Dacier, Desprez, Sanadon e Vanderbourg. Estes insignes mestres me elucidaram muitos logares do texto onde são frequentes os hellenismos e fórmulas abstrusas, mas não puderam inspirar-me o dom que não possuiram de copiar vivamente as graças e as bellezas poeticas que n'elle superabundam e são universalmente admiradas.

Será todavia para mim um alto motivo de satisfação se os leitores intelligentes e dotados de bom-gosto acharrem na minha versão, posto que não perfeita, o mérito da fidelidade substancial, e igualmente alguma pureza de dicção e de estylo, no que empreguei o maior cuidado e desvelo.—Se tanto acontecer, vêr-me hei galardoado de tão longas e penosas lucubrações, e não duvidarei de que o meu trabalho chegue ao conhecimento da posteridade, bem que me não habilite a proferir, na linguagem do illustre cantor de Venusia,

NON OMNIS MORIAR.

(1) J. L. Alibert, no elogio historico de L. Spallanzani.

VIDA DE HORACIO.

NASCEU QUINTO HORACIO FLACCO em Venusia , cidade antiga nos confins da Apulia e da Lucania , a 8 de dezembro do anno da fundaçao de Roma 689 , em o consulado de L. Manlio Torquato e L. Aurelio Cotta , 65 annos antes de Jesus-Christo.

Seu pae era liberto , e possuia nos suburbios d'aquelle cidade uma pequena fazenda de que subsistia, a qual vendeu, passando-se com seu filho a Roma , onde comprou o officio de cobrador de impostos e onde poz a estudar o mesmo seu filho na aula publica do grammatico Pupillo Orbilio , desvelando-se na sua educação e conduzindo-o sempre pessoalmente a ouvir as lições d'esse preceptor da mocidade romana.

HORACIO , já sufficientemente instruido nas letras , na edade de vinte annos , desejando ampliar os seus conhecimentos , passou-se a Athenas , cidade da Grecia, famoso theatro da illustração scientifica e litteraria , onde ouviu as sabias lições dos philosophos.

Ahi , com alguns compatriotas illustres , como o filho de Cicero , Messala , Varo e outros , se juntou ao partido de Bruto e Cassio , impellido do entusiasmo republicano.— Bruto o levou comsigo a Macedonia , e o fez tribuno de uma legião.

Acabando aquelles chefes do partido democratico na batalha de Philippos , cidade da Macedonia , fugiu Ho-

RACIO abandonando o seu escudo , como o fizera A'cēo , famoso poeta grego , em uma situação similar ; e , aproveitando-se da amnistia proclamada pelos triumviros , deliberado a deixar para sempre a vida militar , voltou para a Italia , onde então dominava Octaviano Cesar , a quem o senado , depois da batalha d'*Actium* , conferira o nome de Augusto.

Achando morto seu pae e perdido quasi todo o seu patrimonio , HORACIO , cujo genio se havia enriquecido das bellezas das obras de Homero e de outros sabios gregos , procurou fazer-se conhecer por algumas composições poeticas , e comprou para subsistir um emprego de secretario do thesouro , que deixou logo que viu melhorada a sua situação. Sendo amigo de Virgilio e de Vario , estes o presentaram a Mecenas , valido de Augusto , e distinto protector dos homens de letras , o qual , sympathisando com o poeta e travando com elle relações intimas de amizade , o fez entrar na estima e favor do poderoso imperante , alcançando-lhe uma fazenda ou herdade productiva denominada Ustica , sita em um valle ameno , banhado pelo rio Digencia , não longe do majestoso cume do monte Lucretil em o paiz dos Sabinos , onde se reunia tudo que podia tornar a sua existencia deleitosa e feliz , alcançando-lhe tambem posteriormente o privilegio de trazer o anel de cavalleiro e o *angusticlavio*. (1) — Antes d'isso já tinha HORACIO uma pequena casa de campo na agradavel *Tibur* , Tivoli dos modernos. (2)

(1) Especie de vestido de dignidade equestre entre os Romanos.

(2) Walckenaer , *Histoire d'Horace* , tom. I. pag. 270.

Indo Mecenas a Brindes, cidade de Napoles, para tratar de reconciliar Antonio com Augusto, acompanhou-o HORACIO n'essa viagem. — Foi tambem com elle na armada de Augusto destinada a abordar á Sicilia, mas, sobrevindo uma furiosa tormenta que destruiu a armada perto do cabo de Palinuro, correu gravissimo perigo a vida do poeta, que pensou ahi acabar.

Depois da morte de Virgilio, desejou Augusto admitir HORACIO á sua sociedade intima, e ofereceu-lhe, por intervenção de Mecenas, o logar de secretario do seu gabinete, mas o poeta philosopho recusou essa honra sem todavia incorrer no desfavor do principe.

Objecto da liberalidade de Mecenas, produzindo suas magnificas composições poeticas, vivia HORACIO, estranho a todas as funções publicas, no seu plácido retiro da Sabina em liberdade philosophica. — Não deixou de conservar os seus sentimentos republicanos; mas vendo a paz do mundo, o imperio romano augmentando e prospero, os povos mais remotos sollicitando a sua aliança, proscriptas as leis iniquas do triumvirato, restaurados os templos, e tudo isto resultado das sabias medidas e providencias salutares e energicas do imperador, esqueceu-se do nome de Octaviano, e penetrou-se de admiração, de estima e entusiasmo, para com o homem grande, o infatigavel benfeitor da sua patria, applaudido com o nome de Augusto. — Não o elogiou antes da batalha d' *Actium*; levou-o aos astros quando viu assim realisados os beneficios publicos e a gloria de Roma.

Augusto não se dedignava de escrever directamente a HORACIO; e n'uma carta, como se vê em Suetonius,

nio, queixando-se de o não contemplar em algum dos seus discursos, lhe dizia: — *temes te deshonre a posteridade por seres um dos meus amigos?* — Era o segundo dos Césares, o dominador do mundo civilisado, que fazia esta lisonjeira arguição ao filho do liberto de Venusia!

HORACIO tinha coração sensível e reconhecido, alma grande e generosa, razão clara, juizo sâo, espirito transcendente. — Era de pequena estatura, gôrdo, de boa côr, algum tanto doente dos olhos, mas de ar e conversação agradavel.

Celebrava o anniversario natalicio de Mecenas como um dia sagrado e de festa solemne. Era correspondido devidamente por esse protector eximio dos talentos e das letras, seu particular amigo, e até em seu testamento o recommendava a Augusto d'esta maneira: — *Lembrai-vos de Horacio como de mim proprio.*

Segundo os testemunhos dos antigos escoliadores, como refere Walckenaer (1), havia HORACIO já dado á luz publica os dois primeiros livros das suas Odes quando, no anno de 736, publicou a collecção comprehensiva do terceiro livro, cuja ultima Ode é uma especie de epílogo para fechar a collecção inteira. Publicou igualmente o quarto livro longo tempo depois, reunido aos tres primeiros, o que se presume ser no anno de 744. — O quinto livro não foi publicado na vida do autor; — as Odes que comprehende eram composições, na maior parte, de sua mocidade, umas licenciosas e satyricas, outras allusivas aos tempos republicanos, que moti-

(1) *Histoire d'Horace*, tom. I, pag. 539, e tom. II, pag. 205.

vos de decoro , de interesse e de politica , haviam retido no silencio.—Os grammaticos depois , formando d'ellas esse quinto livro , o juntaram aos precedentes com o titulo de *Epodos*.

Todos estes factos e noticias historicas respectivamente a tão insigne poeta lyrico , são tirados de varios escriptores , entre elles Suetonio , J. Masson , Sanadon , Walckenaer , e constam na maior parte das composições do mesmo HORACIO , das quaes se vê igualmente que elle gosava a estima e consideração das pessoas do seu tempo as mais illustres e notaveis por letras , auctoridade e riquezas , como Mecenas , M. Vipsanio Agripa , Asinio Pollião , Julo Antonio , Messalla , Torquato , Lollio e outros. A amizade porem que , segundo parece , mais o lisonjeava , alem da de Mecenas , era a de Virgilio , a quem chama metade da sua alma.

Morreu HORACIO aos 27 de novembro do anno de Roma 746 , de edade de 57 annos , em o consulado de C. Marcio Censorino e de C. Asinio Gallo. Não pôde assignar o seu testamento , mas , em presença de testemunhas , instituiu herdeiro a Augusto , que mandou fazer-lhe magnificas honras funebres , e collocar a sua sepultura junto do túmulo de Mecenas , a quem poucos dias sobreviveu , realisando-se assim o voto que fizera na ode 17 do livro 2.º—Acabou o principe dos lyricos romanos sua vida na terra , mas não pereceu o seu illustre nome :—elle é grande e glorioso depois de dezanove seculos , e terá a mesma duração do mundo. (1)

(1) Walckenaer , ibid. , (II.—566) , traz a nota seguinte :— “ Tandem Romæ moriens anno ætatis sue 57 , cum Mecenate , qui ante eum morie-

batur, sepultus est omni maxima pompa juxta tumulum ejusdem., *Vita Horatii adhuc inedita, e codice Beronitiensi, B. expressa, apud Kirchner, Questiones Horatianae, Lipsim, 1634, in — 4.º, Humatus et conditus est extremis Esquilii, juxta Mecenatis tumulum., Dans Suetonii, Vita Horatii, édit. Richter, p. 136, 137, 138.,*

Alguns commentadores, vendo nas obras de Isidoro de Sevilha uns versos dirigidos a Horacio, atribuiram-nos a Mecenas, ainda que o escritor o não diga propriamente. Sanadon é desse numero, concluindo que Horacio falecerá primeiro que seu illustre protector e amigo; e Joaquim Jo-é da Costa e Sá, que em tudo o seguiu quasi litteralmente, traz esses versos em sua traducão das Odes de Horacio; — são os seguintes:—

Lugens te, mea vita, nec smaragdos,
Beryllos mihi, Flacce, nec nitentes,
Nec percandida margarita quero,
Nec quos thynica luna perpolivit
Anellos, nec jaspis lapillos.

Walckenaer no logar citado (II,—469) diz: — “ Si ces vers qu'on a réimprimés dans un grand nombre d'éditions d'Horace et dans d'autres ouvrages, comme étant de Mécène, son véritablement de lui, et s'adressent à Horace, ils furent écrits lorsque notre poète étant malade et craignant de mourir, fit don à Mécène d'une de ses bagues, formée d'une ou de plusieurs pierres précieuses d'un assez grand prix; — on sait que Mécène était très-amateur de pierres précieuses: mais voulait détourner les tristes présages d'un tel présent, il aurait alors envoyé à son cher Horace les vers dont on parle, par lesquelles il lui dit: ..

“ Si j'avais à pleurer ta perte, ô mon Flaccus ! ô ma vie ! que n'importeraient les émeraudes, les berilles, les plus blanches perles, les anneaux de jaspe les plus beaux, et les mieux polis ! ..

“ Telle est, suivant nous, la véritable interprétation de ces vers, s'ils sont de Mécène.,

JUIZO DE ALGUNS AUTORES CLASSICOS

ACERCA DAS COMPOSIÇÕES DE HORACIO.

MULTO est tensus ac purus magis Horatius, et ad
netandos hominum mores præcipuus.... Lyricorum
idem Horatius serè solus legi dignus. Nam et insurgit
aliquando, et plenus est jucunditatis et gratiae, et va-
riis figuris et verbis felicissime audax.

QUINTIL. lib. X, cap. 1.

Et tenuit nostras numerosus Horatius aures,
Dum ferit ausoniæ carmina culta lirâ.
OVID. lib. 4. TRIST. ELEG. 10.

HORACE still charms with graceful negligence,
And without method talks us into sense,
Will, like a friend, familiarly convey
The truest notions in the easiest way.
He, who supreme in judgment, as in wit,
Might boldly censure, as he boldly writ,

Yet judg'd with coolness, tho' he sung with fire:
His precepts teach but what his works inspire.

POPE, an Essay on Critic. v. 653.

EST Horatius omnium Latinorum Græcorumque Poetarum elaboratissimus. Nam in lyricis quem sonum, quos numeros, quam majestatem quæsivit, obtinuit: quæ omnia cum in aliis neglexit operibus, omisit sine gloriæ dispendio: quam puritatem, elegantiam, venustatem in utrisque appetiit, consecutus est.

JULIO SCALIGERO, Poet. lib. 6.

O bom louvas, Horacio, o mau accusas,
De bons engenhos mestre artificioso,
Não sofres falsas cõres, vans escusas.

Grave censor das Musas, quão iroso
Te mostras contra aquelles maus profanos
Que se ousam coroar de louro honroso!

Suem e tremam, gastem bem seus annos,
Em teus preceitos, virão mais seguros
Em ti, menos confiados em enganos.

Aquelles versos teus, doces e puros,
Entenda eu sempre e siga: elles abrandem,
Elles dem graça aos meus frios e duros.

A ti leam, grão Flacco, apôs ti andem
Meus olhos, tras os que tambem te seguem,

.....
ANTONIO FERREIRA, Carta 8.*

TOUT passe, tout pérît, hors ta gloire et ton nom.

C'est là le sort heureux des vrais fils d'Apollon.

Tes vers en tout pays sont cités d'âge en âge.

.....

.....

.....

..... mon cher Horace,

.....

J'ai vécu plus que toi ; mes vers dureront moins ;

Mais, au bord du tombeau, je mettrai tous mes soins

A suivre les leçons de ta philosophie,

A mépriser la mort en savourant la vie,

A lire tes écrits pleins de grâce et de sens,

Comme on boit d'un vin vieux qui rajeunit les sens.

Avec toi l'on apprend à souffrir l'indigence,

A jouir sagement d'une honnête opulence,

A vivre avec soi-même, à servir ses amis,

A se moquer un peu de ses sots ennemis,

A sortir d'une vie ou triste ou fortunée,

En rendant grâce aux dieux de nous l'avoir donnée.

VOLTAIRE, Épître à Horace.

Tel l'ami du bon sens, l'ingénieux Horace,
 Se joue autour du cœur, nous instruit avec grâce.
 Fait aimer le repos, la mediocrité,
 Et donne à la morale un air de volupté.

DELILLE, L'Imagination, chant. 6.

ODES DE HORACIO.

LIVRO PRIMEIRO.

ODE I.

A MECENAS.

MECENAS, derivado de reis inclitos,
 Ó meu amparo e minha doce glória !
 Folgam alguns alevantar no círco
 Dos olympicos jogos a poeira ,
 E se as sérvidas rodas não tocaram
 A meta abalisada , a palma illustre
 Os alça aos deoses , árbitros do mundo.
 Se a mobil turma dos Quirites tenta
 Às tergéminas honras porfiosa
 Este elevar ; — se no celeiro proprio

Occulta aquelle quanto se varrêra
 Nas eiras libcas : — se apraz a outro
 Abrir c' o sachô os patrios campos : — nunca
 Por fortunas attâlicas puderas
 Movel-os a cortar , tímidos nautas ,
 Em cyprio lenho o procelloso Myrtoo.
 O mercador medroso quando o rijo
 Áfrico lueta co' as icarias ondas ,
 O placido socego louva e os campos
 Do ninho seu ; mas , aferrado o porto ,
 O baixel destroçado logo aprompta ,
 Indocil a sofrer dura pobreza.
 Algum ha que , óra á sombra recostado
 Do verde medronheiro , óra de plácida
 Corrente junto á sacra origem , passa
 Grande parte do dia satisfeito
 A beber o licor Mássico velho.
 Apraz a muitos o arraial e os mixtos
 Sons dos clarins c' o da trombeta , e a guerra
 Detestada das mães. Exposto ao frio ,
 Esquecido da esposa carinhosa ,
 Pernoita o caçador no campo , ou vejam
 Os sabujos sieis a corça , ou marso
 Javali as roliças malhas rompa.
 A ti as de hera vêrdes folhas , premio
 Das frontes doutas , entre os altos deoses
 Te misturam. A mim os frescos bosques ,
 E as corêas dos Satyros co' as Nymphas ,
 Me separam do vulgo , se me empresta
 Euterpe a doce flauta , e não recusa
 Polyhymnia afinar-me a lesbia cythara.

Mas se aos lyricos vates tu me unires,
Co' a fronte excelsa ferirei os astros. (1)

(1) Quanto mais medito nos ultimos versos d'esta ode, em o texto, mais me convenço de que se deve ler

Te doctarum hederæ premia frontium
Diis miscent superis.

O fim de Horacio, n'esta dedicatoria, é lisonjear Mecenas: — elle era homem de letras, e havia composto obras em prosa e em verso que lhe podiam dar direito ás corôas de hera; mas sobretudo era o protector dos poetas e dos sabios, o distribuidor illustre d'essas corôas; e por isso rematar a ode com estes versos

..... si me lyricis vatisbus inseres,
Sublimi feriam sidera vertice,

sem primeiro haver indicado ser Mecenas o honrador dos vates, não me parece proprio do senso e delicado gosto do poeta.

Horacio descreve os diferentes gostos que dominam os homens, e não é natural deixasse em silêncio o que altamente ennobrecia o seu protector.

Lendo-se: — *Me doctarum &c.*, affirma Horacio que *as heras, premio das frontes doutas, o misturam entre os deoses*; mas se isso é assim, como diz a final que o favor de Mecenas o elevará ás estrelas? Quem se considera misturado entre os deoses, já se vê acima dos astros.

Mecenas, distribuindo as corôas de hera, sobe ao côro dos deoses. Horacio, cantando os bosques e as nymphas, fica separado dos homens ordinarios, fica um homem illustre. Mas se Mecenas, que considera misturado no côro dos deoses, lhe conceder a honra de o chamar poeta lyrico, Horacio subirá ás estrelas. Isto é logico, poetico e bellissimo.

Conformei-me pois com o parecer de Sanadon, de Duchemin, de Flippo Duriense e dos sabios a que este se refere, contra a opinião de Dacier, Desprez, Vanderbourg e outros.

ODE II.

A AUGUSTO CESAR.

Assás de neve e de graniso horrendo
 Á terra mardou Jove,
 Co' a rubra dextra fulminando irado
 Os sacros edificios,
 Amedrontando Roma, amedrontando
 As nações, reccosas
 De que se renovasse o triste seculo
 De Pyrrha, que pasmosos
 Vira e chorára insólitos prodigios ;
 Quando aos montes excelsos
 Levou Protão os gados de Neptuno ;
 Quando os peixes pousaram
 Sobre o cimo dos olmos, conhecida
 Habitação das pombas ;
 Quando as tímidas corças nas diffusas
 Agoas do mar nadaram.
 Vimos o flavo Tibre, recuando
 Violentamente as ondas ,
 Da praia etrusca, ir derrubar iroso
 De um rei os monumentos,
 E o templo augusto da adorada Vesta,
 Em quanto, dizno esposo ,
 De Ilia queixosa vingador se ostenta,
 E, a despeito de Jove ,
 Se lança vago pe'a riba esquerda.
 A nossa mocidade ,
 Pelos vicios paternos diminuta ,

Ouvirá que afiaram,
 Para cruel recíproco destroço,
 Os cidadãos as armas,
 Com as quaes melhor fôra perecessêm
 Os bellicosos Persas;
 Ouvirá nossas guerras intestinas.
 Qual dos deoses o povo
 Invocará que poderoso ampare
 O vacillante imperio?
 Com que supplice rogo as santas virgens
 Fatigarão a Vesta,
 Que se denega a escutar seus hymnos?
 A quem cederá Jove
 O poder de expiar o negro crime?
 Ó fatídico Apollo,
 Nós te rogamos nos protejas, vindo
 Com os candidos hombros
 De uma nuvem cobertos: — ou, se queres,
 Vem tu, meiga Erycina,
 A quem Amor, girando, e os Risos cercam:
 Ou tu, potente Marte,
 E sobre a prole desprezada, e os netos,
 Lança benignos olhos;
 Ah! nimio-farto estás de longa guerra,
 Tu, que o clamor recreia,
 E os lisos êlmos, e o severo aspecto
 Da marsia infanteria
 Contra o fero inimigo sanguinoso:
 Ou tu, allado filho
 Da benefica Maia, se, mudando
 Na de um principe joven

A forma tua, consentir te dignas
 Que na terra te chamem
O vingador de Cesar. — Seja tarde
 Que ao céo sublime voltes :
**L
 O povo de Quirino :
Nem aura mais veloz te leve iroso
 Ao vêr os nossos vicios.
Antes queiras aqui magnos triumphos ,
 Aqui gosar os titulos
De principe e de pae : — nem tu , ó Cesar ,
 O estado governando ,
Sofras que impunes nos cavallos pisem
 Nosso terreno os Medos.**

ODE III.

AO NAVIO EM QUE VIRGILIO ÍA PARA ATENAS,

ASSIM a poderosa cypria deosa , (1)
 E de Helena os irmãos , lúcidos astros ,

(1) O illustre Antonio Ferreira , imitando esta ode de Horacio , começa do mesmo modo a sua ode 6.º :

Assi a poderosa
 Deosa de Chypre , e os dois irmãos de Helena ,
 Claras estrelas , e o grão rei dos ventos ,
 Segura , nau , e ditosa
 Te levem e tragam sempre com pequena
 Tardança aos olhos que te esperam attentos .

E o pae dos ventos , refreando todos ,
 Excepto o vento Japis ,
 Te guiem felizmente , ó nau , que deves
 Responder por Virgilio , a ti entregue.

Que nas áticas praias são e salvo
 O ponhas , rogo , bem cuidando d'essa
 Metade de minha alma.—Tinha o peito
 Cingido de carvalho ,
 E de tríplice bronze , o que primeiro
 O iroso mar cortou em fragil pinho.

Nem os impulsos do Africo luctando
 C'os Aquilos temeu , nem as chuvosas
 Hyadas , nem a cólera do Noto ,
 O mais fero tyranno
 Do Adriatico mar , que a seu arbitrio
 Levanta e tranquillisa as salsas ondas.

Que genero de morte temeria
 Quem sem lagrimas viu nadantes monstros ,
 Quem viu o mar turbado , e as infames
 Acroceraunias rochas ?
 Em vão separou Deos próvido as terras ,
 Cercando-as do Oceano insociavel ,

Se com tudo trespassam impios lenhos
 Os golpos que tocar não deveriam.
A gente humana tudo emprende e sofre ;
 Audaz se arroja aos crimes ,
 Audaz o filho de Japeto trouxe

Com sacrilega fraude o fogo ao mundo.

Depois que foi ao céo roubado o fogo,
Turma damnosa de fataes doenças,
Não vistas d'antes, se espalhou na terra.

A Morte, que tardia,
Inda que necessaria, d'antes era,
Subitamente acelerou seus passos.

Tentou os ares Dédalo com azas
Inconcessas ao homem. Rompeu Hereules
Do inferno á força as portas. — Nada é arduo
Aos mortaes: — commettemos
Loucos o mesmo céo: — nem depôr Jove
Os feros raios nossos crimes deixam.

ODE IV.

A LUCIO SEXTIO.

FOGE o áspero inverno ao vér a grata
Primavera surgir a par do Zephyro;
As máquinas conduzem
Ao mar os seccos lenhos:
Já aos rebanhos os curraes não prazem,
Nem praz ao lavrador chegar-se ao fogo:
Nos prados não alvejam
As candidas geadas.

Já de Cythera a deosa os córos guia
 Ao sereno luar ; e em ar modesto
 As Nymphas e as Graças,
 Pelas dextras unidas,
 Com alternado pé a terra pulsam ;
 Em quanto accende férvido Vulcano
 Dos robustos Cyclopes
 As graves officinas.

Agora cumpre ornar de verde myrto
 A fronte , e de florinhas odorosas
 Que a solta terra brota.
 Agora tambem cumpre ,
 Em os bosques sombrios, ao deos Fauno
 Víctimas immolar, ou mais se agrade
 De mansa cordeirinha ,
 Ou de tenro cabrito.

Pallida a Morte o pé bate egualmente
 No lar dos pobres e dos reis nas torres.
 Oh venturoso Sextio !
 Da vida o breve espaço
 Nos veda conceber longa esperança.
 Já te urge a noite eterna , já te esperam
 Os manes , de que tanto
 Se conta , se fabúla.

Já de Plutão te espera a vacua estancia :
 Logo que alí chegares , nem imperio
 Nos festins, elegido
 Pela sorte dos dados ,

Haverá para ti ; nem mais absorto
 Verás Lycidas bello , que ora é caro
 Aos jovens , e ha-de em breve
 Ser o amor das nymphas.

ODE V.

A PYRRHA.

QUE delicado moço, ó Pyrrha, de oleo
 Oloroso banhado , entre mil rosas,
 Em seus braços te aperta
 Na deleitavel gruta ?

Quem te move a prender com simples graça
 Os dourados cabellos ? Quantas vêzes
 A fé por ti quebrada ,
 E os inconstantes deoses ,

Afflicto chorará , não costumado
 A vér o mar turvarem negros ventos ,
 Esse que teus encantos
 Desfructa glorioso ,

E crédulo imagina que has-de sempre
 De outro não sér , e espera sempre amavel
 Vér-te , nescio de quanto
 São instaveis os ventos ?

Desgraçados aquelles que, inexpertos,
De tua formosura se cativam !
Do templo o sacro muro,
Onde o quadro votivo

Alegre suspendi, a todos mostra
Que eu offertára os humidos vestidos
Ao poderoso nume
Dominador dos mares.

ODE VI.

▲ AGRIPPA.

Só Vario, cisne em os meónios versos,
Pode, Agrippa, cantar tua bravura,
Teu braço triumphador dos inimigos,
E essas façanhas, sobre o mar e a terra,
Que os soldados soberbos,
Sob o teu mando, obraram.

Eu não me atrevo a tanto: — sou mui debil
Para ousar descrever a invicta cólera
Do fero Achilles, e os trabalhos longos
Que nos mares sofreu o astuto Ulysses,
E os trágicos furores
Da casa de Pelóps.

▲ Musa que me afna a branda lyra

Cantar me veda bellicas preezas ;
 Nem permitte o respeito que eu de César
 Os louvores publique e os teus sublimes,
 Porque os não diminua
 O meu engenho escasso.

Quem pintaria dignamente a Marte
 Armado de lorica adamantina ?
 Quem a Mérion envolto em pó troiano ?
 Quem ao grande Diomédes , que equalado
 Pelo auxilio de Pallas
 Foi aos divos supremos ?

Eu os ledos festins apenas canto,
 E as pelejas das ríspidas donzellas ,
 Que tentam beliscar cortando as unhas
 Os audazes mancebos : — ou sou livre,
 Ou ardo em viva chamma ,
 Qual custumo , versatil.

ODE VII.

A MUNACIO PLANCO.

ALGUNS elogiarão a illustre Rhodes,
 Ou Mitylene ou Épheso , ou os muros
 De Corin tho bimar, ou Thebas clara
 Por ter a Baccho dado bêrço , ou Delphos
 Pelos de Apollo oraculos famosa ,

Ou os valles risonhos
Da thessálica Tempe.

Outros ha que só curam incessantes
De louvar em seus versos a cidade
Da castissima Pallas , antepondo
As folhas de oliveira ás de outras árvores.
Muitos , de Juno em honra, cantam Argos
Que bons cavallos nutre,
E a rica Mycenas.

A mim não tanto agrada a sofredora
Lacedemonia , e os campos de Larissa
Fertilissimos , como a resonante
Fonte de Albunea , e o Anio despenhado ,
E os bellissimos bosques de Tiburno ,
E os pomares banhados
De mobiles arroios.

Bem como o Noto bonançoso aparta
Do escuro céo as nuvens muitas vêzes ,
Nem as chuvas produz perpetuamente ,
Assim , ó Planco , sapiente deves
Termo pôr ás tristezas importunas ,
E aos trabalhos da vida ,
Com vinho generoso ;

Ou te occupe o arraial co' as fulgurantes
Bandeiras , ou á sombra densa estejas
Nos bosques de Tibur. — Diz-se que Teucro
Fugindo ao pae , deixada Salamina ,

Banhando em vinho a fronte, coroada

De choupo, assim fallára

Aos seus tristes amigos:

«Socios e companheiros, caminhemos

«Onde a fortuna nos guiar mais branda

«Que um pae endurecido. Haja esperança;

«Teucro vos guia e vos protege Teucro.

«O infallivel Apollo nos promette

«Segunda Salamina

«Em uma nova terra.

«Ó homens valorosos, que sofrido

«Casas mais desgraçadas muitas vêzes

«Haveis comigo! desterrai dos peitos

«Os improbos cuidados amargosos

«Com vinho espiritoso: — romperemos

«A' manhã novamente

«Do vasto mar as ondas. »

ODE VIII.

A LYDIA.

DIZE, ó Lydia, eu te rogo pelos deoses
Todos, porque te apressas

A Sybaris perder c'os teus amores?

Porque o marsio campo
Elle tanto aborrece, estando afeito

Ao pó , ao sol ardente ?
 Porque soldado c'os equaes não corre
 Em soberbo cavallo ,
 Nem a'gum doma dos que gera a Gallia
 Com os ásperos freios ?
 Porque teme tocar o flavo Tibre ?
 Por que razão evita ,
 Mais do que o sangue viperino , o oleo ?
 Nem lívidos os braços
 Já traz das armas nobre arremessando
 Ora o disco , ora o dardo ,
 Das balizas alem ? Porque se esconde
 Cemo dizem fizera:
 O claro filho da marinha Thetis
 Perto dos fins tristissímos
 Da miserrima Troia lagrimosa ,
 Paraqu' o viril trajo
 O não abalançasse ás mortandades
 Em as lycias phalanges ?

ODE IX.

A THALIARCHO.

Vés como a neve no Soracte alveja ,
 Como já o seu pêso
 Mal sustentam as árvores curvadas ,
 Como o áspero glo
 Tem feito suspender o curso aos rios ?

Expelle, ó Thaliarcho,
 O frio rigoroso, a lenha ao fogo
 Com mão larga chegando,
 E inda mais largamente o de annos quatro
 Vinho suave tira
 Das amphoras sabinas. O mais tudo
 Deixa aos deoses, que tanto
 Que no sérvido mar os ríjos ventos
 Luctadores prostraram,
 Nem os cyprestes agitados vergam,
 Nem os edosos freixos.
 O que á maehâ succederá não queiras
 Investigar; — e os dias
 Que te der o destino, põe-nos sempre
 No computo dos lucros:
 Nem os doces amores tu inancebo
 Desprezes, nem as danças,
 Em quanto está do teu frescor ausente
 A moresa velhice.
 Ora frequenta o marsio campo, as praças,
 Onde, na hora ajustada,
 Perto da noite as práticas suaves
 Se gesam, ora logra
 O grato riso delator da moça
 N'um canto occulta, e tira
 A seus braços a prenda, ou a seus dedos
 Não muito pertinazes.

ODE X.

A MERCURIO.

Ó MERCURIO eloquente,
 Neto de Atlante, que os costumes feros
 Dos primeiros humanos
 Destro puliste com a voz, e usando
 Da decente palestra:
 Cantarei que és de Jove omnipotente
 E dos mais deoses nuncio,
 E pae da curva lyra; — astucioso,
 Se, por brinco, te agrada
 Tirar furtivamente alguma cousa.
 Estando Apollo um dia
 Com voz ameaçadora a amedrontar-te,
 Tu sendo inda menino,
 Para que os bois restituir-lhe fosses
 Que astuto lhe roubáras,
 Conter não pôde o riso, a sua aljava
 Em si não encontrando.
 Até sahir de Ilion, por ti guiado,
 Pôde o opulento Príamo,
 Os soberbos Atridas illudindo,
 E os thessalicos fogos,
 E as sentinelas do arraial imigo.
 Tu as almas piedosas.
 Pões nos sitios amenos, ajuntando
 C' o caducão dourado
 A leve turba das ligeiras sombras,

Grato igualmente aos deoses
Que dominam nos céos e nos abyssos,

ODE XI.

A LEUCONOE.

Não queiras indagar que termo os deoses
Marcaram, Leuconoe, a nossos dias;
Não é lícito tanto: nem sabê-lo
Por babylonios cálculos procures
Para melhor sofreres teu destino.
Ou Jove te conceda amplos invernos,
Ou este o ultimo seja que nas rochas
Oppostas quebre o iroso mar Tyrrheno,
Mostra-te avisada: — apura o vinho,
E não concebas esperanças longas
Em breve espaço: — foge o ínvido tempo
Em quanto solto a voz: — logra este dia,
Pouco do posterior crêdula esp'rando.

ODE XII.

A AUGUSTO.

QUE varão ou heroe pertedes, Clio,
Cantar na lyra ou na sonora flauta?

Que deos , cujo alto nome a brincadora
 Imagem repetir ha-de nas ribas
 Do Helicon umbrosas ,
 Ou sobre o Pindo excelso ,
 Ou no gérido Hemo ?

D'onde os bosques precipites seguiram
 O sonoroso Orphêo , que , na materna
 Arte instruidão , suspendêra o rápido
 Curso dos rios e os ligeiros ventos ,
 E brandamente ás cordas
 Harmónicas trouxera
 Os attentos carvalhos ?

Quaes primeiro que os sólitos louvores
 Direi do padre que o destino rege
 De homens e deoses , e , c'os varios tempos ,
 O mar e a terra e o mundo ? Não se gera
 Sér maior , similhante
 Ou segundo ; mas Pallas
 Logra após elle as honras.

Nem eu a ti , ó Baccho , valoroso
 Nas duras guerras , nem a ti , ó virgem
 Inimiga das feras truculentas ,
 Deixarei de cantar , nem egualmente
 A ti , Phebo tremendo ,
 Que mui certeiro vibras
 A agudissima seta.

Direi Alcides , e de Leda os filhos ,

Um claro vencedor no jogo equestre,
 Outro na lucta, cuja estrella aos nautas
 Fulgindo, as agoas dos rochedos correm,
 (Ao seu querer) os ventos
 Cessam, as nuvens fogem,
 O irado mar socega.

Não sei depois se Romulo primeiro,
 Se de Pompilio o plácido reinado,
 Se as insignias soberbas de Tarquinio,
 Se a morte illustre de Catão, eu diga.

Em magníficos versos
 A Régulo e aos Scauros
 Darei grato louvores,

E ao grande Paulo, pródigo da vida,
 Victorioso o Peno, e a Fabricio.
 A este e a Curio de cabello intonso,
 Na guerra valoroso, e a Camillo,
 Criou dura pobreza
 E o tenue campo avito,
 Com casa apropriada.

Cresce, á maneira da árvore c'o tempo,
 A fama de Marcello: — brilha a estrélla
 Julia entre todas luminosa, como
 Entre os astros menores brilha a lua.
 Ó filho de Saturno,
 Padre da humana gente,
 E seu conservador!

A ti os fados o cuidado deram
Do grande Cesar : — reina , porém Cesar
O segundo. Ou os Parthos subjugados ,
Do Lacio ameaçadores , em triumpho

Devido leve, ou deme
Nas plagas do Oriente
Os Seras e os Indios ;

Elle , a ti só inferior , o orbe
Regerá universo justamente :
Tu no entretanto com o grave carro
Abalarás estrepitoso o Olymbo :
Tu lançarás potente
Imigos raios sobre
Os profanados bosques.

ODE XIII.

A LYDIA.

QUANDO , ó Lydia , tu louvas
O rubicundo collo de Telepho ,
Os braços de Telepho delicados ,
Ah ! sinto nas entranhas
A cólera server entumecida.

O espirito me foge ,
Minha cõr se demuda : — pelas faces
Furtivamente as lágrimas dimanam ,
Mostrando claramente
Quão leuto fogo me devora o peito.

Abraso-me se vejo
 Ou que os furores que excitára o vinho
 Nodoas puzeram nos teus alvos hombros,
 Ou que o moço furioso
 Manchou c'os dentes teus mimosos labios,

Não (se inda tu me escutas)
 Não esperes de vêr constante o bárbaro
 Que te offende buscando os doces ósculos,
 Em que Venus diffunde
 Amplos philtros do seu nectar divino.

Oh cem vêzes ditosos
 Os ternos corações que em nó perpétuo
 Enlaça amor ! que desunidos antes
 Que chegue o ultimo dia
 Não são por tristes dolorosas queixas !

ODE XIV.

À REPUBLICA. (1)

TORNAM, ó nau, a pôr-te novas ondas
 Sobre os tumidos mares. Oh que fazes ?

(1) São varias as opiniões dos criticos e expositores, antigos e modernos, acerca da intelligencia d'esta oda. Dacier, com Le Fevre, diz ser puramente historica, dirigindo-se Horacio ao navio que o trouxera de Philippos para a Italia depois da derrota de Bruto, e que voltava com seus companheiros de viagem obrigados a procurar na fuga um asylo contra

Segura-te no porto. Não vês como
Estás nau de remos ?

Como o mastro rendido e as antenas.
Do Africo impetuoso aos sopros gemem ?
Não vês que sem enxarcias mal resistem
Á furia equorea os lenhos ?

o ressentimento e a perseguição de Augusto. A maior parte porém, segundo a Quintiliano (lib. VIII), concordam em que é toda allegorica.

No anno de Roma 727 pediu Augusto ao Senado o desonrisse do poder supremo. Horacio, antevendo os males que d'ahi disceriam, aconselha que isso se não deve admittir, servindo-se da presente allegoria, que penso dever-se entender assim: a nau, a republica: novas ondas, as novas guerras civis de que Roma era ameaçada: o porto, a paz que começava a nascer no governo do principe: nau de remos, a republica desprovida de tropas: mastro rendido pelos impetos do Africo, a republica anela enraquecida pelos estragos das dissensões civis: sem enxarcias, sem forças: furia equorea, guerras civis: os lenhos, os estados: vela, inteiros, exercito completo: deuses a que recorras, varões illustres e de genio, que possam livrar a republica das borrascas civis: origem nobre, por descender Roma de Marte: iracundos ventos, guerras civis: penosissimo tédio, quando Horacio seguia o partido de Bruto: desejo e não pequeno cuidado, desejo que tiuha da conservação da paz e da ordem, e o cuidado que lhe dava o receio de as perder: espumosas ondas, as tempestades civis, que compára com os tormentos frequentes entre as ilhas Cycladas do mar Egéo.

Eu conformo-me com os que reconhecem a allegoria. No cantico lugubre sobre a ruina de Tyro, cap. 27 de Exequiel, se acha uma allegoria similar, onde se representa a mesma Tyro, debaixo do emblema de uma nau, cantico que excellentemente traduziu Francisco Dias Gomes. Transcreverei a sua traducção, que vem nas suas obras poeticas.

O' Tyro, nau soberba e poderosa,
Que tanto te jactavas
De perfeita e bellissima estructura !
Tu, que, tecida das mais duras faias,
Tu, para cujo mastro produziu
O Libano frondente
O cedro mais gentil que o mundo viu ;
Tu, que, audaz e potente,
No coração das ondas te ostentavas
Cheia de gloria, ufana, e dominavas.
Em toda a vastidão do mar profundo !

Não tens velas inteiras, não tens deoses
 A que recorras outra vez oppressa
 Na tormenta fatal. Inda que sejas
 Do pinho que nascêra

Dos carvalhos fortíssimos de Bassan
 Se puliram teus remos vigorosos.
 Nos bancos dos reineiros valorosos,
 Na tua pôpa, ó nau, resplandecia
 Lucido esmalte de índico marfim.
 D'aurea autêa pendia a vela immensa,
 Que egípcio linho candido tecia.
 A bandeira de purpura luzente
 Soberba scintillava,
 Ornada e guarneida
 De rica bordadura, onde brilhava
 Do vermelho jacintho
 A flamma resplidente.

Os ricos habitantes
 Da região Sydonia te serviam
 De remeiros possantes.
 Os velhos e os prudentes de Gibal
 Te forneceram destros marinheiros
 E nautico apparelho.
 A sabios de prudencia e de conselho
 Foi, ó Tyro, teu leme confiado.
 Mil povos do Oriente
 Com animo valente
 Defendiam teu bordo, onde se viam
 Capacetes, escudos pendurados,
 Fero apparato, bellico ornamento,
 Prompto para qualquer hostil intento.

Quantos povos abrange o mundo inteiro
 Trato contigo tinham:
 De toda a parte vinham
 Em teu seio vastíssimo esconder
 As produções immensas, que criavam
 As regiões diversas que habitavam.
 Tu, com tua opulencia alegre e ufana
 Jas cortando o mar com largas vélaz;
 Mas um vento cruel e furioso

Em os ponticos bosques , não te jactes
 De tua origem nobre e inutil nome :
 Nada confia nas pintadas pôpas
 O tímido piloto.

Deu de encontro contigo n'um rochedo :
 Cheia de espanto e medo
 Ali despedaçada ,
 N'um momento te viste sepultada
 Nos abyssos dos mares. Teus thesouros ,
 Tuas mercadorias e riquezas ,
 Tuas altas emprezas ,
 Teus triumphos e glorias e teus louros ,
 Teus fortes marinheiros ,
 Teus pilotos , teus incertos guerreiros ,
 Com toda a multidão de povo immenso ,
 Tudo foi.... que desgraça ! confundido ,
 E no seio das ondas submerso.

O triste som dos miseriosos clamores ,
 Que ao ceo mandava a tua afflita gente ,
 Diffundi negre espanto : mil horrores
 D'outros baixios ao longe se apossaram :
 Cheios de medo e dor seus navegantes
 Precipitam-se em terra :
 E em tanta confusão de fatal guerra
 No duro chão prostrados ,
 Com prantos desolados
 Teu caso miserando lamentaram ,
 E cinza e pó funesto derramaram
 Sobre as miserias frontes :
 Seus cabellos cortaram ,
 E cingidos de asperrimo cílio
 No mais intenso excesso do seu mal ,
 Da sua dor fatal ,
 Inundados de lagrimas sem conto ,
 Sobre a tua funesta desventura
 Flébil canto entoaram de amargura .

„ Houve jámais cidade tão brilhante ,
 „ Outra , diziam , outra igual a Tyro ?
 „ Ah , Tyro ! aonde estás ? Responde , ó Tyro !
 „ Tu no seio do mar emmudeceste ?

Se pois ludibrio triste ser não queres
 Dos iracundos ventos , acautela-te :
 Tu , que para mim foste , não ha muito ,
 Penosissimo tédio ,

E és agora desejo e não pequeno
 Cuidado , evita as espumosas ondas
 Do proceloso mar que entre as fulgentes
 Cycladas se derrama.

ODE XV.

VATICINIO DE NERÉO ,

SOBRE A DESTRUÇÃO DE TROIA .

QUANDO , nas naus troianas , pelos mares
 Conduzia o pastor pérfido a Helena ,
 De quem hospede fôra ,
 Neréo a ocio ingrato
 Os ventos compelliu impetuosos ,
 Para assim predizer seus duros fados .

„ No meio d'esse mar onde leis deste ?
 „ Tu , que , com teu commercio imenso e grande
 „ Tantos povos e reis enriqueceste ,
 „ E' possivel que estejas submergida
 „ Nos seios horrorosos
 „ Dos mares tempestuosos
 „ Com todas as nações que dominavas ?
 „ E que tuas riquezas infinitas
 „ Em ti por tanto tempo accumuladas
 „ Fossem das bravas ondas devoradas ?

Sob agouro fatal contigo levas
 Para cosa quem ha-de a Grecia inteira,
 Com poderoso exército,
 Ir buscar, conjurada
 A romper tuas nupcias, e igualmente
 De Priamo a acabar o reino antigo.

Oh quanto suor já se manifesta
 Nos homens, quanto nos cavallos ! Quantas
 Mortes occasionas
 A gente de Dardania !
 Já Pallas o seu elmo, a sua egide,
 O carro seu, e o seu furor, prepara.

Em vão, soberbo c' o favor de Venus,
 Os teus pentearás longos cabellos,
 E na cythara imbelli
 Entoarás sonoro
 As ternas cantilena alternadas
 Que lisonjeam as sensiveis damas.

Em vão pertenderás no brando thalamo
 As ferreas lanças evitar, e as flechas
 Cretenses, e o estrondo
 E as pesquiza do férvido,
 Veloz Ajax. No pó serão, oh ! tarde,
 Teus cabellos adúlteros envoltos.

Não vês o bravo filho de Laertes,
 - De tua gente estrago, e o Nestor Pylio ?
 Impávidos te apertam

O salamino Teuero,
E Sthénelo, habil pugnador, e destre
Auriga, se reger cavallos cumpre.

Mérion tambem conhacerás. Eis arde
Atroz Diomedes, mais que o pae valente,
Por te achar: — tu, ao vê-lo,
Qual cervo a relva deixa
Se vê do valle n'outra parte o lobo,
Tímido fugirás, mal respirando.

Isto não prometteste á tua Helena.
De Achilles a iracunda armada os dias
Alongará de Ilion,
E das matronas phrygias;
Mas, após de annos, ba-de o grêgo fogo
Abrasar as ilíacas moradas.

ODE XVI.

▲ TYNDARIS,

PALINODIA.

Ó FILHA linda mais do que a mãe linda,
Darás o fim que te aprouver aos tristes
Versos meus criminosos, ou lançando-os
Em as chamas ardentes,
Ou no mar Adriático.

Nem Cybelle, nem Baccho, nem Apollo
 No templo, agitam de furores tantos
 Os sacerdotes, nem os Corybantes
 Mostram tantos batendo
 Nos ruidosos aduses,

Como a cólera triste, a qual não teme
 Nem a nôrica espada, nem os crespos
 Náufragos máres, nem os fogos diros,
 Nem inda o irado Jove
 Horrisono troando.

Diz-se que Promethêo, quando formára
 O homem, precisando ao melhor limo
 Juntar porções dos animaes diversos,
 Lhe puzera no peito
 Do leão os furores.

Foi de Thyestes grave exicio a cólera:
 De altas cidades a total ruina
 Causou, e fez que exército insolente
 Movesse hostil arado
 Nos abatidos muros.

Teu ânimo modera resentido:
 A mim tambem, na doce mocidade,
 O peito me agitou fervor intenso,
 E satyricos versos
 Foram meu desafôgo.

Hoje procuro as ásperas durezas

Mudar em suavissimas branduras,
Com tanto que, emendada a injúria, sejas
Minha candida amiga,
E o alento me tornes.

ODE XVII.

A TYNDARIS.

O VELOZ Fauno amiudadas vezes
Deixa o sacro Lycéo pelo risonho
Aprazivel Lucretil;
E os meus rebanhos do calmoso estio,
Como dos ventos pluviaes, resguarda.

Pelos seguros bosques vagabundas,
Livres procuram o tumilho as cabras,
E o medronheiro occulto;
Os cordeirinhos no curral não temem
Guerreiros lobos, venenosas serpes,

Logo que d'esse nume a doce flauta
Em os valles, ó Tyndaris, resôa,
E nos lisos rcchedos
Do Ustica. Sim, os deoses me protegem;
Meu calto e versos gratos são aos deoses.

Aqui o fertil vaso da Abundancia
Brotará para ti profusamente

As riquezas do campo:
 Aqui, em valle retirado, a ardencia
 Evitarás da férvida Canicula:

E na de Téos harmoniosa lyra
 Cantarás os cuidados, as tristezas,
 Que da fida Penélope,
 E de Circe bellissima, agitaram
 Por um só grêgo, ao mesmo tempo, os peitos.

Aqui, à sombra de viçosa rama,
 O licor puro beberás de Lesbos:
 Não serão confundidas
 De Thyonêo as furias co'as de Marte:
 Nem a insolencia temerás de Cyro.

Não temerás que, cheio de ciume,
 Com forças deseguaes, as mãos protervas
 Te lance, e despedace
 A grinalda que prende os teus cabellos,
 E o vestido inocente que te adorna.

ODE XVIII.

A QUINTILIO VARO.

Não plantes alguma árvore primeiro
 Que a videira sagrada
 No bom terreno que possues, ó Varo,

Nos contornos amenos
 De Tibur e dos muros de Catilo.
 A todos que não gostam
 Do suave licor o deos das uvas
 Duras cousas promette:
 Só elle afugentar pode' os cuidados
 Roedores da vida.
 Quem, depois de beber, ousa queixar-se
 De bellicas fadigas,
 Ou de áspera pobreza? Quem não folga
 De dar antes louvores
 A ti, ó padre Baccho, e a ti, ó Venus,
 Formosissima deosa?
 Mas quão modicamente usar-se deva
 Dos mimos d'esse nume,
 Assás o ensina a rixa sanguinosa
 Entre os feros Centauros
 E os Lapithas cruissimos, turbados
 Dos ardentes vapores:
 Assás o ensina a cólera potente
 De Evio contra os Sithonios,
 Quando elles, com baliza escassa, apenas,
 Ávidos de deleites,
 O justo do não-justo discriminam.
 Não, ó candido Baccho,
 Eu não te agitarei enfurecido
 Com repugnancia tua:
 Nem os mysterios teus que as pampinosa
 Verdes folhas ccultam,
 Exporei temerario á luz do dia.
 Reprime os ruidosos

Teus atabales e a corneta phrygia,
 Que do cego amor-proprio
 Seguidos são e da vaidade estulta
 Alçando a vã cabeça,
 E da má-fé que vulgarisa arcanos,
 Mais diáfana que o vidro.

ODE XIX.

A GLYCERA.

AMÃE severa dos Cupidos manda
 E o filho de Semele, e a liberdade
 Voluptuosa, que de novo eu renda
 O peito ás já extintas
 Relações amorosas.

Abrasa-me o semblante de Glycera,
 Mais fulgente que o mármore de Paros:
 Abrasa-me seu grato humor facetô,
 E sua face linda,
 Que é perigo dos olhos.

Venus, deixando Chypre, em mim se entranha;
 Não sofre que eu os Scythas cante, e os Parthos
 Que ferros pugnam nos frisões fugindo;
 Nem que eu trate de assumpto
 Ao seu dominio estranho.

Aqui, ó servos meus, a vêrde leiva,
 Aqui verbena ponde, e o incenso e as taças
 De bom vinho trazei: — será mais branda,
 Mais tratavel a deosa,
 Após o sacrificio.

ODE XX.

A MECENAS.

CARO Mecenas, cavalleiro illustre,
 Em minha casa apenas
OSabino licor em taças modicas
 Beberás, ordinario,
Mas que eu guardei, bem arrolhado, em grêga
 Talha, quando applaudido
Em o theatro foste, e ouviste as margens
 Do rio paterno e os eccos
Do monte Vaticano repetirem
 Teus sublimes louvores.
Em tua casa o Céculo suave
 Beberás, e o çumo
Da uva espremida no lagar calêno.
 Nos copos meus nem entra
Vinho Falerno, nem o que produzem
 As collinas de Formias.

ODE XXI.

EM LOUVOR DE APOLLO E DIANA.

A DIANA louvai, candidas virgens,
 Louvai, meninos, ao intenso Apollo,
 E a Latona querida
 De Jupiter supremo.

Cantai a deosa que se apraz dos rios,
 E dos bosques que o frio Álgido cobrem,
 Ou o negro Erymantho,
 Ou o virente Crago.

Cantai, meninos, Tempe e tambem Délos,
 Bérço de Apollo, e os hombros d'este nume
 Adornados da aljava,
 E da fraterna lyra.

Este, a guerra chorosa, ás preces vossas,
 A fome e a peste, afastará de Cesar,
 E do povo, arrojando-as
 Aos Persas e aos Britannos.

ODE XXII.

A ARISTIO FUSCO.

O VARÃO probo, de maldades limpo,
 De mauras lanças não carece, ô Fusco,

Nem de arco , nem de aljava ,
Prenhe de hervadas setas ;

Quer de Africa as arcas pise ardentes ,
Quer o inhospito Caucaso atravesse ,
Ou as terras que lambe
O fabuloso Hydaspe.

Eu o experimentei , pois que , vagando ,
Nos bosques de Sabina sem cuidados ,
Fantasiando versos
Para a Lálage minha ,

Aconteceu que , o término- transpondo ,
Me encontrei com um lobo carniceiro ,
O qual de mim fugiu ,
Bem que me visse inerme.

Nunca um tal monstro a bellicosa Daunia
Nutriu em suas matas , nem de Juba
Gerou a árida terra
Nutriz de leões bravos.

Põe-me nos campos preguiçosos , onde
Nenhuma árvore anima estivo sopro ;
Onde Jupiter grave
Arroja o frio , as nevoas ;

Põe-me do sol propinquo sob o carro ,
Em chão negado a casas , eu a Lálage
Sempre amarei , que doce
Se rie , e doce falla.

ODE XXIII.

A CHLOE.

FOGES de mim, ó Chloe, á similhança
Do viadosinho que por invios montes
Busca a pávida mãe, não sem vão medo
Das auras e dos bosques.

Pois, ou as folhas mobiles agite
O verno sopro, ou verde lagartixa
Mova as ásperas silvas, os joelhos
E o coração lhe tremem.

Mas eu, qual fero tigre ou leão getúlio,
Não te persigo para lacerar-te.
Não sigas tua mãe emsim, já propria
Para teres esposo.

ODE XXIV.

A VIRGILIO.

QUE pejo pode haver em deplorar-se
A perda dolorosa
De um tão caro varão, ou que limites
Pode ter a saudade?

Ó Melpomene, um canto entristecido,
 Luctuoso, me inspira ;
 Tu que a voz maviosa e a lyra branda
 Recebeste de Jove.
 É pois Quintilio envolto em somno eterno ?
 Oh ! quando achará outro
 Que o eguale o Pudor, a incorruptivel
 Fé, irmã da Justiça,
 E a candida Verdade ? Morto o devem
 Chorar os probos todos ;
 Ninguem choral-o mais que tu, Virgilio.
 Mas ah ! em vão piedoso
 Pedes Quintilio aos ecos, que t'o não deram
 Para sempre o gosares.
 Quando a lyra tangesses mais sonoro
 Que o mesmo Orphêo de Thracia,
 Que ouvir se fez das árvores, o sangue
 Animar não viria
 A leve sombra que uma vêz Mercurio,
 Inexoravel sempre
 A mudar os destinos, compellíra
 Com a horrida vara
 A unir-se á turba da medonha estancia.
 Duro é na verdade ;
 Mas o' mal sem remedio acha sómente
 Na paciencia allivio.

ODE XXV.

▲ LYDIA.

MAIS raras vêzes porfiosos batem
Protervos moços nas janellas tuas,
E despertam teu somno : ama o repouso
A tua porta ,

Que d'antes facil se movia tanto.
Já de menos a menos vás ouvindo :
« Em quanto eu por ti morro , longas noites ,
Lydia , tu dormes ? »

Mas tu tambem em triste bêco , velha ,
Exposta ao thracio vento mais terrivel
Nos interlunios , chorarás o orgulho
De teus galantes ,

Quando o lascivo amor , o fogo ardente ,
Que ensurecer costuma a raça equina ,
O teu incendiar peito ulceroso ,
Não sem dor tua ;

Queixosa de que prezem mais os moços
A hera viçosa e a denegrida mûrta ;
E que ao Hebro , do inverno socio , as secas
Folhas dediquem.

ODE XXVI.

A ELIO LAMIA.

Em quanto amigo me sentir das Musas,
Entregarei aos ventos impetuosoſ
A tristeza e o temor, para que os levem
Ao mar Cretense;

Sem me importar qual rei da plaga gélida
Em o árctico polo excite o susto,
Nem qual a causa que unica amedrona
A Tiridates.

Ó tu, doce Pimpléa, que te aprazes
Das virgens fontes, colhe lindas flores,
E uma grinalda primorosa tece
Para o meu Lamia.

Nada sem teu favor mens versos podem.
Eternizar seu nome a ti pertence,
E ás irmans tuas, novos sons soltando
Da lesbia lyra.

ODE XXVII.

AOS SEUS AMIGOS.

COMBATER eom os copos destinados
Ao uso da alegria,

É só proprio dos Thracios :
 Abandonai tão bárbaro costume :
 Não afronteis, com rixas sanguinosas,
 A modestia de Baccho.

Quanto dos Médos o cruento alfange
 Dos copos e das luzes
 Diversifica ! Amigos ,
 Esses modifical impios clamores ,
 E sobre o curvo braço recostados
 Permanecei tranquillos.

Quereis que eu beba do áspero Falerno ?
 O de Magilla Opuncia
 Irmão que me declare
 De que ferida , de que aguda seta ,
 Morre ditoso. Então , elle recusa ?
 Pois sem isso não bebo.

Qualquer que seja a Venus que te encanta ,
 Não te abrasa por certo
 Em chamas vergonhosas :
 És dado sempre a amor honesto. — Eia ,
 Quem seja dize a meus fieis ouvidos.
 Ah ! misero mancebo ,

Digno de melhor sorte, em que Carybdis
 Luctas ! Que bruxa ou mago ,
 Que deos , pode livrar-te
 C'os venenos thesálicos ? Apenas
 Da triforme Chiméra poderia
 Pégaso desligar-te.

ODE XXVIII.

FALLA DE UM MARINHEIRO

COM A SOMBRA DE ARCHYTAS.

MARINHEIRO.

Tu que medias a extensão dos mares
 E das terras, Archytas,
 E os grãos de aréa innumeros contavas,
 Estás hoje retido
 Por uns módicos dons de pó escasso
 Nas praias de Matino.
 Não te aproveita haveres escrutado
 Co' a mente luminosa
 As aéreas mansões, e percorrido
 Os polos do universo,
 Pois tinhas de sofrer emfim a morte.

SOMBRA DE ARCHYTAS.

Morreu tambem de Pélops
 O pae, que á mësa recebêra os deoses;
 E Tithão que elevado
 Aos ares fôra, e Minos admittido
 Aos arcanos de Jove.
 Foi de novo Panthoide vér o Tártaro,
 Bem que provar quizesse,

Pelo escudo arrancado , que só dera ,
 Em os tempos troianos ,
 À truculenta morte a pelle e os nervos ,
 Esse que , a teu juizo ,
 Da natureza e da verdade fôra
 Não ordinario intérprete .
 Mas uma mesma noite espera a todos ,
 E o lethal caminho
 Ha-de uma vez trilhar-se para sempre .
 Ao iracundo Marte
 Espectaculo dão de alguns as furias :
 E dos ávidos nautas
 É sepultura o mar : — velhos e moços
 Amontoados morrem :
 Ninguem á crua Prosepina escapa :
 Eu tambem , arrojado
 Nas illyricas ondas pelo rápido
 Noto , socio do curvo
 Orion , acabei . Mas tu , ó nauta ,
 Não recuses maligno
 Cobrir de alguma errante aréa os ossos
 E a cabeça insepulta .
 Assim , em recompensa , os ameaços
 Do Euro ás ondas hesperias
 Nas matas venusinas cahir possam
 Sem damno te causarem :
 Assim os lucros todos que desejas
 Te conceda o justissimo
 Jove excuso , e Neptuno que protege
 A sagrada Tarento .
 Desprezas attender-me imaginando

Talvez que essa impiedade
 Só punida será na tua triste
 Geração innocentē :
 Tu mesmo sofrerás a justa pena ,
 E eguaes vicissitudes.
 Inuteis não serão as minhas preces :
 E nenhum sacrifício
 Poderá expiar esse teu crime.
 Ah ! inda que apressado ,
 Não é longa a demora ; — por tres vêzes
 Lança sobre meu corpo
 Alguma terra , e então licitamente
 Poderás ausentar-te.

ODE XXIX.

A ICCIO.

INVEJANDO os arábicos thesouros ,
 Tentas , ó Iccio , agora erua guerra
 Fazer aos reis , ainda não vencidos ,
 De Sabá , e em cadeias
 Prender os Médos horridos.

Dos bárbaros que virgem , morto o esposo ,
 Te servirá ? Que moço áulico , destro
 Em disparar do arco paterno as séricas
 Flechas , ungida a trança ,
 Será o teu copeiro ?

Quem negará que aos altos montes possam
 Retroceder os rios despenhados ,
 E á sua origem reverter o Tibre ,
 Vendo que tu intentas
 A socrática escola ,

E os sabios livros de Panecio , havidos
 De diferentes partes a grão preço ,
 Trocar pelas ibéricas lóricas ?
 Promettias por certo
 De ti mais dignas cousas.

ODE XXX.

À VENUS.

Ó VENUS , soberana
 De Gnído e Paphos , deixa a cára Chypre ,
 E transfere-te á cásia
 Ornada de Glycera , que te invoca
 Com incenso copioso .
 Venha comtigo o sérvido Menino ,
 Verham tambem as Graças ,
 Soltos os cintos , e Mercurio e as Nymphas ,
 E venha a Mocidade ,
 Que só comtigo se apresenta bella.

ODE XXXI.

▲ APOLLO.

QUE pede o vate a Apello no momento
De dedicar-lhe um templo? Que lhe roga,
Da taça derramando
O licor generoso?

Não da fértil Sardenha as ricas messes:
Não da Calabria férvida os formosos
Armentos: — não o ouro
Ou o marfim das Indias.

Não os campos que o Liris taciturno
Rega com a agoa plácida. — Os que houveram
Vides da sorte, podem-nas
Com a foice calena.

O rico mercador, em taças de ouro,
O vinho esgote, que alcançará a troco
Dos aromas da Syria,
Elle que é caro aos deoses,

Pois tres vezes e quatro o mar Atlantico
Vê no anno impune. — A mim as leves malvas,
A mim as aceitonas,
E as chicorias, nutrem.

Deixa-me, eu te óro, ó filho de Latona,
Meus bens gosar, do corpo são, do espírito,

Sem velhice com mancha,
Sem me faltar a lyra.

ODE XXXII.

A SUA LYRA.

SEM ocio grato, á fresca sombra, algumas
Ledas poesias entoiei contigo
Que durar possam dilatados annos,
Hoje, ó lyra, te rogo
Que, em latinos accentos,

Os versos digas que o cantor de Lesbos
Em tuas cordas modulou primeiro,
O qual, bem que feroz, ou entre as armas,
Ou ferrando no porto
O destroçado lenho,

Baccho e as Musas, Venus e o Menino
Que inseparavel de seu lado a segue,
Cantava sempre, como a Lycon, bello
Pulos seus negros olhos,
E seus negros cabellos.

Ó lyra, honra de Apollo, grata á mësa
Do soberano Jove, ó doce allivio
Das penas, dos trabalhos; — vem benigna
Auxilio dar-me, sempre
Que eu te invocar humilde.

ODE XXXIII.

▲ ALBIO TIBULLO.

Ó ALBIO, não te afflijas nimiamente
 Lembrado das cruezas de Glycera;
 Nem recites queixosas elegias
 Ao vêr que, a fé quebrando, te prefere
 Um mais lindo mancebo.

Arde por Cyro em vivo amor Lycoris,
 De delicada fronte encantadora;
 Cyro se inclina á ríspida Pholoe.
 Mas é mais facil ajuntar-se a corça
 Com o apulio lobo,

Do que ceder Pholoe ao torpe adúltero.
 Assim apraz a Venus, que se alegra
 De submeter, por brinco truculento,
 A bronzeo jugo mui diversos rostos
 E incônciliaveis peitos.

Eu mesmo, quando mais distincta dama
 De mim gostava, fui nos laços doces
 Da liberta Myrtale prêso, irosa
 Mais que o mar Adriático, que rompe
 As margens de Calabria.

ODE XXXIV.

A SI MESMO.

INSTRUIDO nas maximas erroneas
De insana sapiencia, aos altos deoses
 Recusei digno culto.
 Hoje sou obrigado
A navegar retrógrado, tomando
De novo o curso que deixado tinha.

É Jove certamente que, rasgando
Co raio coruscante as densas nuvens,
 Faz bramar muitas vêzes
 O trovão sobre os ares,
Agitando os cavallos fervorosos
E a rápida carroça crepitante.

Ao seu ruido estrepitoso a massa
Bruta da terra, os rios vagabundos,
 A horrida morada
 Do Ténaro odioso,
O lago Estygio, os términos de Atlante,
Tudo estremece, tudo sente abalo.

Mudar Deus pode em altos os humildes,
Deprimir o preclaro, e o que era obscuro
 Tornar esclarecido:
 Deixa que a roubadora
Fortuna, a bel-prazer, com grande estrépito,
As honras tire a uns, dando-as a outros.

ODE XXXV.

À FORTUNA.

Ó DEOSA, que a agradavel Ancio reges,
 E o sér mortal de estado humilde podes
 Elevar á grandeza,
 Ou converter em fúnebres exequias
 Os soberbos triumphos.

O pobre lavrador a ti recorre
 Com sollícito rogo: — reconhecem-te
 Por senhora dos mares
 Os que afrontam o pélago Carpathio
 Em as naus de Bithynia.

A ti o áspero Daco, a ti os Scythas
 Prósugos, as nações, e as cidades,
 E o fero Lacio, e as mães
 Dos reis bárbaros, temem, e os tyrannos
 Adornados de purpura.

Com pé injurioso não derrubes
 A columna firmissima: não queiras
 Que o pôvo os já tranquillos
 Ás armas chame, ás armas, promovendo
 A ruina do imperio.

A diante de ti sempre cruenta
 Marcha a Necessidade, conduzindo
 Pregos trabaes e ferreas

Cunhas, nas bronzeas mãos, e o duro garfo,
E o derretido chumbo.

A ti a Esp'rança e a rara Fé ornada
De veo branco, honram, nem seguir recusam
A grandeza humilhada
Quando inimiga as poderosas casas,
Mudando a veste, deixas. (1)

(1) Esta estrophe traduzida litteralmente é como se segue:

A ti honra a Esperança e a Fé rara
De alvo cendal coberta, nem recusa
Seguir-te se inimiga,
Mudando de vestido, desamparas
As casas poderosas.

D'este modo parece haver uma manifesta contradicção, porque, deixando a fortuna as casas poderosas, e sendo seguida da fé, vinha esta a desamparar a infelicidade, contra o que o poeta quer dizer. O seu intuito é mostrar que a esperança e a fidelidade, ainda que esta muito rara, não desamparam o homem na advera fortuna, como o fazem a meretiz e os falsos amigos, segundo expõe na estrophe seguinte.

Vanderbourg (I — 362) reconhece haver n'estes versos uma obscuridade, ou antes uma confusão de idéas, que os interpretes vanamente tem procurado dissipar, e diz que M. Mitscherlich, para conciliar a contradicção, admittira haver o autor tomado a palavra *fortuna* ora como deosa, ora como condição do homem, boa ou má, feliz ou desgraçada, sendo a deosa que abandona como inimiga as casas dos grandes, e nossa condição infeliz, nossa má fortuna, que não arreda de nós os verdadeiros amigos, mas põe em fugida os simples companheiros dos nossos gosos: — e conclue que julgára dever dar a esta passagem outro grito, em sua traducção, para a tornar inteligível aos leitores.

Duchemin (I — 369) diz que o tomar a palavra *fortuna*, na mesma frase, em dois sentidos diferentes, o proprio e o figurado, é irrogar gratuitamente a Horacio uma faita notável de bom-gosto: — que Vanderbourg quer que *te seja* o regime de *colite abnegat* do texto (*te comitem*), mas que prejudica assim a sua traducção e a de Mitscherlich, porque a fortuna é d'este modo sempre personificada: — que, ao seu parecer, se deve interpretar a frase como se ahí houvesse *nec domini comitem se abnegat*, nem recusa ficar companheira do senhor da casa: — que isto não está em contradicção com o *te fides colit*, porque a fidelidade pode ren-

Mas o perfido vulgo e a perjura
 Meretriz se separam : — tambem segem
 Os dolosos amigos,
 Vendo co' as fezes os toneis exhaustos ,
 Não sofrendo o infortunio.

Conserva Augusto , ó deosa , que ir intenta
 Contra os Britannos , ultimos da terra ,
 E o exercito novo
 Dos mancebos . ás plagas já temivel
 Do Oriente e mar Vermelho.

Ah ! cobrem-nos de pejo as cicatrizes ,
 Os crimes , os irmãos ! De que fugimos
 N'este século duro ?
 Que deixámos sacrilegos intacto ?
 Onde o temor dos deoses

Conteve as impias mãos da mocidade ?
 Que aras poupou ? Oh ! praza aos ceos que o ferro
 Embotado temperes
 Em nova incude , e o dirijas contra
 Os Massagetas e Arabes.

der homenagem á fortuna , não se afastar de um amigo na grandeza , e ficar junto d'elle como companheira assidua quando o vê abandonado da fortuna.

Eu todavia , sem me ligar strictamente á intelligencia dos referidos ilustres traductores , nem me cingir escrupulosamente ás palavras do texto , penso que , em minha traduçao , exprimi o espirito do autor e não faltai á deduçao logica das idéas.

ODE XXXVI.

A FLOCIO NUMIDA.

Com incenso odoroso e os sons acordes
 Da cythara toante,
 E c' o sangue votado
 De um tenro novilhinho, aplacar devo
 Os deoses tutelares de Numida,

O qual, voltando incólume da extrema
 Hesperia, saudoso
 Mil óculos reparte
 Com seus prezados candidos amigos,
 Especialmente com seu doce Lamia,

Lembrado de ter sido, nos alegres
 Annos da puericia,
 Educado com elle,
 Sob um mesmo reitor, e haverem ambos
 Tomado a viril toga ao mesmo tempo.

Seja este bello dia assignalado
 Com a pedra cretense:
 Não se poupem as taças
 Do licor generoso: — os pés não cessem
 De mover-se, á imitação dos Saliòs.

Não vença Dámalis, que muito bebe,
 A Basso, despejando
 De um scryo os thracios copos:

Não faltem rosas no festim , nem falte
 O aipo vivedouro , e o breve lirio.

Todos porão em Dámalis os olhos
 Com languida ternura :
 Porém Dámalis firme
 Não se ha-de separar do novo amante ,
 Apertando-o inda mais que a hera ao tronco.

ODE XXXVII.

AOS SEUS AMIGOS.

Agora beber cumpre , agora , amigos ,
 Pulsar a terra com pé livre , agora
 Tempo é de ornarmos os coxins dos deoses
 Co' as iguarias salias.

Era deseso das avitas cavas
 O Céculo tirar téqui , em quanto ,
 Com morboso tropel contaminado
 De homens vis , a rainha ,

Ebria de sua próspera fortuna ,
 De si tudo esperando , o Capitolio
 Tentava insana destruir , e o imperio
 Encher de morticinios.

Mas abateu as furias , vendo apenas

Salva uma nau das chamas devorantes ;
 E a mente perturbada dos vapores
 Do mareótico vinho ,

Encheu-se de temores verdadeiros ,
 Quando , sahindo prófuga da Italia ,
 Soube que Cesar , apertando os remos ,
 Rápido a persegua ,

Qual o aço branda pomba , ou qual nos campos
 Da fria Emónia o caçador a lebre ,
 Ancioso de lançar duras cadeias
 A esse fatal monstro .

Mas , buscando uma morte mais honrosa ,
 Ella nem viu a espada com feminio
 Temor , nem demandar , a vélas soltas ,
 Foi reconditas terras .

Seu paço destruido ousou com plácido
 Rosto vêr , e , animosa , as serpes rábidas
 Exasperou para embeber nas veias
 O seu negro veneno ,

Resoluta a morrer , mais orgulhosa :
 Não querendo alta dama ser levada
 Nas sevas naus liburnas como humilde
 A soberbo triumpho .

ODE XXXVIII.

AO SEU CREADO.

A BORREÇO, ó ereado, o sumptuoso
Apparato dos Persas.
As grinaldas prendidas co' as fitinhas
Do til, me desagradam.
Cessa de procurar aonde existem
Rosas fora do tempo:
Só quero a simples murta, não te cances
Em lhe juntar mais nada.
Nem é indecorosa a ti a murta
Meus copos ministrando,
Nem a mim que, de pampanos fechados
Á fresca sombra, bebo.

LIVRO SEGUNDO.

ODE I.

A C. ASINIO POLLIAO.

As DISCORDIAS civis que se agitaram
 Desde o consul Metello,
 As origens da guerra, os vicios, modos,
O jogo da fortuna, as perniciosas
 Allianças dos principes, as armas
 Banhadas em o sangue
 Inda não expiado;
 Essa tarefa de perigos cheia
 Emprendes, Pollião, e assim caminhas
 Por brasas que se occultam
 Sob enganosa cinza.

Deixe os theatros por um pouco a Musa
 Da severa tragedia:
Depon, tanto que os públicos negócios
Houveres posto em ordem, novamente
Te darás á emprêza grandiosa
 Do cothurno atheniense.
Tu insigne patrono

Dos tristíssimos réos , e do senado
 Conselheiro distineto , a quem o louro
 Do triumpho dalmático
 Eternas honras dera.

Já c' o ruido ameaçador da tuba
 Os ouvidos atrôas :
 Já os clarins resôam : — já os rápidos
 Cavallos amedronta , e aos cavalleiros
 Desbota o rosto o esplendor das armas.
 Já c' oido vêr os grandes
 Capitães valorosos
 De não-indecoroso pó cobertos ,
 E o ambito da terra subjugado ,
 Excepto o animo forte
 De Catão inflexivel.

Certo que Juno e os deoses mais amigos
 D'Africa , que impotentes
 Deixado tinham essa terra inulta ,
 Dos vencedores immolar os netos
 Resolvêram aos manes de Jugurtha.
 Que campo fecundado
 Com o sangue latino ,
 E de sepulchros cheio , as impias guerras
 Deixará de attestar , e a ruina
 Da Hesperia , cujo estrondo
 Ouviram longe os Medes ?

Que pêlagos , que rios , ignoraram
 As lugubres pelejas ?

A que mares de Daunia não fizeram
 Mudar de cér as bárbaras matanças ?
 Que margem não tingiu o nosso sangue ?
 Mas , oh ousada Musa !
 Se ledos sons deixaste ,
 As tristes nénias do cantor de Céos
 Não renoves : — comigo entâa cantos
 Na gruta de Dione
 Com mais ligeiro plectro.

ODE II.

A C. SALLUSTIO CRISPO.

NENHUM esplendor tem , Sallustio Crispo ,
 A prata , se não brilha
 Por uso moderado : — tu o sabes ,
 Imigo das riquezas
 Que a mão do avaro sob a terra esconde .
 De Preculcio , illustre
 Por haver sempre dos irmãos cuidado
 Com paternal ternura ,
 Ha-de o nome estender-se de evo em evo ;
 A Fama , perduravel ,
 De um vôo constante o levará nas plumas .
 Domando o ávido espirito
 Terás mais amplo imperio que se unisses
 Libya á remota Cadis
 Sob o teu mando , e a ti obedecessem

Uma e outra Carthago.
 Cresce do hydrópico a doença quando,
 Indulgente comsigo
 E duro ao mesmo tempo, a lisonjêa :
 A sêde não extingue
 Sem que a origem do mal suja das veias,
 E do pallido corpo
 A languidez aquosa. — Foi Phraates
 Restituido ao throno
 De Cyro, mas a rígida virtude,
 * Dissidente da plebe,
 Do numero o separa dos felices ;
 E ensina o povo rude
 A não usar de termos mentirosos ;
 O seguro reinado ,
 O diadema e o louro , propriamente
 Só conferindo áquelle
 Que pode vêr amplissimos thesouros
 Com não-tercidos olhos.

ODE III.

A DELIO.

LEMBRE-TE, ó Delio, conservar perenne
 Um espirito igual nos duros lances ,
 Bem como nos felices, moderando
 A alegria excessiva,
 Pois emfim morrer deves,

Ou vivido em tristeza sempre tenhas,
 Ou recreado o animo behendo.
 Nos dias festivaes o generoso
 Falerno, recostado
 Sobre a distante relva,

Onde o pinheiro ingente e o braneo echoupo
 Folgam de offerecer, unindo os ramos,
 Hospitaleira sombra, e a fugaz lympha
 Se agita estrepitosa
 Pelo seu leito obliquo.

Para aqui trazer manda vinho e aromas,
 E as lindas rosas que tão pouco duram,
 Em quanto as posses, a edade, e os negros
 Fios das rigorosas
 Tres irmãs e permittem.

Deixarás os comprados amplos bosques,
 O palacio, e essa quinta que humedece
 O flavo Tibre; sim, deixarás tudo;
 E teus bens cumulados
 Gosará ~~um~~ herdeiro.

Ou sejas rico e da nobreza antiga
 De Inacho, ou pobre, e de rasteira plebe,
 Vivendo ao ar exposto, não importa:
 Serás vítima do Orcos,
 Desapiedado sempre.

Todos a um mesmo fim somos forçados:

A urna commum se agita : — cedo ou tarde,
 Sahirá a sorte , e nos porá na barca
 Que tem de conduzir-nos
 A perpetuo desterro.

ODE IV.

▲ XANTHIAS PHOCIO.

Não te envergonhe o vivo amor , que sentes
 Por uma humilde serva , ó Xanthias Phocio.

Foi o soberbo Achiles ,
 Primeiro do que tu , apaixonado
 Pela escrava Briseis , de níveo rosto.

Apaixonado foi o forte Ajace ,
 Filho de Te'amon , pela belleza
 Da captiva Tecmessa :
 Ardeu Agamemnon pela donzella
 Que roubára no meio do triumpho ,

Depois que os batalhões bárbaros foram
 Pelo vencedor théssalo desfeitos ;
 E que de Heitor a morte
 Rendeu Ilion aos fatigados Gregos
 Para mais facilmente a destruirem.

Tu não sabes se os paes afortunados
 Da loura Phylis te darião honra
 Fazendo-te seu genro.

É regia a sua geração por certo,
E dos Penates só se queixa iníquos.

Acredita que a tua amada Phylis
Não nasceu entre a plebe desgraçada;
Nem esse ser formoso,
Tão fiel, tão contrário ao interesse,
De vergonhosa mãe nascer pudera.

Seus níveos braços, seu gentil semblante,
Seus dons formosos, (1) louvo, mas sincero.
Foge de ter ciumes
Suspeitando de mim, pois já meus annos
Se apressam a findar o oitavo lustro.

ODE V.

RELATIVA A LÁLAGE.

IINDA a tua novilha
Suster não pode o jugo
Em o seu debil collo: — inda não pode

(1) Entre os Latinos, como entre os Gregos, nas danças publicas que faziam parte do culto de sua religião, era de uso ter as pernas descobertas e os braços nus. Propêrcio, no l. 2, eleg. 19, fallando de uma dança de religião, diz a Cynthia:

Pratinus et nuda choreas imitabere sura.

Todavia, não me animei a traduzir *teretesque suras*, expressão do texto, literalmente: — substitui a sua significação por *dons formosos*.

Sensivel sér de um conjugé ás caricias,
 Nem soportar de um touro,
 Impellido de amor, o fogo ardente.

O seu animo a leva,
 Só aos campos verdosos,
 Onde nos rios ora adoça a calma,
 Ora, por entre os humidos salgueiros,
 Em seus gestos demonstra
 Que deseja brincar só c'os novilhos.

De cubiçar te deixa
 Uma uvainda verde.
 O variado outono brevemente
 Pintará para ti de cōr purpúrea
 Os seus lívidos cachos:
 Lálage brevemente ha-de seguir-te.

A edade ardente vōa,
 E ha-de á sua existencia
 Juntar os dias que tirar da tua.
 Com audaz fronte buscará marido
 Lálage brevemente,
 Dilecta mais que a fugitiva Chloë,
 Mais que Chloris mimosa,
 Cujos candidos hombros
 Rutilam como em soeegada noite
 Resplandece no mar a lua clara;
 Ou mais que o bello Gyges,
 O qual, se em meigo delicado coro

De donzelas formosas
 Acaso o introduzisses,
 Co'a face ambigua, c'os cabellos soltos,
 Facilmente illudira os estrangeiros,
 Inda os mais perspicazes,
 Tão indistincta a diferença fôra.

ODE VI.

A SEPTIMIO.

SEPTIMIO, que estás prompto a ir a Cadis,
 E aos Cantabros comigo, ainda ignaros
 Do nosso jugo, e a arrostar as syrtes
 Bárbaras, onde sempre
 As maurus ondas servem.

Praza aos céos que Tibur, colonia de Argos,
 Morada seja da velhice minha,
 Seja o plácido asylo onde eu descance
 Das fadigas da terra,
 Do mar e da milicia.

Se iniquas me privarem d'elle as Parcas,
 As margens buscarei do rio Galêso,
 Deleitoso ás pelligeras ovelhas,
 E os campos que regêra
 O Laconio Phalanto.

É para mim, da terra sobre todos,
 Esse angulo risonho, onde não cede
 O mel delicioso ao mel do Hymetto,
 E a azeitona disputa
 Co'a do verde Venafro;

Onde concede primavera longa
 E tépidos invernos o alto Jove,
 E onde Aulon, do fertil Baccho amigo,
 Não tem inveja alguma
 Ás uvas de Falerno.

Esse logar e prósperas collinas
 A nós ambos convidam: — tu saudoso
 Ahi derramarás devidas lagrimas
 Sobre as cálidas cinzas
 Do teu amigo vate.

ODE VII.

A POMPEO VARO.

Ó TU que vêzes tantas arriscaste,
 Sob o mando de Bruto,
 Comigo a vida, quem aos patrios deoses
 Te restitue romano,
 E ao ceo ítalo, Varo, o mais antigo
 Dos meus amigos todos,
 Com quem passei bebendo muitas vêzes

Parte de longos dias,
 Grinaldado, e luzentes meus cabellos
 Das essencias da Syria?
 Comtigo vi os campos de Philippos,
 E fugi pressuroso
 Arremessando com desar o escudo,
 Quando, ó pejo! os minaces
 C'o rosto, sem valor, o chão tocaram.
 Mas a mim temeroso
 Por densos ares me salvou Mercurio
 D'entre os imigos rápido:
 A ti sorveu-te a onda em nova guerra
 Por mares procellosos.
 O promettido pois banquete a Jove
 Presta, e, sob o meu louro,
 O corpo lasso em a milicia longa
 Estende, nem perdoes
 Aos toneis para ti só destinados.
 Enche os diáfanos copos
 Do Massico licor com que se olvidam
 Os males: — as essencias
 Dos amplos vasos tira. Quem se apressa
 De tecer-me corôas
 De humido aipo, ou de virente myrto?
 Quem designará Venus
 Arbitro do beber? Embriagar-me
 Como os Edonios quero.
 Recuperado tão precioso amigo,
 Enlouquecer me é doce.

ODE VIII.

A BARINA.

Se tu, Barina, quando falso juras
 Foras punida com alguma pena:
 Se um dente negro, ou usha assinalada
 Te apparecesse,

Eu te crêra; mas tu, apenas quebras
 Perfidamente os votos, resplandeces
 Inda mais bella, e tornas-te os cuidados
 Dos jovens peitos.

Certo que as cinzas violar maternas
 Te aproveita, e illudir o ceo, e os astros
 Da noite taciturna, e os deoses livres
 Da morte gélda.

D'isto se rie a mesma Venus, riem-se
 As brandas Nymphas, e o cruel Cupido,
 Sempre aguçando na sanguenta pedra
 As setas igneas.

Accrescenta, que cresce a mocidade
 Para ti sempre, escravos novos crescem;
 E que esses que deixar a impia diziam,
 Firmes te seguem.

Temem as mães, os parcos velhos temem,
 Lhes attraias os filhos, e as recentes

Miseras noivas que teu gesto prenda
Os seus maridos.

ODE IX.

A VALGIO.

NEM sempre as chuvas sobre os campos ásperos
Manam das nuvens : — não avejam sempre
As ríspidas procellas o mar Caspio :
Nem dura o gêlo inerte,

Amigo Valgio, nos armenios climas
Os mezes todos, ou garganios robles
Os Aquilos agitam, ou de folhas
São despidos os freixos.

Tu só lamentas sempre em tristes versos
Do teu Mystes a pérda : — não se extingue
A saudade tua, ou nasça ou fuja
Do sol rápido o Véspero.

Mas não chorou o velho de tres évos
Seu Antílocho amado os annos todos :
Nem deploraram sempre a Troilo impúbere
Os paes e as irmãs phrygias.

Deixa enfim os terníssimos queixumes :
E antes cantemos os trophéos brilhantes

Que alcançara de novo Augusto Cesar;
E o gélido Niphates,

E o rio Medo, que ás nações vencidas
Junto, menores vórtices revolve:
E os Gelonos, que, em términos prescriptos,
Por campo exiguo trotam.

ODE X.

▲ LICINIO.

Mais rectamente viverás, Licinio,
Os extremos deixando: aos altos mares
Nem sempre fervoroso te abalances,
Nem tanto nas procellas te horrorises,
Que de cauto te arrojes
Ás praias arriscadas.

Aquelle que avalia bem e preza
Aurea mediocridade, desfrutando
De cuidados isento sobria vida,
Nem vive em torpe alvergue, nem desperta
A negra inveja em rico
Majestoso palacio.

Os mais ingentes pinhos, de ordinario,
Mais agitados são dcs ríjos ventos:
É mais temivel e estrondosa a queda

Das eminentes torres : mas feridos

São os montes excelsos

Do raio fulminante.

Co'a sorte sempre varia não se illude

Um peito culto e probo : — acha motivos

De esp'rança na desgraça , e de temores

Na prospera ventura. O inverno horrendo

Sempre Jove nos manda,

E elle mesmo o retira.

Se a vida sentes ora contristada,

Sentirás brevemente alegre a vida.

Nem sempre Apollo , a cythara pulsando,

Da Musa adormecida a voz desperta :

Nem sempre entesa o arco

Para vibrar as setas.

De firmeza e corajem pois te escuda

Contra os tiros da sorte : e quando um vento

Favoravel tiveres , por seus sopros

Não te deixes levar arrebatado,

Mas sapiente amaina

Em parte as soltas vélas.

ODE XI.

A Q. HIRPINO.

DEIXA-TE de indagar, ó Quincio Hirpino,
 Que projectos desenham
 Os belicosos Cántabros e os Scythas,
 Que o Adriático mar de nós separa,
 Nem em cuidar da vida,
 Que tão pouco demanda, te inquietes.

A fresca mocidade e as graças fogem :
 A árida velhice
 O amor lascivo e o facil sonno expelle,
 Não dura sempre o lustre ás vernas flores,
 Nem c'um só vulto sempre
 A avermelhada lua resplandece.

Porque fatigas com eternos planos
 O limitado espirito ?
 Porque, em quanto é lícito, jazendo
 Ou de um plátano á sombra ou d'este pinho,
 Com os brancos cabellos
 Grinaldados de rosas recendentes,

De assyrio nardo ungidos, não bebemos ?
 Dissipa Evio potente
 Os turbidos cuidados roedores.
 Que diligente moço os lisos copos
 Do cálido Falerno
 Esfriará na limpida corrente ?

Quem trará para aqui a Lydia bella
 Da morada remota?
 Vae, vae dizer-lhe que apressada venha,
 E traga a eburnea lyra sonrosa,
 Prerendo os seus cabellos
 C'um simples nó, qual dama de Laconia.

ODE XII.

A MECENAS.

Não queiras que nos languidos accentos
 Da lyra eu cante da feroz Numancia
 As longas guerras, nem o duro Annibal,
 Nem o mar de Sicilia
 Rubro c' o sangue pêno,

Nem os sevos Lapithas, e o nimio-ebrio
 Hylêo, e os pe'a herculea mão domados
 Filhos da terra, que tremer fixeram
 O do velho Saturno
 Fulguroso palacio.

Tu, ó Mecenas, em singela historia
 Melhor dirás de Cesar as batalhas,
 E os reis ameaçadores conduzidos
 Pelas publicas ruas
 C' os collos subjugados,

A mim só deixa a Musa que celebre
 De Licinia formesa o doce canto,
 Os seus olhos brilhantes, o seu peito
 Fiel que ao teu enlaça
 Mutuo amor extremoso.

Ella mover o pé não se dedigna
 Nos ledos coros, nem porfiar nos jogos,
 Nem dar ás virgens nítidas os braços
 Dançando no festivo
 Dia sacro a Diana.

Acaso não darias as riquezas
 Que Achemenes gosára, e as mygdonias
 Da fertil Phrygia, ou as da Arabia immensas,
 Por um simples cabello
 De Licinia, quando ella,

Para a tua encontrar fragrante boca,
 Retorce o collo, ou com crueza facil
 Te nega um beijo que deseja roubes
 Á força, e que ella mesma
 Ás vêzes te arrebata?

ODE XIII.

IMPRECAÇÕES CONTRA UMA ÁRVORE.

P LANTOU-te em dia infausto o que primeiro
 De ti cuidou, ó árvore,

Com sacrilega mão, para que fosses
Ruina de seus netos, e egualmente
De sua aldeia opprobrio.

Que a cerviz de seu pae elle esmagára,
E do hospede espargíra
De noite o sangue no interior da casa,
Certo eu crêra. Dos cólchicos venenos,
E dos crimes nefandos

Que conceber-se podem, se servíra
Aquelle, ó lenho triste,
Que te puzera, a ti, em o meu campo
Porque sobre a cabeça tu cahisses
Do inculpavel dono.

Nunca o homem prevê bastantemente
Os perigos que o cercam.
Do Bósphoro se assusta o nauta p^no,
E não receia quanto de outra parte
Os fados cegos lhe urdem.

O soldado romano as flechas teme
Do Partho e a veloz fuga ;
O Partho o esforço e as cadeias italas :
Mas a Morte improvisa sempre rouba,
E ha-de roubar, as gentes.

Como perto de vêr estive o reino
De Proserpina escuro ;
De vêr a face ao julgador Eáco ;

De vér os domicilios destinados
Aos espiritos justos !

De ouvir queixar-se das patricias moças,
Na lyra eólica , Sapho ;
De ouvir-te , Alcêo , com aureo plectro , os males
Cantar duros da nau , duros da fuga,
E os da guerra duros !

Pasmam de ouvir-lhes de um silencio sacro
Cousas dignas as sombras ;
Mas o vulgo apinhado mais contente
O ouvido presta á narração das guerras,
Dos expulsos tyrannos.

Que admira ? se , essas vozes escutando,
O cão de cem cabeças
Abate absorto as horridas orelhas,
E as serpes , nos cabellos das Euménides
Enroscadas , se alegram ?

O mesmo Promethéo e o pae de Pélops,
Aos sons melodiosos ,
Seus trabalhos aspérrimos esquecem ;
Nem de acossar feros leões Orion
Cura , ou tímidos lynces.

ODE XIV.

A POSTHUMO.

POSTHUMO, cáró Posthumo, ah! os annos
 Rapidamente fogem!
 A velhice enrugada se accelera,
 E a indomita Morte: — retardal-as
 Nem a piedade um só momento pode.

Quando a Plútão illacrimavel touros
 Tresentos immolasses
 Diariamente, procurando, amigo,
 Esse deos abrandar sempre severo,
 Tu certamente nada conseguíras.

Elle o vasto Geryon e o enorme Ticyo
 Retem alem da negra
 Onda que todos navegar devemos,
 Nós que dos dons da terra nos nutrimos,
 Ricos ou pobres, príncipes, colonos.

Debalde fugiremos ao cruento
 Mavorte, e do Adriático
 Rouco ás ondas, quebradas nos rochedos.
 Debalde o austro nocivo ao corpo humano.
 Em o tempo do outono evitaremos.

Forçoso é ir um dia vêr o curso
 Languido e tortuoso
 Do atro Cocyto, e a geração infame.

De Danão, e Sisypho, filho de Eólo,
A um trabalho eterno condemnado.

Deve deixar-se a terra, a casa, e a docce
Esposa: e d'essas árvores
Que cultivas sollicito, somente
O odioso cypreste ha-de seguir-te,
A ti que és dono seu por tempo breve.

Prodigalisará mais digno herdeiro
O Cécubo precioso,
A cem chaves guardado; e o pavimento
Tingirá d'esse vinho, que devêra
Aos festins reservar-se dos pontífices.

ODE XV.

CONTRA O LUXO DO SEU SÉCULO.

JÁ poucas geiras ao arado deixam
Os grandes edifícios majestosos:
Por toda a parte se divisam tanques
Inda mais espaçosos
Do que o lago Lucrino.

Aos olmos, que co' as vides se maridam,
Os plátanos estereis se preferem.
A violeta, o myrto, e as flores todas
Odoríferas proprias
A lisonjear o olfato,

Seu dulcissimo cheiro espargem onde
 Os ferteis olivaes enriqueciam
 Os seus antigos donos. Os loureiros
 Obstam do sol aos raios
 Com seus ramos espessos.

Não prescreveram isto as leis de Rómulo,
 E do intonso Catão o sabio mando,
 E a norma dos antigos. Era módica
 Dos cidadãos a renda,
 A do estado só grande.

Nenhum particular pórticos tinha
 De amplissima grandeza onde pudesse
 Do norte respirar os frescos sopros.
 As leis não consentiam
 O torrão desprezar-se

Que a sorte a cada um subministrára,
 Mandando só ornar grandiosamente,
 A expensas do público, as cidades,
 E dos deoses os templos,
 Com um mármore novo.

ODE XVI.

▲ GROSPHO.

REPOUSO roga o navegante aos deoses,
 Do Egéo nas crespas vagas,

Quando denso vapor lhe encobre a lua,
 E as nitidas estrelas,
 Guia certa dos nautas, não scintillam.
 Repouso pede a Thracia
 No ardor da guerra: — os Medos, caro Gropho,
 De aljáva adereçados,
 Buscam repouso, que nem gemmas compram,
 Nem púrpura, nem ouro.
 As fulgidas riquezas, os lictores
 Que os consules precedem,
 Não afastam do animo turbado
 Os miseros tumultos,
 Nem os cuidados que incessantes giram
 Nos magnificos tectos.
 Ditoso vive aquelle que, contente
 De módica fortuna,
 Vê o dos paes luzir saleiro herdado
 Em uma mësa tenue:
 Nem lhe tira temor o sonno brando,
 Nem sórdida cobiça.
 Para que é commetter emprezas tantas
 Em tão escassa vida?
 Para que demandar longíquas terras
 Que outro sol aquenta?
 Por ventura da patria desterrados
 Fugimos de nós mesmos?
 Sobe com nosco ao bronzeado lenho
 O türbido cuidado;
 Nem a través dos esquadrões nos deixa,
 Mais ligeiro que os cervos,
 Mais ligeiro que o Euro impetuoso

Que os chuveiros agita.
Alegres c' o presente , não queiramos
 Escrutar o futuro :
Com riso moderado se tempere
 O amargor dos males.
Ninguem ha que feliz d' todo seja.
 Tirou ao claro Achilles
A doce vida muito cedo a morte :
 Velhice prolongada
Lentamente a Tithão foi consumindo :
 E talvez que o destino
A mim conceda quanto a ti negára.
 Mugem de ti em roda
Rebanhos cem , e as vaccas de Sicilia ;
 Ouves rinchar as egoas ,
Para as quadrigas aptas , que sustentas ;
 Finos estofos vestes
Na púrpura retintos africana :
 A mim só deu a Parca ,
Não enganosa , limitados campos ;
 Deu-me espírito escasso
Da Grega Musa lyrica , e um despreço
 Para o maligno vulgo.

ODE XVII.

A MECENAS.

Porquê me desanimas totalmente
 Co' as tuas queixas ? Nem apraz aos deoses ,

Nem a mim, que faleças
 Primeiro que eu, Mecenas,
 Grande honra minha e sólida columna.

Ah! se a força fatal vier ligeira
 Roubar-te, a ti metade de minha alma,
 Que fica esperando a outra,
 Eu, que nem sou tão caro,
 Nem posso a ti sobreviver inteiro?

Esse dia verá de ambos o túmulo.
 Pérsido não jurei: — iremos ambos:
 Quando tu me precedas,
 Seguir-te-hei prompto: — iremos
 Ambos trilhar o ultimo caminho.

Nem da Chimera o halito de fogo,
 Nem Gyas centimano, renascendo,
 Poderão arrancar-me
 De ti: — assim aprouve
 A Justiça potente, assim ás Parcas.

Ou eu haja nascido sob a Libra,
 Ou sob o Scorpão formidoloso,
 Do mais infiusto horóscopo,
 Ou sob o Capricornio,
 Fero tyranno das hesperias ondas,

Os nossos astros, por incrivel modo,
 Acordes são. — O teu, fulgido Jove,
 Contra o impio Saturno

Te protegeu benigno,
Do destino veloz detendo as azas;

O que tres vêzes applaudira alegre
Em altas vozes no theatro o povo:
O meu, quando cahia
Sobre minha cabeça
Um tronco, fez que Fauno me salvasse,

Propicio aos genios que Mercurio guia,
Co' a mão potente desviando o golpe.
Tu offerece as victimas,
E alça o votivo templo:
Eu sacrificarei cordeira humilde.

ODE XVIII.

A SI MESMO,

E CONTRA • AVAN.

NEM o marfim, nem o ouro, em minha casa,
No humilde tecto brilham:
Nem as traves do Hymetto ahi repousam
Em solidas columnas
Cortadas na região d'Africa extrema:
Nem o regio palacio
De Attalo occupei, herdeiro ignoto:
Nem honestas clientes

Para mim fiam púrpuras lacónicas :
 Mas em sorte me c. ube
 A cythara , e de engenho fertil veia : (1)
 Pebre , os rices me buscam :
 Não importuno por mais nada os deoses :
 Nem ao potente amigo
 Peço mais amplos bens , assás ditoso
 C'o só predio sabino .
 Uns aos outros os dias se sucedem ,
 E as novas luas correm
 Paro o seu sim. Tu , proximo da morte ,
 Còrtar marmores mandas ,
 E , esquecido do túmulo , edificas
 Majestosos palacios : .
 Em estender as praias te afervoras ,
 Retroceder fazendo
 O mar que as ondas ruidosas quebra
 Sobre a costa de Baias ,
 Não satisfeito com a terra firme .
 Que admira ? se do campo
 Até arrancas os visinhos marcos ,
 E saltas os limites
 Dos clientes avaro ? — São expulsos .
 A mulher e o marido ,
 Os seus deoses levando e os seus filhinhos .
 Miserrimos no seio .
 Nenhum palacio todavia espera .

(1) Tomei *fides* pela *cythara* ou *lyra* , e não por *bba-fé* , *probidade* , como se entende vulgarmente. Assim o entendeu tambem Elpino Duriesen , e Duchemin.

Mais certo o opulento
 Do que o Orco, que a todos arrebata.
 Para que mais desejas ?
 Abre-se aos pobres e dos reis aos filhos
 Com igualdade a terra :
 Nem do Orco o guarda a Promethêo astuto
 Salvára, á força de ouro :
 Elle retem a Tantalo soberbo,
 E a geração de Tantalo :
 E, ou seja chamado ou não-chamado
 Do pobre, sempre o ouve,
 E o vem alliviar perpetuamente
 Dos trabalhos da vida.

ODE XIX.

A BACCHO.

E_M remotos rochedos
 Eu vi Baccho dictar (crêde-o, vindouros !)
 Versos que as doceis Nymphas
 Aprendiam attentas,
 E escutavam, co' a orelha levantada,
 Os caprípedes Satyros.

Evohe ! inda estremece
 Minha alma de temor, e o peito sente,
 Cheio do nume, os ímpetos
 De turbida alegria.

Evohe! perdõa, ó deos, perdõa, ó Baccho,
Cujo thyrso é tremendo.

Já posso dignamente
As Thyadas cantar impetuosas,
De vinho a fonte, e os rios
De leite copiosos,
E o mel delicioso amplo correndo
Do concavo dos troncos.

De tua esposa excelsa
Posso cantar o fúlgido diadema,
Ornamento dos astros,
E a queda rainosa
Dos tectos de Panthêo, e a triste morte
Do Threicio Lycурgo.

Tu moderas os rios,
E o crêspo mar dos bárbaros, potente:
Tu nos cérros distantes,
Em teu licor banhado,
Prendes, sem damno, em viperino laço,
A grenha das Bistónides.

Tu quando a ímpia cohorte
Dos gigantes tentou, com nimia audacia,
Subir aos altos reinos
Do poderoso Jove,
Com garras de leão e guéla horrenda
A Rheto repelliste.

Posto que se dizia
Seres mais apto para as leves danças,
 Os jogos e os prazeres,
 Que para a marcia lide,
Fizeste vér que eras tão bom na guerra;
 Como da paz no seio.

Viu-te placidamente
 De aureos cornos ornado o iroso Cérbero;
 E, em tua retirada,
 Movendo lêdo a cauda,
Teus joelhos e pés lambeu fagueiro
 Cem a tríplice lingua.

ODE XX.

A MECENAS.

Com não-usadas, não-rasteiras plumas,
 Pelos ares irei, vate biforme;
Detido não serei mais sobre a terra:
 Superior á inveja,
 Deixarei as cidades.

Nem eu, sangue de paes necessitados,
 Nem eu, caro Mecenas, a quem chamas
O teu dilecto, morrerei; — retido
 Não serei tristemente
 Em as estygias ondas.

Já minhas curvas cobrem pelles ásperas;
 Já em candido cisne me transmudo
 Na parte superior, e leves plumas
 Por cima de meus dedos,
 E de meus hombros, nascem.

Já mais seguro que dedálio Icaro,
 Irei rapidamente, ave canora,
 As praias vár do Bósphoro ruidoso,
 E as syrtes de Getulia,
 E os hyperbóreos campos.

A mim conhecer-me-ha o Colcho, o Dacio,
 Que fingem não temer a marxa cohorte,
 Conhecer-me-hão os últimos Gelonos,
 E o sabio Ibero, e aquelles
 Que no Rhódano bebem.

Não haja pois, em funeral inutil,
 Nénias, gemidos, lucto indecoroso:
 Reprime teus clamores, não me venhas
 No sepulchral asylo
 Render honras supérfluas. (1)

(1) Esta Ode, que respira um nobre orgulho e entusiasmo lirico, foi escripta por Horacio para servir de epílogo ao primeiro e segundo livre que elle publicou pouco antes da colleção comprehensiva do terceiro livro. Não se sabe precisamente a data d'esta Ode: — Dacier a crê posterior aos successos de Augusto na Hespanha e na Armenia. — Walckenaer considera, segundo o testemunho de antigos escoliadores, terem sido aquelles dois primeiros livros publicados pouco antes do anno de Roma 730, como já se disse na vida de Horacio.

LIVRO TERCEIRO.

ODE I.

SENTENÇAS MORAES.

FUJA o profano vulgo aborrecido. (1)
 Vós, silêncio guardai: eu, sacerdote
 Das Musas, versos, nunca ouvidos, canto
 Às virgens e aos meninos.

Tremendo imperio os reis tem sobre os povos,
 E sobre os mesmos reis o alto Jove,
 Que dos gigantes triumphára, e move
 Cum aceno o universo.

Plante arbustos à linha um mais do que outro;
 Mais generoso um desça ao marcio campo,
 Buscando as horas; — outro se distinga
 Por costumes e fama,

(1) O nosso Antônio Ferreira assim começou a sua ode 1.^a do liv.
 1.^o —

Fuja d'aqui o dioso
 Profano vulgo, eu cante
 Às brasdas Musas a uns spritos dados
 Dos ceos ao novo canto
 Heroico e generoso,
 Nunca ouvido dos nossos bons passados.

Outro emfim pela turba dos clientes :
 Com lei igual sortea a fatal Morte
 Os grandes e os pequenos : — na ampla urna
 Revolve os nomes todos.

O que impia espada vê sobre a cabeça,
 Não achará em séculos manjares
 Doce sabor , nem lhe trará o sonno
 Canto de áves ou lyra.

O sonno brando não despreza as choças
 Dos rusticos cultores , nem as frescas
 Ribas umbrosas , nem de Tempe os valles ,
 Que os Zephyros bafejam.

Aquelle que deseja o que só basta ,
 Nem o mar proceloso o dessocega ,
 Nem do cadente Arcturo o feroz ímpeto ,
 Ou do nascente Capro ,

Nem o graniso quando açoita as vinhas ,
 Nem mendaz terra , as árvores culpando
 A chuva , ou astros que as campinas torram ,
 Ou iniquos invernos.

O mar os peixes contrahido sentem
 Co' as no fundo arrojadas amplas moles :
 Ahi assiduo c' os serventes lança
 Alicerces o mestre ,

Da terra firme enfastiado o done.

**Mas segue-o medo, seguem-no remorsos,
Segue-o na bronzea nau nôgro cuidado,
E no frisão soberbo.**

**Se pois não euram o animo doente
Mármores phrygios, púrpuras brilhantes
Mais do que os astros, vinhos de Falerno,
Essencias persianas,**

**Porque átrios alçarei de traça nova,
Com porticos soberbos invejados ?
Porque o meu trocarei valle sabino
Por molestas riquezas ?**

ODE II.

AOS SEUS AMIGOS.

RECOMMENDA O VALOR, A VIRTUDE, E A FIDELIDADE DO SEGREDO.

NAS arduas lidas marciaes aprenda
O robusto mancebo
A soportar, amigos, os rigores
Da severa pobreza.
Temivel cavalleiro, a lança em punho,
Intrépido persiga,
Avexe os esquadrões dos fêros Parthos.
Exposto de continuo
As injurias do tempo, a vida passe

Em temerosos trances.
 Tal se mostre que, visto da matrona
 Do rei belligerante,
 E da donzella destinada ás nupcias,
 Lá dos muros imigos,
 Entre suspiros, n'estas vozes rompam :
 » Ah! não provoque o regio
 » Esposo, rude na mavorcia lida,
 » Este leão sanhudo,
 » Que rápido o furor leva cruento
 » Por entre as mortandades. »
 Doce e glorioso é perder a vida
 Em defensa da patria :
 Nem á Morte veloz perseguidora
 Escapar imagine
 O covarde que foge, inda que o esforço
 Da mocidade o leve :
 Aggravam seu furor tímidas costas.
 A virtude, que ignara
 Sempre foi do que é sordida repulsa,
 Resplandece nas honras
 Sem a mais leve mancha: nem aceita
 Nem depõe as secures
 Por mero arbitrio do versatil pôvo.
 A Virtude, franqueando
 O ceo aos dignos de existencia eterna,
 Vereda trilha insólita :
 Despreza as populares assembléas ;
 Deixa a humida terra
 No ar movendo as fugitivás azas.
 Tem o fiel silencio

Premio seguro. Evitarei solícito
 Morar na mesma estancia,
 Ou embarcar no mesmo fragil pião,
 Onde se achar aquelle
 Que os arcanos de Céres revelára:
 Muitas vêzes tem Jove,
 Castigando desprêzos, confundido
 C'o culpado o innocent:
 Raro é que a Pêna, ainda coxeando,
 Não alcance o perverso.

ODE III.

LOUVORES DA JUSTIÇA E DA CONSTANCIA.

DISSUADE DESTRAMENTE AUGUSTO DE TRANSFERIR PARA TROIA.

A CAPITAL DO IMPERIO.

Ao VARÃO justo e firme em seu proposito,
 Nem do povo o furor, que ordena crimes,
 Nem de sero tyronno o torvo aspecto,
 Pode abalar o peito,
 Nem o tûrbido Austro,
 Dominador do Adriático bravoso,
 Nem do alto Jove a fulminante dextra.
 Se o ceo cahisse espedaçado, os golpes
 Impávido sofrerà das ruinas.

Pollux, d'est'arte, e o vago Alcides foram
 15.

Aos átrios estellíferos, e entre elles
 Augusto recostado o nectar bebe
 Com a purpurea boca.
 D'est'arte, ó padre Baccho,
 Mereceste que, o indocil collo, os tigres,
 Curvando ao jugo, o carro teu puxassem :
 D'est'arte, do Acheronte, em os soberbos
 Frisões de Marte, Rómulo fugra,

Quando d'esta gratissima maneira
 Aos deoses, em conselho, fallou Juno :
 » Ilion, Ilion, juiz fatal e incesto
 » E uma moça estranha
 » A cinzas reduziram ;
 » Cidade que a mim fôra e á casta Pallas,
 » C'o pôvo seu e fraudulento chefe,
 » Adjudicada, desde quando á paga
 » Faltou, devida aos deoses, Laomedonte.
 » Já não fulgura o hospede famoso
 » Da adultera Lacêna ; nem a casa
 » De Priamo perjura os feros Gregos,
 » Com as hectoreas forças,
 » Repelle ; — a prolongada
 » Guerra que as nossas dissensões moveram,
 » Terminou. — Cederei a Marte, prompta,
 » As graves iras, como o neto odioso
 » Que a teuca dera á luz sacerdotiza.
 » Consentirei que ás lícidas moradas
 » Romulo suba, o doce nectar beba,

- » E unido seja ao numero dos deoses,
- » Que plácidos descânçam;
- » Comtanto que um mar vasto
- » Seja entre Roma e Troia irado sempre.
- » Felices n'outra parte os desterrados
- » Reinem, comtanto que o armento insulte
- » Os túmulos de Príamo e de Páris;

- » E impunemente ali as bravas feras
- » Os seus filhos occultem. — Permaneça
- » Resplandecente o Capitolio, e possa
- » A bellicosa Roma,
- » Triumphando dos Medos,
- » Dictar-lhes leis. Formidolosa estenda
- » Seu amplo nome aos mais remotos climas;
- » Onde d'Africa a Europa o mar divide;
- » Onde o túnido Nilo os campos rega.

- » Mais forte seja em desprezar o ouro,
- » Que seria melhor ficasse occulto
- » Na terra, que em forçal-o ao uso humano
- » Com sacrílega dextra
- » Que ávida nada poupa.
- » Quando lhe obste algum término do mundo,
- » Leve lá suas armas, se appetece
- » Vér onde os fogos férvidos se agitam,
- » Onde as névoas e os frígidos orvalhos.

- » Mas aos Remancos bellicoses dicto
- » Estes fados co' a clausula de nulca,
- » Por niniamente pios e fiados

» Em a sua fortuna,
 » Repararem os tectos
 » Da avita Troia. Troia renascente
 » Sob auspicios fataes, em seus estragos
 » Recabirá. Esposa e irmã de Jove,
 » Eu guiarei as vencedoras tropas.

 » Se Phebo alçara os seus aheneos muros
 » Vêz terceira , arrazaram-nos meus Gregos
 » Terceira vêz :— a esposa em captiveiro
 » Vêz terceira chorára
 » Seu marido e seus filhos. »
 Mas não convem á cythara jocosa
 Este assumpto :— onde vás , ó Musa ? cessa
 De dizer pertinaz fallas dos deoses,
 E attenuar com debil som grandezas.

ODE IV.

A CALLIOPE.

D_ESCE dos céos , Calliope adorada ,
 Majestosa rainha , longo canto
 Solta da doce flauta , ou , se antes queres ,
 Da aguda voz , da lyra ,
 Da cythara de Apollo .

Não a ouvis ? ou é insania amavel
 Que acaso me allucina ? Cuido ouvila

Vê-a errar pelos sacros bosques, onde
 Os riachos e os zephyros
 Fazem sussurro ameno.

Sendo eu menino, as fabulosas pombas,
 Fóra das raias da natal Apulia,
 Lasso de brincos e de sonno oppreso,
 Me cobriram, no Vultur,
 De verdes novas folhas;

Causando viva admiração a quantos
 Da alta Acheroncia no recinto moram,
 A quantos vivem nos bantinos bosques,
 E da humilde Ferento
 Nos campos fertilíssimos,

O vér-me infante ali dormir seguro
 Entre as damnosas viboras e os ursos,
 Coberto só de sacro louro e myrto,
 Valor que só podiam
 Dar os deuses excelsos.

Vós sois, ó Musas, meu potente auxilio:
 Vós me guiais, ou de Sabina aos montes,
 Ou à fria Preneste, ou ás collinas
 De Tibur, ou a Baias,
 Onde corre um ar puro.

Por vossas fontes eu amar e córos,
 Me salvei da derrota de Philippo,
 E da árvore funesta, e dos perigos

**Junto de Palinuro
Em as siculas ondas.**

**Sempre que me seguirdes, voluntario,
Irei expor-me, nauta destemido,
Ao tormentoso Bósphoro, e da Assyria
Pussarei, viandante,
As áridas aréas.**

**Irei vêr os Britannos truculentos
C'os hospedes, e os Côneanos que bebem
O sangue equino: — irei vêr os Gelonos
De arco armados, e, illeso,
Cruzarei o mar scythico.**

**Vós o alto Cesar, quando nas cidades
Tem recolhido as fatigadas cohortes,
Buscando termo aos bellicos trabalhos,
Recreais docemente
Em a píeria gruta.**

**Vós lhe dais suavíssimos conselhos,
E de os ter dado vos encheis de gloria.
Sabemos como destruíra a bárbara
Tropa de impios Titanes
Com o fúlgido raio,**

**O ser potente que unico sustenta
A terra inerte, o bravo mar modera,
E, rectíssimo sempre, os tristes reinos,
As cidades, os divos,**

É os mortaes todos , rege.

EsseS horridos moços , confiados
Na força , e seus irmãos , dos duros braços ,
Grave terror haviam dado a Jove ,
Tentando pôr o Pélion
Sobre o sombrio Olympo.

Mas Thyphêo que podia e o forte Mimas ,
Que podia o mínaz Porphyrion , Rheco ,
O audaz Encélado , que avulsos tronos
Atira , contra a egide
De Pallas , sonorosa ?

De um lado estava a poderosa Juno ,
Via-se do outro o ávido Vulcano ,
E o deos que nunca deporá dos hombres
O seu arco terrivel ,
Que seus cabellos soltos

Nas agoas puras de Castalia banha ,
Que de Lycia nas matas e nos bosques
Onde berço tivera , predomina ,
Com o nome de Delio
E Patharêo-Apollo.

Cahe por seu peso a força sem conselho :
A força temperada de prudencia
De mais em mais os deoses a levantam :
É-lhes só odiosa
A que se arroja ao crime.

D'estas verdades clara testemunha
 É Gyas centimano, e é Orion,
 Que, tentando violar Diana pura,
 Foi por ella passado
 Com a virgínea seta.

Afflige a terra que seu peso opprime
 Os monstros que gerou: — deplora os filhos
 Que ao Orco nêgro arremessára o raio;
 Que o fogo não consuma
 O Etna que os comprime.

De Ticyo incontinente o fero abutre,
 Algoz constante, os fígados não deixa:
 E em mil cadeias ásperas expia
 Seu plano criminoso
 O amador Pirithoo.

ODE V.

LOUVORES DE AUGUSTO E DE REGULO.

CREMOS reinar no céo Jove potente
 Rebramndo o trovão: — um deos na terra
 Será reconhecido Augusto, unindo
 Ao imperio os Britannos
 E os formidaveis Persas.

Pôde de mulher bárbara fazer-se
 O soldado de Crasso esposo infame ?
 Pôde (oh Curia , oh costumes transmudados !)
 Envelhecer nos campos
 De sogro seu imigo

O Apulio , o Marso , sob um rei dos Medos ,
 Ancilios esquecendo , e nome e toga ,
 E a eterna Vesta , incólumes brilhando
 O Capitolio ainda
 E a cidade de Roma ?

Isto a próvida mente pertendêra
 De Régulo obviar , quando impugnára
 Os torpes pactos , e o funesto exemplo
 Que á edade vindoura
 Traria grã ruina ,

Se não morressem os vencidos moços
 Sem dó no cativeiro. » Eu vi nos templos
 » De Carthago fixar nossas bandeiras ,
 » Disse , e sem correr sangue
 » Tirar as nossas armas .

» Eu vi de livres cidadãos na espalda
 » Torcidos braços , vi reabrir as portas ,
 » E cultivar os campos que assolado
 » Haviam triumphantes
 » Nossos bravos guerreiros .

» Resgatado virá á força de ouro

- » Mais valente o soldado ? . . . á deshonra
- » A pérda juntareis : — nem a lâ tinta
- » De púrpura recobra
- » A sua còr perdida,

- » Nem a virtude , que uma vêz cahira ,
- » Se torna a levantar no fragil peito .
- » Quando , de dênsas rêdes livre , a cerva
- » Pugnar , poderá vêr - se
- » Esforço no covarde

- » Que se rendêra a pérfidos imigos :
- » Poderá derrotar então os Penos
- » O que sentíra , nos ligados braços ,
- » As cadeias inerte ,
- » E houvera medo á morte .

- » Este , ignorando como a vida salve ,
- » Supplice , no combate , a paz pedira !
- » Ó pejo ! . . . O grâ Carthago que , orgulhosa ,
- » Sobre as torpes ruinas
- » Te levantas de Italia ! »

Conta - se que , julgando - se sem patria ,
 Da casta esposa os ósculos extremos ,
 E os doces tenros filhos , repellira ,
 Com ar viril na terra
 Fixando os torvos olhos ,

Até frmar os vacillantes padres
 Em seu conse.ho , nunca d'antes dado :

E que, por entre amigos lagrimosos,
Partira heroicamente
Para o duro desterro.

Sabia que suppicio o algoz barbaro
Lhe preparava :— mas não de outra sorte
Dos parentes, que o obstam, se separa,
E do povo que busca
A partida deter-lhe;

Como se, as lides já sentenciadas
Dos seus clientes, os negocios longos
Deixasse, para ir emfim nos campos
Descançar ledamente
De Venafro ou Tarento.

ODE VI.

AOS ROMANOS.

Os delictos dos teus progenitores,
Bem que immeritamente,
Romano, expiarás, té que restaures
Dos altos deoses os ruinosos templos,
E os simulachros que manchára o sumo.

Porque te curvas humildoso aos deoses,
Tens soberano imperio;
São de tudo principio, e fim de tudo.

Os deuses desprezados grandes males
À triste Hesperia luctuosa deram.

Já vêzes duas repelliu a tropa
De Monéses e Pácoro
Nossos esforços, ao augurio adversos:
E os exiguos escudos seus esplendem
Co'as riquezas de que nos despojaram.

O Daco e Ethiope estiveram quasi
Aniquilando Roma,
A dissenções domesticas entregue:
Um formidavel em possante esquadra,
Outro nas setas de arremesso rápidas.

Os séculos secundos em delictos,
O thalamo primeiro
Viciaram, as raças, as familias:
D'esta origem impura amplos desastres
Corrêram sobre a patria, sobre o povo.

Folga a donzella de adestrar-se adulta
Em as jónicas danças,
Requebrando com ar voluptuoso
Os deceis membros, e de tenra edade
Amores criminosos já medita.

Nos laços prêsa conjugaes em breve,
De seu marido á mèsa,
Busca inflamar adulteros mancebos;
Nem a quem dê, distante a luz, escolhe

As furtivas caricias amorosas;

Mas, em presença do marido mesmo,
De seu ultraje conscio,
Se levanta, ao sinal de um traficante,
À ordem de um senhor de nau hispana,
Que ricamente a infamia remunere.

Não nasceu d'estes paes a valorosa.
Mocidade guerreira
Que do púnico sangue o mar tingíra,
Que derrotára ao orgulhoso Pyrrho,
Ao grande Antícho, e ao cruel Annibal.

Prole viril de rusticos soldados
Ella foi, avezada
A revolver c'os enxadões sabellicos
A dura gleba, e a conduzir nos hombros,
À voz da mãe severa, os páos cortados,

Logo que o sol, accelerando o carro,
Dos altissimos montes
As sombras trasmutava, e desprendia
Os fatigados bois do grave jugo,
Trazendo as horas do repouso amigo.

Que não estraga o tempo rigoroso?
Nossos paes, já peores
Do que nossos avós, nos produziram
Mais viciosos, e será ainda
Nossa progenie de mais vicios cheia.

ODE VII.

A ASTERIE.

PARA que choras, ó Asterie, a ausencia
Do joven Gyges, que os Favonios brandos,
Na primavera proxima, opulento
Do commercio bithynico,
Virão restituir-te,
Em seu amor constante?

Elle, quando voltava, accomettido
Dos Notos fôi, apôs os procellosos
Caprinos astros, e arrejado ao Órico,
Onde, perdido o sonno,
Passa frigidas noites,
Em lágrimas banhado.

Comtudo Chloe, hospeda sua, um nuncio
Solicita lhe envia, a declarar-lhe
Que geme e arde misera por elle
Nos fogos que te abrasam,
O qual tenta attrahil-o
Por mil modos astuto.

Pinta-lhe como a pérfida consorte
De Piôto, a crêl-a facil, o impellira,
Por iniquas malévolas calumnias,
A que do nimio-casto
Bellrophonte a morte
Accelerasse irosa.

Conta-lhe que Pelêo esteve a ponto
De ir o Tartaro vêr, por, continente,
De Hippolyta á paixão haver fugido.

Em sim por seduzil-o,
As historias relata
Do vicio instigadoras;

Mas em vão; pois mais surdo que os rochedos
Do mar Icaro, inabalavel ouve
Estes discursos. Tu porem ser cauta
Deves quanto ao visinho
Enipêo, evitando
Te agrade nimiamente;

Inda que se não veja outro tão habil
A dirigir no verde marcio campo
Um soberbo cavallo, nem se veja
Quem igualmente corte
Tão rápido, nadando,
A toscana corrente.

Assim que anoitecer a porta fecha:
Não olhes para a rua quando ouvires
As suas queixas na sonora flauta:
E quando elle mil vêzes
Te chamar insensivel,
Insensivel te mostra.

ODE VIII.

A MECENAS.

ADMIRAS, ó Mecenas,
 Versado na lição de ambas as linguas,
 Que solteiro eu pertenda
 O dia primo celebrar de março :
 Imaginar não podes
 Para que sejam estas lindas flores,
 Este vaso de incenso,
 Este brazido em verde relva posto.
 Votado a Baccho eu tinha
 Quando proximo estive a ser ferido
 Da árvore funesta,
 Gratos banquetes e um cabrito branco.
 Este dia festivo
 É d'esse o anniversario, em que a cortiga
 Com péz abetumada
 Tirar-se deve á amphora de vinho,
 Que amaciár-se ao fumo
 Quando era consul Tullo começára.
 Bebe, caro Mecenas,
 O salvo amigo com cem copos brinda,
 E dure este banquete
À luz das tochas té raiar o dia.
 Para longe se arredem
 Clamores e fras. Os civis cuidados
 Que te dá Roma, deixa.
Do Dacio Cotison já derrotada
 Foi a tropa, e os infestos

Médos as armas luctuosas voltam
 Contra si dissidentes.
 O Cántabro, que habita os fins da Hespanha,
 Antigo adverso nosso,
 Entre cadeias, bem que tarde, geme:
 Já os Scythas meditam
 Ceder o campo, desarmando os arcos.
 Deixa-te pois de assiduo
 No socêgo velar, no bem, do pôvo:
 Considera-te como
 Simples particular: desfruta alegre
 Da hora presente os mimos,
 E não cogites em negocios graves.

ODE IX.

DIÁLOGO.

ENTRE HORACIO E LYDIA.

HORACIO.

Em quanto a ti fui caro,
 E não cingiam de mais digno moço
 Teu alvíssimo collo os ternos braços,
 Fui mais ditoso do que o rei dos Persas.

LYDIA.

Em quanto não ardeste
 Por outra mais, e a Lydia preferida
 Não era Chloe, eu Lydia mais gloriosa
 E mais célebre fui que Ilia romana.

HORACIO.

Hoje Chloe me domina,
 Que docemente canta e a lyra pulsa,
 Por quem sofrer a morte eu não temerei,
 Se assim pudesse conservar-lhe a vida.

LYDIA.

Por mim, em mutua chamma,
 Arde o lindo Calais, filho de Ornithio:
 Por quem eu sofreria duas mortes,
 Se assim pudesse conservar-lhe a vida.

HORACIO.

Mas se o amor antigo
 Tornasse e nos prendesse em bronzeo vínculo?
 Se fosse a bella Chloe de todo expulsa,
 E a desprezada Lydia aberta a porta?

LYDIA.

Posto que elle mais lindo

Que os lindos astros seja , e tu mais leve
 Que a cortiça , e feroz mais que o Adriático,
 Viver quizera eu só , morrer , comtigo.

ODE X.

▲ LYCIA.

QUANDO na origem do remoto Tánais
 Bebesses , Lycia , e a um cruel marido
 Ligada fosses , não pudéras vêr-me
 Sem lagrimas , á porta tua exposto
 Aos Aquilos furentes.

Não ouves com que estrépito rebramam
 Nas tuas portas e no verde bosque ,
 Que os lindos tectos te circunda , os ventos ?
 Não vês como o ár puro gela as neves
 Que sobre a terra cahem ?

Perde a soberba , a Venus odiosa ,
 Porque a roda fatal não retroceda .
 Não te gerou por certo um pae tyrrheno
 Para seres Penélope difícil
 Aos ternos amadores.

Bem que nem dádivas , nem preces , Lycia ,
 Nem a pallida cõr dos que te adoram ,
 Nem vêr nos braços de piéria moça

Teu marido, mover-te possam, poupa
Os supplices amantes,

Tu dura mais que os rígidos carvalhos,
De animo mais cruel que as serpes mauras.
Não haverá na tua porta sempre
Quem sofrer queira recostado a injuria
Do ár e dos chuveiros.

ODE XI.

A MERCURIO.

MERCURIO, que ensinaste ao docil Amphion
Co' a doçura a mover do canto as pedras,
E tu, ó lyra, que das sete cordas
Soltas sons tão suaves:

Que, inharmónica outr'ora e ingrata, és hoje
Das mèses ricas o prazer, dos templos;
Vozes me ensina, às quæs Lydia obstinada
Os ouvidos applique;

Ella que, como a poldra em largos campos,
Brinca saltando, e sér tocada teme,
De amor ignára e mûito tehra ainda
Para esposo protervo.

Tu podes tigres apôs ti e selvas

Arrastar, e deter rápidos ries.
 Cedeu da negra estância o fero guarda,
 Cérbero, ás tuas vozes,

Bem que lhe cingem a surial cabeça
 Cem rábidas serpentes, e que solta
 Halito negro e venenosa escuma
 Das horridas trisaues.

Ixion e Ticyo até, entre tormentos,
 Mostraram ledo rosto, e um pouco a urna
 Se seccou das Danaides, escutando
 Teus sons harmoniosos.

Ouça Lydia o delicto e as duras pênas
 D'estas tristes donzelas, condemnadas
 A encher d'agoa um tonel roto no fundo,
 Ouça os fados perrennes

Que no Orco até os negros crimes punem.
 Estas ímpias (pois ha nada mais horrido?)
 Estas ímpias puderam seus maridos
 Passar com duro ferro.

Uma só d'entre tantas, certo digna
 Da tocha nupcial, com summa gloria
 Mentiu ao pae perjuro, esclarecida
 Em todas as edades.

» Ergue-te, disse a seu esposo joven,
 » Ergue-te, afim que a mão que não receias

- » Te não dê sonno eterno : — illude o segre,
 » E essas irmans cruentas,
- » As quaes, como aos novilhos as leðas,
 » Seus maridos , oh dor ! impias laceram.
- » Eu , mais humana , nem ferir-te quero,
 » Nem aqui demorar-te.
- » Lance meu pae em mim duras cadeias,
 » Porque poupei clemente o esposo mísero,
- » Ou em nau me desterre para os campos
 » Extremos dos Numidas.
- » Vae , onde os pés e os ventos te levarem,
 » Em quanto a noite e Venus te protegem :
- » Vae em bôa hora , e em meu sepulcro versos,
 » Que me recordem , grava. »

ODE XII.

A NEÓBULA.

É das miserias proprio não render-se
 De amor aos risos , nem banir do peito
 Com dece vinho as magoas , ou em sustos
 Perseverar temendo
 De um tio a lingua acerba.

O mimoso cestinho onde guardava

As finas lans, Neóbula, roubou-t'o
Da linda Cytherêa o filho alado:

As telas e o exercicio
Da operosa Minerva

Já não te agradam, desde que a belleza
Te captivára de Hebro, cavalleiro
Que sobrepuja até Bellerophonte,
E que, invicto nos jogos
Do césto e veloz curso,

Vae os membros banhar, ungidos de oleo,
No flavo Tibre; — que, agitando os gamos,
Fugitivos no campo astuto os fere;
Que apanha em densa brenha
O javali occulto.

ODE XIII.

À FONTE DE BLANDUSIA.

Ó FONTE da Blandusia,
Lúcida mais que o vidro, tu és digna
Das libações de doce vinho em taças
Adornadas de flores.
Hei-de ámanhã brindar-te
Com um tesro cabrito,

Cujas pontas nascentes

Na fronte sua tñrgida o destipam
 Para o amor e a peleja, em vñ, pois essa
 Prole da grei lasciva
 Ha-de c' o rubro sangue
 Tingir-te as frias agoas.

A Canfeula ardente
 No momento o mais férvido não sabe
 Tuas bordas tocar: — frescura amena
 Dás aos bois fatigados
 De o arado moverem,
 E ao vagabundo armento.

Entre as fontes famosas
 Memorada serás quando meu canto.
 Celebrar a azinheira sobreposta
 Nos concavos rochedos,
 D'onde se precipitam
 Tuas agoas sonoras.

ODE XIV.

AOS ROMANOS,

NA VOLTA DE AUGUSTO.

Ó ROMANOS, o príncipe que forá
 Colher, a exemplo de Hercules, os louros
 Que se compram co' a morte,

Cesar, triumphador do solo hispano,
Aos seus Penates glorioso volta.

A esposa, alegre ao vêr o caro esposo,
Marche em pompa ao altar dos justos deoses,
E a irmã do chefe claro,
E as mães das virgens e dos moços salvos,
Ornando a fronte de sagradas fitas. (1)

Vós, mancebos, e vós, conjuges bellas,
Deixai sinistras vozes. Este dia,
De certo a mim festivo,
Desterrará tristíssimos cuidados.
Nem o tumulto, nem forçada morte,

Eu temerei regendo o mundo Cesar.
Vae, moço, aromas e grinaldas busca,
E uma amphora que a guerra
Lembre dos Marsos, se escapar alguma
Pôde ás rapinas do vagante Spártaco.

À cantora Néra tambem dize
Que venha pressurosa, os seus cabellos
Atando perfumados.
Se o seu porteiro odioso algum obstaculo
Acaso te puzer, ligeiro volta.

(1) As damas romanas, quando faziam sacrifícios aos deoses, preces públicas e procissões, por occasões extraordinárias, ornavam a cabeça de fitas sagradas.

Cabello embranquecido afrouxa os animos
 Os mais ardentes, ávidos de lides
 E de rixas protervas.
 Não sofreria eu isso, não, quando era
 Ardido moço, e era consul Plancio.

ODE XV.

A CHLORIS.

MULHER do pobre miseravel Ibyco,
 Põe termo finalmente
 À tua ignobil desregrada vida,
 Aos miserios trabalhos
 Infames teus. Já proxima da morte,
 Não prematura, cessa
 De entrar nas danças co'as gentis donzelas,
 Lançando negra nuvem
 Entre as estréllas nítidas. Não, Chloris,
 Não é de ti já proprio
 O que a Pholce compete. Melhor fica
 A filha tua as casas
 Expugnar dos mancebos, qual Bacchante
 A quem dos atabales
 O som enfurceira. A paixão viva
 Que por Notho elia sente,
 A faz saltar como lasciva cobra.
 A ti porem já veia,
 Fiar as lnas lans só de Lucéria

Cenvem, e não a lyra,
 Não as rosas purpureas, nem a amphora
 Esgotar té ás fezes.

ODE XVI.

A MECENAS.

ENCERRADA Danae em bronzea torre,
 De rijissimas portas, defendidas
 Por vigilantes cães, guardas severas,
 Seria inacessivel
 Aos nocturnos amantes,

Se Jupiter e Venus, do cuidado
 Com que Acrisio occultava a virgem pávido,
 Não zombassem, sabendo que teria
 Um deos, mudado em ouro,
 Via franca e segura.

O ouro folga de romper por entre
 As sentinelas, de quebrar rochedos
 Potente mais que o raio furibundo.
 Perdeu o amor do ouro
 Do áugur arzivo a casa.

Quebrou o chefe macedonio as portas
 Das cidades, e os reis domou altives,
 Emulos seus, por dádivas. Com dádivas,

Os capitães se vencem
Das naus endurecidos.

Mas dos thesouros o aumento seguem
Duros cuidados, sôfrega cubiça.
Sim, ó Mecenas, flôr dos cavalleiros,
Com razão hei temido
Alçar conspicua fronte.

Quanto mais denegar a si o homem,
Mais lhe darão os soberanos deoses.
Dos que nada cubiçam, desprovido,
Busco o arraial, e transfuga
Deixo o campo dos ricos,

Mais luzido senhor dos desprezados
Modicos bens, do que se em meus celleiros
Quanto o Apúlio diligente lavra
Eu recolhesse, pobre
Entre grandes riquezas.

Um regato perenne de agoa pura,
Uma floresta de bem poucas geiras,
Uma messe segura, mais ditoso
Me fazem que o rei lúcido
Que rege a fertil África.

Bem que me não forneçam de Calabria
As abelhas seu mel; nem amadure
Baccho o meu vinho em lestrygonias amphoras,
Nem finas lans me cresçam

Nas pastagens da Gallia ;

A importuna pobreza , não , não sinto :
 Nem tu , se eu mais quizesse , m'o negáras.
 Melhor eu pagarei tributo escasso ,
 Restringindo o desejo ,
 Que se aos campos mygdonios

O amplo reino alyattéo unisse .
 Aos que muito desejam muito falta .
 É bem ditoso aquele a quem os deoses
 Com parca mão doaram
 O que basta somente .

ODE XVII.

A ELIO LAMIA.

Ó ELIO , que derivas a nobreza
 Do antigo Lamo (pois os Lamiás primos ,
 Como se pensa e os fastos denurciam ,
 D'elle o nome tomaram
 Que passou a seus netos) ,

Sim , que tiras a origem d'esse princípio
 Que de Formias , se diz , fundára os muros ,
 Dilatando o imperio até ás praias
 De Marica , que o Liris
 Placidamente banha ,

Àmanhã nos trará procella horrísona
 O Euro, as folhas arrancando aos bosques,
 E lançando na praia a alga inútil,
 Se não me illude a gralha,
 Que as chuvas presagia.

Em quanto podes, secca lenha aprompta :
 Àmanhã nos daremos aos prazeres,
 C'os domésticos livres de trabalho,
 Saboreando o vinho,
 E um leitão de dois mezes.

ODE XVIII.

A FAUNO.

FAUNO, amador das Nymphas
 Que rápidas te fogem,
 Peço-te que benigno
 Por meus consins e amenos campos passes,
 E d'elles te retires favoravel
 Às pequeninas crias dos rebanhos ;

Já que tenro cabrito
 No sim do anno te immolo ;
 Que não falece à taça,
 Companheira de Venus, amp'lo vinho ;
 Que faço arder em teu altar vetusto
 Copiosos perfumes odoríferos.

Sempre que chega o dia
 Das nonas de dezembro,
 A ti sagrado, brincam
 Os gados todos sobre o campo hervoso,
 Ociosos no prado os bois descansam,
 E entre elles festival a aldeia folga.

Os cordeiros, audazes,
 Por entre os lobos erram;
 Os bosques verdes folhas
 Espalham sobre o chão em honra tua;
 E tres vêzes a terra aborrecida
 C' o pé o agricultor alegre bate.

ODE XIX.

A TELEPHO.

QUANTOS séculos hajam decorrido
 Desde Inacho até Cedro,
 Que impávido morrer quiz pela patria,
 Narras, Telepho, como a descendencia
 De Eaco, e as guerras que Eion sagrada
 Viu ao pé de seus muros.

Mas por que preço do licor de Clio
 Uma amphora compremos;
 Quem agea nos aqueça para os banhos;
 Quem nos forneça casa, e dos Peixes

A que hora o frio repellir possamos,
Tudo em silencio deixas.

Enche apressadamente, ó moço, o copo:
Eu brindo a nova-lua:
Torna a enché-o, a meia-noite eu brindo:
Enche-o de novo, brindo o áugur Murena:
Nas amplas taças copos tres ou nove
Do licor se misturem.

O vate que venera as Musas ímpares
Attonito tres copos
Vezes tres pedirá. A Graça, unida
Ás irmans nuas, receando as rixas,
Não permitte que mais de tres se beba.
Enlouquecer me agrada.

Porque não sôa a tibia berecynthia?
Porque tática pende
A cythara suspensa com a flauta?
Ociosas mãos odeio. Esparge as rosas.
Ouça o estrépito insano o invido Lyco,
E a visinha não propria

Para tal velho. Tu, que resplandeces
C'os espessos cabellos,
A similhança do fulgeante Véspero,
Gosas, Telepho, o amor da joven Chloe:
Eu, abrasar-me sinto em fogo lento
Pela minha Glycera.

ODE XX.

▲ PYRRHO.

Não vês, ó Pyrrho, que perigo eorres
Tirando á leda de Getulia os filhos?
Covarde roubador, á pugna acerba
Fugirás brevemente,

Quando, por entre a multidão dos moços,
Ella em procura fôr do bello Nearcho.
Grande peleja sobre qual consiga
A prêza. Mas em quanto

Da aljáva as setas voadoras tiras,
E ella os dentes aguça formidandos,
Diz-se que o joven árbitro da lide
Sob o pé nu puzera

▲ palma, e dera ao Zephyro os cheirosos
Cabellos, pelos hombros espargidos:
Qual o lindo Niréo, ou Ganymedes
Roubado sobre o Ida.

ODE XXI.

▲ AMPHORA.

Ó AMPHORA, que foste fabricada
Quando eu nasci, e era consul Manlio,

Tu trazes no teu seio
 Queixas ou risos, bulhas
 E doudices de amor, ou facil somno.

Qualquer que seja o nome com que guardas
 O Mássico selecto, tu és digna
 De aparecer n'um dia
 Festival. Desce, entorna
 Teu suave licor, Corvino o manda.

Bem que embebido nas lições socráticas,
 Elle não ha-de desprezar-te austero.
 Conta-se que do antigo
 Catão fora cem vêzes
 Reanimada a virtude com bom vinho.

Tu ao engenho, duro ás vêzes, fazes
 Violencia benigna: — tu dos sabios,
 Com teu licor que alegra,
 Os cuidados cecultos,
 Os íntimos segrêdos, manifestas.

Tu a esperança restitues e as forças
 A' mente afflita, e dás audacia ao pobre,
 Que, após os teus favores,
 Nem as sérvidas bras.
 Teme dos reis, nem as legiões armadas.

Baccho e Venus, se leda assiste, e as Graças,
 Que laço estreito prende, e a luz das tochas,
 Farão que te prolongues

Até que o róseo Phebo
Volte, da noite afugentando os astros.

ODE XXII.

A DIANA.

Ó VIRGEM protectora
Dos montes e dos bosques,
Que, invocada tres vêzes das esposas
No acto de ser mães penoso sempre,
As ouves e subtrahes,
Triforme deosa, á morte.

Este pinho imminente
A meu rustico tecto,
Eu te consagro, o qual cada anno, alegre,
C' o sangue banharei de um pequenino
Varrasco, que medicta
Dar já obliquo golpe.

ODE XXIII.

A PHYDILE.

Se levantares, rústica Phydile,
Suplices mãos ao céo na lua nova;

Se fzeres propicias
Os deoses Lares, com cheircso incenso,
Com fructos do anno, e ávida leitda;

Nem sentirão o Africo damncso
As ferteis vides, nem fará estereis
As seáras a alforra,
Nem hão-de as crias dos rebanhos tenras
Sofrer os males da estação pomisera.

A premetida victima que pasce
Entre carvalhos e azinheiras, sobre
O Álgido nevoso,
Ou cresce de Alba nas pastagens, deve
Tingir c'o sangue o ferro dos pontifices.

Não, a tí não perterce, que engrinaldas
De cheircso alecrim, de fragil myrto,
Os teus pequenos deoses,
Tentar de os attrahir sacrificando
Um numero avultado de cordeiros.

Se purissimas mães tecaram n'ara,
Sacrificios magnificos não hão-de
Os irritados deoses
Apaziguar melhor, que de uma pouca
De escandea, e pouco sal, devota offrenda.

ODE XXIV.

CONTRA OS VÍCIOS DO SEU SÉCULO.

BEM que, opuleto mais que se os thesouros
 Possuisses intactos
 Da Arabia e da India, de edifícios enchaç
 O mar Tyrreno e Apúlico;
 Se nos cumes excelsos a inhumana
 Fatal Necessidade
 Fixar seus pregos diamantinos, o animo
 Não lirrarás do medo,
 Nem dos laços da morte a fronte altiva,
 Os Scythas camponezes,
 Que em carros tiram as errantes casas,
 Melhor passam a vida,
 E os ferros Getas, cujas terras livres,
 Sem divisão marcada,
 Fructos e messes dão communs a todos;
 Nem lhes praz a cultura
 Por mais de um anno, findo o qual, é logo
 Cada um substituído
 Por outro, de igual sorte, nas fadigas.
 Ahi aos enteados
 Innocente a madrasta a vida poupa:
 A esposa, por ter dote,
 Não governa o marido, nem se fia
 De adúltero brillante.
 O dote da donzella mais subido
 E' dos paes a virtude,
 E a castidade no consórcio, amando

Seu homem só , não outro.
 Ahi nefando crime é detestado ,
 Ou tem por premio a morte.
 Oh ! esse que tentar pôr termo ás impias
 Matanças , e aos furores
 Das civis guerras , se inscripções deseja
 Em estatuas que o chamem
 Da patria pae , a refrear se atreva
 A indomita licença ,
 E assim claro será entre os vindouros ;
 Já que nós (oh maldade !)
 Incólume a virtude aborrecemos ,
 De inveja , e a desejamos
 Quando já não assoma a nossos olhos .
 Que montam tristes queixas
 Se suppicio nenhum a culpa corta ?
 As leis , vans , sem costume ,
 De que aproveitam ? Se do mundo a parte
 Que os sérvidos calores
 Perenne abrasam , se a região de Bóreas
 Finíssima , se as neves
 Endurecidas sobre o solo , o ávido
 Mercador não arredam ?
 Se o horror equoreo astutos nautas vencem ?
 Se a pobreza , que opprobrio
 Grandissimo é , fazer e sofrer tudo
 Manda , e da ardua virtude
 O caminho deixar ? Ao Capitolio ,
 Onde os gritos e applausos
 Da multidão nos chamam , dediquemos
 Os fulgidos diamantes ,

As pérolas, e o ouro inutil, causa
De nossos males todos,
Ou antes do mar proximo isso tudo
Nos abyssmos lancemos.
Se nos penalisamos vivamente
De nossos crimes, cumpre
Tirar pela raiz os elementos
Da perversa cubica,
E formar em mais duros exercicios
Os espíritos tearos
Da mocidade. Ignora o moço illustre
Firmar-se n'um cavallo,
E de ir á caça teme, quando sabe
Melhor jogar, ou seja
C' o peão grêgo, ou seja com os dados,
Pelas leis prohibidos.
Entretanto seu paç, com grã perfidia,
O coherdeiro, o socio,
O hospede seu engana, e pressuroso
Cabedaes accumula
Para esse herdeiro indigno. Na verdade
As improbas riquezas
Lhe crescem, mas não sei que causa sempre
Falece ao seu thesouro.

ODE XXV.

A BACCHO.

AONDE, ó Baccho, me arrebatas, cheio
De teu divino espirito? A que bosques,
A que outros sou levado pelos impetos
De enthusiasmo novo?

Em que grutas será que, melitando
Na eterna gloria do alto Cesar, ouse
Alçal-o aos astros em meus versos, pôl-o
No conselho de Jove?

Direi cousas sublimes, cousas novas,
Que inda não disse outro cantor, tomado
Do mesmo espanto que a Bacchante, quando,
Acordando nos montes,

O Hebro vê, e alvejar da Thracia as neves,
E por barbaro pé trilhado o Rhôdope.
Como, dévio, admirar folgo os rochedos,
E os solitarios bosques!

Ó das Naiades rei, e das Bacchantes,
Cujas válidas mãos arrancar podem
Os altos freixos, não direi, cantando,
Nada que escasso seja,

Nada de humilde, ou de um mortal só proprio.
Du'cissimo é, Lenêo, se perigoso,

Seguir um nome cuja fronte excelsa
Cingem pámpanos vêrdes.

ODE XXVI.

A VENUS.

VIVI ainda ha pouco acceito ás damas,
E não sem gloria militei: — agora
As armas e a lyra
Que me ajudára na amorosa guerra,
Na parede suspendo,

Que ao lado esquierdo da marinha Venus
Fica no templo. Aqui os fachos lúcidos,
Alavancas e arcos,
Que ameaçavam as fechadas portas,
Aqui, mancebos, ponde.

Ó deosa que possues Chypre ditosa,
E Memphis livre das sithouias neves,
Poderosa rainha,
Ó flagello levanta, e a Chloe soberba
Uma só vez castiga.

ODE XXVII.

A GALATÉA.

SIGAM a os impios os presagios tristes,
Gritos de mocho, e grávida cadella,
Ou ruiva loba do Lanuvio campo
Discorrendo, ou raposa
Á luz os filhos dando :

O seu caminho rábida serpente,
Atravessando-se qual seta, rompa,
Pendo os cavallos em terror. Eu quando,
Próvido áugur, me assuste
Por objecto querido,

Antes que aos lagos pantanosos volte
Ave adivinha de imminentes chuvas,
Com vivas preces moverei o corvo
A que venha grashando
Do clima onde o sol nasce.

Vae ser ditosa, Galatêa, aonde
Mais desejas, e de mim te lembra:
O sinistro picanço não te vede,
Nem a errante gralha,
Seguir o teu designio.

Mas vês como ruidoso se accelera
O inc'linado Orion? Eu sei quanto
O Adriatico sino negro seja,

E quanto perigoso
É o Japis sereno.

Ao mulheres e os filhos dos imigos
Sintam do Austro nascente o furor cego,
E o frémrito do mar ennegrecido,
E o açoite das vagas
Nas abaladas rochas.

Assim do touro enganador Europa
O níveo lado confiou ousada,
E brevemente desmaiou ao ver-se
Em o mar proceloso
Rodeada de monstros.

Cuidadosa inda ha pouco em colher flores
Nos verdes prados, e em tecer grinaldas
Ás Nymphas promettidas, nada víra,
Na escassa luz da noite,
Mais que os astros e as ondas.

Tanto que chega á poderosa Creta
De cem cidades: « Pae (disse agitada
De vivissima dor), oh doce nome,
» Oh doce e pio affecto,
» Que a filha desprezará !

» D'onde vim? onde estou? Uma só morte
» Para a virgem culpada é pena leve.
» Vélo acaso, chorando torpe crime?
» Ou antes, innocent,

- » Me illude vã imagem
 » Com meros sonhos, que da porta eburnea
 » Fugitiva me traz? Não me seria
 » Melhor colher florinhas odorosas
 » Recente mente abertas,
 » Que romper longos mares?

 » Se agora, em minha cólera violenta,
 » Esse infame bezerro, que amei tanto,
 » Me desse alguem, c' o ferro o lacerára,
 » E por quebrar-lhe as pontas
 » Fizera o mó r esforço.

 » Sem pejo abandonei os patrios lares:
 » Sem pejo me demoro longe do Orcão:
 » Ó deoses, se algum ha que isto me escute,
 » Permitti que, indefensa,
 » Entre lêdes eu erre.

 » Antes que venha misera magreza
 » Desfigurar as minhas faces bellas,
 » E se desfinhe a delicada prêza,
 » Desejo, assim formesa,
 » Servir de pasto aos tigres.

 » Vil Europa, teu pae não cessa, ausente,
 » De te arguir: — porque morrer dilatas?
 » C' o cinto podes, que inda bem te segue,
 » D'este freixo pendente,
 » Afogar a garganta.

» Ou , se os penhascos , se as agudas rochas,
 » Para a morte te são mais apraziveis,
 » Eia , entrega-te ás rápidas tormentas,
 » Se , tendo regio sangue,
 » Escrava ser não queres,

» E ser rival , de bárbara senhora,
 » Que a fiar suas lans te force altiva. §
 Estas lugubres queixas escutava,
 Pérfida rindo, Venus,
 E c' o arco frouxo o filho.

Já tendo assás da mísera zombado,
 » Abstem-te , disse , d'essas grandes iras,
 » D'esses clamores , quando o touro odioso
 » Vier , para as quebrares,
 » Offerecer-te as pontas.

» Ignoras ser mulher do invicto Jove :
 » Cessa de soluçar :— aprende , Europa,
 » A sustentar o teu destino excuso :
 » Uma parte do mundo
 » Se honrará c' o teu nome.

ODE XXVIII.

A LYDIA.

QUE cousa mais distinta
 Farei no festo dia de Neptuno ?

Tira, ó Lydia, ligeira,
 O Céculo guardado, e força um pouco
 A severa sapiencia.
 Vês declinar o sol meridiano :
 E, como que duravel
 Fosse o dia veloz, de tirar deixas
 A amphora ociosa
 Na adega desde que foi consul Bíbulo ?
 Nós alternadamente
 Soltaremos a voz melodiosa :
 Eu cantarei Neptuno,
 E as Nereidas que verdes tranças ornam :
 Tu cantarás Latona,
 Na curva lyra, e a rápida Diana
 Que habil vibra as setas.
 Será o canto extremo dedicado
 Á deosa que potente
 Impera em Gnído e Cycladas brilhantes,
 E que visita Paphos
 Sobre o carro que tiram alvos cisnes :
 Terá tambem a Noite.
 A merecida parte em nossos cantos.

ODE XXIX.

▲ MECENAS.

PROGENIE de tyrrhenos reis, Mecenas,
 Para ti dece vinho, em pipa intacta,

Ha muito tenho, e rosas,
E de bálono essencias,
Só para os teus cabellos.

Subtrahe-te ao que te prende: — não contempeles
Da risonha Tibur os ágoas sempre,
E de Éxula os declives
Campos, e de Telégon
Parricida os outeiros.

Essa abundancia, que o fastio gera,
Deixa, e a torre próxima das nuvens:
O fumo e o ruido cessa
De admirar, e as riquezas,
Da venturosa Roma.

Apraz ás vêzes a mudança aos ricos;
E limpa cêa em curto lar de pobres,
Sem docel e sem púrpura,
A entristecida fronte
Lhes tem desenrugado.

Já de Andrómeda o pae o fogo occulto
Lúcido mostra: — já Procyon arde,
E a estrélla resulgente
Do râbido Leão:
O sol traz seccos dias.

Já c' o a languida grei o pastor lasso
À sombra, o rio, e de Sylvano horrendo
À espressura, busca:

Na taciturna riba
Não sopram vagos ventos.

Tu, no bem da cidade activo cuidas;
E afflito temes quanto os Séras possam
Preparar-lhe, e os Bactros,
Regidos já por Cyro,
E o discorde Tânais.

Os successos futuros, providente,
Em tenebrosa noite Deos encerra:
E ri-se do mortal
Que, mais do que é devido,
Temeroso se inquieta.

O presente gosar justo te lembra:
O mais seu curso segue, qual o rio,
Que, ora plácido corre
No leito ao mar etrusco,
Ora leva impetuoso

Rochas, avulsos troncos, rãzes, casas,
Não sem ruidoso estrépito des montes,
E dos bosques visinhos,
Quando aos rios quietos
Fero diluvio irrita.

Só viverá senhor de si e alegre
Aquelle a quem dizer, no fim do dia,
Lícito fôr: — vivi:
Ou ámanhã o polo

Cubra o padre potente

De átra nuvem, ou mostre o sol radioso,
 Não fará que se mude o que passára,
 Nem que volte de novo
 O que uma vez o Tempo
 Levára fugitivo.

A Fortuna, que folga com desastres,
E com iníquo jogo tenazmente,
 Troca as horas incertas,
 A mim ora benigna,
 Ora benigna a outro.

Louvo-a se é firme : — se as ligeiras azas
Bate, quanto me deu lhe torno ; — envolvo-me
 Em a minha virtude ;
 E honrada pobreza,
 Sem outro dote, busco.

Não sei a preces recorrer, se geme
Na procella africana o mastro, e aos votos,
 Porque de Chypre as drogas,
 E de Tyro, não façam
 O ávido mar mais rico.

Eu com o auxílio de bireme lancha,
Seguro passarei então as vagas
 Do bravo Egão, levado

Pelo vento, e o influxo
De Castor e de Pollux. (1)

ODE XXX.

A SI MESMO.

PERFIZ um monumento mais duravel
Que o bronze, e mais sublime
Que as soberbas pyramides,
O qual não podem as damnosas chuvas
Destruir, nem o Áquilo surente,
Nem a serie sem-numero dos annos,
Nem dos tempos a fuga.

(1) As quatro ultimas estrophes d'esta excellente ode, onde Horacio exprimiu em bellissimos versos o estoicismo de uma alma que o collocava acima dos caprichos da fortuna, foi objecto, como refere Walckenaer, (a) de uma lição publica pelo celebre professor Gottsched, no anno de 1757, ordenada por Frederico II quando se achava em Leipzig prestes a dar a batalha de Rosbach, que ia decidir da sua sorte. O grande guerreiro e o grande homem de letras coroado assistiu a esse acto solemne, e no dia seguinte dirigiu a Voltaire uma epistola em verso onde se achavam reproduzidas as idéas do poeta latino. — Felices os tempos em que um rei poderoso sabe prever revezes na prosperidade, e não descorçoar ao aspecto do infotunio, avaliar os principios e as maximas de rígida virtude, exprimil-as na linguagem das Musas, e dirigir o fructo de suas vigilias litterarias a um poeta philosopho! — O grande Frederico imitou n'isso, como em muitas outras cousas, o famoso herdeiro do nome de Cesar, quando, no meio dos cuidados do imperio, mostrava heroica superioridade de alma, e dirigia lisonjeiros escriptos ao cantor de Venusia. — Que estimulo para o progresso das letras! Que premio para um litterato apreciador da gloria!

(a) *Histoire d'Horace*, tom. II, pag. 94 referindo-se a Jani, *Horatii Flacci carmina*, 2. edição. Lipsiae, 1809. —

Não morrerei de todo, grande parte

De mim ha-de evadir-se

Á cruel Libitina.

Crescerei sempre, nas vindouras eras,

De novo aplauso laureado, em quanto

Subir ao Capitolio o grão pontífice

Co'a virgem taciturna.

Nas terras onde estrepitoso corre

Ó Ausido violento,

Nas áridas campinas,

De agoa carecedoras, onde Dauno

Reinou potente sobre agrestes povos,

Dir-se-ha de mim, que, de uma baixa origem,

Tornando-me preclaro,

Fui o primeiro que os cadentes versos

Apropriei eólios

Aos italos accentos. •

Toma a nobre altiveza a que, Melpómene,

Te dá direito o mérito supremo,

E favoravel minha fronte cinge

Com o délfico louro. (1)

(1) Esta éde fechou a collecção que Horacio publicára no anno de Roma 736, e á qual serve de epílogo. Não se illudiu o grande lyrico romano: erigiu com efeito á sua memoria um monumento mais durável que o bronze e mais alto que as soberbas pyramides. Não morreu de todo: — a sua glória, como disse um escriptor illustre, excede até as suas pre-dicções e esperanças. Ha muitos seculos que deixou de subir o pontífice, com a silenciosa vestal, ao Capitolio; mas o nome de Horacio tem crescido sempre novo nos aplausos das gerações que lhe sucederam: — os seus delicados e harmoniosos versos são lidos ainda com prazer nas margens do Tíbre e do ruidoso Ofante, e logram a estima e a admiração dos literatos do universo.

LIVRO QUARTO.

ODE I.

A VENUS.

DEPOIS de separar-me
De ti, ó Venus, desde ha tanto, ainda
Vens declarar-me a guerra?
Ah! poupa-me, te rogo, te supplico;
Não sou o mesmo que era
Sob o dominio da gentil Cynára.
Cessa, ó mãe rigorosa
Dos suaves amores, de acurvar-me
Ao poder das branduras,
Pois, no decimo lustro, é minha edade
Dura já para tanto.
Vae, vae onde te chamam dos mancebos
As maviosas preces.
Bem melhor acharás jogos, prazeres,
Na habitação de Maximo:
Corre, tirada dos fulgentes cisnes,
Ahi, se abrasar buscas
Um peito idoneo. Elle é illustre e moço,
De bom ar, eloquente

Na desfesa dos reos desfotunados,
 E possue mil industrias
 A levar proprias da milicia tua
 Mui longe os estandartes.
 Elle assim qu' sentir cheio de gosto
 Que pode mais que as dádivas
 Do seu rival grandiosas, uma estatua
 Eregar-te-ha marmorea,
 Junto do lago Albano, em cítreo templo.
 Ahi, profuso incenso
 Lisonjeará continuo o teu olsato:
 E da lyra e da tibia
 Phrygia deleitarão os teus ouvidos,
 Co'a mistura de versos,
 Os harmonicos sons, e os sons da flauta.
 Ahi, co'as tenras virgens,
 Louvando-te os meninos vêzes duas
 Em o dia, tres vêzes
 Baterão c'o alvo pé, dançando, a terra,
 Á maneira dos Salios.
 Eu, nem tenho dilecta, nem mancebo
 Sou já, nem a esperança
 De mutuos fogos crêdula me anima,
 Nem beber à porfia,
 Nem a fronte coroar de novas flores.
 Mas porque,
 Ah! porque correm pelas faces minhas
 Ainda algumas lágrimas?
 Porque interrompe as vozes minha lingua
 Que era facunda tanto,
 E n'um silencio vergonhoso fica?

Cuido, em sonhos nocturnos,
 Já vêr-te; — já seguir do campo marcio
 Pela relva teu vôo,
 Já, ó cruel, pelas instaveis ondas.

ODE II.

A JULO ANTONIO.

A QUELLE que emular Píndaro tenta,
 Quer em azas de cêra, obra dedalia,
 Librar-se, ó Julo, para dar seu nome
 Aos vítreos mares.

Qual rio, que, das chuvas engrossado,
 Dos montes corre e excede as notas margens,
 Ferve e a facundia pela boca immenso
 Píndaro solta.

Merce sempre os apollíneos louros,
 Ou nos audazes dithyrambos novas
 Vozes empregue, com cadencias livres
 Das leis do metro;

Ou cante os deoses, e os, dos deoses sangue,
 Reis que aos Centauros justa morte deram,
 E da Chimera horrifica extinguiram
 A viva chamma;

Ou os que a palma elêa a casa torna
 Divinos cante, ou o cavallo e o athleta,
 E com dádiva os honre mais distincta
 Que cem estatutas;

Ou o joven roubado á esposa flebil
 Chore, e aos astros seu valor e espirito
 E aureos costumes alevante, e do Orco
 Negro o resalve.

Sempre que o cisne dircêo vôa, Antonio,
 Aura perenne o leva ás altas návens :
 Eu, á maneira da Matina abelha ,
 Que o succo tira

Com mil fadigas do tomilho grato,
 Nos verdes bosques e nas frescas ribas
 Da humida Tibur, penosos versos
 Componho humilde.

Tu com mor plectro , cantarás canoro
 Cesar, de louro merecido ornado ,
 Quando arrastar pela collina sacra
 Feros Sieambros :

Nada mor que elle , nem melhor , á terra
 Os fados deram e os benignos deoses,
 Nem hão-de dar , inda que os tempos de ouro.
 Priscos renasçam.

Os ledos dias , publicos festejos .

**Cantarás da cidade, pela vinda
Do forte Augusto realisada, e o fôro
De pleitos livre.**

**Então, se a minha debil voz é digna
De ouvir-se, á tua juntarei, gritando:
Ó dia pulchro! ó memoravel dia
Que entrar vés Cesar!**

**E ao (!) marchar do triumpho, muitas vêzes
« Viva diremos, eu e toda Roma,
« Viva o triumpho! » e incenso aos pios deoses
Tributaremos.**

**A ti dez touros, e outras tantas vacas,
Cumpre offertar: — um novilhinho tenro
Que, a mãe deixando, em largos pastos cresce,
Enche meus votos;**

**Na fronte imita os encurvados fogos
Da lua quando ao tercio dia nasce;
Orna-lhe a testa nivea estrélla; — o corpo
É todo leuro.**

(1) Leio *Tunque dum procedit*, com Sandon: — elle nota com razão que os que iem procedis e o resien a triumpho, obligam a fazer o poeta um eostrophe bem singular, especialmente tratando-e de um tempo futuro. O doutor Antônio Ribeiro dos Santos tambem assim o entendeu. —

ODE III.

A MELPOMENE.

A QUELLE que ao nascer vires, Melpómene,
 Com meigos olhos plácidos,
 Não se fará esclarecido athleta
 Em o isthmio certame;
 Nem, tirado por férvidos cavallos,
 Irá, victorioso, em carro grego;

Nem gentilezas bellicas famosas
 No Capitólio excelso
 O mostrarão guerreiro illustre, ornado
 Das apollíneas folhas,
 Por haver abatido heroicamente
 Des orgulhosos reis os feros túmidos;

Mas da fertil Tibur as frescas aguas,
 E dos bosques amenos
 A espessa rama, o tornarão preclaro
 Na poesia eólica.
 De Roma, soberana das cidades,
 Dignam-se os filhos ajuntar-me aos córos,

Amaveis sempre, dos eximios vates.
 Já o dente damnoso
 Da negra inveja menos me remorde.
 Ó tu, que os sons harmonicos
 Da aurea lyra temperas, branda Musa!
 Tu, que dar poderias, se quizesseis,

A doce voz do cisne aos mudos peixes !
 A ti, a ti só devo
 Ser c' o dedo apontado, dos que passam,
 Como distinto mestre
 Da cythara romana : — o que respiro,
 O que agrado (se agrado), é mercê tua.

ODE IV.

LOUVORES DE DRUSO.

QUAL a ministra alígera do raio,
 A quem Jupiter dera, rei dos deoses,
 Dominio sobre as vagas aves, tendo
 A sua fé provado
 No louro Ganymedes ;

Que o paterno vigor e a mocidade
 Tiram do ninho, ainda ignara, e aprende,
 Cessada a verna chuva, a librar tímida
 Em os ventos as azas,
 Dando insolitos vôos ;

Depois com sérvido ímpeto, inimiga,
 Se lança sobre o aprisco das ovelhas ;
 E, ávida emfim de preza e de combates,
 Cabe furiosa sobre
 Os reluctantos dragos :

Ou qual tenro leão, que as lactens tetas
 Da fulva mãe deixára ainda ha pouco,
 Da cabra é visto, ao ledo pasto attenta,
 Que vae perder a vida
 Entre os seus novos dentes :

Tal junto aos Alpes, agitando a guerra,
 Viram a Druso os Rhetos e os Vindelicos,
 Que armam a dextra, por costume antigo,
 Da amazonia secure :
 Não indaguei a origem :

Nem é dado ao mortal o saber tudo !
 Mas suas tropas vencedoras sempre
 Por dilatado tempo, alsim vencidas
 Pelo esforço e prudencia
 Desse joven, sentiram

Quanto o espirito pode, quanto o genio
 Nutrido em faustos sacrosantos Lares,
 Quanto de Augusto venerando pôde
 A paternal tenuura
 Em os mancebos Neros.

Dos bons e fortes bons e fortes nascem :
 Traz nas veias o vitulo, nas veias
 O poldro traz, o mesmo ardor paterno :
 Nem as aguias ferozes
 Timida pomba geram :
 Mas a virtude ingénita promove

Sabia doutrina : — fortalece os peitos
 Cultura recta : — se os costumes sultam ,
 A boa natureza
 Contaminam os vicios.

Quanto devas , ó Roma , aos bravos Neros ,
 O rio Metauro e o vencido Asdrubal
 O testificam , e o primeiro dia
 Que , afugentando as sombras ,
 Risonho trouxe ao Lacio

A alma abundancia , apôs que o Africano
 Cruento pelas italias cidades
 No seu frisão corrêra , como o fogo
 Por tedas corre , ou Euro
 Pelas sículas ondas.

Desde então a romana mecidade
 Sempre cresceu em gloriosos feitos ,
 E os templos santos , que assolára a guerra
 Impia dos Penos , viram
 Seus deoses restaurados.

Disse o mesmo a final pérido Annibal ,
 « Quaes cervos , preza de vorazes loubos ,
 « Esses buscamos por vontade propria
 « Que evitar destramente
 « Fôra rico triumpho.

« E' a nação que de Ilión em cinzas ,
 « Por entre as furias do mar tusco irado ,

¶ As cidades da Ausonia conduzira

« Seus deuses, e seus filhos,
« E seus edosos padres.

« Qual por dura bipenne decotado

« Da negra rama o azinho em fertil Álgido,

« Dos mesmos danos, das feridas mesmas

« Que lhe fzero o ferro,

« Animo e forças tira.

« Não recresceu mais vigorosa a hydra

« Depois de mutilada contra Alcides,

« Que o ser vencido sente, nem um monstro

« Maior brotara Colchos

« Ou a Echonia Thebas.

« Lança-a no abysmo, surgirá mais clara:

« Pugna com ella, d'antes sempre invicto,

« Derrotado serás com gloria sua,

« E travará combates

« Fallados das esposas.

« Eu já não mandarei vangloriosos

» Correios a Carthago: — morto Asdrubal,

« Acabou, acabou, nossa esperança,

« Nosso nome preclaro,

« Toda a nossa fortuna. »

Nada ha que as claudias forças não consigam;

Jove as escuda com favor benigno:

E a solerte prudencia cuidadosa

As retira dos trances
Arriscados da guerra.

ODE V.

▲ AUGUSTO.

Ó DA GENTE romúlea optimo guarda,
De bons deoses nascido !
Já nimio-dilatada é tua ausencia :
Tu que ao consilio santo
Prometteste dos padres
Tornada prompta, volta.

A luz, principe exelso, á tua patria
Benigno restitue :
Pois fulgurando tua face ao povo,
Qual primavera, os dias
Mais bellos apparecem,
E o sol mais radioso.

Qual a mãe, que suspira pelo filho,
Ao qual o ínvido se pro
Retem do Noto alem das crespas ondas
Dos carpathicos mares,
Ha mais de um anno, longe
Do doce patrio ninho,

Por augurios, por supplicas e preces,

Anciosamente o chama,
Nem retira da curva praia os olhos ;
Assim, ferida a patria
De vividas saudades
Fieis, a Cesar busca.

Sub os teus óhos, pelos verdes prados
O boi vaga seguro :
Céres nutre, e a feliz Fecundidade,
De amp'as messes os campos :
Em paz navega o nauta :
A Fé treme da culpa.

Livre é de marchas a familia honesta :
Torpe vicio o costume
E a lei domaram : — as feições da prole
São das mães o elogio :
Cahe a pena severa
Rapida sobre o crime.

Quem teme os Parthos ? Quem os Scythas gélidos ?
Quem esses formidaveis
Moços que gera a horrida Germania ?
Quem as guerras sanguineas
Da ensurecida Iberia ,
Estando Cesar salvo ?

Cadaum o dia em seus outeiros passa ,
E co' as viuvas árvores
Marida as vides. D'ahi volta a'egre
A saberiar os vinhos ,

E, nas m^{as}as segundas,
Um deus te reconhece.

A ti preces dirige, derramando
Da taça o licor puro.
E teu nome mistura c' o dos Lares;
Como, reconhecia,
O de Castor a Grecia,
E o do grande Alcides.

Oh! possas tu dar, príncipe famoso,
Ocio longo á Hesperia!
Isto dizemos quando nasce o dia,
Inda em jejum: — dizemos,
Tendo bebido, quando
No mar o sol se esconde.

ODE VI.

A APOLLO.

Ó deos potente, que sentir fizeste.
Á prole de Niobe,
Sêres das linguas vingador soberbas,
Bem como ao raptor Ticio,
E ao mesmo Achilles próximo de ver-se.
Vencedor d'alta Troia,
Superior aos demais, a ti somente
Inferior soldado,

Bem que , filho de Thetis , com a lança
 Abalasse tremenda-
 Guerreiro valoso as torres dárdenas.
 Ele , como o pinheiro
 Pelo ferro mordaz ferido , ou como
 O cypreste arrancado
 Pelo Euro fervido , cahiu , e o collo
 Reclinou no pó teucro.
 Ele encerrado não iria astuto
 No enganoso cavallo ,
 Que sagrado a Minerva se fingiu ,
 Illudir os Troianos ,
 E de Príamo a corte , descaidada
 Entre festas e danças ;
 Mas ás claras feroz nas chamas gretas
 (Ai , que !orror !) aos vencidos
 Queimaria os filhulos balbucientes ,
 E até os inda occultos
 Nas maternaes entranhas , se , movido
 Dos rogos teus e preces
 De Venus carinhosa , o pae dos deoses
 Não concedesse a Eneas
 Ir os muros fundar d'outra cidade
 Com mais feliz auspicio.
 Divino Phebo , tanzedor da cythara ,
 Que a canora Thalia
 Ensinas , e no Xantho undoso banhas
 Os teus louros cabellos ,
 Formosissimo deos , deseade a honra
 Da camena latina.
 Phebo me deu o engenho , deu-me Phebo

A arte dos versos, deu-me
 O nome de poeta. Vós, ó virgens
 Ilustres e meninos
 De claros paes nascidos, que escudados
 Sois pela delia deosa,
 A qual, co'as setas que seu arco lança,
 Suspende na carreira
 Os lynxes velocissimos e os cervos,
 Segui o lesbio rhythmo
 E as cadencias harmónicas que fere
 O meu polgar na lyra.
 Cantai solemnemente o filho excuso
 De Latona e da deosa
 Que a noite acclara com a luz crescente,
 Que a terra fertilisa,
 E rápida em seu curso os mezes volve.
 Entre o laço das nupcias
 Dirá cadauma : — « Eu recitei os versos,
 « Nas festas seculares,
 « Que docil aprendi do vate Horacio,
 « Versos gratos aos deoses. »

ODE VII.

▲ TORQUATO.

RETIRARAM-se as neves : — já revertem
 As verduras aos campos,
 E ás arvores as folhas :

Muda de face a terra, e ao longo os rios
Das proprias margens, decrescentes, correm.

Ousam as Graças já formar co'as Nymphas
Ligeiras danças, nuas:
O anno fugitivo,
E a hora roubadora do almo dia,
Que nada esperes immortal te advertem.

O frio os zephyros temperam: — calca
A primavera o estio,
Que ha-de acabar apenas
O pomifero outono der seus fructos;
E logo a bruma voltará inerte.

Com tudo os damnos celestiaes as luas
Pressuerosas reparam:
Nós assim que cahimos
Onde Fnêas piedoso e o rico Tullo
E Anco cahiram, somos pó e sombra.

Quem sabe se unirão os altos deoses
Ao numero des dias
Hodierno o dia crástino?
Tudo ás mãos fugirá do ávido herdeiro
Que dado houveres a alegrar teu animo.

Como uma vez morrêres, e a solemne
Sentença te der Minos,
Não poderão, Torquato,
Nem a linhagem, nem a eloquencia,

Nem a piedade , restituir-te a vida.

**Pois nem Diana mesma conseguiu
Da infernal negra estancia
Salvar o casto Hippolyto ;
Nem Thesão as letaes cadeias pôde
Despedaçar ao seu caro Piritheo.**

ODE VIII.

A C. MARCIO CENSORINO.

Eu dera , Censorino , voluntario,
Aos meus amigos taças primorosas
E bronzeos lindos vasos , dera trípodes
Que premio foram dos valentes Gregos ;
Nem tu terias dádivas menores ,
Se rico eu fôra d'essas obras-primas
Que sahiram das mãos cu de Parrahasio ,
Ou de Scopas , em pedra este formando ,
E aquelle em quadros com as soltas tintas ,
Insignemente ora homens , ora deoses .
Mas eu não posso tanto ; nem te faltam
Cousas de preço tal , nem mais desejas .
Prazem-te versos , versos dar-te posso ,
E a estimação da dádiva dizer-te .
Os publicos letreiros insculpidos
Em mármore que o alento e a vida tornam
Aos grandes capitães depois da morte ;

A rápida fugida e as ameaças
Do retrógrado Annibal repellidas ;
Os incendios da pérvida Carthago ;
Não, mais lucidamente não indicam
Os louvores do grande heroe que d'Africa
Subjugada voltou com nome illustre ,
Que as Musas de Calabria sonorosas.
Não terás digno premio se os escriptos
Os teus feitos magnificos callarem.
Que seria do filho esclarecido
De Ilia e Mavorte , se invido silencio
Os méritos de Rómulo occultára ?
A virtude , e o favor , e a voz potente
Dos harmonicos vates conseguiram
Tirar Eáco das estygias ondas ,
Consagrando-o nas ilhas fortunadas.
O distincto varão de louvor digno
Morrer não deixa a Musa :— a Musa o adita
Alçando-o ao ceo. Assim de Jove á mësa
Assiste , desejada , Hercules forte ;
As destroçadas naus do abysmo equoreo
Os Tyndárides salvam , astros lúcidos ;
E Baccho , ornado de viçosos pampanos ,
Dá successo feliz a nossos votos.

ODE IX.

A LOLLIO.

Não creias que hão-de perecer os versos,
 Feitos por arte não sabida d'antes,
 Que eu, nascido no solo onde ruidoso
 Corre o Áusido, canto
 Para ajustar ás cordas.

Não, se o vate meonio, o grande Homero,
 Tem o logar primeiro, não se occultam
 De Pindaro e de Céos as camenas,
 Nem a de Alcto minace,
 E a grave de Stesichoro.

Nem os versos graciosos que cantára
 Anacreonte, destruíu o tempo.
 Inda respira amor, os fogos vivem,
 Que á lyra confiára
 A poetiza eólica.

Não foi a espartana Helena a unica
 Que ardéra pelo adulterio, admirando
 Seus formosos cabellos, seus vestidos
 De curo ornados, a pompa
 Regia sua, e cortejo.

Tevcro não foi o que atirou primeiro
 Do arco cídonio as setas: — combatida
 Não foi Ilion uma so vez: — não foram

Idomeno e Sthenelo
Os que unicos travaram

Combates dignos de louvor das Musas :
O fero Heitor, ou fervido Deiphobo,
Não foram os primeiros que sofreram
Pelas castas esposas
E filhos duros golpes.

Antes de Agamemnon, viveram muitos
Bravos guerreiros ; mas em longa noite,
Por lhes faltar a voz de um sacro vate,
Jazem todos ignotos,
Sem tributo de lagrimas.

Pouco dista da inercia sepultada
A escondida virtude. Não, ó Lollo,
Eu não te deixarei em meus escriptos
Sem elogio claro,
Nem sofrerei que fiquem

Os teus illustres primorosos feitos
No esquecimento livid' submersos.
Animo tens, prudencia nos negccios,
E és, cu nos felices
Ou dubios tempos, recto.

És vingador da fraude e da avareza :
O dinheiro, que tudo arastrá, evitas :
E as virtudes de consul não somente
Execlitas num anno

Mas sempre que preferes,
 Juiz inteiro e fido, o honesto ao util,
 E que rejeitas com aspecto altivo
 Os presentes dos maus, e que, por entre
 Oppostas filas, levas
 Victorioso as armas.

Não chamarás ditoso rectamente
 Ao que muito possue: com mais justiça
 O nome de ditoso quadra áquelle
 Que sabe usar sapiente
 Das dádivas dos deoses;

 Que sabe soportar dura pobreza
 Com sofrimento, e que receia o crime
 Mais do que a morte: — elle perder não teme
 Pelos caros amigos,
 Ou pela patria, a vida.

ODE X.

A LIGURINO.

Ó tu cruel ainda,
 E os mimos de Venus poderoso;
 Quando o inverno da vida, inesperado, (1)

(1) *Leio bruma, e não pluma* da lípão vulgar, por causa da exactidão

Saltear teu orgulho,
E os cabellos, que ondêam
Por teus hombros, cahirem;

Quando a cõr que ora ostentas,
Bella mais que a punicea flor da rosa,
Se demudar, tornando, Ligurino,
A face tua horrenda,
Dirás, sempre que outro
Ao espelho te vires,

Ah! o siso que tenho
Presentemente, por que não o tive
Quando menino? ou, quando o tenho agora,
Porque não voltam puras
De novo ao meu semblante
As bellissimas graças?

ODE XI.

A PHYLLIS.

Eu tenho, ó Phyllis, do licor Albaro
Um tonel cheio que annos nove excede:
Tenho aipo no jardim para grinaldas,

do raciocinio. *Bruma* significa muitas vezes inverno, e metaphoricamente o inverno da vida ou a velhice. *Pluma*, buço, lanugem, apresenta aqui gravissima incoherencia de idéas. Com *bruma* fez o raciocinio de Horacio muito bem seguido. Assim o entendeu tambem Bentlei, Sanadon, Duchemin, e Elpino Duriense.

Tenho grão copia de hera
Com que, prendendo os teus cabellos, brilhas.

Ri-se a casa co'a prata: — o altar espera,
Ornado de verbena, o sangue esparso
De immolado cordeiro: — serve a gente:
De mistura se agitam,
D'aqui, d'ali, os moços e as creadas.

Ondas de sumo denegrido lançam
Trémulas chaminas, ondeando, ao tecto.
Queres saber a festa a que te chamo?
De celebrar o dia
Dos idos que de abril o mez reparte,

Sacro á mariinha Venus, tens risonha.
É justamente para mim solemne,
Sagrado mais que o natalicio proprio,
Este alvo dia: — é d'elle
Que o meu Mecenas os seus annos conta.

Telepho, que amas, não nasceu por certo
Para o gozares, e em cadeias doces
Preso é de dama deliciosa e rica.
Esperanças avaras
Phaetonte abrasado atemorisa:

E o alígero Pégaso, arrojando
O peso do mortal Bellerophonte,
Um gravíssimo exemplo te oferece
Para que te decidas

A seguir sempre o que de ti é proprio:

E achando crime o conceber desejos
 Mais do que é lícito, evitar procures
 Desegual alliança. Ah! vem, ó Phyllis,
 Meus unicos amores,
 Pois não suspirarei por mais nenhuma:

Vem aprender de mim os doces versos
 Que tens de repetir suavemente
 Na dulcissima voz: — os versos podem
 Diminuir sonoros
 Os acerbos durissimos cuidados.

ODE XII.

A VIRGILIO.

JÁ os que o mar temperam thracios sopros,
 Socios da primavera, as vélas enchem:
 Já não estão cobertos
 De gelo os prados, nem ruidosos sôam,
 Co'a neve hyberna túrgidos, os rios.

Faz o seu ninho, deplorando a Itys
 Anciosa, a infeliz ave, opprobrio eterno
 Da cecrópia familia,
 Por ter de um rei as bárbaras torpezas
 Com crueldade insólita vingado.

Na verde relva , ao som da gaita , cantam
 Os pastores das nédias ovelhinhas
 Os seus rusticos versos ,
 Que deleitam o deos a quem rebanhos
 E as collinas da Arcadia negras prazem.

Trouxe a ardente estação , Virgilio , a sêde :
 Mas , ó de moços inclitos dilecto ,
 Se o vinho generoso
 Beber desejas espremido em Cales ,
 Vem co'a essencia do nardo merecêl-o.

Um vasinho de nardo terá força
 De atrahir um tonel que ora descança
 Na adega de Sulpicio ,
 Cujo licor larguêa esp'ranças novas ,
 E desterra esfícaz duros cuidados.

Se o prazer de o provar aspiras , rápido
 Vem com teu mimo. Não , eu não consinto
 Que dos meus copos bebas
 Sem que co' alguma dádiva concorras ,
 Á maneira do rico em casa farta.

Mas a detença e o amor do lucro deixa ;
 E á memoria trazendo , em quanto é lícito ,
 As denegridas chammas ,
 Mistura co' a razão breve estulticia :
 É doce enlouquecer um pouco a tempo.

ODE XIII.

A LYCIA.

OUVIRAM, Lycia, os deoses os meus votos,
 Os deoses, Lycia, ouviram-me:
 Fazes-te velha, e queres
 Inda comtudo parecer fôrmosa:
 Brincas e bebes
 Sem algum pejo.

COM e tremulo eanto, bem bebida,
 A ti Cupido chamas,
 Mas elle é surdo: — fica
 Nas pulchras faces da mimoso Chia,
 Que insigne canta
 E a lyra pulsa;

Pois inquieto por carvalhos áridos.
 Passa voando; e fôge-te
 Porque os lúridos dentes,
 Porque as rugas da face, e os cabellos
 Embranquecidos,
 Te desfiguram.

Nem já de Cós a purpura brilhante,
 Nem as fúlgidas pedras,
 Restituir-te podem.
Os annos que uma vêz rapido o Tempo
 Assigno 'ára
 Nos fastos publicos.

Para onde fugiu tua belleza?
 Ah! tua cõr para onde?
 Para onde o ar mimoso?
 Que tens d'aquellea que exhalava amores,
 D'aquellea Lycia
 Que me enlevára?

Eras, apõs Cynara, a mais formosa,
 Pelos mimos do gesto
 E graças conhecida:
 Mas brevissimos annos a Cynara
 Os fados deram,
 E vida a Lycia

Mui diurna destinaram, como
 A da gralha decrépita,
 Porque, não sem se rirem,
 Pudessem vêr os lèrvidos mancebos
 Tornado em cinzas
 O ardente facho.

ODE XIV.

A AUGUSTO.

QUE cuidado dos padres,
 E do romúleo pôvo,
 Fará que cheguem ás vindouras eras
 Com amplas honras ás virtudes tuas,

Augusto, eternisando-as
Por inscrições e memoraveis fastos?

Ó tu o mor dos principes
Das terras habitaveis,
Que o sol c'os raios luminosos lustra,
De quem, pouco ha, souberam os Vindelicos,
Da lei latina isentos,
Quanto de Marte no exercicio podes:

Pois Druso, com o auxilio
De teus bravos soldados,
Mais de uma vêz desbaratou acceso
Os Genaunos indómitos, e os Breunos
Rápidos, e os castellos
Postos nos cumes dos tremendos Alpes.

Pós elle, o mor dos Neros,
Grave prelio travando,
Desfez com fausto auspicio os feros Rhetos:
Digno de ver-se no marcial certame
Fatigar com estragos
Os votados á morte peitos livres.

Qual o Austro revolve
As bravas ondas, quando
Das Pleiades o côro as nuvens rasga,
Tal fervoroso as inimigas turmas
Elle persegue, e lança
Por entre os fogos seu frisão fremente.

Bem como o tauriforme
 Ásido estrepitoso,
 Que de Dauno apulhez os reinos banha,
 Quando levanta ensurecido as vagas,
 E arruinar medita
 Com horrido diluvio os cultos campos;

Assim Claudio impetuoso
 Os esquadrões dos barbaros,
 Revestidos de ferro, desbarata,
 E, os primos e ultimos segando, a terra
 De cadáveres junca,
 Sem damno proprio vencedor glorioso.

Tu as válidas tropas,
 Teus conselhos, teus deoses,
 Lhe ministraste, pois no dia mesmo,
 No dia memorando, em que seus portos,
 E seu paço deserto,
 Alexandria supplice te abrira,

A prospera fortuna,
 Em o terceiro lustro,
 Este exito da guerra venturoso
 Te concedeu, os inelitos triumphos
 Aloançados coroando
 Com tão sublime desejada gloria.

O Cantabro, que d'antes
 Nunca domado fôra,
 E o Medo, e o Indio, e o vagabundo Seytha,

Respeitosos te admiram, ó presente
Protector desvelado
De Italia e Roma capital do mundo !

O Nilo, que as origens
Esconde copiosas,
E o Istro, e o Tigre rápido, e o Oceano,
Onde respiram formidaveis monstros,
Que estrepitoso bate
Em as costas britannicas remotas;

A Gallia, que despreza
Sempre impávida a morte,
E a dura Iberia, tuas leis escutam:
Os Sicambros, que bárbaros se alegram
Co'as scenas sanguinosas,
Depondo as armas, curvos te veneram.

ODE XV.

A AUGUSTO.

D ESTINANDO eu cantar as marcias lides,
E as vencidas cidades,
Phebo com sua lyra
Me advertiu que não fosse curtas vélas
Soltar ao mar Tyrrheno.

O teu reinado, Cesar, trouxe aos campos

Fertilissimas messes ;
 E as bandeiras , tiradas
 Dos umbraes soberbissimos dos Parthos ,
 Tornou ao nosso Jove.

Fechou de Jano , exticta a guerra , o templo :
 Deu a tudo ordem recta ,
 Refreou a licença ,
 Os vicios removeu, e deu alento
 Às antigas virtudes ,

Com que o nome latino e as forças italias
 Crescêram , dilatando
 A fama e a majestade
 Do imperio desde a região hesperia
 Até onde o sol nasce.

Sob a guarda de Cesar , não , não pode
 Guerra civil ou força ,
 Ira , que espadas forja ,
 E imigas torna míseras cidades ,
 A doce paz roubar-nos.

Nem os que bebem no Danubio fundo ,
 Nem os Getas , ou Séras ,
 Nem os infídos Persas ,
 Nem os nascidos junto ao rio Tánais ,
 Romperão as leis julias.

Nós , entre os mimos do jecoso Baccho ,
 Nos sacios e profanos

Dias, tendo primeiro
Orado pios, com os filhos nossos
E matrenas, aos deoses,

Unindo aos sons da flauta lydia os versos,
De nossos paes a exemplo,
Os capitães famosos,
E Troia, e Anchises, e a progenie illustre
De Venus, cantaremos. (1)

(1) Este livro quarto das odes, como já se advertiu, foi publicado por Horacio mesmo, que o reuniu á anterior colecção, provavelmente no anno de 744, já proximo ao do seu falecimento. As odes IV e XIV, dedicadas aos louvores de D'uso e de Tiberio pelas victorias que alcançaram dos Rhetos e dos Vindelicos, e que são na realidade obras-primas no seu genero, foram pedidas propriamente por Augusto, com grande honra do poeta, que por isso se deliberou a inserir-as em novo livro, publicando esta ultima colecção. — Consta isto de Suetonio, como de Acron e Porphyrión, e é referido por Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, tom. II. pag. 370, e Vanderbourg, *Les Odes d'Horace*, tom. II, pag. 280.

LIVRO QUINTO.

DOS EPODOS. (1)

ODE I.

A MECENAS.

IRÁS, caro Mecenas, nas liburnas
Naus afrontar as de alterosas torres,

(1) Os sabios commentadores, 'affirmando em geral não ter sido este livro V. publicado por Horacio, mas sim pelos grammaticos depois da morte do autor, discordam muito sobre a significação do titulo' que lhe deram.

Dacier, na primeira nota d'este mesmo livro, referindo-se a *Marius Victorinus*, que vivera no 4º seculo, diz que, constando a *ode*, na poesia lyrica dos Gregos, de *estrophe*, *antistrophe* e *epodo*, sendo o *epodo* o fim e remate da *ode*, d'ahi nasceu chamar-se *epodo* o pequeno verso dumetro jambico posto depois de um grande jambico trimetro completando-lhe o sentido que se achava suspenso; e como no texto as dez primeiras odes d'est livro estao precisamente n'esse caso, é o motivo porque se lhe chamara o *dos epodos*.

Vanderbourg (11. — 549) referindo circunstancialmente, em uma grande nota de vastissima erudição, as diversas opiniões dos escoliadores, antigos e modernos, sobre o titulo d'este livro, e sobre as razões fortes que Horacio deveria ter para não publicar a maior parte das peças que n'el-le comprehende, fritas na sua mocidade e envolvendo satyras e principios que a prudencia condemnava ao silencio, conclue que lhe parece muito mais provavel ser a denominação do livro tirada da natureza dos pequenos versos *epodos*, o que tem em seu favor o testimonho dos escoliado-

A livrar prompto do perigo todo,
C' o proprio teu , a Cesar.

Eu que farei , a quem sendo tu salvo
É grata a vida , de contrario dura ?
Por teu mandado ficarei n'um ocio
Que só comtigo é doce ?

Ou antes sofrerci essa fatiga
C' o valor proprio de varões valentes ?
Sofrerei ; — e dos Alpes pelos cumes ,
Pelo inhospito Caucaso ,

Ou té o ultimo golfo do Occidente ,
Te seguirei com esforçado peito.
Perguntarás de que servir-te posso ,
Imbeile e pouco firme ?

res de Horacio e dos antigos grammaticos , e se estende de direito a dezenas de peças , o maior numero ; e que , a seguir-se os autores que chamam *epodo* todo o pequeno verso depois de um grande , qualquer que seja o metro , não ha mais que duas peças d'este livro e os jambos contra Canidia que escapam á definição .

Duchemin , (1. — 407) entende que este livro recebeu o nome de *epodos* , seja por causa do lugar que occupa *depois das odes* , seja antes da desegualdade dos versos , os quais são arranjados de maneira que cada verso grande é seguido de um pequeno , chamado *epodo* , bem que algumas peças ahí inseridas , não tenham esse carácter .

Vê-se pois , segundo os melhores escholiastes e traductores , que o titulo de *epodos* não foi dado a este livro por Horacio , que o não publicou , mas sim pelos grammaticos quando colligiram e arranjaram do modo em que se acham as odes que elle comprehende , prolocuções , na maior parte , da mocidade do autor , e todas condennadas por elle ao silencio ; e que os grammaticos lhe deram esse titulo em razão do verso pequeno , chamando *epodo* , que se segue a um verso grande n'essas composições lyricas , com pequena excepção .

Terei ao lado teu menos receios,
 Que agitam mais a quem ausente vive:
 Qual ave que, aninhando implumes filhos,
 Teme o assalto da cobra,

E mais se os deixa, bem que os não socorra
 Melhor presente. N'esta e em toda a guerra
 Militarei gostoso, na esperança
 De teu favor benigno:

Não para que se prendem mais novilhos
 Aos meus arados, ou o gado mude,
 Antes do Sírio férvido, os lucanos
 Pelos pastos calábrios;

Nem para que de Túsculo alto os muros
 Toque circos o meu casal: — bastante,
 E já demais, teu animo benéfico
 Me tem enriquecido.

Eu não desejo amontoar thesouros
 Que, ou debaixo da terra esconda aváro,
 Como Chremes, ou pródigo dissipe
 Como devasso neto.

ODE II.

LOUVORES DA VIDA DO CAMPO.

Diroso o que, afastado dos negócios,
 Como os mortaes antigos,
 Com seus bois os paternos campos lavra,
 De toda a usura livre:
 Nem, soldado, o desperta a serra tuba,
 Nem teme o mar ioso:
 Evita o fôro, e os pórticos soberbos
 Dos cidadãos potentes.
 Assim, ou com as varas das videiras
 Marida os altos choupos,
 Ou os ramos das árvores inuteis
 Com a foice podando,
 Mais castiços enxerta, ou vê errantes
 Em valle retirado
 Os mugintes rebanhos, ou os meles
 Dos favos espremidos
 Recolhe em limpas talhas, ou tosquia.
 As deheis ovelhinhas.
E quando o Outono levantou nos campos
 A cabeça coroada
 De brandes pomos, como alegre colhe
 As peras que enxertára,
E as uvas, que co'a purpura competem,
 Para que a ti, ó Priapo,
 As offereça, e a ti, padre Sylvano,
 Guardador das extremas!
Já sob azinho edoso jaízer folga,

Já na viçosa relva :
 Cähem no entanto de alta ripa as aguas ;
 No bosque as aves gemem ;
 Brandas fontes murmuram ; o que tudo
 Convida a doce somno.
 Mas quando o inverno do tonante Jove
 Ajunta o frio e as nevoas ,
 Ou feros javalis a oppostas malhas
 D'aqui d'alli acossa
 Com numerosos cães , ou rôdes raras
 Em a subtil varinha
 Arma aos tordos vorazes enganosas ,
 E a pávida lebre
 E o grou de arribação no laço colhe ,
 Recompensa jucunda.
 Quem não esqueceria , entre estas còusas ,
 Os tûrbidos cuidados
 Que gera o vivo amor ? Se em parte cuida
 A esposa virtuosa
 Da casa e doces filhos (qual Sabina
 Ou do ágil Apulio
 Mulher dos soes crestada), e o sacro fogo
 Com sêcca lenha accende
 Quando o lasso marido se recolhe ,
 E entre tecidas sebes
 Fechando o ledo gado , as retesadas
 Tetas sécca , e , tirando
 Da doce cuba o vinho novo , apresta
 Não comprados manjares ;
 Não me aprazêram mais ostras lucrinas ,
 Ou rodovalho ou sargos ,

Se proceloso das edas ondas
 Alguns a estes mares
 Lançasse o inverno. Não mais saborosa
 A meu padar seria
 Ave africana ou francolim de Jonia,
 Que a azeitona dos ramos
 Das árvores colhida mais secundos ,
 Ou a herva labaça ,
 Que os prados ama , e a malva ao grave corpo
 Sadia , ou a cordeira
 Nas festas terminaes morta , ou cabrito
 Arrebatado ao lobo.
 Entre estas iguarias , como é doce
 Vêr ir as ovelhinhas
 Correndo fartas para os seus apriscos !
 Vêr no languido collo
 Trazer os lassos bois voltada a relha ,
 E turba de crioulos ,
 De casa rica enxame , em torno postos
 Dos reluzentes lares !
 Assim havia dito Alphio onzeneiro
 Já já disposto á vida
 De lavrador , mas logo arrependido
 Em os Idos recolhe
 O seu dinheiro todo , e nas Calendas
 Trata de o pôr a juros.

ODE III.

A MECENAS,

SOBRE O ALHO.

SЕ alguém com inípia mão do pae edoso
 A garganta afogar, o alho coma
 Mais ainda nocivo que a cicuta.
 Ó estomagos duros dos ceifeiros !
 Que férvido veneno
 As entranhas me abrasa ?

Acaso me enganou vípereo sangue
 Cosido co' estas hervas ? ou Canidia
 Os maus guisados fez ? Tanto que absorta
 Medéa o capitão viu, o mais bello
 Dos argonautas, Jásón,
 Porque ligasse os touros

A ignoto jugo, indómitos, untou-o
 Com o alho ; — com elle iscou as dádivas
 Que vingativa fez á rival sua,
 Apos fugindo na serpente alada.
 Nurca desceu dos astros
 Á sequiosa Apulia

Tanto calor, nem de Hercules nos hombros
 Ardeu com maior furia o fatal mimo.
 Se tal comida, jovial Mecenas,
 Cubiçares, eu peço que teus osculos

Co'a mão afaste a nympha,
E no leito repouse.

ODE IV.

CONTRA MÉNAS,

LIBERTO DE POMPEO.

Os cordeiros não tem por natureza
Mais aversão aos lobos,
Do que eu a ti, ó Ménas, que inda trazes
As costas denegridas
Do açoite ibérico, e os sinaes nas pernas
Das ásperas cadeias.
Pestoque andes soberbo de teus ricos
Thesouros, a fortuna
Não muda a geração. Tu não reparas,
Quando vás cem a toga
De seis varas medindo a sacra via,
Como o rosto te voltam
Com solta indignação os que transitam
Por um e outro lado?
» Este, dizem, cortado dos flagelos
» Triumviraes a ponto
» De enfastiar o pregoeiro, lavra
» Mil geiras em Falerno,
» E c'os giretes calca a Apia via;
» E, grande cavalleiro,

- » Nos primeiros logares, desprezada
 » A lei de Otho, se assenta.
 - » Que aproveita que as prôas de naus tantas
 » De esporões guarnecidas,
 - » E com grave despêsa, partam contra
 » Os piratas e a turma
 - » De vis escravos, se este é, este mesmo,
 » Tribuno dos soldados? »
-

ODE V.

CONTRA CANIDIA FEITICEIRA.

- » **A**í, ó deoses, que a terra e a gente humana
» Do céo regeis! Porque é este tumulto?
 » Porque todos só fitam
 » Em mim os feros olhos?
- » Canidia, por teus filhos, se a teus partos
» Invocada assistiu veros Lucina;
- » Por esta purpura, honra inutil, peço
» Me digas, e por Jove, que estas cousas
 » Reprovará; — porque olhas
 » Para mim qual madrasta,
» Ou qual bruto ferido? » Isto queixoso
Proferindo o menino com voz trémula,

Os vestidos lhe arrancam e as insignias,
Ficando todo nú seu tenro corpo,

Que pudera dos Thracios
 Mover os impios peitos :
 Canidia , co'a cabeça desgrehnada ,
 Enleado o cabello em curtas víboras ,

 Manda que , dos sepulchros arrancadas ,
 Figueiras-bravas , súnebres cyprestes ,
 E ovos do sangue untados
 De torpe rã , e as pennas
 De nocturna coruja , e hervas nascidas
 Na Iberia e Jolcos , em venenos ferteis ,

 E os ossos da guela arrebatados
 De cadella famética , se queime
 Tudo nas chamas colchicas .
 No entretanto Sagana
 Horrida c'os cabellos hirtos , como
 Marinho ouriço , ou javali correndo ,

 Por toda a casa , arregaçada , esparge
 Aguas do Averno . De outra parte Veia ,
 Sem ter alguns remorsos ,
 Sollícita cavando
 Com o duro enxadão a terra , abria ,
 Gemendo c'o trabalho , funda cova ,

 Onde , enterrado até á barba , como
 Os nadadores a cabeça mostram
 Fora d'agua , o menino
 Fosse lento acabando
 À vista dos manjares renovados

Em longo dia duas e tres vêzes;

Afim que, apôs de extintas as pupillas
De olharem fixas o manjar vedado,

As áridas medúlas

E fígado mirrado

Fossem philtro de amor. A ociosa Nápoles
E as cidades visinhas crêram todas

Que não faltou Folia Ariminense
De lascivia viril, que ao ceq arranca,
Co' as thessalicas vozes,

As estréllas e a lua.

Canidia sera, a unha não-cortada
Roendo do polgar com dente lívido,

Que disse? ou que occultou? »Ó testimunhas

» Fieis dos meus encantos, Noite e Diana,

» Que regeis o silencio

» Quando os sacros arcanos

» Se formam, vinde agora, agora: — a ira

» Voltai e a força contra imigas casas.

» Em quanto jazem nas tremendas matas

» Em doce sonno as feras, de Subúra

» Os cães, com geral riso,

» Ladram ao velho adúltero

» Banhado todo de nardina essencia,

» Qual nunca minhas mãos melhor fizeram.

» Que aconteceu? Porquê tem meus encantos

- » Força menor que os de Medéa bárbara,
 » Esse com que, fugindo,
 » Da filha de Creonte,
- » Rival soberba, se vingou, queimando
 » Co' a capa, dom funesto, a nova esposa ?

- » Por certo que nem hervas, nem raizes,
 » Em os cêrros mais ásperos occultas,
 » Escapar-me puderam :
- » No entanto o velho dorme
- » Em cama de feitiços impregnada,
 » Esquecido de todas as amigas.

- » Ah, ah ! elle anda livre por encantos
 » De mágica mais sabia n'estas artes.
 » Ó Varo, muitas lágrimas
 » Tens de verter ! sollicito
- » A mim recorrerás, cedendo á força
 » De não-usados poderosos philtros ;

- » Nem a ti voltará o teu espírito,
 » Postoque o chamem sortilegios marsos.
 » Um maior te preparo :
 » Darei ao teu fastio
- » Um copo de bebida mais valiosa.
 » Inferior ao mar o céo primeiro

- » Se verá, superior ao céo a terra,
 » Do que por mim de amor arder tu deixes,
 » Como arde este betume
 » Em denegridas chamas. »

Após d'isto, o menino, não com vozes
Como d'antes suavíssimas, as ímpias

Procurou abrandar, mas duvidando
Como o silencio romperia, as pragas

Proferiu de Thyestes: —

- » Os sortilegios podem
- » A grande lei torcer do justo e injusto,
- » Nunca a sorte mudar ao sér humano.
- » Com diras maldições hei-de vexar-vos:
- » A dira maldição jamais se expia
 - » Com vítima nenhuma:
 - » Mas antes, expirando,
- » Condenado a mørrer, nocturna furia,
- » E sombra, buscarei com curvas unhas
- » O rosto vosso (que tem força tanta
- » Os deoses manes), e assentado sobre
 - » Os corações inquietos,
 - » Vos roubarei os sonhos
- » Com grão pavor. A vós, obscenas velhas,
- » A gentilha, d'aqui d'ali, nos bairros,
- » Com pedras ferirá. Depois os lobos
- » Repartirão, e as esquilinas aves,
 - » Os membros insepultos.
 - » E meus paes, ah! que tristes
- » Ficam a mim sobrevivendo, allivio
- » Ao menos acharão n'este espectáculo. »

ODE VI.

CONTRA CASSIO SEVERO.

PORQUE vexas, covarde contra os lobos,
Os immeritos hospedes?
Porque, ó cão, não voltas
As vans ameaças para cá, se podes,
E a mim, disposto a remorder-te, investes?

Pois eu, qual o molosso ou fulvo lacon,
Deseza dos pastores,
Por entre as altas neves,
Acossarei, erguida a orelha, a fera
Que adiante de mim fugir ligeira.

Tu, c'o ladro atroando o bosque, cheiras
A arrojada comida:
Toma, toma cautela:
Porque asperrimo as forças eu preparam
Contra os maus, investindo-os, qual o genro

Do pérfido Lycambo desprezado,
Ou o imigo de Búpalo.
Se alguem com negro dente
Ousar accometter-me, acaso inulto
Me porei a chorar como menino?

ODE VII.

AOS ROMANOS.

AONDE, aonde vos lançais, ó impios ?
 Porque as espadas, que escondidas eram,
 Nas dextras empunhais ? E' pouco o sangue
 Derramado, latino,
 Nos campos e nos mares ?

Não para que o Romano as altas torres
 Da invida Cartago incendiasse ;
 Ou para que o Britanno, ainda intacto,
 Descesse entre cadeias
 Pela sagrada via ;

Mas para que, por suas forças, Roma,
 Como os Parthos desejam, perecesse.
 Nunca tiveram tal costume os lobos,
 Nem os leões, só feros
 Contra diversa casta.

Que vos arrasta ? respondei : — acaso
 É furor cego, ou invencivel sorte,
 Ou são os crimes ? — Callam-se, e os rostos
 A pallidez lhes tinge,
 E sére o assombro os animos.

Assim é : — duros fados aos Romanos,
 E da morte fraterna o horror, agitam,
 Desde que o sangue do inocente Remo

Sobre a terra corrêra,
Fatalissimo aos netos.

ODE VIII.

A UMA VELHA AMOROSA.

PERGUNTAS-ME, c'um século de edade,
E assás graveolenta,
Qual o motivo que me enerva tanto?
Os teus dentes são negros,
E teu rosto a velhice encheu de rugas.

.....
.....
Será tudo isto proprio
A inspirar-me no peito amor ardente?
Sê mui rica, e se vejam
Em teu enterro os triumphaes retractos
De teus avós illustres;
Não appareça dama alguma tanto
Como tu carregada
De finissimas pérolas formosas;
Ri-se amor d'isso tudo.
De que aproveitam os estoicos livros
Que tão vaidosa ostentas
Entre almofadas séricas mimosas?
Pode a sua sciencia
Fazer acaso me enriqeles menos
Do que as nãe-litteratas?

Menos frígido sou porque procuras
 Em mim accender fogos
 Com estranhos excessos amorosos,
 Que repulso soberbo ?

ODE IX.

▲ MECENAS.

QUANDO, Mecenas, de alegria cheio,
 Sob altos tectos, como é grato a Jove,
 O Céculo precioso,
 Para os ledos banquetes reservado,
 Comtigo beberei, pela victoria
 De Cesar, soando mixtos
 Os tons dories da lyra
 Com os phrygios das flautas ?

Como soára não ha muito, quando,
 De nossos mares repellido, vendo
 Suas naus abrasadas,
 Veloz fugíra o capitão neptunio,
 Que vanglorioso ameaçára Roma
 Co'as ásperas cadeias
 Que a pérfidos escravos
 Tirára como amigo.

Um Romano (ah ! negál-o-heis, vindouros !)
 Submisso ás leis de uma mulher, soldado,

Traz estacas e armas,
 E rugosos cunhos servir pode!
 E vê o astro do dia luminesco
 De uma vaidosa Egypcia,
 Entre as aguias remanas,
 O pavilhão impuro!

D'isto indignados vivamente os Gallos,
 O docil collo de dois mil soberbos
 Cavallos valiosos,
 Promptos reviram, vitoriando a Cesar
 Em altas vozes; — e, dispondo a fuga,
 No porto as naus imigas
 Rapidamente as poupas
 Ao lado esquerdo occultam.

Triumpho! assoma: — as victimas intactas
 E os aureos coches já por ti esperam:
 Um general tão grande,
 Triumpho! nem da jugurthina guerra
 Trouxeste nunca: — nem o Africano,
 Cujo valor egregio
 Lhe erigira em Carthago
 Um túmulo de honra.

Por mar e terra derrotado o imigo,
 Em fúnebre mudou o sayo púnico:
 E, a despeito dos ventos
 Desfavoraveis, vae buscando Creta,
 Que illustram cem cidades, ou as syrtes
 Que açoita o rijo Noto,

Ou incerto vaguêa
Sobre os tûrbidos mares.

Traze-nos, moço, para aqui os copos
De mais ampla grandeza; — lança nelles
O vinho Chio ou Lesbio;
Ou antes deita o Céculo suave,
Que as cruezas do estomago refreia:
Os cuidados e os sustos
Que tivemos por Cesar,
Dissipe o doce Baccho. (1)

(1) Nenhuma ode de Horacio offerere tantas difficultades ao traductor como esta. Vanderbourg as apresenta em uma erudita nota (II — 2. parte — 574). — Acron, o mesmo Vanderbourg, e outros commentadores, entendem a palavra *Romanus* designativa de Antonio, fallando o poeta do avitamento pessoal do triumviro. Porphyriion e outros, juntando *miles a Romanus*, entendem que o autor falla dos soldados romanos. — Conformei-me com a primeira interpretação. Não é inverosimil que Antonio, soberjamente avitado junto de Cleopatra, servisse algum momento como soldado sob as suas ordens.

Outra difficultade: — *ad hoc frementes*. Hu tres lições d'esta passagem, segundo Vanderbourg, nos manuscritos que elle consultaria: — *ad hunc, ad hue, at hue*: — a 1.^a é a mais geral e a de Dacier; — refere-se a Antonio designado pela palavra *Romanus*, tomando *at* por *contra*, o que não parece admissivel: — a 2.^a é má, e Bentley e outros d'ella formaram *ad hoc* subentendendo *spectaculum*: — a 3.^a, *huc* significando *ad nos*, dà a construcção seguinte — *at Galli frementes verterunt ad nos bis mille equos*. — *Frementes* podem referir-se a *Galli* ou a *equos*? Lendo-se *ad hoc*, parece natural construir-se *Galli frementes ad hoc*: e lendo-se *at huc*, — *Galli verterunt huc frementes equos*, afim de evitar-se a acumulação de *Galli frementes e canentes*. — Eu segui *ad hoc*, com Sanadon, Batteux, Duchemin, Elpino Duriense e outros, dando a essa idéa mais algum desenvolvimento e ar poético.

Outra difficultade: — *Puppes sinistrorum citae*. — Bentley, Sanadon, Batteux e outros, pensam que Horacio tinha em vista uma parte da esquadra de Antonio que o deixou, como os cavalleiros gallos, antes do combate, e fizera um movimento sobre a esquerda para se juntar á de Octaviano: — Dacier, Duchemin e outros, entendem que fugira para o Egypto. — Dacier prefere a lição de *sitae*, os outros de *citae*. — Conformei-me com a opinião d'estes. — Outras mais difficultades oferece

ODE X.

CONTRA MEVIO.

Com mau agouro parte a nau , levando
Em si a Mevio mal-cheiroso. Ó Austro,
De um lado e de outro lembre-te batê-la
Com as horridas vagas.

O Euro negro , revolvendo o pego ,
Lhe espalhe as cordas e os quebrados remos.
O Áquilo surja qual em altos montes
Quebra o trémulo azinho.

Não veja em noite escura amiga estrélla ,
Ao pôr-se o triste Orion : — mais tranquillo
Não ache o plano equoreo do que a esquadra
Dos Gregos vencedores ,

Quando , abrasada Troia , voltou Pallas
A implacavel ira contra o lenho
Do ímpio Ajax. Oh como vão , ó Mevio ,
Suar os teus remeiros !

Como pallido vae tornar-te o susto !
Que gritos vás soltar não proprios de homem !
Que vivas preces dirigir a Jove ,
Que adverso as não escuta ,

esta ode , as quaes se podem ver na citada nota de Vanderbourg , d'onc^e
extrahi a substancia da presente , e nos commentarios de Dacier.

Quando o Jenico golfo e humido Note
 Tua nau, rebramando, destruirem !
 Se o teu cadaver mísero estirado
 Fôr em a curva praia,

Opima preza dos marinhos corvos,
 Eu offerccerei em sacrificio
 Libidinoso bode, e uma cordeira,
 Às negras Tempestades.

ODE XI.

A PECCIO.

Fazer versos, ó Peccio, como d'antes,
 Já não me apraz, de grave amor ferido;
 Amor que, mais que a outrem,
 Por
 Ou por nymphas me abrasa.

Já vêzes tres dezembro os verdes bosques
 Do ornamento despiu, desde que Inachia
 Os fogos meus não sente.
 Triste de mim ! ah ! quanto
 De Roma hei sido a fabula !

Com pezar grande dos festins me lembro,
 Em que minha paixão denunciavam
 O languor, o silencio,

Os suspiros ardentes
Do coração nascidos.

Apenas c' o licor me escondecia ,
E me tirava os íntimos segredos
O deos que o pejo afasta ,
A ti , lavado em choro ,
Me queixava , dizendo :

- » Inutil é o mérito dos pobres.
- » Nada vale em presença da riqueza.
- » Se tanto a minha bilis
- » Se irritar que me faça
- » Dar aos rápidos ventos
- » Os incentivos que a ferida acerba
- » Me não adoçam , romperei meus laços,
- » Cessando finalmente
- » De luctar , vexadissimo ,
- » Com émulos dispares. »

Dizendo isto severo á face tua ,
Retirando-me , ah ! fui , com pé incerto ,
Ter ás portas imigas
Onde mísero o dorso
Quebrei vammente e os lados.

Hoje Lycisco ,
Que se gloria de inda ser mais terno
Do que uma mulherzinha.
D'este vínculo forte

Não podem desprender-me

Puros conselhos, contumelias graves,
 Dos candidos amigos : — conseguira-o
 Só outro amor ardente
 Por bella nympha
 C'um laço nos cabellos,

ODE XII.

CONTRA UMA VELHA.

QUE queres tu de mim, mulher dignissima
 Dos negros elephantes ?
 Porque me mandas dádivas e escriptos,
 Sendo eu moço nác-válido,
 E não tendo o olfacto entorpecido ?
 Pois mais sagaz percebo
 Do polypo o mau cheiro, ou o capriño
 Dos sovacos hirsutos,
 Do que o sérvido cão percebe aonde
 O javali se occulta.
 Que excessivo suor, que graveolencia,
 Sahe dos flaccidos membros,

 Do rosto
 O alvaiade lhe cahe humedecido ;
 E de todos os lados
 Correr se vê do crocodilo as fezes

Em tinta convertidas,

.....

.....

Com que palavras ríspida me exprobra
Minha extrema frieza !

.....

.....

.....

.....

» Para quem preparava
» Eu cuidadosa a fina lã retinta
 » Na purpura de Tyro ?
» Para ti certamente, desejando
 » Não tivesse outro amante
» De outra alguma mulher mais ampla prova,
 » Que tu, de sér amado.
» Oh que misera sou ! tu de mim foges
 » Como fogem aos lobos
» Os tímidos cordeiros, ou as cabras
 » Aos leões furibundos. »

ODE XIII.

AOS SEUS AMIGOS.

HORRENDA tempestade o ceo enluta :
Desfaz-se Jove em neves e chuveiros :
Resôam, com o Áquilo Threicio,

Ora o mar, ora as selvas,

Aproveitemos d'este dia, amigos,
O ensejo: — em quanto tem vigor as curvas,
E nos é dado, da rugosa fronte
Desterre-se a velhice.

Tu o vinho, espremido sendo consul
O meu Torquato, tira: nas mais couzas
Não falles, não: — talvez que Deos, mudando-as,
A bom estado as torne.

Agora ungir-nos c'o Achemenio nardo
Nos praz somente, e alliviar o peito
Dos penosos durissimos cuidados,
Co'a lyra de Cyleno;

Como o nobre Centauro ao grande alumão
Cantou, dizendo: — » Invicto mortal moço,
» Da deosa Thetis filho, o territorio
» De Assáraco te espera,

» Que o pequeno Scamandro com as aguás
» Frígidas bänha, e o lúbrico Simoente,
» D'onde, cortando o vital fio, as Parcas
» Vedar-te-hão que voltes,
» Nem te trará a mãe cerúlea a casa.
» Abranda ahi os males com bom vinho
» E sonoro canto, doce allivio
» Das míseras tristezas. »

ODE XIV.

▲ MECENAS.

Tu me atormentas, candido Mecenas,
 A causa perguntando muitas vêzes
 Porque no íntimo d'alma a molle inercia
 Tão grande esquecimento
 Me diffundira, como
 Se bebido eu tivesse, ardendo em sêde,
 Áqua lethêa, que provoca o sonno.

Um deos, um deos, levar ao fim me veda
 Os versos jambos começados, como
 Te promettêra ha muito. Assim se conta
 Que por Bathyllo-Samio
 Ardêra Anacreonte,
 Que bem vêzes chorou, ao som da lyra,
 Sua paixão em não limados versos.

Tu mesmo ardes de amor nas vivas chamas :
 Se o fogo que abrasára Ilion sitiada
 Não foi mais bello do que o teu e illustre,
 Bemdize a tua sorte :
 Eu, por uma liberta
 A quem um amador só não contenta,
 Por Phryne, me enterneço e me consumo.

ODE XV.

▲ NEÉRA.

ERA noite, e no ceo sereno a lua
 Entre os astros menores fulgurava,
 Quando tu, prestes a offendrer dos deoses
 A majestade excelsa,

Apertando-me mais estreitamente
 Nos ternos braços que ao carvalho a hera,
 Sobre meus puros votos proferias
 Estes teus juramentos :

- » Em quanto adverso fôr ao gado o lobo,
- » E Orion excitar, infesto aos nautas,
- » No mar o inverno, e o zephyro os cabellos
- » Mover de Apollo intonsos,

- » Esse amor que me tens ha-de ser mutuo. »
- Oh quanto sentirás minha firmeza,
- Neéra, quanto ! pois, se ha brio em Flaceo,
- Não sofrerá que, assidua,

Outro prefiras em alegres noites,
 E irado buscará condigna amante:
 Nem tu esperes, quando, arrependida,
 Sintas dôr verdadeira,

Vencer co'a tua singular belleza
 Minha grande constancia estimulada.

Mas, ó tu, quemquerque és, mais venturoso,
Que andas soberbo tanto

Com os meus males: — bem que rico sejas
De rebanhos e terras; — que o Pactolé
Para ti corra; — que ábras de Pythagoras
Renascido os arcanos;

Que venças a Niréo em formosura;
Ah! mísero verás da ingrata bella
O vivo amor a outro transferido;
E eu rirei a meu turno.

ODE XVI.

AO POVO ROMANO.

Já corre em civis guerras nova edade,
E cahe por suas proprias forças Roma,
Que os finitimos Marsos
Ruinar não puderam,
Nem do minaz Porsenna a tropa etrusca,
Nem o émulo valor da activa Capua,
Nem Spártaco terrivel,
Ou insídos Alióbrogos,
Que novas cousas amam.

Roma, que a ferocissima Germania
Domar não pôde c'os valentes moços,

Nem o férvido Annibal,
 Dos paes abominado,
 Nós, impia raça de votado sangue
 À expiação de crimes, ruinaremos,
 E occuparão de novo
 As indomitas feras
 O facial terreno.

Os bárbaros virão, ah! vencedores,
 Pisar co'a pata dos frisões sonante
 As cinzas da cidade;
 E os ossos de Quirino,
 Ao sol e ao vento occultos (scena horrivel!)
 Um impió espalhará. — Talvez vós todos,
 Ou a parte mais digna,
 Indagueis qual o modo
 De evitar-se estes males?

Não haja parecer melhor do que este:
 Como os Phocenses do paiz fugiram,
 Maldizendo seus campos,
 Os seus lares, seus templos,
 Abandonando-los aos vorazes lobos,
 E aos ferros javalis, assim fujamos
 Para onde os pés nos levem,
 Para onde o Noto e o Africo
 Nos chamiem sobre as ondas.

Este designio vos agrada? ou tendes
 A lembrar outro que melhor pareça?
 Porque nos demoramos

A sahir n'um navio,
 Sob auspicios ditosos ? Mas juremos
 Que só voltar não seja crime, quando
 Os pesados rochedos,
 Do fundo pego avulsos,
 Sobre as ondas nadarem.

Nem dirigir nos peje á patria as velas,
 Quando bairhar o Pó matinos cumes,
 Ou para o mar undoso
 Correr o alto Apennino,
 Ou amor portentoso unir os monstros
 Com tão nova lascivia, que os veados
 Juntar-se aos tygres folguem,
 E adulterar a pomba
 C' o ríspido milhano :

Quando o armento crédulo não tema
 Os leões fulvos, e ame os salsos mares,
 Da lá despido, o bode.
 Com taes juras, ou outras
 Que possam obviar a doce volta,
 Nós, ou a melhor parte, vamos todos ;
 Inerte o indecil vulgo,
 Sem esperanças, fique
 Em seu asylo impuro.

Vós, ó fortes, deixai semineo lucto :
 Voai alem da praia etrusca : — espera-nos
 O circumvago oceano.
 Os campos, campos prósperos,

E as ricas ilhas procuremos, onde
A terra messes dá cada anno inculta;
 A vinha não-podada
 Reflorece; e perenne
 A oliveira germina;

Onde orna o negro figo a árvore sua;
 Da concava azinheira os meles manam;
 Salta com pé sonoro
 De altos montes a lympha;
 Vem as cabras per si ao tarro, e as tétas
 Traz retesadas o rebanho amigo;
 Não freme á noite o urso
 Dos apriscos em torno;
 O chão não erguem víboras.

Felices, inda mais admiraremos;
 Como co'as chuvas não varrer copiosas
 O Euro aquoso os campos,
 Nem as pingues sementes
 Nas resequidas glebas se queimarem;
 Que o rei dos deoses uma cousa e outra
 Benéfico tempera.
 Ahi remeiros d'Argos
 Não levaram seu pinho;

Nem poz jámais a Có'chide impud'ca
 Ahi seu pé; — nem os sidonios nautas,
 Nem a cohorte de Ulysses,
 Combatida dos ventos,
 Para ahi as antenas bracearam;

Nem empece ao rebanho algum contagio;

Nem astro abrasador

Com o cálido influxo

O nedio gado cresta.

Essas risonhas praias Jove excelso

Separou para a gente virtuosa,

Quando ao século de ouro

O de bronze enfezará,

E endurecêra ao século de bronze

O século de ferro, de que podem

Fugir os varões pios

Segundo venturosos

Meus dictames proféticos.

ODE XVII.

A CANIDIA.

Já já, Canidia, dou as mãos cedendo
Ao poder efficaz da sciencia tua,

E supplice te rogo

Pelos de Proserpina escuros reinos,

Pelo nume inflexivel de Diana,

Pelos livros dos válidos encantos,

Que do céo arrancar os astros podem,

Emfim te deixes das terriveis vozes,

E desandes. desandes, mui ligeira,

O teu mágico fuso.

Moveu Telepho de Neréo ao neto,
 Contra o qual o exercito dos Mysos
 Dirigira soberbo ,
 E agudissimas setas arrojára.
 O homicida Heitor , já condemnado
 Aos samélicos cães e ás feras aves ,
 Ungido foi pelas matronas ilias ,
 Depois que o rei , os muros seus deixando ,
 Humilde , oh dor ! aos pés fôra lançar-se
 Do porfioso Achilles.

Os remeiros de Ulysses trabalhados
 As duras pelles dos serdosos membros ,
 Por vontade de Circe ,
 Despiram , recobrando o mesmo espírito ,
 O rosto mesmo e a voz , que d'antes tinham .
 Tu , querida dos nautas e mercantes ,
 Demais me tens punido. A mocidade
 Fugiu-me e a rosea côr : — cobriu meus ossos
 Lúrida pelle : — está o meu cabello ,
 Cos teus presumes , branco.

Não acho algum descânço em meus trabalhos :
 A noite impelle o dia e o dia a noite ,
 Sem respirar meu peito .
 Miserio creio agora o que negára ,
 Que a alma turbam os sabellos versos ,
 Que a cabeça c'o marso encanto salta .
 Que mais queres ? Ó mar , ó terra ! eu ardo
 Mais que Alcides c'o sangue venenoso
 De Nesso ungido : — mais que em Etna ardente

Sicula chamma sérvida.

Porque me levem injuriosos ventos,
Árida cinza , abrasas-me , qual forja,
C'os cólchicos venenos.

Qual d'isto o fim ? ou que suppicio ordenas ?
Falla : — pagarei fido a pena imposta ,
Prompto a expiar o meu delicto , ou peças
Novilhos cem , ou queiras ser cantada
Na mentirosa lyra : — tu pudica ,
Tu proba , girarás , dourada estrella ,
Entre os fúlgidos astros.

Castor e Pollux , pela injuria irados
De Helena , ao vate a luz restituiram ,
Movidos de seus rogos.

Da demencia tambem , pois podes , livra-me :
Não foram vis teus paes , nem , velha astuta ,
No túmulo do pobre a cinza espalhas
Ao nono dia. (1) — Tens benigno peito ,
Puras mãos , és secunda , e os pannos rubros
C'o sangue teu , quando dos partos te ergues ,
A confidente lava.

(1) Ao nono dia é que se sepultavam as cinzas dos mortos entre os Romanos , quando se celebravam exequias publicas. Horacio fala ironicamente : censura a Canidia o ir desenterrar as cinzas dos mortos no dia em que se lhes dava sepultura.

ODE XVIII.

RESPOSTA DE CANIDIA.

PARA que fazes incessantes preces
 A cerrados ouvidos ?
As rochas que Neptuno irado açoita
 Com as hybernas vagas
Não são mais surdas ao clamor dos nautas
 Em naufraga nueza.
Querias rir tranquillo, divu'gando
 Os cotyttios mysterios
Consagrados ao livre amor ? e, como
 Se pontifice fôras
De esquilinos venenos, encher Roma
 Com o meu nome, impune ?
De que te serve haver enriquecido
 Pelignas feiticeiras,
E o toxico mais prompto preparado,
 Se, contra o que desejas,
Mais lentamente findarão teus fados ?
 Misero, a ingrata vida
Te durará, e só para que sofras
 Novos trabalhos sempre.
Descanço aspira o pae do infido Pélops,
 Tantalo, devorado
Sempre de fome entre iguarias amplas :
 Aspira libertar-se
Do abutre Promethô : — Sisypho aspira
 Pôr no alto monte a pedra :
Mas vedam-no de Jove as leis supremas.

Quererás arrojar-te
Ora das terres eminentes, ora
 Com a nôraca espada
O peito trespassar, e, na tristeza
 Que o animo te enoja,
Armarás á garganta estreitos laços:
 Mas em vão, pois eu mesma,
Cavalleiro soberbo, em os teus hombros
 Montarei inimigos,
E cederá ao meu orgulho a terra.
 Eu, que imagens de céra
Animar posso, como já curioso
 Presenciaste, e ao polo
Com minhas vozes arrancar a lua,
 Que aos mortos já queimados
Posso dar vida, e temperar potentes
 Philtros de amor, acaso
Chorarei que minha arte só contigo
 Não tenha efeito valido?

FIM DAS ODES.

OBSERVAÇÃO

DO TRADUCTOR.

SUPRIMI algumas palavras e alguns versos na tradução das Odes de Horacio por serem a expressão de idéas ou sentimentos, não só depressores da gravidade e ilustração de tão insigne poeta, mas extremamente repugnantes aos povos modernos, cujos habitos modestos e delicados, devidos ás doutrinas salutares do christianismo e proprios de uma civilisação mais digna da especie humana, não sofrem grosserias, licenciosidades e impurezas.

Muitas das palavras suprimidas eram denunciadoras de um vicio que manchára illustres talentos e distintas personagens no século de Augusto, como d'antes o havia feito, e até na brilhante antiguidade grega, vicio caracteristico da corrupção extrema dos costumes, que as leis das nações modernas severamente proscrevem e punem, e contra o qual se promulgára na antiga Roma, em o tempo da segunda guerra punica, uma lei chamada *lex scantinia*, que chegára a ter execução, mas que, corrompida a moral publica pelos excessos do luxo e as voluptuosidades do Oriente, cahíra em des-

uso e adormecêra, sem ao menos acordar no benéfico governo de um Antonino ou de um Trajano !

A maior parte dos traductores, em razão d'essas palavras ou versos offensivos da moral e decencia publica, omittiram inteiramente muitas Odes de Horacio: — eu porem traduzi todas, com a indicada supressão, considerando que assim podiam sêr lidas sem desagrado pelas pessoas graves e modestas, e sem inconveniencia pela mocidade innocent e estudiosa.

POEMA SECULAR. (1)

A' APOLLO E A DIANA.

Os dois coros,

de meninos e meninas romanas.

PHEBO e, dos bosques árbitra, Diana,
 Ó vós do céo clarissimo ornamento,
 Sempre adorados, adorados sempre,
 Dai-nos quanto pedimos,
 N'este tempo sagrado,

(1) São diversas as opiniões dos antigos escriptores sobre a origem dos jogos seculares: — podem ver-se em Vanderbourg (II, 2.^a parte, 403), e em Walckenaer (II, 258). Considera-se porem geralmente que a instituição primitiva tivera por fim abrandar os deoses infernaes por occasião de ser o estado ferido ou ameaçado de alguma calamidade publica.

O illustre Walckenaer (II, 283), referindo-se a Septimio Severo e a Zosimo, ambos os quaes se conformaram com o calculo e decisão dos quiudecimviros, é de opinião que a primeira celebração d'estes jogos fôra no anno 298 da fundação de Roma. Elle confuta, com razões plausiveis, a opinião de Valerio Antias, de Varron e Tito-Livio, de haverem sido celebrados os primeiros jogos seculares no anno 245, depois da expulsão dos reis e do estabelecimento dos consules.

A forma e as ceremonias religiosas d'estes jogos foram mudando

No qual os versos sibyllinos mandam
 Selectas virgens e meninos cástos
 Hymnos sonoros entoar aos deoses,
 A quem os sete montes
 Foram sempre aprazíveis.

CORO DOS MENINOS.

Sol criador, que em teu nítido carro
 Mostras e escondes o formoso dia,
 E nasces outro e sempre o mesmo, nunca
 Possas vér maior cousa
 Que a cidade de Roma.

CORO DAS MENINAS.

Branda Ilithya, que os maturos partos
 Favoreces benigna, as mães soccorre;

com o tempo à medida do augmento progressivo das riquezas e do luxo. As divindades celestes foram associadas aos deoses infernaes : — a Proserpina e a Plutão ficaram preferindo o Sol e a Lua, *Apollo* e *Diana*.

Os Romanos tinham em grande veneração os oráculos das Sibylas. A guarda de seus livros foi a principio confiada a dois sacerdotes, depois a dez, e finalmente a quinze, os quaes consultavam esses livros e ordenavam, segundo o oráculo, a festa solemne, que era celebrada no fim de cem annos, um seculo. Os arautos convidavam os povos a vér uma festa que ainda não tinham visto nem tornariam a vér.

As ceremonias religiosas prescriptas pela Sibylla, segundo Acron,¹ e que antigas tradições confirmam, tinham dois fins diferentes,

¹ Acron, *apud. Horat. carm. secul.* p. 1.

Ou te seja agradavel que te invoquem
 De genital c' o nome,
 Ou antes de Lucina.

Faze que tenham numerosos filhos :
 Prospera, ó deosa, os próvidos decretos
 Sobre o laço dos conjuges, das nupcias
 A lei, secunda origem
 De nova descendencia.

Os dois coros.

O circulo prefixo de annos onze
 Reiterados vêzes dez nos traga
 Os doces cantos e os alegres jogos
 Por tres dias brilhantes,
 E tres festivas noites.

a commemoração do seculo e as expiações necessarias para fazer cesar as epidemias contagiosas ou desviar dos Romanos as desgraças imminentes.

Augusto augmentou a pompa e solemnidade d'esta festa religiosa com representações theatraes e outros festejos de alegria publica. — Os quindecimviros, aos quaes era confiado o exemplar authentico dos oraculos depositado em um cofre de ouro na base da estatua de Apollo, explicaram o seculo segundo o oraculo da Sibylla, e vendo que os cem annos embolisticos correspondiam a cento e dez do seu tempo, fizeram o *seculo sibyllino* de cento e dez annos.

Duravam estes jogos seculares tres dias e tres noites. Dacier e Sanadon referem diversas particularidades, extrahidas de Zosimo e de outros autores antigos, sobre as ceremonias d'esta festividade : — podem vér-se em os seus commentarios. — O uso de fazer cantar hymnos por meninos dos dois sexos em honra dos deoses para os tor-

Vós, cantoras verídicas, ó Parcas,
 Cujo oraculo, apenas proferido,
 Valido efeito tem irrevogavel,
 Aos bens já concedidos
 Juntai ditosos fados.

Fertil de fructos e de gado a terra,
 De aureas espigas engrinalde a Ceres :
 Nutram as suas producções mimosas
 Salutíferas aguas,
 E virações benignas.

CORO DOS MENINOS.

Guardando as flechas socegado e brando,
 Ouve, ó Apollo, os súpplices meninos.

nar propicios, era antiquissimo em Roma. — Os poetas que compunham versos para serem cantados nas ceremonias publicas religiosas adquiriam um caracter venerando e de algum modo sagrado. E' por isso que Horacio tinha uma especie de desvanecimento e de orgulho em haver composto este bello poema, para que fôra convidado por Augusto propriamente.

O primeiro dia d'esta festa solemne era celebrado no Campo de Marte, o segundo no Capitolio, o terceiro sobre o monte Palatino, onde se achava o templo de Apollo. — Este poema foi cantado no terceiro dia, dirigido especialmente a Apollo e a Diana, em os jogos celebrados no anno de Roma 737, 17 annos antes de Jesus-Christo.

Duchemin (II, — 412) diz que as odes XXI do livro I, e VI do livro IV, foram feitas por Horacio para exhortar os dois coros d'este poema a bem desempenharem as suas funções, e pedir a Apollo que ouvisse as suas supplicas e honrasse os seus versos.

CORO DAS MENINAS.

Tu, das estréllas fulgidas rainha,
 Ouve, ó Lua borce,
 As candidas meninas.

OS DOIS COROS.

Se Roma é obra vossa, e á praia etrusca,
 Seguindo o vosso oráculo, abordaram,
 Sua cidade e os lares seus mudando,
 As ilíacas tropas
 Com próspera viajem,

A's quaes, por entre a incendiada Troia,
 Sobrevivendo á patria, o pio Enéas
 Abrira fielmente livre estrada,
 Para dar-lhes um reino
 Mais amplo que o perdido ;

Dai, ó deoses, á docil mocidade
 Costumes bons, dai plácido secego,
 Ó deoses, á velhice, dai riquezas,
 Prolé e as horas todas
 A' geração romálea.

O de Venus e Anchises neto illustre,
 Que immola em vossas áras brancos touros,
 Impere sobre nós, mais glorioso

Por brando c' os vencidos,
Que por bravo guerreiro.

Já no mar e na terra as suas hostes,
E as albanas secures, teme o Medo :
Já os Scythas e os Indios, orgulhosos
Inda ha pouco, demandam
As suas leis submissos.

Já finalmente a Fé, e a Paz, e a Honra,
E o antigo Pudor, e a Virtude
Desprezada atégora, ousam mostrar-se :
E a risonha Abundancia
C' o fertil yaso assoma.

CORO DOS MENINOS.

O deos que um arco resplandente adorna,
Que no futuro lê, Phebo, querido
Das duntas nove irmans, que os lassos membros
Dos corpos allivia
Por saudavel arte ;

Se vê as torres, com propicios olhos,
Do monte Palatino, e o Lacio próspero,
De lustro em lustro, e mais ditoso sempre,
Leve o imperio romano
Aos séculos futuros.

CORO DAS MENINAS.

A deosa que é senhora do Aventino,
E do Álgido, Diana, as preces ouça
Dos quinze sacerdotes, e applique
Ouvidos favoraveis
Aos votos dos meninos.

OS DOIS COROS.

Sim, Jove e os deoses todos nos ouviram :
Co' esta esperança doce e certa vamos
Para nossas pousadas : — dignamente
Cantámos os louvores
De Phebo e de Diana.

FIM DO POEMA SECULAR.

NOTAS.

NOTAS.

LIVRO I.

ODE I.

734 — 736.

*Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —
Edade de Horacio 46. (1).*

ESTA bella e delicada Ode é geralmente considerada pelos mais distintos commentadores como o prólogo ou a dedicatória a Mecenas dos dois primeiros livros das Odes de Horacio, publicadas por elle, segundo se conjectura, no anno de Roma 735. — Descrevendo os diversos gostos dos homens, Horacio

(1) Os grandes interpretes e commentadores, como Dacier, Desprez, Sanadon, Vanderbourg e outros, não puderam fixar precisamente, no tocante a algumas Odes, o tempo da sua composição. Todavia Walckenaer, na sua *Historia da Vida e das Poestas de Horacio*, por delicadas e profundas combinações e exame de escriptos de remota antiguidade, pôde designar o anno da composição de cada Ode, ainda que, em parte, só fundado em probabilidades e conjecturas. Nas que não alcançou certeza da sua data, marca os annos que limitam o tempo em que conjectura a sua provavel composição. Eu o segui exactamente n'esta designação, assim como segui as idéas de tão illustre escriptor respectivamente a alguns pontos historicos menos conhecidos ou menos elucidados. — Serviu-me tambem de grande auxilio para estas notas o Diccionario universal de Historia e Geographia de M. Bouillet, alem dos escriptos dos referidos commentadores.

habilmente attribue a Mecenas o das letras e o da poesia, dizendo que as corôas de hera, ornamento das frontes doutas, o misturam entre os deoses; e, expressando ser a sua peculiar inclinação o culto das Musas, que o distinguem do vulgo, diz que subirá aos astros se esse protector illustre dos sabios o comprehender no numero dos poetas lyricos.

AVRICO. — Vento furioso que reinava no Mediterraneo e vinha da costa d'Africa.

CYPRIA LENHO. — De Chypre, ilha da Turquia europea, no Mediterraneo, entre a Asia-Menor e a Syria. — Foi famosa na antiguidade por seu commercio, objecto a que Horacio allude. — Em Chypre floreciam as cidades de Amathonta (hoje Limisso), de Paphos, de Idalia, todas consagradas a Venus. — Os Romanos ocuparam essa ilha no anno 65 antes de J.-C. — Os Turcos se apoderaram d'ella em 1571.

EIRAS LIBYCAS. — De Libya, nome grego da Africa. — Libya, propriamente dita, é aquella parte da Africa que confina ao Oriente com o Egypto, e ao Ocidente com a parte a que os modernos chamam *Tripoli*. — Era abundante em trigos.

EUTERPE. — Uma das Musas, inventora da flauta. Presidia á musica.

FORTUNAS ATTALICAS. — De Attalo, rei de Pergamo (hoje Bergamo), cidade da Mysia, perto do Caico, rio da Asia-Menor (hoje Grimakli-Haiki), que desagua no mar Egêo. — Pergamo deu seu nome ao pergaminho. — Os reis Attalos eram riquíssimos: — as riquezas attálicas haviam-se tornado proverbiaes.

ICARIAS ONDAS. — O mar Egêo onde Icaro cahiu. — Icaro, filho de Dédalo, fugiu da ilha de Creta com seu pae, por meio de azas que a si ligára com cêra, mas, aproximado do sol, a cêra derreteu-se, desligaram-se as azas, e cahiu no mar Egêo, hoje o Archipelago, golfo do Mediterraneo.

LESBIA CYTHARA. — De Lesbos, ilha do mar Egêo, onde nascêram Sapho e Alcêo, insignes na poesia lyrica. — Lesbos chama-se hoje Metelin. — A cythara, ou pequena lyra, era

devida a Mercurio ; e *Barbyton*, grande lyra dos Gregos, havia sido inventada por Apollo.

MASSICO LICOR. — De Massico, monte de Italia, famoso por seus vinhos. Hoje denomina-se *Mondragone*.

MECENAS (C. Cilnius Mecenas). — Era descendente dos antigos reis da Etruria ou Toscana. — Conservou sempre a dignidade de cavalleiro romano. Foi o maior valido de Augusto, e um grande protector dos homens de letras. Era dotado de conhecimentos e grande politico. Foi amigo intimo de Horacio.

MYRTOO. — O mar *Myrtoo*, parte do mar Egèo comprehendida entre Eubea, o Peloponeso, e a Attica. — Segundo alguns sabios, recebeu este nome de *Myrtos*, pequena ilha que lhe fica proxima ; — segundo outros, de *Myrtilo*, filho de Mercurio, que se afogara n'esse mar, assás tempestuoso.

POLYHYMNIA. — Uma das Musas. Presidia á harmonia e ao louvor dos varões insignes.

QUIRITES. — Os Romanos : — appellidavam-se assim, derivando este nome de *Cures*, cidade dos Sabinos.

TRECEMINAS HONRAS. — As tres primeiras magistraturas de Roma, de *edil*, *pretor* e *consul*.

ODE II.

Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —

Edade de Horacio 43.

ESTA Ode é uma das mais bellas e magnificas de Horacio. Offerece o quadro enérgico dos desastres de Roma no anno de 732 ; — recorda os do mesmo genero acontecidos na morte do

grande Cesar ; — allude aos tristes resultados das guerras civis ; — e mostra ser vontade dos deoses dar um protector ao imperio na pessoa de Augusto, que o poeta se propoz lisonjear.

APOLLO. — Filho de Jupiter e de Latona. É tambem chamado *Phebo* e *Delio*, da ilha Delos, hoje *Sdilo* ou *Dili*, uma das Cycladas. — Ahi nasceram, de um mesmo parto, Apollo e Diana. — Apollo toma-se tambem pelo *sol*. — Era tido por deos das artes, da luz, da sabedoria e dos vaticinios, e presidia ás Musas.

DE UM REI OS MONUMENTOS. — O palacio e o tumulo de Numa Pompilio, segundo rei de Roma. O palacio estava á esquerda do Tibre junto ao templo de Vesta.

ERYCINA. — Cognome de Venus, tomado do templo edificado em honra sua no alto do monte Eryx, hoje monte de *San-Giuliano*, na Sicilia. — Venus era deosa dos amores e da formosura : — nascera da escuma do mar. É mãe de Cupido.

FILHO DE MAIA. — É *Mercurio*. — Era vulgar a opinião de que elle fôra o vingador de Cesar, morto por Cassio e Bruto, tomando a figura do joven Augusto, então de 19 annos de edade. V. *Mercurio*, not. á ode 10.^a, d'este livro I.

HOMBROS DE UMA NUVEM COBERTOS. — Allude á opinião adoptada pelos poetas de que na morte de Cesar o sol se cobrira de uma nuvem escura, como que indignado de tão nefanda atrocidade.

ILIA. — Mãe de Romulo, de quem Julio Cesar pertendia descender, casára com o rio *Anieno*, chamado tambem *Tiberino* por desaguar no Tibre : — é por isso que Horacio a este chama *uxorius amnis*, considerando-o o esposo de Ilia, e figurando que com a sua inundação vingará as injurias que ella sofrera com a morte de Cesar e de innumeraveis Romanos nas guerras civis subsequentes.

JOVE, OU JUPITER. — Filho de Saturno e de Rhea : — era o deos supremo, o pae e o senhor dos deoses e dos homens na religião dos Gregos e dos Romanos. Teve a sustentar uma

guerra terrivel contra os Gigantes que quizeram escalar o céo para vingar os Titanes e o destronar. — Toma-se tambem pelo *ar.* — O carvalho lhe era consagrado.

MARTE. — Filho de Jupiter e de Juno, deos da guerra, de quem os Romanos pertendiam descender por Ilia, que d'elle tivera os dois filhos gemeos, Remo e Romulo, fundadores de Roma.

NEPTUNO. — Filho de Saturno e de Rhea ou Ops: — era tido pelo deos dos mares.

PERSAS. — Povos da Asia mui bravos e bellicosos. Confundem-se com os *Parthos* e os *Medos*, cujo imperio passára aos Persas, e d'estes aos Parthos. V. *Persia*, not. á ode 21.^a d'este livro I.

PRAIA ETRUSCA. — De Etruria, hoje *Toscana*, famoso paiz de Italia.

PROTÉO. — Filho do Oceano e de *Tethys*. Predizia o futuro, e tomava todas as figuras que queria.

PYRRHA. — Mulher de Deucalião, rei de Thessalia. Esta região chamou-se primitivamente *Hermonia*, hoje chama-se *Sandjakat de Tricala*, um dos sete paizes da peninsula helenica, situada na costa oriental, e que pertence ao imperio ottomano.

QUIRINO. — É Romulo. — *Povo de Quirino*, o povo romano.

TIBRE. — Rio de Italia. — Jove não approvava que este rio destruisse totalmente Roma, situada á sua margem esquerda, nem que alguem tivesse parte com Octaviano, chamado depois Augusto, na gloria de vingar a morte de Cesar. — V. *Etrusco rio*, not. á ode 7.^a do livro III.

VESTA. — Filha de Saturno e de Cybele. Era deosa do fogo: — a celebração de seus mysterios só pertencia ás virgens, que tinham o cuidado de não deixar jamais apagar o fogo em seus templos.

ODE III.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —

Edade de Horacio 46.

VIRGILIO, cuja saude se achava mui alterada, havia formado o projecto de ir a Athenas, e passar-se á Asia, assim de aperfeiçoar a sua *Eneida* pela vista dos logares que eram o theatro d'esse insigne poema. — Quando Virgilio partiu, dirigi Horacio ao navio que conduzia tão caro amigo esta Ode, testimunho indelevel de sua saudade.

ACROCERAUNIAS ROCHAS. — Montes do antigo Epiro (hoje a *Albania meridional*), os quaes dividem o mar Jonio do Adriatico, conhecidos presentemente por montes da *Chimera* ou *Khimiaroli*, e que são feridos frequentemente pelos raios.

CYPRIA DEOSA. — É Venus, adorada na ilha de Chypre, ilha da Turquia européa, no Mediterraneo.

DÉDALO. — Famoso artifice atheniense. Salvou-se do labirinto de Creta, que fabricára, por meio de azas que a si ligára com céra.

FILHO DE JAPETO. — É Promethêo, que, sendo arrebatado ao céo pelo auxilio de Minerva, vendo que os astros eram animados do fogo celeste, roubou o fogo ao sol, e d'elle se serviu para animar uma estatua simulhante ao homem. V. *Promettêo*, not. á ode 16.^a d'este livro I.

HERCULES. — Filho de Jupiter e de Alcmena; — o mais celebre dos heroes da antiguidade. Era de forças extraordinarias, e distinguiu-se por immensas proezas; — suffocou o leão de Nemêa; matou o javali de Erymantho e a hidra de Lerna; domou o touro de Creta e os cavallos de Diomedes; desfez as Amazonas, e arrastou Cérbero para fora dos infernos, d'onde livrou Theséo; — separou as montanhas de Calpe e de Abyla, d'antes uma só, e que formaram o que depois se cha-

mou as *columnas de Hercules*; matou o centauro Nesso. — Dejanira sua mulher, querendo attrahil-o, lhe enviou uma tunica tinta do sangue do referido centauro: — assim que a vestiu, collou-se á sua pelle e o despediaçou cruelmente.

HYADAS. — Estréllas que os astronomas figuram sobre o signo Táuro. São tempestuosas. A fabula as considerou filhas de Atlas, rei da Mauritania, e methamorphoseadas n'essa constelação.

IRMÃOS DE HELENA. — *Castor* e *Pollux*, filhos de Jupiter e de Leda: — foram methamorphoseados em astros, favoraveis aos navegantes.

JAPIS. — Vento da Apulia, favoravel aos que iam d'ahi para a Grecia.

NOTO. — Vento tempestuoso e violento. Era vento do sul, chamado tambem *austral*.

PAE DOS VENTOS. — É Eolo, filho de Jupiter e rei dos ventos. Elle deu a Ulysses todos os ventos mettidos em odres, excepto o zephyro que devia leval-o para a sua patria. — Horacio, lembrado d'esta fabula, representa o mesmo pensamento.

VIRGILIO. — Insigne poeta épico latino. V. not. á ode 24.^a d'este livro I.

ODE IV.

Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —

Edade de Horacio 43.

CELEBRA Horacio a chegada da primavera; — descreve as doçuras que ella traz, afugentando as durezas do inverno; — e convida Lucio Sextio a gosar dos seus prazeres, recordando-

lhe a brevidade da vida e a certeza da morte. — Considera-se ter Horacio acabado de sentir a influencia do terrivel inverno de 731 a 732 quando fêz esta Ode.

CYCLOPES. — Obreiros de Vulcano : — trabalhavam nos raios de Jupiter em o monte Etna, e nas forjas de Lemnos, ilha do mar Egêo, hoje *Stalimene*, e primitivamente *Diopolis* e *Hypsipyle*.

DEOSA DE CYTHERA. — Venus, deosa da formosura. Era adorada em Cythera, ilha do Mediterraneo, hoje denominada *Cerigo*.

FAUNO. — Filho de Pico, e deos dos pastores : — diz-se que fôra um dos antigos reis do Lacio, e trouxera da Arcadia á Italia o culto dos deoses e os trabalhos da agricultura. O seu bom governo o fêz collocar no numero dos deoses campestres. Attribue-se-lhe o dom dos oraculos.

PLUTÃO. — Deos dos infernos, filho de Saturno e de Rhea.

VULCANO. — Deos do fogo, filho de Jupiter e de Juno. Foi, por deforme, precipitado do céo, e cahiu na ilha de Lemnos, ficando côxo. Trabalhava com os Cyclopes em forjar o raio.

ODE V.

Anno de Roma 720 — Antes de J.-C. 34 —

Edade de Horacio 31.

ESTA Ode contem lisonjeiras censuras a Pyrrha, por quem Horacio se apaixonára. Foi um rompimento significado de uma maneira graciosa e poetica.

IMPERIO NOS FESTINS. — Nos festins era costume eleger-se um rei, a quem os demais convidados obedeciam. Esse

rei, que prescrevia as leis do festim e o numero dos copos que se deveria beber, era elegido á sorte por uma especie de dados.

ODE VI.

Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —

Edade de Horacio 38.

HORACIO, convidado por Agrippa, como o fôra por Mecenás, a celebrar os feitos gloriosos para o imperio realisados no govérno de Augusto, o que era celebrar a gloria do mesmo Agrippa a quem na maior parte eram devidos, escusa-se d'isso n'esta bellissima Ode.

ACHILLES. — Principe grego mui valoroso, filho de Thetis e de Peléo, rei de Thessalia, região da Grecia, hoje dos Turcos com a denominação de *Sandjakat de Tricala*. — Foi Achilles o vencedor de Heitor na guerra de Troia. — Horacio, querendo engrandecer os feitos de Agrippa, dá a entender que só podiam ser cantados por um genio como o de Homero, que cantára na *Iliada* a colera de Achilles, e na *Odysséa* os trabalhos de Ulysses.

AGRIPPA (M. Vipsanius). — Famoso general romano, valido de Augusto. Elevou-se por suas virtudes civis e militares ás mais altas dignidades. A elle se deveu, entre outras victorias, o bom sucesso da batalha d'*Actium*. — Aconselhou a Augusto, aindaque debalde, o abdicar o imperio e restabelecer a republica. Espousou Julia, filha d'esse imperador, e foi designado para successor do imperio. É elle que fez construir em Roma o celebre *Pantheon* (edificio soberbo, destinado a receber as estatuas de todos os deoses).

CISNE EM OS MEONIOS VERSOS. — Proprios de Homero, o maior dos poetas épicos, natural de Meonia, na Asia-Menor. — *Meonia*, nome dado pelos poetas á Lydia, de *Meon* seu antigo rei. Chamava-se a Homero *poeta meonio*, por ser considerado natural da Lydia, hoje denominada *Carasia*. Sobre as costas da Lydia estavam quasi todas as cidades gregas que formavam a confederacao jônica.

DIOMEDES. — Rei de Etolia, região da Grecia antiga (hoje, *paiz dos Souliotes*). — Era filho de Thydéo. A Etolia, ligada antigamente aos Macedonios e depois aos Romanos, foi posteriormente submettida ao jugo ottomano: — só em nossos dias, na insurreição de 1821, recobrou sua independencia. — Diomedes foi o mais valoroso Grego depois de Achilles e de Ajax.

MARTE. — Deos da guerra, filho de Jupiter e de Juno. Era particularmente adorado entre os Romanos, que o olhavam como pae de Romulo e de Remo. V. not. á ode 2.^a deste livro I.

MERION. — Heroe grego, cantado por Homero, um dos amadores de Helena. — Conduziu ao cerco de Troia, com Idomeneo, as naus dos Cretenses. Estes, depois da sua morte, fizeram-lhe honras divinas.

PELOPS. — Filho de Tantalo, rei da Lydia. Foi morto por seu pae, que ministrou seus membros aos deoses em um banquete que lhes dera. Jupiter, reconhecendo o detestavel guizado, reuniu os membros esparsos do joven principe (salvo uma costela que Ceres coméra) e lhe restituiu a vida. Teve por filhos *Atrœo*, *Thyestes*, *Pittheo*, *Træzen*, que são muitas vezes chamados *Pelopidas*.

ULVSSES. — Rei de Ithaca, filho de Laertes e de Anticlea. Fez grandes serviços aos Gregos, e contribuiu muito, com seu valor e esforço, para a tomada de Troia. É um dos heroes da *Iliada* de Homero, e suas aventuras e sua volta a Ithaca formam o assunto especial da *Odysséa*. — Os Portuguezes lhe attribuem a fundação d' *Olyssippo* ou Lisbôa.

VARIO (*L. Varius*). — Insigne poeta latino tragicó e épico, amigo de Virgilio e de Horacio, aos quaes sobrevivéra. — Foi encarregado por Augusto de revêr e examinar, com Tucca, a *Eneida* de Virgilio.

ODE VII.

*Anno de Roma 722 — Antes de J.-C. 32 —
Edade de Horacio 33.*

ESTA Ode foi dirigida a Planco (*L. Munatius*) reputado grande de militar, para attenuar o effeito de sua tristeza occasionada, segundo refere Walckenaer, (1) da pouca estima que seu caracter merecia a Octaviano, não obstante haver deixado o Egypto, onde fôra baixo cortesão de Antonio e de Cleopatra, ter-se declarado pelo mesmo Octaviano, e ser por sua proposto que o triumviro recebeu do senado o nome de *Augusto*.

ALBUNEA. — Fonte existente em Tibur, hoje *Tivoli*, cidade antiga do Lacio: — assim chamada por habitar perto a sibylla *Albunea*, que era reverenciada em toda a região banhada do rio Anio. Seu templo era em Tibur, de que ainda se vê as ruinas.

ANIO. — Rio de Italia (hoje *Teverone*), pequeno rio do Lacio; — lança-se no Tibre.

BACCHO. — Deos do vinho, filho de Jupitér e de Semele, princeza thebana. Desde sua infancia, triumpfou de todos os perigos, a que Juno, ciosa de sua mãe, o expunha continuamente. — Elle fez a conquista das Indias com um exercito de homens e de mulheres, levando, em vez de armas, thyrsoes

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. I, p. 344.

carregados de uvas e tambores. Foi depois ao Egypto, onde ensinou a agricultura aos mortaes, plantou vinha, e foi adorado como deos do vinho. Na guerra dos Gigantes transformou-se em leão, e fez maravilhas animado por Jupiter, que lhe gritava «Evoé» que quer dizer «corajem, meu filho!» Os antigos davam a este deos diversos nomes: — *Liber*, *Lyœus*, e outros.

CORINTHO. — Cidade da Grecia no Peloponeso, entre o mar Egêo e o da Jonia. Primitivamente *Ephyro*, *Kordos* dos Turcos. Foi uma das cidades mais importantes da Grecia. Deu seu nome a uma ordem de architectura dita *corinthia*. Tinha monumentos e objectos d'arte primorosos. Foi importantissima por commercio, riquezas e luxo. — Ficou livre da denominação turca em 1821.

DELPHOS, (hoje *Castri*). — Cidade da Phocida, região da Grecia antiga. Seu templo e oraculo de Apollo a tornaram celebre em todos os paizes gregos. Foi o deposito de riquissimos thesouros que se punham sob a protecção d'esse deos.

EPHESO, (hoje *Aia-solouk*). — Cidade da Asia-Menor, sobre a costa occidental, celebre por um magnífico templo de Diana, o qual foi incendiado por Erostrato no dia do nascimento de Alexandre, mas depois restabelecido. Foi fundada pelos povos da Caria. — Os philosophos Heraclito, Hermodoro, o poeta Hippoanax, os pintores Apelles e Parrhasio, n'ella nasceram. — O christianismo ahi estabeleceu uma de suas primeiras egrejas.

LACEDEMONIA, OU ESPARTA. — Cidade da Grecia antiga, capital da Laconia no Peloponeso. — *Sofredora*, pelo rigor de suas leis. Não existem hoje d'ella senão algumas ruinas. — Foi antes uma republica militar do que um estado monarchico. Foi mui celebre pelas suas heroicidades e victorias. Subjugou, entre outros povos, os Messenios. — É a patria de um grande numero de homens illustres: — Lycурgo, Leonidas, Pausanias, Lysandro, Agesilao e outros.

LARISSA. — Cidade da grande região da Grecia chamada

Thessalia (hoje dos Turcos com o nome de *Sandjakat de Tricala*). Foi patria de Achilles. — Pompéo se refugiou ahi depois da batalha de Pharsalia. É ainda hoje uma cidade rica e florecente.

MYCENAS (hoje ruinas perto de *Karvathi*. — Cidade da Argolide, região da antiga Grecia, que obedeceu successivamente aos Romanos, aos imperadores gregos, aos príncipes cruzados, aos Venezianos, aos Turcos. — Hoje província do novo reino da Grecia. — Mycenae era cheia de monumentos magníficos, de que apenas restam ruínas. Foi fundada, segundo alguns autores, por *Mycenas*, filha de Inacho; segundo outros, por *Acrisio* ou *Perséo*. Foi a capital do pequeno reino de Mycenae que disputou a Argos a supremacia do Peloponeso. A guerra de Argos a destruiu e exterminou seus habitantes.

MITYLENE. — Cidade de Lesbos (hoje *Medelin*), ilha do mar Egéu sobre a costa da Asia. Mitylene é celebrada dos autores antigos pela solidade e firmeza de seus edifícios, fertilidade de seu terreno, e mais ainda pelos grandes genios que produziu; — Pittaco, Alcêo, Sapho, Hellanico, &c. Foi por muito tempo o assento das ciências, e ahi se educaram eminentes personagens: — suas escolas de eloquência eram mui gabadas.

OLIVEIRA. — Árvore dedicada a Pallas ou Minerva, deusa da sabedoria.

RHODES. — Ilha do Mediterrâneo sobre a costa da Asia-Menor. Seu nome deriva-se do grego *rhodon*, rosa. Pertence hoje à Turquia. — Rhodes, capital d'esta ilha, edificada no tempo da guerra do Peloponeso, chegou a uma alta prosperidade pelo comércio e a cultura das letras e das artes. Admirava-se em seu porto um famoso colosso. — Em 1310, os valleiros de São-João-de-Jerusalém ahi se estabeleceram.

THEBAS. — Cidade do Egýpto superior, que tomou d'ella o nome de *Thebaida*, fundada n'uma época remotissima e não-conhecida: — é situada nas margens do Nilo. — É tambem chamada *Hecatompylos*, por causa das suas cem portas. — Foi

tomada por Cambyses, e quasi inteiramente destruida por *Cornelius Gallus*, governador do Egypcio no tempo de Augusto, e cahiu enfim sob a denominação dos Arabes. Hoje só restam d'ella ruinas sobre uma superficie immensa.

TIBURNO (bosque de). — De Tibur, hoje *Tivoli*, cidade antiquissima do Lacio, banhada pelo rio Anio. — Tibur, submettida a Roma desde o tempo de Tarquinio-o-soberbo, revoltou-se muitas vêzes durante a 3.^a invasão galleza, e na grande insurreição latina. — Os seus arredores eram muito agradaveis e deliciosos. Horacio ahi tinha a sua casa de campo, como muitas personagens romanas. — *Tiburno* foi seu fundador.

ODE VIII.

Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —

Edade de Horacio 38.

HORACIO, n'esta Ode, censura Lydia por concorrer para a pérda do joven Sybaris, a esperança e o orgulho de sua familia. Como Achilles, sob os trajos da moleza, já ninguem o vê nos exercícios gymnasticos, exposto ao sol e á poeira, domar no campo de Marte um cavallo da Gallia, fender as ondas do Tibre, ungir-se do oleo dos athletes, &c.

GALLIA. — Designava-se sob este nome, 1.^o a Gallia propriamente dita ou Gallia Transalpina (a Franga actual e a Belgica); 2.^o a Gallia Cisalpina (Italia septentrional); 3.^o a perfeitura das Gallias, que comprehendia as ilhas Britannicas, a Gallia transalpina e a Hespanha. — Os cavallos da Gallia eram estimados em Roma por sua arrogancia e ligeireza.

Lycios. — N'este logar tomam-se pelos Troianos. — Eram

povos que auxiliaram Troia : — os seus chefes foram Sarpedon e Glauco. — A Lycia (hoje livah de *Tekke*), é região da Ásia-Menor, pertencente aos Turcos. — Foi celebre antigamente pelos oraculos de Apollo, e pela fabula de Chimera.

THETIS. — Mãe de Achilles e filha de Nerão. Ocultou Achilles, em trajo de rapariga, no palacio de Lycomedes, rei dos Scyros (hoje *Skiro*), ilha da Grecia no mar Egêo, para o impedir de ir a Troia onde sabia que elle morreria. — Não deve confundir-se com a esposa de Neptuno, cujo nome se escreve diversamente — *Tethys*.

TIBRE. — Rio de Italia. V. not. á ode 2.^a d'este livro I.

TROIA. — Cidade famosa da Phrygia. Sua cidadella denominava-se *Pergamo*. Tambem se chamava cidade de *Ilion*, do nome de *Ihus*, um de seus reis. Era de origem pelasgica. Da-se-lhe por fundador Tros ou Dárdano. Foi rica e poderosa. Lamedonte a cercou de muros, auxiliado de Apollo e Neptuno, mediante uma paga, mas recusando depois satisfazê-l-a, Hercules, irritado de sua perfidia, matou esse rei desleal, e collocou no throno o joven Priamo. Este, havendo tollerado o roubo de Helena por seu filho Paris, teve a sustentar contra os Gregos, confederados sob Agamemnon, a famosa guerra de Troia que durou dez annos, e que acabou pela tomada da cidade e a destruição do reino, o que teve logar, segundo Herodoto, em 1270 antes de J.-C. ; — segundo os marmores de Paros, em 1209 ; segundo Eratosthenes, em 1184. A guerra de Troia é o mais celebre acontecimento dos tempos mythologicos ; — serve de época, e separa esses tempos dos tempos heroicos ou semi-historicos.

ODE IX.

*Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 29 —
Edade de Horacio 35.*

ESTA Ode é dirigida ao joven Thaliarcho, que os antigos escoliadores consideram liberto, mas que era rico, instruido, e amigo de Horacio. Achando-se triste, Horacio o chama á alegria pelo quadro dos prazeres que o esperam no campo.

SORACTE. — Monte da Italia antiga, na Etruria meridional, perto de Roma, hoje chamado — *monte de São-Sylvestre*.

ODE X.

*Anno de Roma 718 — Antes de J.-C. 36 —
Edade de Horacio 29.*

PARECE que Horacio, como pensam alguns interpretes, compoz esta Ode para ser cantada na festa de Mercurio, inventor da lyra, deos civilisador pelo dom da palavra e os exercicios gymnasticos de que fez presente aos homens.

ATRIDAS. — Agamemnon e Meneláo, netos de Atrêo. — Agamemnon, rei de Argos e de Mycenas, foi generalissimo dos Gregos na guerra de Troia. Suas desavenças com Achilles, tão longo tempo funestas á causa dos Gregos, só cessaram quando restituiu a esse principe a escrava *Briseis* que lhe roubára. — Meneláo, seu irmão, reinou depois de Tyndaro. Havia esposado a bella Helena, mas foi-lhe roubada por Paris, filho de

Priamo rei de Troia, o que fêz armar todos os Gregos para forçar o raptor a restituir-lh'a. Elle assignalou-se n'essa guerra por brilhantes proezas.

CADUCÉO. — Uma vara que Apollo offereceu a Mercurio em troca da lyra que d'este recebêra. Tinha duas serpentes enroscadas, e na parte superior duas azas: — era symbolo da paz. — Eis a explicação: — Mercurio encontrou sobre o monte *Cytheron* duas serpentes que brigavam, lançou entre elles a referida vara para as separar: — elles enroscaram-se na vara. Mercurio assim as quiz trazer como um simbolo de paz, e lhe juntou pequenas azas, que denotam a rapidez da eloquencia, de que elle era o deos.

MERCURIO. — Filho de Jupiter e de Maia: — era deos da eloquencia e do commercio, e mensageiro dos deoses. Foi insigne na musica e inventor da lyra. — A elle pertencia conduzir as almas dos mortos aos infernos. — Desde sua infancia se assignalou por sua destreza, furtou o tridente de Neptuno, a espada de Marte, o cinto de Venus, e as armas e a lyra de Apollo. — Livrou Marte da prisão em que Vulcano o tinha encerrado.

PALESTRA. — Era o exercicio da lucta e outras artes gyn-nasticas que vigoravam o corpo e lhe davam bom ar e graça.

PRIAMO. — Ultimo rei de Troia, filho de Laomedonte.

SITIOS AMENOS. — Os campos elysios, parte dos infernos onde repousavam as almas virtuosas depois da morte. Reinava ahi uma primavera eterna. Os antigos os collocavam geralmente nas ilhas *Afortunadas* (as Canarias).

THESSALICOS FOGOS. — Os fachos accesos nos campos dos Gregos. A Thessalia era região da Grecia, de *Thessalo* um de seus monarchas.

ODE XI.

724 — 726.

*Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —**Edade de Horacio 35.*

HORACIO reproduz n'esta Ode as maximas da philosophia epicurea enunciadas na Ode a Thaliarcho. Parece ter sido dirigida a uma mulher, a quem chama Leuconoe, entregue á mania de consultar os adivinhos e os astrologos.

BABYLONIOS CALCULOS. — Os Babylonios eram muito dados á *astrologia judicaria* : — mettiam-se a vaticinar o futuro por meio de cálculos mathematicos e astronomicos.

Mar Tyrrheno. — É a parte do Mediterraneo que banha a costa de Etruria ou Toscana.

ODE XII.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —**Edade de Horacio 42.*

ESTA Ode é uma das mais sublimes e magnificas de Horacio, uma d'aquellas que mais admiram os criticos judiciosos e amadores da poesia elevada. É feita com grande arte : — a Musa de Horacio celebra os deoses e os heroes bemfeiteiros de Roma, e tece os louvores de Augusto, protegido dos deoses, a quem o senado e o povo haviam conferido honras divinas.

Axcidus. — É Hercules, de forças prodigiosas, que matou a hydra de Lerna. V. *Hercules*, not. á ope 3.^a d'este livro I.

Baccho. — Deos do vinho e conquistador das Indias. V. *Baccho*, not. á ope 7.^a d'este livro I.

BRINCARDA IMAGEM. — Echo, nympha de Juno, filha do Ar e da Terra: — serviu Jupiter, divertindo a deusa por longos discursos quando o deos se entretinha com outros amores. Juno percebeu isso, e condemnou-a a não fallar sem que a interrogassem, e a não responder senão repetindo as ultimas palavras das perguntas. — Apaixonou-se do bello Narciso, de quem foi desprezada.

CAMILLO (M. Furius Camillus). — Famoso general romano, denominado segundo *Romulo* pelos assignalados serviços que fez á patria. Foi varias vêzes dictador, e teve as honras do triumpho.

CATÃO (C. Porcius Cato). — Sobrenominado — d' Utica. Ilustre Romano descendente de Catão-o-censor. Foi dotado de uma alma firme e corajosa. Pronunciou-se na guerra civil por Pompéo, e ganhou vantagens sobre as tropas de Cesar em *Dyrrhachium*. Á noticia da derrota de Pharsalia e morte de Pompéo, reuniu os restos do exercito republicano e passou-se a Africa, onde Q. Metello Scipião se preparava para resistir a Cesar, mas sendo derrotado, Catão se encerrou em Utica, e atravessou-se com a sua espada.

CESAR, é Augusto (C. Julius Cesar Octavianus Augustus). — Filho do senador *C. Octavius* e sobrinho de Cesar, que o adoptára. Tinha 18 annos e estudava na Grecia quando Cesar foi assassinado: — correu a Roma para receber a sua herança, e forçou Antonio a restituir-lhe parte de seus bens: — reconciliou-se depois com elle, deu-lhe sua irmã Octavia em casamento, e ambos formaram com Lépido um triumvirato, celebre por suas proscripções e crueldades: — marcharam contra os restos do partido republicano, a cuja frente se achavam Bruto e Cassio, e o derrotaram em *Philippos*. Senhores do imperio, dividiram-no entre si Octaviano e Antonio, afastan-

do o fraco Lépido. — Octaviano reservou-se todo o Occidente, e, rompendo afinal com Antonio, desbaratou as suas forças e as de Cleopatra perto *d'Actium*, reduziu o Egypto a província romana, e, voltando a Roma, recebeu os títulos de *imperador* e *augusto*, restabelecendo o governo monarchico. Serviu-se do seu poder para promulgar leis sabias e pacificar o imperio, fazendo esquecer quanto o dealstrára no triumvirato. O senado lhe conferiu honras divinas.

Clio. — Uma das Musas. Presidia á historia.

Curio (*Curius Dentatus Manius*). — Romano illustre: — foi tres vêzes consul; — venceu os Samnitas, os Sabinos, os Lucanos: — derrotou a Pyrrho junto de Tarento. Foi celebre pela sua frugalidade, desinteresse e fortaleza. Teve duas vezes as honras do triumpho.

ESTRELLA JULIA. — No tempo dos primeiros jogos que Augusto celebrára em honra de Cesar, appareceu uma estrella crinita ao norte, e foi visivel durante sete dias. O povo creu ser a alma de Cesar recebida no céo; e Augusto, para o confirmar n'essa crença, fêz pôr uma estrella em todas as estatuas de Cesar: — é a isso que Horacio allude.

FABRICIO (*C. Fabricius Luscinus*). — General romano, celebre pela sua virtude e a sua pobreza e desinteresse. Consul, venceu os Lucanos e os Samnitas, recusando os seus presentes, assim como os de Pyrrho, quando lhe foi enviado para a troca dos prisioneiros. Pyrrho, encantado de suas virtudes, confiou-lhe os prisioneiros para os conduzir a Roma, com a condição de lh'os reenviar se o senado refusasse satisfazer seu resgate: — como o senado não quiz satisfazel-o, Fabricio reenviou-lhe os prisioneiros fielmente. Nomeado novamente consul e mandado contra o mesmo Pyrrho, ofereceu-se-lhe o medico d'esse princípio para o envenenar: — Fabricio, repulsando a offerta, avisou d'isso a Pyrrho, que, reconhecido e generoso, deu a liberdade a todos os prisioneiros sem resgate algum. — Fabricio foi nomeado censor: — morreu pobrissimo: — o estado fez o seu funeral, e dotou sua filha.

GRAVE CARRO. — Persuadiam-se os antigos que os trovões eram occasionados do movimento que fazia no céo o carro de Jupiter.

HELLCON (hoje *Zagora* — *Vouni*). — Monte celebre da Beocia, paiz da antiga Grecia (parte da *Livadia* dos Turcos). — Ahi se viam as fontes de Aganippe e de Hypocrene, e o rio Permesso. — Este monte era consagrado ás Musas.

HEMO (hoje *Balkan*). — Cadeia de montanhas que separa a Thracia da Mesia-Inferior. Foi patria de Orpheo, filho de Calliope, uma das Musas, que presidia á eloquencia e á poesia heroica.

MARCELLO (*M. Claudius Marcellus*). — Famoso general romano. Foi cinco vezes consul: — reduziu a Gallia Cisalpina a provicia romana: — conquistou Syracusa (*Siragosa* em italiano), cidade da Sicilia. Foi o primeiro romano que obteve vantagens contra Annibal, mostrando os mais abalisados talentos militares.

OLYMPO. — Celebre monte entre a Thessalia e a Macedonia: — hoje é denominado o *Lacha*. — Os antigos o consideravam a morada ordinaria dos deoses. •

ORPHEO (*Orpheus*). — E', segundo a mythologia, um cantor ou poeta de Thracia, filho do rei *Eagro* e da musa *Calliope*, ou, segundo outros, de *Apollo* e de *Clio*. — Foi discípulo de Lino; — tomou parte na expedição dos Argonautas: — desceu aos infernos para pedir sua mulher Eurydice a Plutão, que, enternecido dos sons da sua lyra, lh'a concedeu com a condição de a não ver senão depois de haver sahido dos infernos; — elle porem lançou os olhos a tras para a ver, e a perdeu para sempre. — Tocava tão perfeitamente a lyra, que, se diz, as árvores e os rochedos deixavam seus logares, os rios suspendiam a sua corrente, e as feras vinham ao redor d'elle, para escutal-o.

PARTHOS. — Antigos povos da Asia: — confundem-se com os Persas e os Medos. Eram fortes e guerreiros. V. *Persas*, not. á ode 2.^a, deste livro I.

PAULO (*L. ~~Emilius~~ Paulus*). — Illustre romano: — foi consul duas vezes, a segunda com Varro, com o qual se opôz aos progressos de Annibal na Italia. Queria moderar a temeridade do seu collega, aconselhando-lhe a imitação do grande Fabio, *fatigar o inimigo e evitar ação decisiva no campo*, mas elle desprezou o conselho, o que occasionou a perda da batalha de Cannas. Paulo Emílio podia evadir-se como o seu collega, mas não quiz sobreviver á derrota de suas tropas: — é por isso que Horacio diz que elle fôra *pródigo da vida*.

PÍENO. — E' Annibal, famoso general carthaginez, filho de Amilcar. Seu pae havia-o feito jurar na infancia um odio im- placavel aos Romanos. Militou na Hespanha sob o commando de Adrubar, na morte do qual, tendo apenas 25 annos de edade, foi proclamado generalissimo pelo exercito carthaginez. Portou-se heroicamente na Hespanha e na Italia: — ganhou grandes victorias combatendo os Romanos, e os desbaratou na famosa batalha de Cannas. Sustentou-se 14 annos na Italia sem auxilio de Cartago: — voltou á Africa para defender sua patria contra as forças de Scipião, de quem finalmente foi vencido. Refugiou-se em casa de Prusias, rei da Bithynia, mas, como este quizesse entregar-l-o aos seus inimigos, envenenou-se para não sofrer essa ignominia.

PHEBO. — E' Apollo, regedor das Musas. V. *Apollo*, not. á oade 2.^a deste livro I.

PINDO (hoje *Menzovo*). — Monte, ou antes cordileira de montes, na Grecia: — separa a Thessalia da Athamania, paiz do Epiro (hoje *Albânia meridional*). — Os habitantes do Epiro eram Pelasgos: — eahja sob o dominio dos Turcos em 1466. — O Pindo era consagrado a Apollo e ás Musas.

POMPILIO (*Numa Pompilius*). — Segundo rei de Roma, sábio de origem. Vivia no retiro quando os Romanos o chamaram ao throno. Nenhuma guerra perturbou o seu reiando: — dedicou-se á legislacão e ás instituições religiosas.

REGULO (*M. Atilius Regulus*). — Famoso general roma-

no : — foi consul, bateu os Carthaginenses perto de *Ecnome* na Sicilia com seu collega *Mantius Vuko*, e depois na África proximo de *Adis*, reduzindo-os a pedir a paz ; mas quando se debatiam as condições, foi accomettido, derrotado e preso, em Tunes, pelo lacedemonio *Xantippo*. — Os Carthaginenses, mandando a Roma uma deputação para pedir a troca dos prisioneiros, puseram-no em liberdade para a acompanhar, fiados em sua palavra de que voltaria se o não conseguisse. Chegado a Roma, em vez de apoiar a proposta, levantou a voz para combatel-a e persuadir o senado a repelil-a. Não temeu voltar, como prometera, a retomar seus ferros em Carthago. Ahi o fizeram morrer barbaramente com os mais crueis supplicios.

ROMULO, — (*Romulus*). — Fundador e primeiro rei de Roma : — passava por filho de Marte e da vestal *Rhea Sylvia*, neto de *Numitor*, rei d'Alba. Veio ao mundo com *Remo* : — foram lançados no Tibre por ordem de *Amulio*, que havia usurpado o throno de seu irmão *Numitor*. O rio os deixou em secco, e uma lôba lhes veio dar o seculo leite. *Faustulo*, pastor do rei, tendo-os achado, os levou e os fez educar como seus filhos. Tanto que cresceram, matavam *Amulio*, restituindo o throno a *Numitor* seu avô. Lançando os fundamentos de Roma, desavieram-se, e *Romulo* matou a *Remo*. — Organisou depois um pequeno estado, dividiu a nação em patricios e plebeus, criou o senado, instituiu o triunfo e as ceremonias religiosas. Desappareceu em uma tempestade.

SCAUROS, — pae e filho. — Romanos poderosos e illustres. O pae (*M. Aemilius Scaurus*), serviu na Hispanha e na Sicilia ; — foi edil, pretor e consul ; — nomeado principe do senado, dirigiu algum tempo todos os negócios de Roma : — foi elogiado por *Cicero* e *Tacito*. — Seu filho, com o mesmo nome, foi conhecido por seu grande luxo ; — tinha em Roma um palacio magnifico, de quo *Plinio* deu uma pompeia descrição.

SETAS e INDIOS. — Os antigos Setas (ou Sres) habitavam

na extremidade do Oriente para a parte da China septentrional. — Os seus matos abundavam em bichos de seda, de que faziam ricos tecidos. — Os Indios occupavam uma grande região da Asia entre os Persas e os Seras. — Estes povos mandaram embaixadores a Augusto a pedir-lhe a paz.

TARQUINIO (*L. Tarquinius Priscus*), 5.º rei de Roma. Era bravo e munificente: — dobrou o numero dos senadores, e lançou os fundamentos do Capitolio: — bateu os Sabinos, e derrotou os Latinos colligados, entre outras proezas militares. — Morreu assassinado pelos filhos de *Ancus*.

VIRGEM INIMIGA DAS FERAS. — E' Diana, filha de Júpiter e de Latona. Tinha a preencher tres papeis distintos, na terra, no céo, e nos infernos, e recebia em consequencia tres nomes differentes: — na terra, era chamada *Diana*, deusa da caça e da castidade: — no céo, chamava-se *Phebe*, e era a deusa da lua, como Apollo era o deos do sol: — em os infernos, chamava-se *Hecate*, e presidia aos encantos e ás expiações.

ODE XIII.

Anno de Roma 728 — Antes de J.-C. 26 —

Edade de Horacio 39.

HORACIO, ferido de amor por Lydia, viu com dor os seus extremos por Telepho, e a força do ciume lhe dictou esta ode, onde pinta o nimio arrebatamento do seu rival, e a sua grosseria no goso dos encantos de uma formosura merecedora de delicadezas.

ODE XIV.

*Anno de Roma 723 — Antes de J.-C. 31 —
Edade de Horacio 34.*

ESTA Ode é allegórica. Preparava-se a guerra de Octaviano — Cesar contra Antonio, e Horacio, que a via aproximar com terror, desejava previnil-a e despertar o patriotismo dos Romanos para se subtrahirem a dissensões civis.

CYCLADAS. — Ilhas do mar Egêo, dispostas em circulo, e algumas circundadas de rochedos brancos, que as faziam brilhar ao longe.

PONTICOS BOSQUES. — Do Ponto (*Pontus*), região da Asia-Menor, que produzia excellente madeira para construção de navios. Confina ao N. com o Ponto-Euxino, ao S. com a Cappadocia, a L. com a região Caucasia e a Armenia, ao O. com a Paphlagonia. — O Ponto foi reduzido a província romana, depois de haver muito florecido sob o reinado de Mithridates VII.

ODE XV.

*Anno de Roma 723 — Antes de J.-C. 31 —
Edade de Horacio 34.*

ESTA Ode, allegórica como a precedente, é na realidade admirável. O poeta, cheio da leitura de Homero e dos tragicos gregos, n'ella encerrou, em poucos e harmoniosos versos, todo o assumpto da guerra de Troia, com imagens gran-

diosas, e n'um estylo pomposo e sublime. E' uma allusão evidente, sob os nomes de Paris e Helena, aos amores de Antonio e de Cleopatra, e ás desgraças que d'elles podiam resultar aos povos do Oriente.

ACHILLES. — O mais valente dos gregos. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

AJAX. — Famoso capitão grego, filho de Telamon e rei de Salamina : — foi o mais valente dos principes gregos, depois de Achilles, na guerra de Troia.

DARDANIA. — E' Troia, assim chamada de *Dardano*, seu fundador e 1.^o rei.

DIOMEDES. — Rei da Etolia, paiz da Grecia antiga. Foi o mais esforçado dos Gregos, depois de Achilles e Ajax, no cércio de Troia. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

FILHO DE LAERTES. — E' Ulysses, um dos heroes gregos. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

FLECHAS CRETENSES. — De *Idomeneo*, rei de Creta. Idomeneo foi um dos heroes que se distinguiram na guerra de Troia.

ILION. — E' *Troia*. V. not. á ode 8.^a deste livro I.

MATRONAS PHRYGIAS. — *Troianas*. A cidade de Troia era na Phrygia, região da Asia-Menor.

MERION. — Heroe grego. V. not. á ode 6.^a deste livro I.

NERÉO. — Deos marinho, filho do Oceano e de Tethys, esposo de Doris, pae das Nereidas, nymphas do Oceano. Habitava o mar Egêo, e, como Protêo, tinha o dom de mudar de forma e de predizer o futuro.

NESTOR. — Um dos famosos Gregos no cércio de Troia, denominado *Pylio* por ser rei de Pylos na Eolida, parte da costa occidental da Asia-Menor. — Conduziu os Pylios e os Messenios ao combate de Troia, onde perdeu seu filho Antilocho. Nestor era então velhissimo ; — tinha vivido, segundo a expressão de Homero, tres edades de homem. E' celebre entre os poetas por sua sabedoria e sua eloquencia.

PALLAS (chama-se tambem *Minerva*). Deosa da guerra e

da sabedoria. Era filha de Jupiter, e saiu armada, segundo a fabula, do cerebro d'esse deos. Quando Cecrops edificou a capital do seu reino, Neptuno e Minerva se disputaram a honra de lhe dar um nome. Essa honra foi reservada á divindade que produzisse a cousa mais util á cidade: — a deusa criou a oliveira, symbolo da paz e da abundancia, quando o seu rival fêz nascer da terra um cavallo, symbolo da guerra: — o premio foi julgado a Minerva, e ella deu á cidade o nome de *Athenas*.

PASTOR. — Os Gregos e os Latinos assim designam Paris, filho de Priamo, rei de Troia, e de Hecuba, em razão de haver sido criado entre pastores. — *Paris* foi quem terminou a contenda entre Juno, Pallas e Venus, acerca do pomo de ouro que a Discordia lançara sobre a mësa nas bodas de Peleão e Thetis, julgando-o a favor de Venus, attrahindo por isso a protecção d'esta deosa e o odio d'aquellas. — Indo como enviado a Esparta, começou a galantear Helena, mulher de Menelão, de quem fora hospede, e a roubou. Os Gregos se ajuntaram para vingar esta afronta: — foram sitiar Troia, e a destruiram depois de dez annos de cerco.

STHÉNELO. — Um dos guerreiros illustres do cerco de Troia, companheiro de Diomedes. Era filho de *Capano*, um dos sete chefes argivos que socorreram *Polynices* no cerco de Thebas.

TRUCRO, filho de Telamon, rei de Salamina e de Hesione, e irmão de Ajax. Foi um dos pertendentes de Helena, e por esta razão acompanhou os Gregos á guerra de Troia, na qual se assignalou.

ODE XVI.

*Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —
Edade de Horacio 38.*

HORACIO, encantado da belleza e dos talentos de Tyndaris, cuja mãe era ainda bella, tinha certamente obtido a sua terna attenção quando se lhe fizera conhecer os versos virulentos que o poeta havia outr'ora feito contra Gratidia. Tyndaris, ou por nova paixão ou inconstancia natural, rompeu com Horacio, e abriu o coração aos agrados de Cyro, homem cioso e áspero. E' para attrahil-a que Horacio compoz esta ode e a seguinte.

APOLLO. — Deos da poesia, chefe das Musas. Tinha um templo em Delphos, onde se ouviam seus oraculos. V. not. á ode 2.^a deste livro I.

BACCHO. — Deos do vinho. V. not. á ode 7.^a deste livro I.

CYBELLE. — Deosa da terra: — era filha do Ceo e mulher de Saturno, de quem teve Jupiter, Juno, Neptuno, e outros deoses. Chama-se tambem *Ops*, *Vesta*, *Rhea*, *Tellus*. — Era adorada em Phrygia e em Creta. Seu culto só se introduziu entre os Romanos no tempo de Annibal. Os Corybantes, os Dactylos, os Gallos, eram seus sacerdotes: — elles celebravam as suas festas e mysterios por mil contorsões, fazendo grave ruido com os adufes e instrumentos de toda a especie. Era-lhe consagrado um monte da Phrygia denominado *Dindymus*, e por isso se chamava *Dindymene*.

CORYBANTES. — Sacerdotes de Cybelle, que se enchiam de furor nas suas ceremonias tocando ruidosamente pandeiros e adufes.

NORICA ESPADA. — De Norico (*Noricum*) (hoje parte da Baviera, da Austria e da Styria), província do imperio ro-

mano entre a Rhecia e a Pannoña; — tinha por limites ao N. o Danubio, ao S. a Illyria. — A Styria (*Steyer* em alemão), um dos governos da monarchia austriaca. — O ferro que se extrahia das minas de *Norico* era considerado o mais excellente, e d'aqui veio a frase *nórica, espada (noricus ensis)* para exprimir a bôa qualidade de uma espada.

PROMETHEO. — Filho de Japeto e de Clymene ou da Tera, e pae de Deucalião. Segundo uns, fez o homem de barro e o animou com o fogo do ceo que havia roubado: — segundo outros, havendo Jupiter privado os homens do uso do fogo, Prometheo roubou o fogo celeste ao sol e o entregou aos homens. Em punição da sua audacia de rivalisar com os deuses criando o homem, foi ligado por ordem de Jupiter ap Causaco, onde um abutre lhe roia o figado, que sempre renascia.

THYESTES. — Filho de Pélops e de Hippodamia, irmão de Atrêo, rei de Argos. Seduziu sua cunhada *Erope* de quem teve filhos. Atrêo, descobrindo o delicto, buscou vingar-se, e, fingindo reconciliar-se com o adultero, convidou-o para sua casa, e lhe ministrou á mësa a carne d'aquelles seus filhos nascidos do commercio incestuoso. — Diz-se que o sol, n'esse dia, não apareceu no horizonte para não allumiar cou-
ta tão detestavel.

ODE XVII.

Anno de Roma 727 — Anno de J. C. 27 —

Edade de Horacio 38.

ESTA ode, dirigida a Tyndaris, como a precedente, é já denunciadora de uma alma satisfeita: — parece que a primeira

fôra coroada de próspero sucesso. Horacio convida esse objecto do seu amor a gozar a tranquillidade e as delicias de sua casa de campo, assegurando-a nada ter a temer de Cyro, d'esse amador cioso e grosseiro.

CIRCE. — Famosa magica, filha do Dia e da Noite, ou, segundo outros, do Sol e da nympha *Perseis*. Habitava a ilha de *Aea*, ao pé do promontorio *Circeu* na Italia. Recebeu Ulysses em sua ilha, e por elle se apaixonou, e para ahi o reter transformou os seus companheiros em lobos, ursos, e outros animaes, com certo licor que lhes ministrou, e em que Ulysses não quiz tocar.

FAUNO. — Antiquissimo deos dos pastores. V. not. á ode 4.^a d'este livro I.

LESBOS. — Ilha do mar Egêo, patria de Sapho e de Alceo: — produzia bom vinho. V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a d'este livro I.

LUCRETIL (*Lucretius mons*). — Hoje *monte Gennaro*, ou *Libretti*, monte de Italia antiga no paiz dos Sabinos, ao norte de Varia, onde estava situada, em um valle delicioso, a casa de Horacio.

Lycio (*Lycoeus monte*). — Hoje *monte Mintha*, monte da Arcadia onde se celebravam, em honra de Fauno e de Pan, deoses dos pastores, festas e sacrificios.

MARTE. — Deos da guerra. V. not. á ode 2.^a d'este livro I.

PENÉLOPE. — Mulher de Ulysses, mãe de Telemaco. E' celebre pela resistencia firme que oppoz ás pertenções dos que buscavam sua mão na longa ausencia de Ulysses. Ella tinha promettido faser sua escolha quando uma teia que urdia estivesse acabada, mas desfazia de noite o que havia feito de dia.

Tíos (— Hoje *Sardicik*), — cidade maritima na costa da Jonia, na Asia-Menor, fronteira á ilha de Samos. — Era uma das doze cidades que formavam a confederação jonica. — Foi patria de Anacreonte, poeta lyrico, e de Appellicon, philosopho peripatetico, apaixonadissimo de livros.

THYONTO. — Assim se chamava Baccho, em razão de ser filho de Semele denominada *Thyone*. V. *Baccho*, not. á ode 7.^a d'este livro I.

USTICA. — Era uma pequena montanha no país dos Sabinos.

ODE XVIII.

Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —

Edade de Horacio 37.

QUINTILIO VARO, o poeta, amigo intimo de Virgilio e de Horacio, tinha uma casa de campo perto da de Mecenas e dos muros de Tibur. Horacio, tendo ido fazer-lhe uma visita, achou-o entretido a plantar árvores em seu predio: o que moveu o poeta a dirigir-lhe esta ode, em que o exhorta a plantar vinhas, de preferencia a tudo, expressando as excellencias dos dons de Baccho.

CATILO. — Filho de Amphiarão, e irmão de Tiburno e Coras, principes gregos, fundadores de muitas cidades na Itália. — Tiburno deu o seu nome á cidade de Tibur.

CENTAUROS. — Monstros semi-homens e semi-cavallos, nascidos, segundo a fabula, de Ixion e de uma Nuvem que Júpiter tinha substituido a Juno. — Habitavam os arredores dos montes Ossa e Pelion na Thessalia. Tendo querido, nas bodas de Pirithoo com Hippodamia, arrebatar esta princesa, foram repelidos e batidos pelos Lapithas, ou seja nação monstruosa do mesmo paiz. São celebres guerras entre estes dois povos.

EVIO. — Um dos sobrenomes de Baccho. V. not. á ode 7.^a d'este livro I.

QUINTILIO VARO (*Quintilius Varus*). — Poeta e illustre romano no tempo de Augusto: — era parente de Virgilio, e seu íntimo amigo e de Horacio. — Não deve confundir-se com Q. Varo que se suicidára na Allemania depois da derrota de suas legiões.

SITHONIOS. — De *Sithonia*, região da Thracia. — Thracia, hoje parte da *Roumeka*, grande paiz da Europa antiga: — tinha por limites ao N. o Hemo, ao S. o mar Egêo e a Propontida, a L. o Ponto-Euxino, a O. a Macedonia. Era um paiz montanhoso e frio: — produzia excellentes cavallos. — Os Thracios passavam por bravos, ferozes e ébrios.

ODE XIX.

731 — 734.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

HORACIO, em quem o tempo havia já esfriado os sentimentos e as fantasias amorosas, admira-se n'esta ode da violencia de sua paixão por Glycera, cujos encantos o cativam.

CHYPRE. — Ilha do Mediterraneo consagrada a Venus. V. *Cyprio lenho*, not. á ode 1.^a d'este livro I.

FILHO DE SEMELE. — E' Baccho. V. *Baccho*, not. á ode 7.^a d'este livro I.

LEIVA. — Os altares faziam-se de leiva com hera.

SCYTHAS. — Naturaes da Scythia, vasta região da Asia e da Europa, que entre os antigos comprehendia todos os paizes

septentrionaes e orientaes estranhos á civilisacão. — Eram povos nómades. — O nome de Scythia desapparece da historia no VII seculo, em que as raças slave, avare e bulgare, dividiram entre si o paiz. Ahi se comprehendiam os Turcos e os Tártaros.

VERBENAS. — Eram, segundo Dacier, todas as hervas de que os Romanos se serviam nos sacrificios.

ODE XX.

*Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —
Edade de Horacio 46.*

ESTA ode, elegante improviso, mostra bem a familiaridade em que vivia Horacio com Mecenas. O poeta, recebendo uma visita do poderoso amigo, convida-o a beber o ordinario vinho da Sabina, mas vinho de alto preço por ser sellado em uma amphora grega no dia em que Mecenas recebêra os aplausos publicos no theatro.

CALENO. — De *Cales*, cidade da Campania, na Italia. Os vinhos d'este paiz eram excellentes: — segundo *Athenêo*, eram melhores que os de Falerno.

CÉCUBO. — Vinho de *Cecuba*, cidade da Campania, na Italia: — era muito estimado.

LICOR SABINO. — O vinho da Sabina: — era de pouca estimação.

RIO PATERNO. — O *Tibre*, que corria da Etruria, de cujos reis descendia Mecenas.

FALERNO. — Vinho precioso que produziam as collinas de *Falernum*, cidade do Lacio meridional onde habitavam os

Volscos. Os seus vinhos eram celebrados pelos poetas romanos.

Formias. — Cidade maritima da Campania, na Italia. Era antigamente habitação dos Lestrygões, e celebre por seus excellentes vinhos.

Vaticano (*Vaticanus mons*). — Collina de Roma, pouco distante do Tibre, em que hoje está edificada a basilica de São-Pedro, e o magnifico palacio dos Papas, ao qual pertencem jardins soberbos, e a celebre bibliotheca do Vaticano.

ODE XXI.

Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —

Edade de Horacio 43.

ESTA Ode foi composta para ser cantada em honra de Apolo e de Diana. Consideraram alguns interpretes ser nas festas d'estes deoses, depois da peste e da fome que flagelaram Roma; — Walckenaer é d'este numero: — outros, com Dacier, pensam ser uma preparação para o hymno secular que se vê no fim do livro V, o dos *Epodos*.

Alcino (*Algidum*). — *Rocca del Papa*, monte e cidade do Lacio, perto de Roma. — A mata do Algido, sobre esse monte, chama-se hoje — *Silva del Adio*.

BRITANOS, Povo da Gram-Bretanha (*Britannia*), ilha do Oceano septentrional, a maior da Europa. — Foi conquistada por Jolio Cesar (50 annos antes de J.-C.); — teve o nome de *Albion*, e foi província romana até o anno 411, em que os Romanos a evacuaram. Foi depois invadida pelos Saxonios e os Angles. — E' a Gram-Bretanha actual, theatro

das sciencias, das artes, do commercio, da opulencia, da liberdade.

CRAEO. — Monte da Lycia, na Asia-Menor, no cume do qual, diz-se, havia um vulcão. — O Crago era consagrado a Diana.

DELOS (hoje *Sdilo* ou *Dili*), ilha do mar Egão, uma das Cycladas, consagrada a Apollo e a Diana.

DIANA. — Filha de Jupiter e de Latona, deusa da caça e da castidade. V. *Virgem inimiga das feras*, not. á ode 12.^a d'este livro I.

ERYMANTHO (hoje *monte Xiria*). — Monte ao N. O. da Arcadia, e consagrado a Diana. — A Arcadia, uma das antigas divisões do Peloponeso. Foi separada do imperio grego pelos Venezianos; — depois conquistada pelos Turcos, que a conservaram até a insurreição de 1822. E' hoje uma província do novo estado da Grecia.

FRATERNA LYRA. — Lyra que deu Mercurio a Apollo seu irmão.

JUPITER. — O maior dos deoses dq paganismo, filho de Saturno e de Rhea. V. not. á ode 2.^a d'este livro I., na palavra *Jove*.

LATONA. — Filha de *Cœus* e de *Phœbe*. Foi amada de Jupiter, que d'ella teve Apollo e Diana.

PERSIA. — Imperio vastissimo da Asia: — estendia-se antigamente desde o Hellesponto até o Indo, e do Ponto até á costa da Arabia. A Persia, como província, segundo Ptolémœo, confinava ao N. com a Media, ao O. com a Susiana, ao S. com o golfo Persico, a L. com a Germania. — A história da Persia começa em Cyro, seu fundador (538 antes de J.-C.). Sob os seus sucessores, momente desde Dario, filho de Hystaspe, o imperio persiano compreendia, entre outras regiões, a Syria, a Asia-Menor, a Bactriana, a Sogdiana, o Egypto. — Arruinada pelos Macedonios, ficou a Persia tributaria aos Gregos, e depois aos Parthos, ainda que não totalmente. — Artaxerxes, simples soldado, filho de Sasan, veio

a ser o fundador da segunda monarchia dos Persas: — estes educavam-se em exercícios duros: — eram grandes guerreiros, e foram inimigos acerrimos dos Romanos. — O poeta, pela figura synecdoche, chama Persas aos Parthos.

TEMPE. — Bellissimo valle da Grecia, ao N. E. da Thesalia, entre o monte Olympo ao N. e o Ossa ao S. — Era banhado pelo Penéo. Os seus sitios eram amenos e deliciosos. — Os antigos, e sobretudo os poetas, gabaram muito o valle de Tempe.

ODE XXII.

Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —

Edade de Horacio 35.

HORACIO, passeando nos bosques da Sabina e imaginando versos para a sua Lálage, avistou um lobo que assás o ate-morisou, mas fugindo o fero animal, atribuiu o poeta essa felicidade á protecção dos deoses por não ter nenhum pensamento criminoso. E' o objecto da presente ode.

ARISTIO Fusco (*Ariitius Fuscus*). — Era rhetorico, grammatico e poeta.

CAUCASO. — Nome geral sob o qual se comprehende um grande sistema de montes que separa a Europa da Asia ao S. E., e que se estende entre o mar Caspio e o mar Negro. O Caucaso foi conhecido desde a alta antiguidade: — representa um papel importante na mythologia dos Gregos: — é sobre os cimos do Caucaso que elles collocavam o supplício de Promethéo. — Pertence ao imperio da Russia.

DAUNIA. — Região da Italia meridional, na Apulia: — é a *Capitanate*. Tomou seu nome de *Daunus*, seu primeiro rei. —

Os Gregos estendiam o nome de Daunia a toda a Apulia.

HYDASPE (*Hydaspe*). — Hoje *Djelem*, rio da India. — A passagem do Hydaspe por Alexandre, e a batalha que deu a *Porus*, entram no numero dos mais bellos feitos d'armas desse grande capitão. — *Fabuloso*, de que se contam muitas fabulas.

TERRA DE JUBA. — A Mauritania (hoje *reino de Fez*, no imperio de Marrocos, e parte d'Algeria), onde Juba reinaria. — A historia da Mauritania só existe desde a guerra de Jugurtha. A traição de *Bocchus*, que entregará Jugurtha aos Romanos, foi recompensada com a Numidia occidental. — A Mauritania era fertil de leões e outros animaes ferozes.

ODE XXIII.

*Anno de Roma 729 — Antes de J.-C. 25 —
Edade de Horacio 40.*

A METAPHORA de que usa Horacio, n'esta ode, e o conselho que dá a Chloe, são proprios dos tempos do paganismo; — não podem senão offendere a delicadeza e o gosto moderno. A civilisação, depois do christianismo, esmectificou entre os povos cultos o sentimento do pudor e a castidade dos pensamentos.

LEÃO GETULIO. — De *Getulia*, hoje parte do *Biladulgerid*, do *Sedjelmesse*, do *Sahara*, antigo paiz d'Africa, ao S. do Atlas actual, tinha ao N. a *Numídia* e as duas *Mauritanias*, (*Cesariana e Tingitana*) a L. o paiz dos *Garamantes*, ao S. a *Nigricia*, e a O. o Oceano Atlântico. — Tinha leões, e outros animaes ferozes.

ODE XXIV.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —
Edade de Horacio 41.*

AMORTE de Quintilio Varo, o mesmo a quem Horacio dirigira a ode 18.^a d'este livro, havia penetrado de dôr a Virgilio e a Horacio, seus intimos amigos. N'esta ode, que respira uma doce sensibilidade, buscando Horacio consolar Virgilio, com elle deplora essa pêrda cruel, e pede á sua Musa cantos luctuosos.

MELPOMENZ, uma das Musas; — presidia á tragedia.

MERCURIO. — A elle tocava conduzir as almas para os infernos. V. not. á ode 10.^a d'este livro I.

ORFÉO. — Insigne e famoso poeta de Thracia. V. not. á ode 12.^a d'este livro I.

VIRGILIO (P. Virgilius Maro). — O principe dos poetas épicos latinos: — nasceu em *Andes*, aldéa nos arredores de Mantua, cidade de Italia: — foi educado em Cremona e em Napoles, e preparou-se para a poesia por um estudo profundo da litteratura grega. Seu talento poeticó e a protecção de Pollião puderam isentar seu pae da medida que distribuirá aos soldados dos triumviros o territorio de Cremona e de Mantua. Virgilio agradeceu a Octaviano esse beneficio em uma admiravel allegoria, a sua primeira écloga. Era amado de todos os grandes escriptores do seu seculo, especialmente de Vario e de Horacio. Foi dotado de extrema rectidão e pureza de costumes. E' autor de obras insignes: — as suas *Bucolicas*, as suas *Georgicas*, e a sua *Eneida*, são poemas que mereceram, como ainda merecem, a admiração universal dos povos cultos, e lhe attrahiram a estima e a protecção de Mecenas, e os grandiosos beneficios de Augusto.

ODE XXV.

*Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —
Edade de Horacio 44.*

HORACIO, resentido de Lydia por quebrar os votos que lhe fizera, buscou humilhação n'esta ode, lembrando-lhe a decadência de seus encantos, e os desprezos que a esperavam na velhice.—Injuriou-a grandemente; e assim incorreu na censura de haver ultrajado uma mulher que lhe merecera vivo amor: — devêra apresentar mais dignos sentimentos.

HEBRO. — Rio de Thracia, considerada pelos antigos como o assento do inverno. Horacio allude aos costumes dos Gregos e Latinos, que se cingiam de cordas quando eram amantes, e as deixavam quando cessavam de o sér. Deixando-as, umas vezes as quebravam, outras vezes as dedicavam. — Os antigos costumavam fazer offrendas aos rios. — *Thracios.* V. *Sithoniros*, not. á ode 18.^a d'este livro I.

ODE XXVI.

726 — 731.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

HAVIA Octaviano consentido em restituir a Phraates, rei dos Parthos, o seu filho que lhe levára Tiridates, com a condição

de que restituisse os prisioneiros e as aguias militares de Roma de que suas tropas se tinham apoderado na derrota de Crasso e de Antonio. Conveio n'isso Phraates, mas nem enviava os prisioneiros nem as bandeiras militares, o que fazia recear uma guerra com os Parthos. E' isto que inquietava o joven Lamia, entregue então ao estudo das bellas-letras e exercicio das Musas, receando que a guerra oprivasse d'essa occupação querida. Horacio, para o lisonjear, lhe dirigu esta pequena ode.

LAMIA (L. *Aelius*). — Era oriundo de uma das mais antigas e illustres familias de Roma. Foi governador da Syria no tempo de Tiberio.

LESBIA LYRA. — De *Lesbos*, ilha do mar Egêo, patria de Alcêo e de Sapho, insignes na poesia lyrical. V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a d'este livro I.

MAR CRETENSE. — O mar de Creta passava pelo mais tempestuoso. Creta, hoje *Candia*, ilha do Mediterraneo, situada defronte da abertura do mar Egêo.

MUSAS. — Deosas das sciencias e das artes, filhas de Jupiter e de Mnemosyne, deosa da memoria ; eram no numero de nove, a saber ; Clio, que presidia á historia ; Thalia, á comedia ; Melpomene, á tragedia ; Erato, á poesia erotica e á elegia ; Calliope, á epopéa ; Urania, á astronomia ; Polymnia (ou Polyhymnia), á eloquencia e á poesia lyrical ; Terpsichore, á dança ; e Euterpe, á musica. Apollo presidia ás suas reuniões. Habitavam com elle o Parnaso, o Pindo, o Helicon ou o monte Pierio ; o Permesso, as fontes de Castalia e Hippocrene, o cavallo Pegaso, lhes eram consagrados. — Eram virgens.

PIMPLEA. — Dá Horacio este nome á sua Musa. — Os montes de Macedonia *Pimpla e Piero* (ou *Pierio*) eram consagrados ás Musas, como igualmente as fontes que ahi nasciam, as quaes por isso d'elles tomavam os nomes.

TIRIDATES. — Este homem havia sido collocado no throne dos Parthos em lugar de Phraates, mas, sabendo que este

era auxiliado pelos Scythas para recuperar o imperio, fugiu atemorizado levando consigo o filho de Phraates em refens, e foi buscar o asylo e a protecção de Octaviano, que lhe permitiu o ficar na Syria, mas sem lhe dar auxilio, fazendo-o só tratar bem e com fidelidade, sem o entregar jamais a Phraates, que mandára embaixadores a Roma, onde seu filho era tratado com honra, a reclamar um e outro.

ODE XXVII.

*Anno de Roma 725 — Antes de J.-C. 29 —
Edade de Horacio 36.*

ESTA ode, como já advertiu Sanadon, parece ser um improviso em um festim entre amigos. Horacio, vendo-os em grande disputa por excessos bacchicos, declina destramente o assunto, e os convida a beber em honra de suas amantes, restabelecendo assim a paz e a alegria.

CHARYBDES. — Celebre escolho, situado sobre a costa N. E. da Sicilia, ao S. E. do de Scylla, que era situado na costa meridional da Italia. Ambos estão no *Siculum fretum*, ou estreito de Messina. — O perigo que oferecia antigamente a passagem entre estes dois escolhos deu lugar ao proverbio conhecido: — *cahir de Scylla em Charybdes.* — Hoje o perigo já não é o mesmo. — Segundo a fabula, *Charybdes* era uma mulher siciliana que, tendo roubado bois a Hercules, fôra fulminada e transformada por Jupiter em um golfo horrivel.

CHIMERA. — Monstro fabuloso, nascido na Lycia, de *Tiphon* e de *Echidna*: — tinha cabeça de leão, corpo de cabra, e cauda de serpente, e por isso se chamava *triforme*. Vomí

tava fogo. — Entre os antigos era symbolo do amor deshonesto e impudico. — Crê-se ser um dos cimos do *Crago*, monte da Lycia, no cume do qual havia um vulcão.

COPOS E AS LUZES. — Allude aos banquetes dos Romanos que duravam até alta noite. O poeta, para afastar dos animos dos amigos as idéas de rixas, propõe argumentos alegres e divertidos, e recorre ao costume que havia de fazer dizer a cada um o nome de sua amante. O que pedia o segredo se obrigava a beber tantas vezes quantas eram as letras do nome declarado.

MÉDOS. — Foram conquistados pelos Persas, e usavam de um alfange recurvo. Tomam-se sempre pelos Parthos. V. *Per-sas*, not. á ode 2.^a d'este livro I.

PEGASO. — Cavallo com azas, nascido, segundo a fabula, de Neptuno e de Medusa, ou sahido do sangue de Medusa quando Perséo lhe cortou a cabeça: — Bellerophonte se serviu d'elle para combater a Chimera. — Feriu com o pé a terra, e fêz sahir o Helicon e a fonte Hippocrene. — E' symbolo do vôo poetico: — suppõe-se que conduz os poetas em o espoço e os transporta ao Helicon.

THESSALICOS VENENOS. — Os povos de Thessalia passavam por grandes encantadores e feiticeiros. — *Thessalia*, V. *La-rissas*, not. á ode 7.^a d'este livro I.

THRACIOS. — Os povos de Thracia eram muito violentos, ebrios, e arrebatados.

ODE XXVIII.

716. — 718.

*Anno de Roma 717 — Antes de J.-C. 37 —
Edade de Horacio 28.*

COMPOZ Horacio esta ode durante a primeira viagem que fizera a Tarento. E' um dialogo entre um marinheiro e a

sombra de Achytas. — O assumpto é melancolico; versa sobre a necessidade de submeter-se o homem á morte, de que o não pode livrar, nem a sciencia, nem a virtude, nem o poder, nem ainda o favor dos deoses.

ARCHYTAS. — Um famoso philosopho pythagorico de Tarento: — foi mathematico, astronomo, homem de estado e general, contemporaneo e amigo de Platão. — Foi seis vêzes chefe dos Tarentinos. Morreu em um naufragio nas costas da Apulia. — Só restam de suas obras scientificas alguns pequenos fragmentos.

MATINO. — Era, segundo Porphyrión, um promontorio da Apulia, e, segundo Acron, um monte do mesmo paiz ou um plano da Calabria.

MINOS. — Rei de Creta, hoje *Candia*, ilha do Mediterraneo. Minos era celebre pela sua equidade, justiça, e sabedoria de suas leis. Os poetas d'elle fizeram um dos juizes dos infernos.

PARE DE PELOPS. — E' *Tantalo*, rei da Lydia, que, recebendo os deoses á sua mësa, lhes ministrou em comida os membros d'esse filho. Os deoses, indignados de tão nefanda maldade, o condemnaram a sofrer nos infernos fome e séde. V. *Pelops*, not. á ode 6.^a d'este livro I.

PANTHOIDE. — Chama Horacio assim a Pythagoras, porque este dizia ter sido Euphorbo, filho de *Panthoo*, no tempo da guerra de Troia, mas que, sendo morto por Meneláo, revivéra e passára a sér Pythagoras, e que isto soubera de um escudo que achára em Argos, antiga cidade da Grecia, no templo de Júno, do qual usára quando era Euphorbo. — De *Panthoo* dirivou o poeta — *Panthoide*.

PROSERPINA. — Filha de Jupiter e de Ceres. Era deosa dos infernos, e mulher de Plutão, que a roubou nos campos da Sicilia, em o valle de *Eana*, onde colhia flores. — Piritoo e Theséo desceram aos infernos para a roubar, mas foram infelices n'essa criminosa tentativa. — Como divindade,

tem grandes relações com Ceres, Juno, Venus e Diana, e muitas vezes é identificada com estas deosas.

TARTARO. — Segundo os poetas, era um lugar nos infernos donde iam ter os que eram de vida dissoluta e criminosa para sofrerem todo o genero de tormentos.

TITHÃO. — Principe troiano, filho de Laomedonte, e irmão de Priamo. Era de tão estremada belleza, que a Aurora o arrebatou para o fazer seu esposo. A deosa obteve para elle, de Jupiter, a immortalidade; mas, esquecendo-se de pedir simultaneamente que elle tivesse uma mocidade eterna, Tithão se tornou tão velho e debilitado, que a existencia lhe era penosa. Pediu então á deosa o tirasse do mundo, mas não podendo morrer por sér eterno, ella o methamorphoseou em *cigarra*.

ODE XXIX.

*Anno de Roma 729 — Antes de J.-C. 25 —
Edade de Horacio 40.*

ICCIO, bem que apaixonado pela philosophia e as letras, deixou-se tentar pela ambição e visos de fortuna da expedição da Arabia. Horacio, seu amigo, lhe testimunha n'esta ode o seu espanto de o vér trocar subitamente os livros de Panecio e os da doutrina de Socrates por uma loriga da Iberia.

IBERICAS LORICAS. — De Hespanha, a que se dava o nome de *Iberia*, e onde se fabricavam bôas armas.

Iccio. — Crê-se ser Iccio administrador dos bens de Agripa na Sicilia, a quem Horacio dirigira a epistola 12.^a do livro I. — No anno de Roma 729, enviou Augusto algumas tropas á Arabia, sob o commando do prefeito do Egypto,

Aelius Gallus : — é provavelmente n'esta expedição que Iccio fôra, na esperança de fazer fortuna.

PANECIO (Panætius). — Philosopho estoico natural de Rhodes, e que florecéra no anno 150 antes de J.-C. — Estudou em Athenas sob Zenon, a quem succedéra na cadeira do Portico : — veio depois a Roma, onde abriu uma aula, que foi frequentada pelos mais distinctos mancebos. Compoz, entre outras obras, um tratado dos *Devêres*, que fôra imitado por Cicero nos seus *Officios*.

SABA. — Antiga cidade da Arabia-Feliz, famosa por suas riquezas e aromas.

SÉRICAS FLECHAS. — Dos Seras, povos orientaes, habilissimos no exercicio do arco.

SOCRÁTICA ESCOLA. — De Socrates, celebre philosopho de Athenas, onde nascéra. Foi filho de um escultor cuja profissão exerceu, mas deixou-a para se dedicar ás sciencias. Deu sabias lições aos mancebos da sua patria : encheu os deveres de cidadão na paz e na guerra, e deu o exemplo de todas as virtudes publicas e privadas. Mereceu sér proclamado pelo oraculo de Delphos o mais sabio dos homens. Attrahiu porem grande numero de inimigos ; e *Anytus*, homem poderoso e popular, *Melitus*, poeta obscuro, e *Lycon*, orador politico, se reuniram contra elle e o accusaram de corromper a mocidade e introduzir divindades novas. Elle recusou defender-se, e, apezar de sua innocencia, foi condenado a beber a cicuta. Seus amigos lhe offereceram os meios de evadir-se da prisão, mas repelliou o favor não querendo desobedecer ás leis. Sofreu a morte com uma corajem e uma resignação admiráveis. — Contou entre seus discípulos Xenophonte e Platão.

TIBRE. — Rio de Italia. V. not. á ode 2.^a d'este livro I.

ODE XXX.

731 — 733.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

ESTA pequena mas engraçada Ode foi composta para Glycera, uma das mulheres que mais tocaram o coração de Horacio. E' uma supplica a Venus.

GNIDO, ou Chido. — Cidade da Caria (hoje livah de *Mentech* (1)), antigo paiz da Asia-Menor. — Os Phenicios fundaram na Caria colonias que se tornaram potencias maritimas: — depois tornaram-se colonias gregas. A Caria foi conquistada por Cyro (*Cyrus*). — Gnido era particularmente consagrada a Venus, deosa da formosura. E' ahi que existia a famosa *Venus de Praxiteles*, insigne escultor grego.

MERCURIO. — Deos da eloquencia, e que por isso tinha a força de persuadir. A sua estatua era collocada no templo de Venus. V. not. á ode 10.^a d'este livro I.

PAPHOS. — Cidade celebre da ilha de Chypre, consagrada a Venus, que ahi tinha um templo sumptuoso.

(1) Livah, ou Sandjakat, nomes dados na Turquia ás subdivisões da jurisdicção dos Pachas, altos funcionários encarregados da administração civil, militar, judiciaria e financeira, das províncias. Cada Livah ou Sandjakat é governado por um beg ou bey.

ODE XXXI.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edade de Horacio 37.*

ASIMPLICIDADE, concisão e harmonia majestosa, que se acham em todas as composições religiosas de Horacio, apparecem n'esta admiravel ode. «Nenhum outro, diz Walckenaer, foi melhor dotado d'essa sorte de instincto que se chama *gosto*, faculdade docil e forte, que, nas obras-primas das artes e da imaginação, não é talvez senão o juizo auxiliado do genio.» (2) O assumpto d'esta ode é a inauguração de um templo a Apollo.

ATLANTICO. — Porção do Oceano que se estende entre a Europa e a Africa a L., a America ao O. — Este nome foi dado pelos antigos á parte do Oceano que banha a extremitade occidental dos montes *Atlas*.

CALABRIA (*Brutium* e parte da *Lucania*). — Região da Italia pertencente ao reino de Napoles, a mais meridional das províncias continentaes d'esse estado. Recebeu primitivamente colonias gregas. Foi submettida ao imperio romano. — Era fértil em pastagens, e o seu clima muito quente. Produzia immenso gado e excellente mel. Foi patria do poeta *Ennio*.

CALENA FOICE. — De Cales (hoje *Calvi*), cidade de Campania, na antiga Italia, e mui famosa por seus excellentes vinhos.

FILHO DE LATONA. — E' Apollo, deos da luz e da sabedoria. V. *Apollo*, not. á ode 2.^a d'este livro I.

LIRIS. — (hoje o *Garigliano*). — Um rio de Italia.

(2) Walckenaer, *Hist. de la Vie et des Poes. d'Hor.* t. I, p. 505. —

SARDENHA (*Sardinia* dos Romanos). — Uma das tres grandes ilhas do Mediterraneo, ao S. da Corsega. Faz parte do reino de Sardenha. Os Carthaginezes a dominaram. Roma se apoderou d'ella no anno 259 antes de J.-C. — Era abundantissima em trigo, e chamada, como a Sicilia, o *celeiro dos Romanos*.

SYRIA. — Vasta região da Asia, entre o Euphrates a L., o Mediterraneo ao O., a Asia-Menor ao N., e a Arabia ao S. — Faz hoje parte da Turquia da Asia, e forma as provincias ou pachalatos — Alepo, Damasco, Tripoli, Acre. — A Syria antiga era dividida em varias provincias. Tornou-se florente sob a dominação de Roma, que até lhe dera imperadores. — A Syria foi a primeira província, depois da Judéa, onde penetrará o christianismo. — Por ella se introduziam em Roma as mercadorias da Arabia, da Persia, e das Indias.

TEMPLO DEDICADO A APOLLO. — Muitos interpretes, entre elles Sanadon e Walckenaer, pensam ter sido esta ode feita para a inauguração do templo que Octaviano erigira a Apollo Palatino voltando do Oriente, e a que annexára uma biblioteca tornada de grande celebriade. Eu porem não posso deixar de seguir opinião diversa, conformando-me inteiramente com a interpretação de Binet e Duchemin, (1) que consideram haver Horacio collocado em sua casa uma estatua de Apollo, e que fora esta a que inaugurará pelos primeiros versos dirigidos a esse deos. — Se a ode tivesse referencia áquelles objectos da publica gloria de Roma, não é verosimil que o poeta os deixasse de commemorar, e de fazer votos a favor do grande homem que os promovéra e do imperio romano, quando aliás n'esta bella composição se limita a pedir a Apollo lhe conserve a feliz mediocridade que lhe concedéra. — Desprez, *ad usum delphini*, diz se pode entender de um ou de outro modo. (2)

(1) Duchemin, *œuvres d'Horace*, t. I., not. a esta ode.

(2) Desprez, not. a esta ode — *dedicatum*.

ODE XXXII.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24
Edade de Horacio 41.*

As Odes de Horacio eram um genero de poesia lyrica inteiramente novo para os Latinos, e que muito lhes agradára. Horacio imitou n'esta poesia a Alcêo, insigne poeta de Lesbos, e invoca a sua doce lyra n'esta graciosa e delicada Ode.

CANTOR DE LESBOS. — Alcêo, famoso poeta lyrico grego, de Mitylene, na ilha de Lesbos. Florecia no anno 604 antes de J.-C., e era contemporaneo de Sapho. — Seus versos satyricos lhe attrahiram a cólera do tyranno *Pithecus*, que o desterrou. Tomou então armas contra a sua patria, mas, em um combate, as abandonou covardemente e fugiu. — Alem de invectivas contra os tyrannos, compoz hymnos, odes, epigrammas, de que apenas restam alguns fragmentos. — Horacio e Quintiliano, distinctos juizes, fazem d'essas poesias os elogios mais elevados.

LYCON. — Mancebo que Alcêo amava muito e com a maior pureza de sentimentos.

MENINO INSEPARAVEL DE VENUS. — E' *Cupido*, seu filho, e deos do amor.

ODE XXXIII.

*Anno de Roma 728 — Antes de J.-C. 26. —
Edade de Horacio 39.*

BUSCA Horacio, n'esta Ode, consolar o seu amigo Tibullo na dôr que sente pelos rigores de Glycera, pedindo-lhe não

desafogue essa dor em uma queixosa elegia, mas esqueça a infiel que lhe prefere um mais joven amante. Cita-lhe muitos exemplos d'esses crueis jogos de Venus.

ADRIATICO (*Adriaticum* ou *Adrianum mare*). — Grande golfo do Mediterraneo, entre a Italia, a Dalmacia e a Grecia. Deve seu nome á cidade *d'Adria*. — As sinuosidades do mar Adriatico deram nascimento aos golfos de Veneza, Manfredonia (*Capitanate*), Trieste e Quarnero. Recebe o Po, o Adige, e outros rios.

ALBIO (*Albius Tibullus*). — Poeta latino : — seguiu Messala Corvino á guerra das Gallias no reinado de Augusto, mas deixou em breve o estrondo das armas para se entregar a uma vida tranquilla. — Ha d'elle quatro livros de elegias que respiram uma sensibilidade profunda, uma melancolia doce, que não conhecera nem Propercio nem Ovidio. — Este chorou a sua morte n'uma bella elegia.

CALABRIA. — Região da Italia. V. not. á ode 31.^a deste livro I.

ODE XXXIV.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —
Edade de Horacio 41.*

HORACIO, havendo adoptado as doutrinas de Epicuro, foi de tal modo espantado pelo phenomeno extraordinario de um trovão em tempo sereno e sem nuvens, que perdeu a fé d'essa doutrina, e recorreu ás idéas religiosas dos estoicos. Foi este accesso de devoção para com Jupiter que lhe inspirou a presente ode.

ATLANTE, ou *Atlas*. — Celebre cadeia de montanhas de

Africa que comprehende todas as alturas da região do Maghreb ou estados barbarescos. Os seus cumes mais elevados são no imperio de Marrocos. O Atlas era mui celebrado dos antigos. Imaginaram-no um gigante, filho de Jupiter e de Climene, que tinha a commissão de sustentar o céo sobre seus hombros.

ESTYGO (*Styx*). — Era um rio ou lago dos infernos, segundo a fabula dos Gregos. — Os deoses juravam pelas suas aguas, e se infringiam o juramento, ficavam privados da divindade por cem annos

TÉNARO (*Tenarus*). — Celebre promontorio do Peloponesso (hoje Cabo Matapan). Ao pé d'este Cabo havia uma caverna profunda d'onde sahiam vapores mephiticos: — a gente do paiz o olhavam como a entrada dos infernos: — d'ahi procedeu, entre os poetas, a synonymia de Ténero e Infernos.

ODE XXXV.

Anno de Roma 727 — Antes de J.-C. 27 —

Edade de Horacio 38.

ESTA Ode é um bello hymno dirigido á Fortuna, como deosa, a favor de Augusto, que projectava partir para a Gallia e ir submeter muitos povos longíquos, como os Bretões insulares, os Arabes, os Parthos e os Massagetas. Horacio concebeu então a idéa de exprimir os votos que formava pela prosperidade dos exercitos romanos. — Os dias vergonhosos do passado, os triumphos presentes, a gloria futura de Roma, são o assumpto d'esta admiravel composição.

ANCIO (*Antium*), hoje *Anzio*. — Cidade do Lacio, capital

dos Volscos, sobre o mar Tyrrheno, perto de Roma. Havia ahi um templo consagrado á Fortuna. — Foi nas ruinas d'*Antium* que se achou o Apollo de Belvedere, ha perto de 200 annos.

ARABES. — Os naturaes da Arabia, paiz da Asia occidental, que confina ao N. com a Syria e Algezirch (*Mesopotamia*), a L. com o golfo Persico, ao S. com o mar d'Oman, ao O. com o mar Vermelho. A Arabia é dividida em tres partes: — a Arabia-Petrea ao N. O., a Arab ia-Deserta no centro e a L., a Arabia-Feliz ao S. O.; mas a sua divisão real conhecida dos indigenas é em cinco regiões. — Os Arabes cultivaram com grande sucesso, no tempo do seu poder, a poesia, a philosophia, e as sciencias mathematicas e naturaes. Por elles foram transmittidos ao Occidente, em grande parte, os conhecimentos da antiguidade. — Ha muito que cessou a sua dominação.

BITHYNIA. — Paiz da Asia-Menor: — confina ao N. com o Ponto-Euxino, ao S. com a Galatia e a Phrygia, ao O. com a Propontide, a L. com a Paphlagonia. — Julga-se ter sido originariamente povoada pelos Thracios. — A sua historia, antes de Alexandre, é pouco conhecida; — formava um pequeno reino da Persia. — *Naus de Bithynia*, toma-se, pela figura metonymia, por quaesquer outros navios. — Pode tambem entender-se, com Sanadon, sér essa frase em razão de produzirem as matas de Bithynia excellente madeira para construçao de navios; — ou, com Desprez, por serem os naturaes d'esse paiz mui peritos em cousas nauticas.

COLUMNA FIRMISSIMA. — Allude a Augusto, que mantiña em paz e prosperidade a republica.

Daco, ou Dacio. — O natural de Dacia, grande região do imperio romano. Os Dacos eram ferozes, bravos e incivilizados. — Trajano os submetteu, depois de dez annos de guerra. Tem-se confundido os Dacos com os Getas.

LACIO (Latium), hoje Campanha de Roma. — Antigo paiz de Italia situado entre a Etruria e a Campania. — A sub-

jugação do Lacio foi começada pelos Romanos desde Romulo. Elles o encheram de colonias e de municipios. A capital d'este paiz, no reinado de *Latinus*, era *Laurentum*, hoje *Paterno*. — Horacio chama ao Lacio *feroz*, porque produzia intrepidos soldados.

MAR VERMELHO, ou golfo Arabico (*Arabicus sinus* dos antigos). — E' um grande golfo situado entre o Egypto e a Abyssinia, ao O., e a Arabia; separado do Mediterraneo, a L. e ao N., pelo isthmo de Suez. — E' uma parte do mar Erythrêo, com o qual se não deve confundir.

MASSAGETAS (*Massagetas*). — Povos da Scythia ao Oriente do mar Caspio. — Eram nomades, pastores e ichthyophagos. Bebiam o leite de suas eguas e combatiam a pé e a cavalo. — Dizia-se que matavam os velhos e se nutriam de sua carne.

PÉLAGO CARPATHIO. — O mar que circunda Carpathos (hoje *Scarpanto*), ilha do Mediterraneo, entre a de Rhodes e a de Creta.

SCYTHAS. — Povos barbaros de uma região da Asia e da Europa. Traziam as suas casas em carros, e as transportavam de uns logares para outros. V. not. á ode 19.^a d'este livro I.

ODE XXXVI.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —
Edade de Horacio 41.*

FESTEJA Horacio, n'esta curta mas agradavel ode, a chegada a Roma do seu amigo Plocio Numida, vindo da Hesperia (Hespanha), o pais mais remoto sobre o Occidente que

conheceram os antigos, aonde fôra em companhia de Augusto, descrevendo o poeta o festim que n'essa occasião tivera lugar. (1)

LAMIA. — Elio Lamia, que fôra governador da Syria, a quem Horacio dedicára a ode 26.^a d'este livro I.

PEDRA CRETENSE. — Costumavam os Romanos, á imitação dos Cretenses, assignalar os dias felices com uma pedra branca, e os infelices com uma pedra negra.

SALIOS. — Sacerdotes de Marte. Eram doze, e celebravam as suas festas dançando e saltando pelas ruas. Eram os depositarios dos escudos sagrados.

ODE XXXVII.

Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —

Edade de Horacio 35.

CELEBRA Horacio com seus amigos, em transportes de júbilo, a brilhante victoria de Octaviano perto *d'Actium*, e que o fizera senhor de Alexandria e do Egypto, suicidando-se Antonio e Cleópatra, sucesso faustissimo que anniquilava em Roma todos os elementos de discordia civil e tirava todos os obstaculos aos designios sabios e patrioticos do vencedor, que passou a ter os titulos de *imperador* e de *augusto*. — E' digno de notar-se que o poeta não ultraja o infortunio de Antonio; — parece querer afastar a idéa de que um romano fizesse guerra á sua patria: — apresenta só Cleópatra como

(1) Walckenaer, *Hist. de la Vie et des Poes. d'Horace*, t. 1.^o p. 572.

inimiga de Roma, e rende justiça, em bellissimos versos, á magnanimidade dos ultimos momentos d'essa soberba rainha.

CAPITOLIO. — Templo e cidadella famosa de Roma sobre a rocha *Tarpéia*. O Capitolio, tendo sido começado por Tarquinio-Prisco, foi acabado por Tarquinio-o-Soberbo, e' consagrado a Jupiter pelo consul Horacio (507 antes de J.-C.). Alem do templo de Jupiter, ali se viam os de Minerva e Juno. — Encerrava thesouros immensos : — a sua magnificencia era admiravel. — Na edade media, coroava-se no Capitolio os poetas vencedores. — No local do antigo Capitolio foi construido, segundo os planos de Miguel-Angelo, o que hoje se chama o *Campidoglio*, que comprehende os palacios dos senadores de Roma e dos magistrados municipaes, e o museu.

COXINS DOS DEOSSES. — Era costume entre os Romanos, quando tomavam cidades, alcançavam victorias, ou viam bom exito a suas emprezas, fazer orações publicas nos templos em acção de graças, e festins magnificos. Para isto collocavam as estatuas dos deoses em pequenos leitos ou coxins a que chama-vam *pulvinaria*. — Esses festins eram denominados *dopes*. — O poeta junta-lhe o epitheto de *saliares*, porque os festins dos Salios, sacerdotes de Marte, eram sumptuosos e magnificos.

EMONIA (Æmonia). — A Thessalia, região da antiga Grecia ; assim chamada de *Æmon*, um de seus reis.

MAREOTICO VINHO. — De *Mareotis*, lago (hoje *Mariout*), no Egypto, perto de Alexandria, que communicava com o Mediterraneo pelo braço *Canopico* do Nilo. — Os seus arredores produziam vinhos exquisitos e estimados.

NAUS LIBURNAS. — De *Liburnia* (hoje *Croacia maritima*), parte da Illyria, entre a *Istria* e a *Dalmacia*, d'onde veio uma colonia que se estabeleceu na Apulia, em a Italia. — Os navios de Liburnia eram mui ligeiros.

ODE XXXVIII.

*Anno de Roma 725 — Antes de J.-C. 29 —
Edade de Horacio 36.*

ESTA pequena ode tem o caracter de um improviso. Horacio exhorta o seu creado a preparar-lhe cordas de murta, d'esse arbusto consagrado a Venus, e não rosas abertas já fora de tempo. Não lhe agrada o apparato dos Persas, mas beber coroado de murta simplesmente, á sombra de um parreal fechado e denso.

APPARATO DOS PERSAS. — Os Persas tinham um luxo e sumptuosidade extrema, e nos seus festins apparecia toda a sorte de perfumes, pómadas, essencias, como tambem alcatifas primorosas e riquíssimos ornatos.

FITINHAS DO TIL. — Eram fitinhas da membrana delgada da entrecasca do til, com que os antigos costumavam atar o louro, a murta, a hera e as flores, de que se coroavam nos festins.

LIVRO II.

ODE I.

*Anno de Roma 722 — Antes de J.-C. 32 —
Edade de Horacio 33.*

COMEÇANDO Roma a ser agitada do ruido das dissensões entre Octaviano e Antonio, que haviam entre si dividido o

govérno do imperio, Pollião, não querendo tomar partido por nenhum dos dois triumviros, buscou o retiro, cessando de compôr tragedias que o enchiam de aplausos, e de frequentar o senado e os combates judiciarios onde se admirava a sua eloquencia. Ahi se dedicou a escrever a historia da guerra civil entre Cesar e Pompêo. — Isto inspirou a Horacio a presente ode, em que adverte esse amigo illustre de que escrever a historia de uma época tão recente quando se achavam ainda vivos, na maior parte, os actores das scenas d'esse tragico drama, era marchar sobre brazas ardentes cobertas de cinza enganadora: — mas subitamente, por uma d'essas transições poeticas proprias d'este genero de composição lyrica, interrompe as suas advertencias, e se figura já concluida a historia de Pollião, parecendo-lhe ver o effeito magnifico que tinham de produzir sobre os espiritos as suas narrações animadas e energicas.

CATÃO. — Celebre e virtuoso Romano. V. not. á ode 12.^a do livro I.

Cíos (hoje *Zia* ou *Ceo*). — Uma das ilhas Cycladas, ao S. E. do cabo *Sunium* na Attica. E' a patria de Simónides, poeta lyrico, que compoz versos lugubres chamados *nenias*.

COHTURNO ATHENIENSE. — O theatro de Athenas foi celebre pelas grandes composições tragicas de *Sophocles*, *Eschilo* e *Eurípedes*. — O cothurno era uma especie de borzeguim alto de que usavam os actores tragicos. — Pela figura *metonymia*, se toma o cothurno pela mesma tragedia.

DIONE. — E' Venus, que recebeu este nome, entre os poetas, por ser filha da *nympha Dione* como querem alguns.

HESPERIA. — E' Italia, de *Hespero* ou *Hesper*, filho de Japeto e irmão de Atlas, e pae das Hesperides. — Hesper, expulso d'Africa por seu irmão Atlas, veio á Italia, onde se estabeleceu; — e d'ahi ficaram os Gregos chamando Hesperia a essa região. — O mesmo nome deram depois os Latinos á Hespanha.

JUGURTHA. — Rei de Numidia em Africa: — foi educa-

do na côrte de seu tio Micipsa, que, morrendo, dividiu o reino entre elle e seus dois filhos Adherbal e Hiempsal. — Jugurtha, querendo reinar só, fez assassinar seus primos. Roma, aliada d'estes, enviou contra Jugurtha muitos generaes, que se deixaram corromper por seu ouro; mas finalmente, depois de batido duas vêzes por Metello e Mario, foi entregue aos Romanos por seu sogro *Bocchus*, rei da Mauritania, e conduzido em triumpho a Roma, onde morreu de fome em um calabouço.

METELLO (*Q. Caecilius Metellus Numidicus*). — Foi consul e fêz a guerra a Jugurtha, sobre o qual ganhou grandes vantagens. — Foi desterrado pelos enredos de Mario e de Saturnino, e só voltou a Roma quando o partido d'estes foi desfeito. — A familia dos Metellos forneceu a Roma um grande numero de generaes distintos, que por suas proezas mereceram os sobrenomes de *Macedonico*, *Balearico*, *Numidico*, *Dalmatico* e *Cretico*.

POLLIÃO (*C. Asineus Pollio*). — Romano illustre, grande orador, poeta e historiador. Passou do partido de Pompéo para o de Cesar; — serviu Antonio, e foi consul: — tomou *Salona* aos Dalmatas rebeldes, o que lhe deu as honras do triumpho. — Procurou vammente reconciliar Octaviano com Antonio, e, fatigado dos caprichos e do orgulho d'este ultimo, abandonou a carreira politica e se dedicou ás letras. — Foi o primeiro que estabeleceu em Roma uma bibliotheca publica. — Morreu de 80 annos. — Foi, como Mecenas, o protector e amigo de Virgilio e de Horacio, que o immortalisaram em seus escriptos.

TRIUMPHO DALMATICO. — De Dalmacia antiga, paiz da Europa situado entre o Adriatico ao O. e os montes de Lburnia a L. : — fazia parte da grande região Illyrica. — Na distribuição do imperio em dioceses, a Dalmacia tornou-se uma província da diocese da Illyria occidental, e fêz parte da prefeitura de Italia. A sua capital era *Salona*.

ODE II.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23. —
Edade de Horacio 42.*

NESTA ode immortalisa Horacio o nome de Proculeio, cuja generosidade, modestia, e desapêgo de toda a ambição, o tinham vivamente encantado. Com este exemplo, faz ver a Sallustio a necessidade de moderar suas despêtas e de fugir á avarice e á ambição companheiras ordinarias da fortuna.

CADIS ou CADIX (*Gades*). — Cidade de Hespanha fundada pelos Phenicios ou Carthaginezes (em latim *Carthagenienses* e *Poeni*). — E' situada no meio do mar, na extremidade de uma peninsula da ilha de Leão. Foi tomada pelos Romanos em 206 antes de J.-C. — Tornou-se celebre nos tempos modernos. Os Ingleses a tomaram e saquearam em 1596; — bombardearam-na em 1800; — e os Franceses a bloquearam em 1812. — Em 1823, as côrtes para ahi se retiraram levando consigo o rei de Hespanha Fernando 7.^o — Rendeu-se ao duque de Angoulême.

CARTHAGO. — Duas eram as cidades com este nome, uma n'Africa, outra na Hespanha. A d'Africa foi uma cidade celebre, sobre a costa oriental da Barbaria actual, no fundo de um pequeno golfo dito de Carthago (hoje golfo de Tunes). — Os Carthaginezes tiravam sua origem dos Phenicios. Foram celebres por seu commercio, poder maritimo e riquezas. — A sua astucia, degenerada muitas vêzes em perfidia, tornou-se proverbial (*fé punica*). — Carthago é patria dos generaes Amilcar, Asdrubal, e do grande Annibal. O seu governo era uma republica oligarchica. Conquistou, n'Africa, um vasto territorio nos estados actuaes de Tunes e de Tripoli: — juntou-lhe as ilhas Baleares, uma grande parte da Hespanha, da Sardenha e da Sicilia. A posse da Sicilia a poz em con-

tacto com Roma, e occasionou uma prolongada lucta entre as duas republicas, conhecida sob o nome de *guerras punicas*. Estas foram tres: — a 1.^a arrebatou a Carthago a Sicilia; — a 2.^a, apesar dos heroicos feitos de Annibal, lhe fêz perder a Hespanha; — a 3.^a, que teve logar na Africa, anniquilou a mesma Carthago, que, tomada por Scipião Emiliano, foi saqueada e entregue ás chamas. — A outra Carthago (*Carthago nova*), era uma cidade de Hespanha ao S. E. de Murcia, sobre o Mediterraneo, que fôra fundada por Asdrubal para a exploração das minas de prata que encerrava seu território: — esta denomina-se hoje *Carthagena*.

CYRO (*Cyrus*). — Rei da Persia, filho de Camunabyses, príncipe persiano, e de Mandane, filha de Astyage, rei dos Medos. Segundo Herodoto, foi exposto, logo que nasceu, por seu avô, a quem um oráculo predissera que seria destronado por seu neto: — segundo Xenephonte, foi educado com o maior cuidado na corte de Astyage, e commandou os exercitos do filho d'este príncipe *Cyaxare II.* — Deu a independencia á Persia, que era dominada dos Medos, e se constituiu rei d'esse paiz (560 antes de J.-C.). — Engrandeceu seu imperio nascente, que em breve se tornou o mais vasto da Asia. Foi um conquistador famoso: — seu imperio comprehendia os de Babylonia, da Assyria, dos Medos e dos Persas, com a Asia-Menor.

LIBYA. — Nome dado a Africa. Era, propriamente falando, aquella parte da Africa que confina ao O. com o Egypto. V. *Eiras libycas*, not. á ode 1.^a do livro I.

PHRAATES. — Rei dos Parthos. Foi expulso do throno por seus subditos em razão de suas espantosas crueldades. Tiridates se apoderou d'esse throno, mas Phraates, alcançando o auxilio dos Seythas, bateu Tiridates e as forças rebeldes, e foi restituído ao pleno poder. Fêz depois a paz com os Romanos, e restituíu a Augusto os prisioneiros e as bandeiras tomadas na derrota de Crasso. V. *Tiridates*, not. á ode 26.^a do livro I.

PROCULEIO (*Proculeius*). — Cavalleiro romano, celebre pela amizade que conservou sempre a seus irmãos, *Murena* e *Scipião*, depois d'estes haverem perdido tudo quanto possuam e incorrido no desagrado de Augusto por terem auxiliado, contra elle, o partido de Pompéo-o-moço.

SALLUSTIO CRISPO. — Era sobrinho do celebre italiano d'este nome que escreveu a historia romana.

ODE III.

*Anno de Roma 725 — Antes de J.-C. 29 —
Edade de Horacio 36.*

DELLIO, um dos que combateram com Horacio sob o mando de Bruto e Cassio, era muito inconstante e versatil em suas resoluções, timorato nos revezes, e cheio de orgulho. Ligou-se a Antonio depois da derrota de Philippos, mas traiu-o, e, antes ainda da batalha d'*Actium*, passou-se para o partido de Octaviano, em que aumentou a sua fortuna. Horacio, vendo-o ébrio de sua prosperidade, lhe dirigiu esta ode, onde traça energicamente as maximas de Epicuro que mais concordavam com os bons principios de toda a philosophia.

FIOS DAS TRES IRMANS. — Das tres Parcas, *Clotho*, *Lachesis*, *Atropos*, divindades dos infernos encarregadas, segundo a fabula, de fiar a vida dos homens. — Clotho presidia ao nascimento e tinha o fuso, Lachesis a roca, Atropos cortava o fio.

INACHO (*Inachus*). — Fundador do reino de Argos: — era originario de Phenicia. — Depois de ter habitado algum tem-

po no Egypto, veio estabelecer-se, á frente de um tropel de pastores phenicios, egypcios e árabes, na parte do Peloponesso chamada depois *Argelide*.

Orco. — Nome de Plutão, entre os Romanos. Dava-se tambem o nome de Orco ao *Estyge* ou *Estygio* : — significava as regiões infernaes. Toma-se pelos infernos.

ODE IV.

Anno de Roma 728 — Antes de J.-C. 26 —

Edade de Horacio 39.

HORACIO, vendo que o seu amigo Xanthias, joven grego de Phocéa, se envergonhára de lhe haver percebido a sua paixão por uma escrava, busca animal-o, n'esta ode, com os exemplos do amor de Achilles por Briseis, de Ajax por Tecmessa, d'Agamemnon por Cassandra ; e como todas tres, ainda que escravas pela sorte da guerra, eram filhas de reis, o poeta previu a objecção, e lhe responde assim : « Sabes tu « se os paes da loura Phyllis te honrariam fazendo-te seu « genro ? »

AGAMEMNON. — Rei de Argos e de Mycenas, filho de Plisthenes e neto de Atrêo : — foi generalissimo dos Gregos na guerra de Troia. — Suas contendas com Achilles, funestas longo tempo á causa dos Gregos, só cessaram quando lhe restituiu a escrava Briseis que lhe roubára. — Agamemnon, depois da tomada de Troia, levou consigo para a Grecia Cassandra, filha de Priamo, que lhe tocára em sorte.

AJACE (Ajax). — Filho de Telamon e rei de Salamina. Foi valentissimo principe grego : — combateu contra Heitor na

guerra de Troia, e disputou a Ulysses as armas de Achilles. V. not. á ode 15.^a do livro I.

BRISÉIS, OU HIPPODAMIA. — Filha de Brises, sacerdote de Lyrnesso, cidade de Mysia, paiz da Asia-Menor: — tornou-se, depois da tomada de sua pátria, escrava de Achilles, a quem foi roubada por Agamemnon. Irritado d'esta afronta, o heroe se retirou para a sua tenda e recusou combater pelos Gregos até lhe ser restituída. — A cólera de Achilles é o assumpto da Ilíada de Homero.

DONSELLA QUE ROUBÁRA AGAMEMNON. — E' Cassandra, filha de Príamo, rei de Troia, e de Hecuba. — Essa princesa havia promettido a Apollo desposar-se com elle se lhe desse o espirito profetico. Satisfez Apollo ao seu pedido, mas ella não cumpriu a promessa. O deos, para se vingar, fez que nunca se desse credito ás suas predições. Foi o parecer de Cassandra se não deixasse entrar o cavallo de madeira, mas não se lhe deu ouvidos. Na noite da tomada de Troia, refugiou-se no templo de Pallas, onde Ajax, filho de Oiléo, a ultrajou pelas desgraças que profetisára. — Agamemnon, a quem tocára em partilha como escrava, a levou para a Grécia, onde em vão lhe predisse a sorte que o esperava: — foram ambos assassinados por Clytemnestra.

HEITOR. — O mais bravo dos Troianos, filho de Priamo e de Hecuba, e esposo de Andromache. Durante o cércio de Troia sustentou gloriamente muitos combates contra os mais formidaveis guerreiros gregos, e matou grande numero de seus melhores capitães, mas perdeu a vida finalmente sob os golpes de Achilles, que correrá a vingar a morte do seu a migo Patroclo.

ILION. — E' Troia. V. not. á ode 8.^a do livro I.

LUSTRO (Lustrum). — O espaço de cinco annos entre os Romanos. Era uma ceremonia religiosa que tinha logar de cinco em cinco annos depois do recenseamento do pôvo e da repartição do imposto. Foi instituida por *Servius Tullius* no anno de Roma 189: — consistia em purificações.

PENATES. — Deoses dos Romanos: — presidiam á conservação e aumento dos bens domesticos. Confundem-se com os Lares, que eram antes encarregados do cuidado das pessoas que das riquezas.

TECMESSA. — Filha de um rei de uma pequena província da Phrygia.

VENCEDOR THESSALO. — E' Achilles, natural de Thessalia, o mais famoso dos Gregos na guerra de Troia. V. not. á ode 6.^a do livro I.

ODE V.

*Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —
Edade de Horacio 35.*

É PONTO de discordancia entre os interpretes, se a Lálage de que trata esta ode é a mesma da ode 22.^a do livro I, e se esta ode foi effectivamente dirigida ao mesmo Aristio Fusco. Dacier conjectura affirmativamente (1), e que a segunda fôra feita quando Lálage sahia apenas da infancia: — Walckenaer n'isso concorda (2), mas affirma ser a ultima ode dirigida a um certo *Gabinius*: — Vanderbourg, expondo a opinião de varios commentadores, admitté duas Lálages, reaes ou imaginarias (3), e diz que a ultima ode, pela pompa das expressões e luxo das figuras, revela ser um dos primeiros ensaios do poeta.

(1) *Oeuvres d'Hor.* (II, — p. 114, 3.^a edição).

(2) *Hist. de la Vie et des Poesies d'Hor.* (I — 424).

(3) *Les odes d'Hor.* (I — 342).

ODE VI.

*Anno de Roma 718 — Antes de J.-C. 36 —
Edade de Horacio 29.*

ESTA ode, dirigida a Septimio, é cheia de uma doce melancolia. Horacio não duvida de que esse caro amigo o siga aos mais remotos paizes e mais diffiseis e perigosos de se habitar. — Deseja que a risonha Tibur seja o placido retiro onde descance das fadigas da terra, e promette, na privação d'esse bem, ir demandar as margens do rio Galeso e os campos que dominára o Laconio Phalanto, cujas gratissimas producções descreve. Ahi aspira viver com Septimio, e que as lagrimas d'elle caiam sobre as cinzas do amigo vate.

AULON. — Monte de Calabria, defronte de Tarento, celebre por seus famosos vinhos.

CANTABROS (Cantabri). — Povos de Hespanha (Tarragona) sobre as origens do Ebro, a L. das Asturias, entre os Pyrenêos astúricos e o mar : — seu paiz responde á parte oriental das Asturias e á Biscaia propriamente dita. Foram vencidos por Augusto, e os ultimos dos Hespanhoes que elle subjugára.

COLONIA D'ARGOS. — Tibur foi fundada por um grego chamado *Tibur*, que conduziu para ahi, com seus irmãos *Castilo* e *Coras*, uma colonia grega. — Argos é a mais antiga cidade da Grecia, fundada por Inacho.

FALERNO. — Vinho precioso. V. not. á ode 20.^a do livro I.

GALESO (Galesus). — Pequeno rio do reino de Napoles (Terra d'Otranto) ; — sahe dos montes de Martina, e cahe no golfo de Tarento. Era na antiga Calabria.

HYMETTO (Hymettus) hoje *Trelo-Vouno*, ou *Dely-Dagh*.

Monte da Attica, ao S. e perto de Athenas. Era celebrado por seu mel excellente e suas pedreiras de marmore.

LACONIO PHALANTO (*Phalantus*). — Phalanto, natural de Laconia ou Lacedemonia. Fundou uma colonia em Tarento, na Italia, onde reinára, e a que o poeta allude n'este lugar.

PELLIGERAS OVELHAS. — Em Tarento, como na Attica, as ovelhas tinham a lã tão fina e bella que, para sér conservada, se cobriam esses animaes com pelles. Por isso se chamam aqui *pelligeras*, palavra inventada pelo douto Antonio Ribeiro dos Santos. No texto são chamadas *pellizes*.

SEPTIMTO (*Titius Septimius*). — Cavalleiro romano, bom poeta, estimado de Augusto, e amigo de Horacio.

TARENTO (*Tarentum*). — Cidade do reino de Napoles (Terra d'Otranto). E' antiquissima. Foi fundada pelos Cretones, no golfo do mesmo nome, junto á embocadura do rio Galeso: — foi depois reedificada por Phalanto á frente dos Parthenios desterrados de Esparta. Os Romanos a tomaram: — foi-lhes tirada por Annibal, mas retomada por Fabio Maximo. — Os seus habitantes eram dados a deleites e a libertinagem.

TIBUR. — Antiga cidade dos Sabinos, onde Horacio tinha a sua casa de campo. V. *Tiburno*, not. á ode 7.^a do livro I.

VENAFRO (*Venafrum*). — Cidade de Campania, fundada (dizem) por Diomedes, tornada depois colonia romana: — era muito celebre por seus olivedos, que produziam excellentes azeitonas e a faziam abundar em azeite.

ODE VII.

Anno de Roma 715 — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

POMPEO VARO (*Pompeius Varus*), amigo intimo de Horacio e seu companheiro d'armas na batalha de Philippos, havia posteriormente seguido as bandeiras de Sexto Pompêo; mas, fazendo os triumviros a paz com esse filho do grande Pompêo, dando uma amnistia, pôde Varo, como todos os proscriptos, voltar a seus lares e sér reintegrado nos foros de cidadão romano. Horacio, ao vêr esse amigo e socio nos perigos da guerra, encheu-se da maior alegria, que lhe inspirou a presente ode, congratulando-se com elle em doces e harmoniosos versos.

BRUTO (*M. Junius Brutus*). — Rígido republicano, filho de Servilia, irmã de Catão, seguiu o partido de Pompêo na guerra civil e combateu em Pharsalia. Depois do combate, Cesar, que o amava, chamou-o para junto de si e o cumulou de favores. Não serviu isso de obstáculo porem a entrar na conjuração formada contra o dictador, que, no momento de morrer, vendo-o entre os conjurados, exclamou: — «E tu tambem, meu filho?» Depois d'esta morte, Bruto, perseguido por Antonio, se reuniu a Cassio, e deu batalha a Antonio e a Octaviano nos campos de Philippos na Macedonia. Foi vencido, e se matou de desesperação, não querendo sobreviver á derrota do partido democratico.

CETO ITALO. — Entende-se a região de Italia.

EDONIOS. — Povos da Thracia, e grandes bebedores. — Deriva-se este nome de *Edon*, monte da Thracia, onde as Bacchantes celebravam as orgias.

MASSICO LICOR. — Vinho estimado de uma província de Italia. V. not. á ode 1.^a do livro I.

MERCURIO. — Deos das sciencias e protector dos poetas e homens sabios. V. not. á ode 10.^a do livro I.

ODE VIII.

*Anno de Roma 724 — Antes de J.-C. 30 —
Edade de Horacio 35.*

BARINA, bella e encantadora, havia promettido muitas vêzes amorosos favores a Horacio, mas zombava sempre de suas promessas. O poeta dirigiu-lhe pois esta ode, onde, como disse o illustre historiador Walckenaer (1), a expressão da colera se torna a do ardente amor, e onde as injurias são outros tantos louvores lisonjeiros. — *Barina* é o nome que Horacio deu a essa perigosa belleza, mas os escoliastes, segundo affirma aquelle historiador, pensam referir-se o poeta, sob esse nome grego, a uma romana chamada *Julia Varina*, provavelmente uma liberta da familia *Julia*.

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. I, p. 428.—

ODE IX.

Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 —

Edade de Horacio 45.

C. **VALGIO RUFO** (*Caius Valgius Rufus*), amigo de Horacio, e um d'aqueles cujo juizo e bom-gosto o poeta mais estimava, havia perdido um menino chamado Mystes, que amava ternamente. Horacio lhe dirigiu, para o consolar, esta ode, que Vanderbourg diz envolver logares communs, mas revestidos de côres poeticas tão brilhantes e duraveis que nada perderam ainda do seu lustre (1).

ARMENIOS CLIMAS. — Terras da Armenia, paiz da Asia occidental. A *Armenia antiga* dividia-se em *Grande* e *Pequena*. A *Grande-Armenia*, era situada entre o Euphrates ao O., o Tigre ao S., a Syria a L., e a Iberia ao N. — A *Pequena-Armenia*, era situada ao O. do Euphrates, entre Colchos, a Cappadocia e a Comagena. — A Armenia foi um estado independente. Seu primeiro rei foi *Haig*. Seus sucessores reconheceram depois a supremacia da Syria e da Persia. — A Pequena-Armenia foi reduzida a provincia romana. — A Armenia é hoje possuida pela Russia e pela Turquia.

GARGANIOS ROBLES. — Do monte *Gargano*, na Apulia, junto ao mar Adriatico.

GELONOS. — Povos que faziam parte dos Scyths, e eram limitrophes dos Sarmatas e Armenios.

MAR CASPIO (*Caspium mare ou Hyrcanum mare*). — Imenso lago salgado, situado nos confins da Europa e da Asia, sem communicação visivel com os outros mares. A navegação ahi é perigosa, sendo sujeita a grandes tormentas.

MEDO. — Rio dos Medos. O poeta allude ás nações, ven-

(1) *Les odes d'Horace*, I. I, p. 247.

cidas por Augusto, que habitavam nas vizinhanças d'este rio.

NIPHATES. — Rio que tira sua origem da montanha *Niphates*, da Asia, (hoje monte *Nimrod*), entre a Grande-Armenia e a Syria. O *Tigris* nasce junto d'essa montanha. — Pelo *Niphates* deve entender-se os Armenios.

TROILO. — Filho de Priamo, rei de Troia, e morto por Achilles na flor da edade. — *Irmans phrygias*, eram as suas irmãs.

VELHO DE TRES EVOS. — E' Nestor. — Antílocho era seu filho, e foi morto por Memnon na guerra de Troia.

VÉSPERO. — Astro que gira á roda do sol. E' o primeiro que aparece depois do occaso do sol, e o ultimo que desaparece quando elle nasce.

ODE X.

731 — 732.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

LICINIO (*Licinius Varro Muræna*), irmão de Proculio, posto que protegido por Augusto, que o revestira da dignidade de áugur, era do numero d'aquelles que lastimavam a perda da liberdade. Horacio percebeu que sua alma, devorada de ambição, nutria sinistros projectos, e isso o moveu a dirigir-lhe a presente ode, em que procurou fazer-lhe sentir as vantagens de uma *aurea mediocridade*, recordando-lhe a instabilidade da sorte, e dando-lhe salutares conselhos.

Quão feliz seria Licinio se seguisse esses luminosos conselhos! Desprezou-os porem, e fêz-se desgraçado. Entrou na conjuração de Fannio Cœpicio contra Augusto, e essa conjuração foi presentida. — Os conjurados, por aviso de Terencia, mulher de Mecenas e irmã de Licinio, puderam fugir, mas foi o seu retiro descoberto por soldados, que os prenderam: — Fannio Cœpicio e Licinio Murena foram condenados á morte. Intercederam por elles vivamente Proculeio, Mecenas e sua mulher; mas nada pôde abrandar Augusto, nem desarmar a sua vingança.

ODE XI.

733 — 734.

*Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 —
Edade de Horacio 45.*

ESTA ode dirigiu Horacio ao seu amigo Quincio Hirpino, que parece ser de uma ordem superior, para tranquillisar o seu espirito acerca dos projectos dos Cantabros e dos Scythas que lhe davam grande cuidado. O poeta busca inspirar-lhe sua moral epicurea, e o convida a gosar do presente sem muito se inquietar do futuro.

ADRIATICO. — Grande golfo do Mediterraneo. V. not. á ode 33.^a do livro I.

ASSYRIO NARDO. — O nardo era uma planta das Indias de que se extrahia um oleo odorífero. — *Assyrio*, da Assyria, que se toma aqui por Syria, d'onde os Romanos recebiam os aromas da India.

CANTABROS. — Povos septentrionaes da Hespanha. V. not. á ode 6.^a d'este livro II.

EVIO. — Um dos nomes de Baccho. V. *Baccho*, not. á ode 7.^a do livro I.

FALEBNO. — Vinho excellente. V. not. á ode 20.^a do livro I.

LACONIA. — Paiz do Peloponeso: — era limitado a L. e ao S. pelo mar, ao N. pela Arabia, ao O. pela Messenia. A sua capital era Esparta ou Lacedemonia. Era montanhosa, e banhada pelo Eurotas, hoje o *Iri* ou o *Vasilí-potamo*. — As mulheres de Laconia pouco cuidavam de seus enfeites.

QUINCIO HIRPINO. — Presume-se ser da familia dos *Quincios*, uma das mais antigas de Roma: — não é conhecido.

SCYTHAS. — Povos barbaros da Europa e da Asia. V. not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

ODE XII.

Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —

Edade de Horacio 37.

DESEJAVA Mecenas, ocupado da gloria de Octaviano-Cesar, que Horacio compuzesse um poema dos acontecimentos maravilhosos que attrahiam a publica admiração. Horacio se escusa d'isso na presente ode, que, segundo um illustre escriptor (1), é do numero de suas obras-primas pela feliz disposição das imagens e a habil mistura da força e das graças.

(1) Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. I. p. 508.

O poeta diz a Mecenas o não convide para cantar na lyra os grandes assumptos da epopéa; — que elle Mecenas, em singella historia, melhor expressará os altos feitos de Cesar, mostrando-o em seu carro de triumpho seguido dos reis soberbos subjugados; — que a musa só lhe permitte celebrar os encantos, as graças e as prendas, da formosa Licinia, objecto da ternura do mesmo Mecenas.

ACHEMENES. — Antigo rei da Persia, de que descendiam Dario e Cyro. Seus descendentes foram chamados *Achemenides*. Entre os poetas, os nomes de *Achemenia* e *Persia* são muitas vêzes synonymous.

ANNIBAL. — Famoso general carthaginez: — o maior inimigo que os Romanos tiveram a combater. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

ARABIA. — Paiz da Asia occidental. — Os palacios dos Arabes eram cheios de thesouros. V. *Arabes*, not. á ode 35.^a do livro I.

CESAR. — E' Augusto, que triumphou tres vêzes successivamente, no anno de Roma 724: — a 1.^a dos Panonianos e dos Dalmatas; — a 2.^a de Cleopatra e de Antonio; — a 3.^a do Egypto. V. *Cesar*, not. á ode 12.^a do livro I.

DIANA. — Deosa da caça e da castidade. V. not. á ode 12.^a do livro I.

FILHOS DA TERRA. — São os Gigantes, seres fabulosos, de um tamanho colossal, que, confiados em sua força monstruosa, quizeram vingar a derrota dos Titanes, seus parentes, e tentaram destronar Jupiter; mas este, ajudado de Hercules, os desbaratou e feriu do raio, precipitando uns nos infernos, e sepultando outros sob montanhas vulcanicas. Os mais celebres são *Typhon*, *Encelado*, *Typhéo*, *Ticyo*, *Alcyoneo* &c. — Eram filhos do Tartaro e da Terra.

HYLÉO. — Um dos Centauros, dado ao vinho, e morto por Atalante, em consequencia de querer offendere a sua honestade. — Dacier diz que, n'este Hyléo, Horacio faz o retracto

de Antonio, que se perdeu por sua intemperança e furioso amor que teve por Cleópatra.

LAPYTHAS. — Povos da Thessalia, de alta antiguidade. Bateram os Centauros, nas bodas de Pirithoo e de Hippodamia, pertendendo estes roubar essa princeza. V. *Centauros*, not. á ode 18.^a do livro I.

LICINIA. — Considera-se ser a irmã de Proculeio e de Licinio Murena, chamada Terencia, com quem Mecenas depois casara.

MYGDONIAS. — De *Mygdonia*, parte da Phrygia, região da Asia-Menor, onde reinará Midas, famoso pela sua opulencia e avareza. Este nome é derivado dos Mygdonios, povos da Thracia, ou da Macedonia, para onde se haviam transportado.

NUMANCIA (hoje *Garraway*). — Famosa cidade da antiga Hespanha, entre os Arevaques, perto das origens do *Durius* (Douro). — Foi o centro da resistencia da Hespanha aos Romanos durante a quarta serie de guerras que contra este paiz dirigiram. Foi finalmente tomada por Scipião Emiliano, sobrenominado — o *Segundo Africano*.

SANGUE PÉNO. — Dos Carthaginezes.

SATURNO. — Deos latino e grego, pae de Jupiter. Sofreu a guerra dos Titanes, que o destronaram, mas Jupiter vingou seu pae e o restituiu ao throno. Saturno porem, tornando-se cioso do filho, e armando-lhe laços, foi expulso do ceo. Occultou-se no Lacio, aonde foi acolhido por Jano, de quem foi successor. Ensinou aos Latinos a agricultura: — no seu reinado floreceram a paz, a abundancia e a justiça: — foi esse tempo a edade de ouro para a Italia. V. *Titanes*, not. á ode 4.^a do livro III.

SICILIA (*Sicilia, Sicania, Trinacria*). — A maior ilha do Mediterraneo, separada da Italia por um pequeno estreito chamado — *Pharo de Messina*. Seus primeiros habitantes foram Pelasgos. Era fertilissima, e chamada o celeiro do povo

romano. — A mythologia n'ella colloca os Cyclopes e os Les-trygões. O seu maior monte é o Etna, que vomita fogo.

ODE XIII.

*Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —
Edade de Horacio 44.*

A IMAGINAÇÃO de Horacio, verdadeiramente poetica, impressionava-se facilmente de qualquer sucesso: — a queda de uma arvore em seu dominio da Sabina, que podia esmagal-o, lhe inspirou esta excellente ode, cujos pensamentos e imagens se acham com notavel artificio ligados ao assumpto, fazendo sobressahir a idéa de que o homem vive cercado de perigos, e morre por accidentes imprevistos.

ALCÉO. — Famoso poeta de Mitylene, capital de Lesbos. Parte de suas obras versava sobre as guerras civis excitadas pelos tyrannos. V. *Cantor de Lesbos*, not. á ode 32.^a do livro I.

BOSPHORO. — Dois estreitos havia com este nome nos confins da Europa e Asia. Um chamava-se *Bosphoro Cimmerio*, e juntava a lagôa *Maeotis* com o mar *Euxino*; — o outro *Bosphoro de Thracia*, que communicava o mar *Euxino* com o *Propontide* (hoje mar de *Marmara*). A este allude o poeta. — Hoje o 1.^º chama-se *estreito de Zabache* ou *d'Ienikaleh*, e o 2.^º *estreito de Constantinopla*.

CÃO DE CEM CABEÇAS. — Cérbero, encarregado da guarda dos infernos.

COLCHICOS VENENOS. — De *Colchos* (hoje *Imerethia* e *Minigrelia*), paiz da Asia, entre o Ponto-Euxino ao O., o reino

do Ponto ao S. E., o Caucaso ao N., e a Iberia a L. — E' celebre pelo vellocino de ouro que a fabula coloca n'esse paiz, e pela expedição dos Argonautas. — Abundava em venenos, e foi patria de Medéa, insigne magica.

EACO. — Filho de Jupiter e da nympha Egina: — reinou na ilha de Enopéa, chamada depois *Egina* (hoje *Engina*), do mar Egéo, entre a Argolide e a Attica: — assignalou-se de tal modo por sua justiça e sabedoria, que, depois de sua morte, Jupiter fez d'elle um dos juizes dos infernos.

EOLIA LYRA. — Versos no dialecto dos *Eolios*, povos da antiga Grecia.

EUMENIDES. — As furias, deosas infernaes, filhas da *Noite* e de *Acheronte*: — chamavam-se *Alecto*, *Megera*, e *Tesiphone*.

ORÍON. — Filho de *Hiréo*: — foi um habil e infatigavel caçador. Ousou desafiar Diana: — a deosa, para o punir, o fez morder de um escorpião, de cuja mordedura morreu: — Jupiter o transformou em uma constellação, que traz consigo chuvas e tempestades.

PAE DE PELOPS. — Tantalo. V. not. á ode 28.^a do livro I.

PARTHO. — V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

PROMETHBO. — V. not. á ode 16.^a do livro I.

PROSERPINA. — Mulher de Plutão e rainha dos infernos. V. not. á ode 28.^a do livro I.

SAPHO. — Poetiza famosa de *Mitylene*, capital de Lesbos. V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a do livro I.

ODE XIV.

Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —

Edade de Horacio 42.

ESTA ode é uma das obras-primas de Horacio, como o são todas aquellas em que elle exprime as maximas de sabedoria e doutrinas philosophicas que aprendéra dos Gregos. Lembra ao seu amigo Posthumo a brevidade da vida : — que tem forçosamente o homem de deixar tudo quanto o prende e de leita na terra ; — e por isso não deve accumulator bens para um herdeiro, mas fazer bom uso d'aquelleas que os deoses lhe concede m.

COCYTO. — Rio do Epiro ; — cahia no lago *Acherusia*, e rolava aguas negras e lodosas ; o que o fêz collocar pelos mythologos no numero dos rios dos infernos.

DANÁO. — Filho de Bélo, e rei de Argos : — teve cincuenta filhas chamadas *Danaides*. Egypto seu tio, que tinha cincuenta filhos, quiz casal-os com suas primas germanas : — elles recusaram um consorcio que lhes parecia impio. Egypto mandou seus filhos á frente de um exercito para as constranger. Danáo fêl-as casar, mas com a condição secreta de assassinarem seus maridos na primeira noite de suas bodas : — este horrivel projecto executou-se : — *Hypermnestra* foi a unica que poupou seu marido, *Lyncéo*. Para punir essas raparigas crueis, Jupiter as precipitou no Tartaro, e as condenou a encher ahi eternamente um tonel roto no fundo.

GERYON. — Rei de Erythia ou das Baleares : — era o mais forte dos homens. Os poetas fizeram d'elle um gigante de tres corpos, possuidor de grandes manadas de bois que nutria com carne humana.

PLUTÃO. — Deos dos infernos, filho de Saturno e de Rhea, e irmão de Jupiter e Neptuno. Teve por mulher Proserpi-

na, que roubou. V. *Proserpina*, not. á ode 28.^a do livro I.

SISYPHO. — Filho de Eolo : — é celebre na mythologia por sua malicia e perversidade. Foi morto por Thesêo, e condenado por seus crimes a rodar continuamente para o alto de um rochedo uma grande pedra roliça, a qual assim que chegava ao cume tornava a precipitar-se.

TICYO (Tityus). — Gigante celebre, filho de Jupiter. Apollo e Diana o mataram a tiros de flecha, por haver desacatado Latona. Foi lançado nos infernos, onde as suas entradas, sempre renascentes, eram pasto de um abutre. O seu corpo cobria sete geiras de terra.

ODE XV.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edade de Horacio 37.*

O LUXO de casas de campo, de jardins, e de edificios sumptuosos, era entre os Romanos contemporaneos de Horacio eminentemente excessivo e desmesurado, tornando-se por isso tão prejudicial á agricultura como ruinoso ás familias. O poeta pois, reprovando esse luxo extremo e prejudicialissimo, lembra n'esta ode os severos costumes dos antigos, e o bom uso que elles faziam das riquezas.

CATÃO. — E' o antigo, denominado — o *Censor (M. Porcius)*. — Romano celebre por suas virtudes, nascido em *Tusculum*. — Enviado, com o titulo de consul, á Hespanha e á Grecia, mereceu, por seu valor e prudencia, as honras do triumpho. Foi depois censor, e exerceu suas funcções com

uma severidade que passou em proverbio, merecendo se lhe levantasse uma estatua com esta inscripção: — *A Catão que corregiu os costumes.*

LAGO LUCRINO. — Este lago existia na Campania ao N. O. de Napoles, e comunicava com o mar: — era celebre por suas excellentes ostras.

ROMULO. — Fundador e primeiro rei de Roma. V. not. á ode 12.^a do livro I.

ODE XVI.

*Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —
Edade de Horacio 43.*

FAZ ver Horacio ao seu amigo Gropho que a felicidade não é privilegio da riqueza; — que em vão se deixa a patria e se muda de clima para procurar fortuna, porque esta, nem muda a nossa natureza, nem suspende os desgostos que nos ferem a alma. Lembra-lhe que é breve a vida; — que só a serenidade do espírito e a moderação dos desejos podem tornar o homem feliz em qualquer condição. — Esta ode é um thesouro de alta philosophia e de eloquencia poetica.

ACHILLES. — Valoroso principe grego. V. not. á ode 6.^a do livro I.

Egéo (*Ægeum mare*), hoje o *Archipelago*. — Golfo do Mediterraneo, entre a costa L. da peninsula grega, a costa O. da Asia-Menor, a Thracia e a ilha de Creta: — deu seu nome ao suicidio de Egéo, rei de Athenas, que ali se afogou de desesperação.

EURO. — Deos do vento do Oriente entre os Gregos.

GROPHO. — Pompeio Gropho, Romano distineto.

MEDOS. — Os Parthos. V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

TITHÃO. — Principe troiano. V. not. á ode 28.^a do livro I.

THRACIA (hoje parte da *Roumelia*). — Grande região da Europa antiga. V. *Sithonios*, not. á ode 18.^a do livro I.

ODE XVII.

Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

MOSTRA-SE Horacio profundamente sentido pela grave morte de Mecenas. A idéa de perder um tão caro amigo e infatigável protector, o desanima e desassocega. Presente e prognostica que lhe não sobreviverá, que o seguirá imediatamente ao tumulo. Foi fiel o seu presentimento, realizou-se a sua predição: — poucos dias lhe sobreviveu!

CHIMERA. — Monstro fabuloso. V. not. á ode 27.^a do livro I.

DISCIPULOS DE MERCURIO. — Entende-se os doutos e os poetas, porque Mercurio presidia ás sciencias e ás artes.

FAUNO. — Deos dos campos. V. not. á ode 4.^a do livro I. — Protegia os poetas, os quaes amam a solidão e os bosques.

GYAS. — E' tambem chamado *Gyges*, filho de *Cælo* e da *Terra*, Tinha cincuenta cabeças e cem mãos: — é um dos gigantes que fizeram a guerra aos deoses, e por isso foram punidos no *Tártaro*.

LIBRA, Scorpião e Capricornio, são signos do Zodiaco; — o 1.^o pertence a Venus, o 2.^o a Marte, o 3.^o a Saturno. A

cada signo do Zodiaco se atribuia uma influencia particular sobre o destino do homem no acto do nascimento.

PARCAS. — Deosas infernaes. V. not. á ode 3.^a d'este livro II, onde diz: — *Fios das tres irmans.*

ODE XVIII.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24 —
Edade de Horacio 41.*

HORACIO, contente de sua modica fortuna, não podia ver sem indignar-se o progresso do luxo e da avareza, origem da corrupção geral, enriquecendo-se os patronos á custa da ruina e oppressão dos míseros clientes. Foi este espectáculo que o fêz compor, contra os homens ávidos e iniquos, esta belíssima ode, uma das mais elegantes e energicas que honram o seu talento e a sua harmoniosa lyra.

ATTALO. — Rei de Pergamo : — famoso pelas suas riquezas. V. *Fortunas attalicas*, not. á ode 1.^a do livro I.

BAIAS (*Baiae* dos antigos), hoje *Baja*. — Sob o imperio romano foi uma cidade soberba, celebre pela amenidade do seu clima e salubridade de suas aguas. Os Romanos ricos ahi tinham suas casas de campo. Ainda apresenta ruinas de grande beleza. Era cidade do reino de Napolis.

HYMETTO. — Monte da Attica. V. not. á ode 6.^a d'este livro II.

ORCO. — Plutão, deos dos infernos. Toma-se pelos infernos. V. not. á ode 3.^a do livro II.

PROMETHETO. — Filho de Japeto. V. not. á ode 16.^a do livro I.

SABINA (hoje parte das delegações de *Spoleto*, de *Rieti* &c). — Paiz de Italia antiga, sobre o centro, entre o Apennino, o Anio, o Tibre e a Etruria.

TANTALO. — Rei da Lydia. V. *Pae de Pelops*, not. á ode 28.^a do livro I.

ODE XIX.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19. —

Edade de Horacio 46.

ESTA ode, bem como a seguinte, segundo o escoliaste de Vanderbourg (1), foi feita por Horacio para terminar a colleção dos dois primeiros livros de suas odes. E' um hymno a Baccho, especie de dithyrambo, onde canta o poder e os benefícios d'esse deos universalmente reconhecidos. — Walkenaer (2) diz que esta ode fará cahir a pena da mão a todo o traductor, homem de gosto, que queira transportal-a para outra lingua.

AUREOS CORNOS. — Algumas vêzes se representava Baccho com cornos na cabeça, ou para mostrar a sua força, ou em razão de andar sempre, em suas viajens, coberto com a pelle de bode, animal que se lhe sacrificava.

BISTÓNIDES. — Mulheres de Thracia, que nos sacrificios de Baccho tinham os cabellos soltos e enleados de serpentes. Chamam-se tambem *Bacchantes* ou *Ménades*. — Tomaram o nome do lago *Bistonis*, na Thracia, perto de Abdera.

(1) Scholiast. antiq. apud. Vanderbourg, *Odes d'Horace*, t. I, p. 381.

(2) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. II, p. 206.

ESPOSA DE BACCHO. — E' Ariadna, filha de Minos, rei de Creta: — salvou *Theseo* do labirinto: — desposou-se com *Baccho*, o qual lhe deu uma corda nupcial guarnevida de ouro e brilhantes, que elle depois collocára entre os astros.

EVOHE! — Grito que as Bacchantes davam para cantar os louvores de Baccho.

LYCURGO. — Este Lycurgo foi rei fabuloso de Thracia; — oppoz-se ao culto de Baccho, e perseguiu as Ménades durante celebravam as orgias: — foi punido de *cegueira*, e tomado de um transporte de furor em que se mutilou.

PANTHEO. — Filho d'Echion e d'Agave filha de Cadmo. Foi o unico em Thebas que não quiz reconhecer a divindade de Baccho, o qual, para o punir, inspirou tal furor a sua mãe *Agave* e a suas tias *Ino* e *Antonoe*, que ellas o despedaçaram.

RHECO. — Era o nome de um Centauro morto por Atalante. — Aqui é o nome de um gigante.

THYADES. — Nome que se dava ás sacerdotizas de Baccho, ou *Bacchantes*, derivado de *Thya*, a primeira mulher que fôra sacerdotiza d'esse deos.

ODE XX.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —

Edade de Horacio 46.

ESTA ode, dirigida a Mecenas e que fecha o livro II das odes, respira não menor entusiasmo que a precedente, e encerra não menos bellezas. N'ella faz Horacio sua propria apotheose, lisonjeado de que Mecenas o ame e denomine *seu*

amigo, e diz que, metamorphoseado em cisne, se fará conhecer dos povos barbaros que menciona, os quaes repetirão seus versos. — Não se enganou Horacio: — não só esses povos, hoje civilizados, mas os do universo culto, aprendem seus versos e os admiram.

BOSPHORO. — Estreito de Thracia, onde as ondas são mui agitadas. V. not. á ode 13.^a d'este livro II.

COLCHO. — Povo da Asia; — era feroz e belicoso. V. *Colchicos venenos*, not. á ode 13.^a d'este livro II.

DACIO, ou DACO. — Povo guerreiro da antiga Germania, alem do rio Danubio, cujo paiz chamado *Dacia* (hoje *Moldavia*), foi conquistado pelos Romanos, sob o imperio de Trajano, depois de quinze annos de guerra: — faziam parte dos Scythes da Europa. V. *Daco*, not. á ode 35.^a do livro I.

ESTYELIAS ONDAS. — Do Estygio (Estyge ou Styx), rio dos infernos. V. not. á ode 34.^a do livro I.

GELONOS. — Povos que faziam parte dos Scythes. V. not. á ode 9.^a d'este livro II.

GETULIA. — Hoje parte do *Belidulgerid*, de *Sedjelmesse*, do *Sahara*, antigo paiz d'Africa, ao S. do Atlas actual; — tinha ao N. a Numidia e as duas Mauritanias (Cesariana e Tingitana), a L. o paiz dos Garamantes, ao S. a Nigricia, e ao O. o Oceano Atlantico.

HYPERBOREOZ CAMPOS. — *Hyperboreos* significa *alem do Boreas*. Os Gregos davam vagamente este nome aos povos e aos paizes do norte. Collocou-se a principio o paiz dos *Hyperboreos* ao norte da Thracia: — depois recuou-se até aos montes *Ripheos*.

IBERO. — Natural da *Iberia*, nome que se deu ao paiz da Hespanha banhado do Ebro (*Iberus*), e depois á peninsula inteira. Os habitantes da Hespanha eram por isso chamados *Iberos*.

ICARO. — Filho de Dedalo. V. *Icarias ondas*, not. á ode 1.^a do livro I.

MARSA COHORTE. — Dos *Marsos*, povos de Italia antiga. Passavam pelos mais bravos guerreiros da Italia.

RHODANO. — Rio da Gallia, hoje *Rhona*.

SYRTES. — Nome dado pelos antigos aos dois golfs que forma o Mediterraneo sobre a costa septentrional d'Africa, entre o Egypto e o cabo *Hermæum*. Eram mui temidos dos navegadores na antiguidade. — Tomam-se em geral por bancos perigosos no mar, e especialmente nos golfs.

LIVRO III.

ODE I.

*Anno de Roma 736 — Antes de J.-C. 18 —
Edade de Horacio 47.*

O ASSUMPTO d'esta ode é o mesmo que Horacio já tem tratado n'outras, o desenvolvimento dos grandes principios do estoicismo, que mostram não ser o poder, a grandeza, as riquezas, os gosos do luxo, que dão a verdadeira felicidade, mas sim a moderação dos desejos, o socêgo do espirito, e a pratica da virtude.

ARCTURO. — Estrella junto da cauda da *Ursa-maior*, cujo nascimento e occaso se suppunha precursor de grandes tempestades.

CAPRO. — Está por *Hædi*, constellação que ordinariamente quando nasce (no fim de Setembro), causa chuvas e tempestades.

PERSIANAS. — Da Persia, cujos naturaes usavam muito do

perfume ou essencia chamada *costus* ou *nardo*. Os Latinos chamavam-no *Acharmenium*, de Achemenes, rei da Persia.

PHRYGIOS. — Da Phrygia, região da Asia-Menor, onde havia excellentes marmores. A Phrygia era dividida em *Maior* e *Menor*. Era situada entre a Bythinia, Lydia, Capadocia e Caria.

TEMPE. — Os valles de *Tempe*, na Thessalia, eram famosos por sua amenidade. Os poetas dizem que era o sitio mais bello e delicioso do mundo, e que os deoses iam para ahi recrear-se.

ODE II.

Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —

Edade de Horacio 44.

0 QUADRO da corrupção dos costumes, consequencia do luxo excessivo, havia feito reflectir Horacio sobre a necessidade de se educarem os mancebos nas puras maximas do estoicismo. Esta bellissima ode as encerra, tocando em tres pontos essenciaes, a corajem, a virtude, a religião. A corajem deve dar força ao mancebo romano para soportar as privações da vida e arrostar os perigos: — a virtude conduzil-o ás grandes ações e tornal-o digno das magistratúras elevadas: — a religião ensinal-o a guardar fidelidade, sem a qual não pode obter a confiança dos outros homens nem o favor dos deoses.

ODE III

*Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21. —
Edade de Horacio 44.*

HAVIA Augusto partido para o Oriente, onde se coroára de gloria. Os seus antagonistas em Roma, onde não cessavam de conspirar contra elle, e onde as assembléas dos comícios haviam occasionado dissensões que o sabio governo de Agripa conseguira pacificar, espalharam o boato de que Augusto destinava transferir para Troia a capital do imperio. — Horacio, fazendo a apotheose do imperador, busca desvanecer dos espíritos tão triste idéa por meio d'esta ode, uma das mais bellas e magnificas que compuzera, pela elevação dos pensamentos, a harmonia dos versos, e a riqueza das figuras.

ACHERONTE. — Filho do Sol e da Terra: — foi mudado em rio e precipitado nos infernos por haver provido d'água os Titães quando estes declararam guerra a Jupiter. As suas águas se tornaram enlodadas e amargas: — é este um dos rios que as *Sombras* passavam para nunca mais voltarem. — Houve outros rios d'este nome, um no *Epiro*, outro na *Itália* &c.

ADRIATICO. — Grande golfo do Mediterraneo, entre a *Itália*, a *Dalmacia* e a *Grecia*. V. not. á ode 33.^a do livro I.

ALCIDES. — Hercules. V. *Hercules*, not. á ode 3.^a do livro I.

AUSTRO. — Vento muito quente, filho de *Eolo* e da *Aurora*. Vinha do Sul, e era prejudicial ás plantas e á saude.

CAPITOLIO. — Templo de Jupiter sobre a rocha *Tarpéa* em Roma. V. not. á ode 37.^a do livro I.

JUNO. — Filha de *Saturno* e de *Ops*, irmã e mulher de Jupiter. E' a rainha dos deoses. Irritada de que o pastor troiano, *Paris*, roubador de *Helena*, lhe tivesse preferido *Ve-*

nus, adjudicando a esta o pomo de ouro, excitou a guerra de Troia e se empênhou na destruição d'essa cidade. — Em conselho dos deuses, conveio na apotheose de *Romulo*, mas com a condição de não ser reedificada *Ilion*, ou Troia.

LACENA. — De *Lacedemonia*. E' Helena, princeza grega; mulher de Meneláo, rei de Esparta ou Lacedemonia. O seu hospede foi *Paris*, que d'ella se enamorou, e a roubou, o que deu causa á guerra de Troia.

LAOMEDONTE. — Rei de Troia, filho d'*Ilus*, e paê de Priamo. V. *Troia*, not. á ode 8.^a do livro I.

MEDOS. — Confundem-se com os Parthos. V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

NETO DA TEUCRA SACERDOTIZA. — E' Romulo, filho de Marte e de Ilia. Esta era troiana e uma das sacerdotizas de *Vesta*.

NILO (Nîlus). — Celebre e immenso rio d'Africa: — corre pelo meio do Egypto, e entra por sete bocas no Mediterraneo. — As chuvas do estio o fazem crescer desmesuradamente. Trasborda pouco no Alto-Egypto, porque as margens ahi são altissimas; mas no Medio e Baixo-Egypto trasborda excessivamente, e é a suas inundações que o solo egypcio deve sua extrema secundadade. Seis cataratas, celebres na antiguidade, interrompem o curso do Nilo. As origens d'este rio foram um problema inísoluvel para os antigos: — os modernos mesmos ainda as não visitaram. Ptolemeu foi o primeiro que as collocou nos montes *Al-Kamar*, e essa opinião ainda hoje prevalece.

ROMULO. — Fundador de Roma. Tendo desapparecido, creu-se que seu paê *Marte* o transportará em seu carro para o ceo. V. not. á ode 12.^a do livro I.

ODE IV.

Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. — 19.

Edade de Horacio 46.

LOGO que Augusto voltou do Oriente a Roma, dedicou-se desveladamente á publica prosperidade, promulgando leis severas contra o celibato, a dissolução dos costumes, e o progresso do luxo desmesurado, restaurando a dignidade do senado, e promovendo efficazmente todos os objectos do interesse geral. Para lhe tributar justo louvor, compoz Horacio esta admirável ode.

ACHERONCIA. — Era uma cidade da Apulia, assim como o eram *Bantia* e *Ferento*, todas proximas de *Venusia*.

BAIAS. — Cidade do reino de Napoles. V. not. á ode 18.^a do livro I.

CALLIOPE. — Uma das Musas: — presidia á eloquencia e á poesia helenica. Os poetas a dizem mãe de Orphêo.

CASTALIA. — Fonte da Phocida, região da Grecia antiga. Era sita ao pé do Parnaso e consagrada ás Musas, que d'ella se chamavam *Castalides*.

CONCANOS. (Concani). — Antigos povos da Hespanha, os quaes se alimentavam, principalmente, de leite misturado com sangue de cavalo. — *Concana*, cidade de Hespanha (Tarragona), hoje *Santillane* ou *Congas-de-Oniz*. — Os ditos povos faziam parte dos *Cantabros*.

GELONOS (Geloni). — Povos da Europa barbara, ou da *Scythia*, que se acostumavam desde a infancia ao trabalho e ás fadigas. Eram terríveis nas batalhas.

PALINURO. — Cabo ou promontorio do reino de Napoles.

PALLAS. — Deosa da guerra e da sabedoria. V. not. á ode 15.^a do livro I.

PELIOS (Petra). — Monte de Thessalia, em Magnesia: — era um prolongamento do Olympo e formava um cabo. A fabula faz d'elle uma das montanhas que os Gigantes amontoaram para escalar o ceo.

PHILIPPOS (Philippi), hoje Filibe. — Cidade da Macedonia (antigamente de Thracia). Foi chamada a principio *Dalos* e *Crenides*. Philippe II (de Macedonia) a tomou, fortificou e lhe deu seu nome. Nos arredores d'esta cidade Bruto e Cassio perderam contra Octaviano a batalha decisiva que deixou o partido democratico sem defensores.

PIRITHOO. — O amigo de Theséo e seu companheiro inseparavel: — tinha por pae Ixion, e reinava sobre os Lapithas na Thessalia. — Penetrou nos infernos com Theséo para roubar Proserpina a Plutão, mas este deos frustrou seus planos: — Piritheo foi morto, e Theséo retido nos infernos, d'onde Hercules só o pôde livrar.

PRENESTE (hoje Palestrina). — Cidade do Lacio a L. de Roma, e ao S. de Tibur. — Tinha um templo célebre consagrado á Fortuna.

TICXO. — Gigante enorme e celebre: — um abutre lhe roia as entradas nos infernos. V. not. á ode 14.^a do livro II.

TIBUR — Cidade antiga do Lacio. V. *Tiburno*, not. á ode 7.^a do livro I.

THYRHO, Mimas, Porphyryion, Encelado, e Rheto, são nomes de gigantes fabulosos.

TITANES. — Filhos de Titan e da Terra. — Titan, filho primogenito de *Uranius*, cedeu a Saturno o imperio do mundo, mas reservando a seus filhos, os Titanes, seus direitos ao trono, e estipulando que Saturno não poderia educar filho algum macho. Como esse deos não cumprisse a promessa, os Titanes se revoltaram contra elle, mas Jupiter, armado do raio, os precipitou no Tartaro.

VULTUR. — Monte que fazia parte dos Apenninos; — separava a Lucania da Apulia.

ODE V.

Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 —

Edade de Horacio 45.

O PODER e a gloria de Augusto havia, na voz da fama, chegado ás mais longiquas terras do globo, d'onde lhe vinham embaixadas e presentes magnificos. Causou espanto os que lhe enviára *Porus*, que se gabava de imperar em seiscentos reis da India. Tudo isto tornava Augusto em Roma o homem do destino, o protegido dos deoses. No meio dos aplausos publicos não ficou Horacio em silencio; rendeu n'esta ode um tributo de louvor ao bemfeitor da sua patria, immortalisando ao mesmo tempo a memoria de Régulo.

ANCILIOS. — Eram doze pequenos escudos sagrados. — Criasse, quando um só d'elles existia, que descêra do ceo, e que em quanto elle existisse seria Roma senhora do mundo. Numa Pompilio, para tornar difícil o poder-se roubar esse escudo, mandou fazer onze similhantes, e todos se guardavam no templo de Marte.

APULIO. — O *Mars*. As melhores tropas dos Romanos eram os *Marsos* ou *Apulios*, e os *Samnitas*.

CRASSO (M. Licinius Crassus). — Triumviro celebre pelas suas riquezas. — Foi pretor, consul e censor. — Por fim, por uma victoria decisiva, á guerra de Spártaco. — Formou com Pompeo e Cesar o primeiro triumvirato. Nomeado governador da Syria, e encarregado da guerra contra os Parthos, abriu a campanha prosperamente: — iam já render-se-lhe Babylonia e Seleucia, mas, deixando reunir o inimigo as suas forças, foi batido por Surena, general de Orodes rei dos Parthos. Trinta mil Romanos ficaram mortos no campo, e o mesmo Crasso, indo á tenda de Surena tratar da paz, foi morto por ordem d'esse general. — Os soldados que escaparam

ram ficaram na Persia, onde casaram. Esses casamentos, confundindo o sangue romano com o dos barbaros, eram considerados infames.

REGULO. — Famoso general romano. V. not. á ode 12.^a do livro I.

VENAFRO. — Cidade de Campania, e *Tarento* cidade do reino de Napoles. Em ambas estas cidades se passava deliciosamente.

VESTA. — Deosa do fogo. V. not. á ode 2.^a do livro I.

ODE VI.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edade de Horacio 37.*

ESTA magnifica ode, na opinião de Walckenaer e de outros criticos illustrados, não é excedida por nenhuma outra, tanto pela excellencia dos pensamentos, escolha das maximas e eloquencia poetica, como pela cõr sombria e religiosa da versificação, respirando um entusiasmo estoico.

ANNIBAL. — Famoso general carthaginez. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

ANTIOCHO. — Rei da Syria, denominado o *Grande* por suas amplas conquistas. Retomou as provincias da Syria que conservava o rei do Egypto. Os Romanos, chamados em socorro dos vencidos, o derrotaram : — elle obteve a paz com as mais onerosas condições. — Havia recebido Annibal em sua corte. — Indo roubar o templo de *Belus* para pagar aos Romanos, foi morto.

DACIOS. — Povos da antiga Germania, guerreiros, ferozes e incivilisados. V. *Dacio*, not. á ode 20.^a do livro II.

ETHÍOPES. — De *Ethiopia*, vasta região que se estendia, nos antigos tempos, ao sul do Egypto. — Aqui *Ethiope* toma-se pelas tropas de Cleopatra, Ethiopes e Egypcios, porque o Egypto era comprehendido na denominação de *Ethiopia*.

JONICAS DANÇAS. — Proprias dos povos da Jonia, província da Asia-Menor, os quaes eram effeminados e voluptuosos.

MONÉSSES. — Era a segunda personagem do imperio de Orodes, rei dos Parthos. — Horacio, segundo Dacier, falla aqui de duas victorias que os Parthos ganharam sobre os Romanos, uma sob o commando de *Monéses*, outra sob o de *Pacoro*. Presume-se que uma d'estas foi a derrota de Crasso, que marchára desprezando os auspicios, e que *Monéses* fôra o vencedor, não obstante dizerem os historiadores que Crasso fôra desbaratado por *Surena*, porque esta palavra *Surena* significa *logar-tenente do rei*.

PACORO. — Era o filho mais velho de Orodes, rei dos Parthos, que o mandou, bem que ainda de pouca edade, assolar a Syria depois da derrota de Crasso.

PYRRHO (*Pyrrhus*). — Rei do Epiro (hoje *Albania meridional*), paiz da Grecia septentrional. Chamado á Italia pelos Tarentinos (280 antes de J. C.) ganhou contra os Romanos as victorias de Heraclêa e d'Asculum; foi depois livrar a Sicilia dos Carthaginezes; voltou á Italia, onde foi vencido por *Curius Dentatus*, tornando para o Epiro sem conquistas, sem dinheiro, e quasi sem tropas: — submetteu ainda a Macedonia, e tentou a conquista do Peloponeso: — morreu na tomada de Argos de uma telha com que uma velha lhe atirou do alto de um tecto,

ODE VII.

*Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 24 —
Edade de Horacio 44.*

DIRIGIU Horacio esta ode a Asterie para a tranquillizar na ausencia do joven Gyges, cujo fiel amor em vão é combatido pelas diligencias de Chloe, e pede-lhe se acautele dos méritos do seu vizinho Enipêo.

BITHYNICO. — De Bithynia, paiz da Asia-Menor. V. *Bithynia*, not. á ode 35.^a do livro I.

ETRUSCO RIO. — O Tibre, rio celebre de Italia, nasce nos Apenninos em Toscana. — *Tevere* em Italiano, *Tiberis* entre os antigos, primitivamente *Albula* : — banha Roma e Ostia. É sujeito a cheias frequentes.

HIPPOLYTA (chamada tambem *Astydamia* e *Cretheis*). — Mulher de Acasto, famoso caçador, rei de Thessalia. — Apaixonada por Pelêo, e não lhe dando este attenção, accusou-o a seu marido de desacatar a sua honestidade. Acasto, resentido, quiz, n'uma caçada, entregal-o ás feras, mas salvou-o o centauro *Círon*.

ÓRICO. — Cidade e porto do Epiro sobre o mar Adriatico, no fim de um golfo que serve de limite ao Epiro e á Illyria.

PELÉO. — Rei da Phthiotida, na Thessalia. — Recebido em Iolchos, inspirou viva paixão a *Hippolyta* ou *Cretheis*, mulher de Acasto, a qual, não podendo attrahil-o, o calumniou ante seu marido, por vingança. — Pelêo casou com Thetis, de cujo cor sorcio nasceu Achilles.

PRÉTO. — Rei de Argos. Sua mulher *Sthenobéa* ou *Anthia*, apaixonada por Bellerophonte, e vendo-o insensivel ao seu amor, por se vingar, accusou-o a seu marido de intentos ofensivos da sua honestidade.

ODE VIII.

*Anno de Roma 734 — Antes de J.-C. 20 —
Edade de Horacio 45.*

CONVIDA Horacio a Mecenas, seu illustre amigo, a vir gosar da festa que preparava a Baccho no anniversario da queda da arvore de que escapára. Procura distrahir esse alto funcionario dos cuidados que o deviam ocupar como prefeito de Roma e de Italia e ministro de Augusto, pedindo-lhe suspensa por alguns instantes as suas fadigas e se entregue descansadamente aos prazeres.

DACIO COTISON. — Rei dos Dacios, que muitas vezes faziam correrias pelas terras do imperio. Elle foi derrotado pelo general Cornelio Lentulo.

MARÇO. — No primeiro de março celebravam os casados religiosamente as festas chamadas *matronaes*. Eram estas propriamente das damas romanas, em memoria da paz que fizera com seus paes as Sabinas roubadas pelos Romanos.

TULLO (L. Volcatius Tullus). — Foi consul com *M. Lepidus*, no anno de Roma 687. — Os Romanos escreviam no fundo das amphoras ou talhas, em que guardavam o vinho, o nome do consul existente para se conhecer a edade do vinhedo, o qual faziam amaciado ao fumeiro.

ODE IX.

*Anno de Roma 730 — Antes de J.-C. 24. —
Edade de Horacio 41.*

O DELICADISSIMO dialogo, objecto d'esta ode, tem merecido sempre geral admiraçao. Lydia e Horacio, que o orgulho fe-

rido havia separado e os fizera inclinar a novos amores, finalmente se reconciliam.

ILIA. — Mulher de Marte, mãe de Romulo, fundador do imperio romano. V. not. á ode 2.^a do livro I.

ODE X.

*Anno de Roma 720 — Antes de J.-C. 31 —
Edade de Horacio 34.*

ESTA ode, segundo os criticos, é uma imitação das odes gregas que se cantavam diante de uma porta fechada : — tinham o nome de *paraclausithyron*. — Horacio mostra-se resentido da insensibilidade de Lycia.

ÁEUILOS. — Ventos furiosos, extremamente frios, vindos do norte.

PENÉLOPE. — Princeza da Grecia, mui virtuosa, mulher de Ulysses. V. not. á ode 17.^a do livro I.

TANAIOS. — Rio da Sarmacia, hoje o *Don*, rio da Russia da Europa : — sahe do lago Ivan-Ozero, em o governo de Toula. — Toma-se aqui pelo logar o mais apartado de Roma.

ODE XI.

733 — 734.

*Anno de Roma 733 — Antes de J.-C. 21 —
Edade de Horacio 44.*

LYDIA, objecto da ternura de Horacio, achava-se ainda na edade em que se ignora o amor e a sua doce expressão, mos-

trando só tendéncia para a musica e a poesia. O poeta dirige-se, com grande arte, a Mercurio, pedindo-lhe o auxilio da sua lira e cantos que possam deleitar os ouvidos de Lydia, a quem relata a historia das Danaides.

DANAIDES. — Filhas de Danáo. V. *Danáo*, not. á ode 14.^a do livro II.

Ixion. — Rei dos Lapithas: — tendo morto seu sogro Deioneo, foi expulso de seus estados; — só achou hospitalidade na corte de Jupiter, mas ahi tentou seduzir Juno. Jupiter substituiu a sua mulher uma nuvém á qual deu, para experimentar Ixion, a forma d'essa deosa. Convencido assim de seu crime, Jupiter o puniu precipitando-o nos infernos e condenando-o a ser ligado a uma roda que girava incessantemente.

NUMÍDIA. — Hoje província de *Constantina*, e parte do estado de *Tunes*, paiz da Africa antiga entre a Mauritania e as possessões de Carthago. — Os seus desertos eram cheios de feras. — *Constantina* é uma cidade importante do estado de Argel.

TÉNARO. — Promontorio do Peloponeso. Tomava-se pelos infernos. V. not. á ode 34.^a do livro I.

TICVO. — Gigante celebre: — foi lançado nos infernos. V. not. á ode 14.^a do livro II.

ODE XII.

*Anno de Roma 726 — Antes de J.-C. 28 —
Edade de Horacio 37.*

HAVIA Horacio percebido a inclinação secreta que lhe tinha Neobula, mas esta não ousava declarar-se temendo a severi-

dade de um tio a quem devia respeito. Isso moveu Horacio a dirigir-lhe esta ode, imitada de Alcêo.

BELLEROPHONTE.—Heroe grego, filho de Glauco rei d'Ephyro (Corintho). Tendo morto involuntariamente seu irmão na caça, retirou-se á corte de Préto, rei d'Argos. Sthenobea, mulher d'este principe, concebeu pelo joven heroe uma violenta paixão, e, não tendo podido fazel-o condescender com seus votos, accusou-o a seu marido. Préto, para se vingar, enviou-o a Jobates, rei de Lycia, seu sogro, para o fazer morrer. Jobates, não querendo manchar-se no sangue do seu hospede, encarregou-o de combater successivamente a Chimera, os Solymos, e as Amazonas, esperando que elle acabasse em um d'esses combates, mas Bellerophonte, com o socorro do cavallo Pégaso que Minerva lhe havia dado, triumphou sempre, e até matou os soldados incumbidos de o assassinar. Então Jobates, convencido de sua innocencia, atribuiu a sua felicidade á protecção dos deoses, deu-lhe uma de suas filhas e nomeou-o seu successor.

ODE XIII.

731 — 733.

*Anno de Roma 731 — Antes de J.-C. 23 —
Edade de Horacio 42.*

DISTINGUE-SE esta ode por sua doçura e simplicidade: — foi composta em honra de um sacrificio que Horacio fez á nympha da fonte Blandusia (ou Bandusia), que existia, se-

gundo hoje se crê, em o territorio de *Venusia*, onde Horacio habitára na infancia, e aonde fôra restabelecer-se de incomodos de saude. Essa fonte foi bem reconhecida no indicado sitio pelo abbade Capmartin de Chaupy. — Os antigos commentadores collocaram-na em o campo de Horacio no paiz dos Sabinos, mas nunca pôde ahi ser encontrada.

ODE XIV.

*Anno de Roma 729 — Anos de J.-C. 25 —
Edade de Horacio 40.*

CLELEBRA Horacio, n'esta excellente ode, a entrada de Augusto em Roma, voltando victorioso da Hispania. O poeta dirige-se á esposa e irmã do imperador, ás virgens, aos mandebos, ás mães, ao povo romano, para que o heroe seja dignamente festejado.

SPARTACO. — Natural de Thracia : — serviu a principio n'um corpo auxiliar annexo aos exercitos romanos ; — deserto, foi preso, reduzido á escravidão, e conduzido a Capua, onde o fizeram gladiador. Evadiu-se da prisão com muitos companheiros, assolou a Campania, bateu o pretor Claudio e os dois consules Gellio e Lentulo, e viu rapidamente engrossar o seu exercito, que chegou n'um momento a contar mais de 70 mil homens. Impossibilitado de lutar contra a republica, quiz sahir da Italia, e já era chegado á Gallia Cisalpina, quando se viu forçado, pela inundação do Pô e pelos gritos do seu exercito, a retroceder, dirigindo-se sobre Roma. Não podendo tomar esta cidade, foi em breve perseguido por forças formidaveis. Tentou em vão passar á Sicilia, e, depois de

algumas novas vantagens, foi completamente derrotado por Crasso na batalha de Silaro (hoje Selo, rio da Lucania), morrendo como bravo.

ODE XV.

*Anno de Roma 735 — Antes de J.-C. 19 —
Edade de Horacio 46.*

HORACIO mostra-se, n'esta ode, indignado da libertinagem de Chloris e da falta de pudor de sua filha Pholoe. — Havia-as proposto a Lálage como modelos na arte de agradar, mas os annos tinham influido por um modo triste na sua delicadeza e moralidade (1).

LUCERIA. — Era uma cidade antiga da Apulia-Daunia, região de Italia. Tinha excellentes pastagens, e as lans dos tebanhos eram ahi mais finas que as de Tarento.

ODE XVI.

*Anno de Roma 732 — Antes de J.-C. 22 —
Edade de Horacio 43.*

ENCERRA esta ode, como muitas outras, as solidas maximas da philosophia. O poeta mostra, com exemplos, o irresistivel

(1) Horacio, l. II, ode V.; l. 1, ode XXXIII.

poder do ouro, mas faz sentir ao poderoso amigo Mecenas os seus modicos desejos, — quanto se acha satisfeito e feliz com a sua limitada fortuna.

ALYATTÉO. — De *Alyattes*, que fôra rei da Lydia, fertilissima província da Asia-Menor.

CALABRIA. — Região do reino de Napolis. V. not. á ode 31.^a do livro I.

CHEFE MACEDONIO. — É Philippe II, rei de Macedonia, pae do grande Alexandre. Foi um famoso guerreiro e conquistador: — serviu-se porem muitas vêzes de presentes para triunphar em suas emprezas: — juntava a astucia á coragem: — foi o mais profundo politico da antiguidade.

LESTRYGONIA TALHA. — Os Lestrygões eram antigos povos da Sicilia oriental, segundo a mythologia, vizinhos dos Cyclopes. Attribue-se a elles a fundação de Formia, cidade da Campania. — O vinho de Formia era dos mais excellentes de Italia.

MYGDONIOS. — De *Mygdonia*, parte da Phrygia. V. not. á ode 12.^a do livro II.

ODE XVII.

Anno de Roma 731. — Antes de J.-C. 23. —

Edade de Horacio 42.

ESTA ode, dirigida por Horacio a Lamia, é uma especie de improviso, e feita só por brincar com o seu amigo. Começa pomposamente, de industria, e acaba por um modo rustico e burlesco.

ELIO (*L. Aelius Lamia*). — Foi governador da Syria no reinado de Tiberio. É o mesmo de que o poeta fala na ode 26.^a do livro I.

LAMO (*Lamus*). — Foi rei dos *Lestrygões*, e fundador da cidade de Formias na Italia.

LIRIS. — Rio de Campania, que a separava do Lacio, e entrava no Mediterraneo. V. not. á ode 31.^a do livro I.

MARICA. — Cidade de Campania, paiz de Italia.

ODE XVIII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

ERA a musa de Horacio sempre felizmente inspirada quando se propunha fazer supplicas aos deoses, ou versos para serem cantados nas suas festas. Esta bellissima ode, dirigida a Fauno, o demonstra. — A festa do deos Fauno, o Pan dos Latinos, celebrava-se no mez de dezembro, em o dia 5, o das nonas d'esse mez. — As *nonas*, nos mezes de marzo, maio, julho e outubro, eram aos 7, nos demais mezes aos 5.

ODE XIX.

731 — 733.

*Anno de Roma 731. — Antes de J.-C. 23. —**Edade de Horacio 42.*

ESTA ode, que, pela rapidez do estylo e desordem das idéas, parece um improviso na occasião de um jantar, é dirigida a Telepho, apaixonado então pelas bellas-letras e ocupado da historia da Grecia. — O poeta se alegra com a noticia da promção de Licinio, irmão de Terencia, á dignidade de áugur, mostrando um entusiasmo extraordinario.

CONRO (Codrus). — Ultimo rei de Athenas, filho de Melanthero: —é celebre por sua dedicação. —Tendo sabido do Oraculo que, na guerra entre os Jonios e os Athenienses, a vantagem ficaria áquelle dos dois povos cujo chefe fosse morto, dedicou-se voluntariamente pela sua patria, lançando-se, disfarçado, no meio da batalha, onde acabou.

ÉACO. — Pae de Peléo e avô de Achilles. V. not. á ode 13.^a do livro II.

INACHO (Inachus). — Fundador do reino de Argos, originario de Phenicia. V. not. á ode 3.^a do livro II.

MURENA. — Licínio Murena. V. *Licinio*, not. á ode 10.^a do livro II.

PELIGNOS (Peligni). — Povos de Italia antiga (*Samnium*) que habitavam perto dos Sabinos e dos Marsos: — eram de origem pelasica.

TIBIA BERECYNTHIA. — Flauta phrygia usada no monte Berecyntho. Os Phrygios serviam-se das flautas berecynthias nos sacrificios de *Cybelle*. — Eram proprias para as occasões de alegria em que a religião tinha parte.

ODE XX.

Anno de Roma 727. — Antes de J.-C. 27. —

Edade de Horacio 38.

HAVIA um homem libertino, a quem Horacio chama Pyrrho, roubado um formoso mancebo a uma mulher já de idade madura. O poeta faz vêr a esse homem que se expõe a muito contrariando assim a paixão ardente d'essa mulher. E' o assumpto d'esta ode.

GANYMEDES. — Joven principe de grande belleza, filho de Tros, rei de Throia. Foi, segundo a fabula, arrebatado pela aguia de Jupiter e transportado ao ceo para substituir Hebe no emprego de ministrar o nectar ao mesmo deos.

GETULIA. — Terra da Mauritania fertil de leões. V. *Leão getulio*, not. á ode 23.^a do livro I.

NIRZO. — O mais bello dos Gregos depois de Achilles. Era rei de Naxos, hojে *Naxia*, ilha pertencente á Grecia no Archipelago (uma das Cycladas).

ODE XXI.

Anno de Roma 727. — Antes de J.-C. 27. —

Edade de Horacio 38.

INVOCA o poeta uma amphora cheia do melhor vinho para receber o illustre hospede Messala, personagem mui famosa

nos ultimos tempos da republica, e que pedira a Horacio uma ceia. E' o assumpto d'esta ode.

CATÃO. — O *Censor*, reputado grandemente virtuoso e austero, V. not. á ode 15.^a do livro II.

CORVINO (*M. Valerius Corvinus Messala*). — Orador romano: — seguiu o partido de Bruto, e foi proscripto pelos triumviros; mas depois da batalha de Philippos, vendo aniquilado o partido democratico, ligou-se a Octaviano, que o encheu de honras e o elevou ao consulado. — Foi um dos protectores das letras.

LUZ DAS TOCHAS. — Os Romanos faziam seus banquetes de noite á luz das tochas e candieiros.

MANLIO (*L. Manlius Torquatus*). — Era consul com *L. Aurelius Cotta* no anno de Roma 689, antes do nascimento de J.-C. 65 annos, quando Horacio nasceu. — Os Romanos costumavam marcar nas amphoras ou talbas os annos consulares em que se recolhia o vinho ou se fabricavam as mesmas talhas, como já se disse em as notas á ode 8.^a d'este livro III, na palavra *Tullo*.

ODE XXII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

ESTA pequena ode é dirigida a Diana por Horacio para lhe consagrar um pinheiro que existia desfronte da sua casa da Sabina.

ODE XXIII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

QUIXOU-SE Phydile, mulher rustica do valle de Digencia, de não poder, por pobre, faser dignas offrendas aos deoses que desejava tornar propicios. Horacio lhe diz, para a consolar, que o meio seguro de tornar favoraveis os deoses, não são pomposos sacrificios, mas humildes, nascidos de uma alma pura e virtuosa. E' o assumpto d'esta ode.

ALBA. — Cidade do Lacio, edificada por Ascanio, filho de Eneas, e destruida por *Tullus Hostilius*, 3.^º rei de Roma.

ALGIDO. — Monte perto de Roma, quasi sempre coberto de neve. V. not. á ode 21.^a do livro I.

ODE XXIV.

Anno de Roma 726. — Antes de J.-C. 28. —

Edade de Horacio 37.

Os mais illustres commentadores acham esta ode admiravel, pela sublimidade dos pensamentos, força e dignidade de expressão, e harmonia majestosa dos versos. — O poeta expõe os vicios do seu seculo, investiga e demonstra as causas, e lembra, como remedio applicavel, a restauração dos bons costumes e a execução das leis.

CAPITOLIO. — Templo de Jupiter na rocha *Tarpēa*. V. not. á ode 37.^a do livro I.

GETAS (Getæ). — Povos da Europa barbara. Habitavam as montanhas da Hungria, da Translyvania, da Moldavia e Valachia. — Uns os fazem desceder dos Thracios, outros os consideram um ramo dos Scythas e lhes dão origem germanica. Confundem-se com os Dacios.

MAR TYRRHENO E APULICO. — De Toscana e da Apulia, na Italia.

REGIÃO DE BOREAS. — Região septentrional. — *Boreas* era deos do vento do norte.

SCYTHAS. — As suas casas eram conduzidas em carros. V. not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

ODE XXV

Anno de Roma 726. — Antes de J.-C. 28. —

Edade de Horacio 37.

ESTA pequena ode é cheia do maior entusiasmo poetico, é um admiravel dithyrambo. — Horacio estava maravilhado dos grandes beneficios publicos que a sabedoria de Augusto acabava de realisar; o seu estro levou ás astros o grande bemfeitor da sua patria.

BACCHANTES. — Sacerdotizas de Baccho. — *Baccho*, V. ode 7.^a do livro I.

HEBRO. — Rio de Thracia, pais frigidissimo. V. not. á ode 35.^a do livro I.

LENÉO. — Um dos nomes com que era invocado *Baccho*.

NAIADES. — Nymphas que presidiam aos rios e ás fontes.

RHODOPE. — Um monte, ou antes cadeia de montes, na Thracia (hoje *Despoto-dagh*). — E' d'ella que sahe o Hebro.

ODE XXVI.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

O PORTA, resentido das repulsas da bela Chloe, mostra-se n'esta ode disposto a separar-se para sempre dos laços e encantos do amor, pedindo a Venus castigue duramente aquela ingrata.

AQUI OS FACHOS. — Os mancebos libertinos e dissolutos corriam de noite pelas ruas da cidade de Roma com arcoetes e alavancas, quebrando e arrombando as portas.

CHYPRE. — Ilha do mar Mediterraneo, onde Venus era adorada. V. *Cyprio lenho*, not. á ode 1.^a do livro I.

MEMPHIS. — Cidade celebre do Egypto, na margem occidental do rio Nile, acima de *Delta*. — Nas suas vizinhanças se construiram as famosas pyramides que ainda se admiram. — Venus era adorada em Memphis, onde tinha um bello templo. — Ahi, pelo calor do clima, não havia geadas como na *Sithonia*, região da Thracia.

ODE XXVII.

Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —

Edade de Horacio 44.

ESTA ode, na opinião dos doutos, é uma das obras-primas de Horacio. — Galatéa, que parece ser uma dama nobre ami-

ga do poeta, disponde-se a ir á Grecia, queria viajar por mar e atravessar o Adriatico em uma estação tempestuosa. Horacio busca dissuadil-a d'isso, animando-a a ir por terra. — Esta via tem perigos, mas o poeta, nas primeiras estrophes, invoca os presagios sinistros para os impios, e os felizes para Galatéa. Mostra-lhe que pode sem perigo viajar por terra, e lembra-lhe, no exemplo de Europa, quanto se arrisca viajando por mar. — Este é o sentido simples e natural d'esta bella composição lyrica.

CRETA (hoje *Candia*). — Ilha do Mediterrâneo, sitiada defronte da abertura do mar Egêo. — Passava por têrreiras cidades. Os seus habitantes eram de raça mixta, e compunham-se de indigenas, de Phenicios e de Gregos. — Foi uma grande potencia maritima; e ainda é celebre por suas leis, attribuidas ao seu rei Minos.

EUROPA. — Filha de Agenor, rei de Phenicia, e irmã de Cadmo. Foi amada de Jupiter, que para a roubar tomou a forma de um touro, segundo a fabula, e a levou sobre o seu dorso atravessando o mar, e dirigindo-se para a parte do mundo a que ella deu seu nome.

JAPIS. — Vento favoravel aos que iam de Italia para a Grecia. V. not. á ode 3.^a do livro I.

LANUVIO (*Lanuvium*, hoje *Civita Indovina*). — Cidade do Lacio, proxima da via *Appia*, que conduzia de Roma a *Brundusium*, hoje Brindes, cidade maritima de Italia sobre o Adriatico. — Horacio faz partir a loba do territorio de Lanuvio, porque Galatéa tinha de seguir esse caminho para embarcar.

ORCO. — Rio dos infernos. V. not. á ode 3.^a do livro II.

ORIÓN. — Uma constellação. V. not. á ode 13.^a do livro II.

PORTA EBURNEA. — Segundo a fabula, o palacio do Somno tinha duas portas, uma *cornea* por onde sahiam os sonhos verdadeiros, e outra *eburnea* por onde sahiam os sonhos falsos.

ODE XXVIII.

*Anno de Roma 732. — Antes de J.-C. 92. —
Edade de Horacio 43.*

FOI esta pequena ode, segundo os melhores commentadores, composta durante a festa de Neptuno que se celebrava em Roma. — Horacio convida Lydia a vir passar em sua casa essa festa ruidosa, e beber do seu vinho em honra d'esse deos.

BIBULO (*M. Calpurnius Bibulus*). — Foi consul com Cesar no anno 59 antes de J.-C. — Os Romanos, guardando o vinho em talhas ou amphoras, costumavam inscrever n'ellas os nomes e eras consulares. V. *Tullo*, not. á ode 8.^a d'este livro III.

CÉCUBO. — Vinho excellente. V. not. á ode 20.^a do livro I,

LATONA. — Filha do Titan *Cæus* e de *Phœbe*. — Sendo amada de Jupiter, Juno, de ciosa, a fez perseguir pela serpente *Python*, até que Neptuno, compadecido, fez sahir do fundo do mar a ilha Delos, aonde ella se refugiou, e onde teve Apollo e Diana.

NEPTUNO. — Deos dos mares. V. not. á ode 2.^a do livro I.

NEREIDAS. — Deidades inferiores do mar, filhas de Neleo e de Doris.

PAPHOS. — Cidade da ilha de Chypre, onde Venus era adorada, assim como o era em *Gnido*, cidade da Caria, e nas *Cycladas*, ilhas do Archipelago.

ODE XXIX.

733 — 734.

*Anno de Roma 733. — Antes de J.-C. 21. —**Edade de Horacio 44.*

HORACIO convida para uma ceia o seu illustre amigo Meçenas, então ocupado de serios cuidados e de negocios importantes. — Esta ode é realmente sublime. O hypercritico Julio Scaliger fez acerca d'ella o mais bello elogio. « Horacio (disse elle) começa modestamente, mas eleva-se sempre e chega a uma altura aonde nenhum outro pode chegar. » — Vanderbourg acrescenta, que nenhuma das odes de Horacio prefera a esta; — que n'ella apparece, sob uma luz brillante, o philosopho e o homem honesto.

BALANO. — Fructo da India, do que se extrahia uma essencia preciosa e odorífera.

BACTROS. — De Bactra (hoje Balk), capital da Bactriana, região da Asia, e que fazia parte do imperio da Persia.

CASTOR E POLLUX. — Astros favoraveis aos navegantes. V. *Irmãos de Helena*, not. á ode 3.^a do livro I.

CHYPRE. — Ilha do Mediterraneo. V. *Cyprio lenho*, not. á ode 1.^a do livro I.

Egeo. — Mar tempestuoso. V. not. á ode 16.^a do livro II.

ESULA. — Pequena cidade perto de Tibur sobre o declive de uma montanha.

LEÃO. — E' uma constellaçao de muitas estrellas: — o poeta quiz talvez, como adverte Dacier, notar a Canícola.

PAS DE ANDROMEDA. — E' Cephêo, rei de Etiopia.

Foi posto entre os astros: — é uma constellação na cauda da pequena Ursa.

PROCYON. — Uma constelação precursora da Canícula.

SERAS. — Povos da Ásia, entre o rio *Ganges* e o Oceano oriental. Estes povos forneciam as sedas, e por isso os Romanos deram o nome de *sericum* ao seu paiz.

SYLVANO. — Deos dos bosques. Os *Sylvanos* eram deoses campestres companheiros dos *Satyros*. Tinham pés de cabra e barba espessa e hirsuta.

TANAIOS. — Rio que separa a Ásia da Europa (hoje o *Don*). V. not. á ode 10.^a d'este livro III. — *Discorde*, porque os *Scythas* e os *Sarmatas* que habitavam as suas margens, estavam em guerra frequentemente.

TELÉGON. — E' Tusculo (hoje *Frascati*) — Cidade do Lácio, fundada por *Telegono*, filho de Ulysses e de Circe. — *Parricida*, porque Telégonos matou seu pae sem o conhecer.

TORRE VISINHA DAS NUVENS. — Construida por Mecenas nos jardins do monte Esquilino, da qual torre se podia contemplar os arredores de Roma.

TYRO (hoje Sour). — Cidade de Phenicia. Teve grandissimo commercio e amplissimas riquezas. — Foi muito celebré: — era chámada a *rainha dos mares*.

TOSCANOS, ou TYRRHENOS. — De Toscana ou Etruria, na Italia. O nome de *Tyrrheno* é synonymo de *Etrusco* e de *Pelasgo*. — Os antigos chamavam tambem *Tyrrhenos* aos *Lydiros*.

ODE XXX.

Anno de Roma 736. — Antes de J.-C. 18. —

Edade de Horacio 47.

FOI composta esta ode, ao que parece, para servir de epílogo a este terceiro livro das odes: — respira o nobre orgulho e entusiasmo lyrico que se notára na 20.^a do livro segundo, que serve igualmente de epílogo aos dois primeiros livros. — Já se advertiu em a nota que se acha abaixo d'esta ode, que foram muito excedidas as predições de Horacio: — os seus versos são lidos no mundo civilizado sempre com elogios e applausos novos.

ÁEUILO. — Vento impetuoso e extremamente frio. Os poetas o fazem filho de Eolo e da Aurora.

AUFIDO. — Rio da Apulia que se lançava no Adriatico: — é hoje o *Ofanto*.

CAPITOLIO. — Famoso templo de Roma sobre o monte ou rocha *Tarpéia*. V. not. á ode 37.^a do livro I. — Nas festas que se celebravam em os *idos* de cada mez, o pontifice subia ao Capitolio para os sacrificios acompanhado de uma *Vestal* que a esse acto assistia em silêncio, pronunciando só o pontifice as palavras da religião. — As *Vestais* eram as sacerdotizas da deusa Vesta, obrigadas a conservar o fogo perpetuamente no templo. — A expressão de Horacio equivale á frase — *em quanto o imperio romano existir*.

DAUNO. (Daunus). — Primeiro rei da *Apulia*, paiz muito de aguas.

DELPHICO LOURO. — As cordas de louro de Apollo, que especialmente era venerado em Delphos, hoje *Castri*, cidade da Phocida. Os antigos olhavam Delphos como uma cidade sagrada. Seu templo e oraculo de Apollo a tornaram celebre nos paizes habitados pelos Gregos.

LIBITINA. — Deosa que presidia aos funeraes. Era assim chamada porque arrebatava os humanos quando lhe aprazia, *ad libitum*.

MELPOMENE. — Uma das Musas: — presidia á tragedia. Horacio a toma pela Musa em geral.

PYRAMIDES. — Refere-se ás do Egypto, ainda hoje existentes. São monumentos gigantescos que se admira. Foram mandadas fazer, segundo se crê, pelos antigos reis d'aquella região para lhes servirem de tumulo.

LIVRO IV.

ODE I.

Anno de Roma 739. — Antes de J.-C. 15. —

Edade de Horacio 50.

SEGUNDO Walckenaer (1), esta ode foi dirigida a *Paulus Quintus Fabius Maximus*, amigo de Horacio e de Ovidio, a quem este dirigiu as suas maviosas epistolras do Ponto, e que era mui distinto por sua eloquencia e defesa dos accusados. O poeta, já edoso, pede a Venus que o poupe, e favoreça aquelle amigo, que, sobre os indicados meritos, era moço e agradavel.

LAGO ALBANO. — De *Alba*, cidade do Lacio, edificada por Ascanio entre uma montanha e um grande lago.

SALIOS. — Sacerdotes de Marte. V. not. á ode 36.^a do livro I.

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace t. II, p 332.*

ODE II.

*Anno de Roma 741. — Antes de J.-C. 13. —
Edade de Horacio 52.*

PARECE que Julo Antonio havia pedido a Horacio cantasse os louvores de Augusto reproduzindo Pindaro em latim como Virgilio reproduzira Homero para celebrar a gloria de Eneas. É a opiniao de Acron, com a qual se conformam Walckenaer (1) e Vanderbourg (2). Foi então que Horacio, para se escusar, lhe dirigiu esta elegante ode, em que, elogiando altamente a Pindaro, diz que elle Julo Antonio pode tirar sons da sua lyra mais sublimes para cantar aquelle heroe.

CENTAUROS. — Monstros semi-homens e semi-cavallos. V. not. á ode 18.^a do livro I.

CHIMERA. — Monstro fabuloso. V. not. á ode 27.^a do livro I.

COLLINA SACRA. — Aquelles que triumphavam subiam ao Capitolio pela rua sacra : — iam ahi render graças a Jupiter pela victoria alcançada : — não desciam senão depois de haver tomado parte em um festim magnifico que a republica lhes dava.

DIRCEO CISNE. — Pindaro, de *Dirce*, uma fonte pouco distante de Thebas, patria de Pindaro, o maior poeta lyrico grego. — Os poetas eram chamados *cisnes*, por se suppor que os cisnes tinham uma voz melodiosa, o que hoje se não reconhece.

JULO. — Julo Antonio, filho de Marco Antonio e de Fulvia. Depois da derrota de seu pae, Augusto o honrou com o sacerdocio, a pretura e o consulado, e o fez esposar uma das

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. II, p. 391.

(2) *Les Odes d'Horace*, t. II, p. 224.

filhas de sua irmã Octavia e de seu primeiro marido Marcello. — Abusou posteriormente da confiança de seu bemfeitor, e foi condemnado á morte.

MATINA. — De *Matino*, monte da Calabria que abundava em tomilho, e onde as abelhas fabricavam excellente mel.

OBRA DEDÁLIA. — Allude ás azas que Dédalo formára e uníra a si e a seu filho Icaro, e com as quaes sahiram do labirintho de Creta, segundo a fabula.

SICAMBROS. — Povos ferozes da Germania.

ODE III.

Anno de Roma 742. — Antes de J.-C. 12. —

Edade de Horacio 53.

O POETA dirige-se, n'esta ode, á mais grave das Musas, a Melpomene, que, segundo uma antiga tradição, tinha inventado a poesia lyrica (1). Esta composição, religiosa, é cheia de harmonia, de simplicidade e de graça. — Horacio falla de sua gloria poetica.

INVENTOR DA CYTHARA ROMANA. — Entende-se inventor de um novo genero de poema lyrico não conhecido d'antes no Lacio.

ISTHMIO CERTAME. — Os *jogos isthmicos* instituidos por Sysipho, antigo rei de Corinثho, em honra de Neptuno, deos dos mares. — Celebravam-se de tres em tres annos no isthmo de Corinθho que separa os golfos de *Lepanto* e de *Engia*.

(1) Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace* t. 11, p. 416.

Esta grande peninsula, antigamente chamada *Peloponeso*, e presentemente *Moréa*, é uma parte meridional da Grecia onde está situada a cidade de Corintha.

ODE IV.

Anno de Roma 739. — Antes de J.-C. 15. —

Edade de Horacio 50.

AUGUSTO confiou ao joven Druso, filho de Livia, a direcção de uma guerra importantissima. — Os *Vindelicos* haviam-se ligado com os *Rhetos*, povos montanhezes e ferocissimos, para resistir aos Romanos. Druso os bateu e desbaratou completamente. — Esta ode foi feita por Horacio em louvor dos heroicos feitos d'esse filho adoptivo de Augusto, e a pedido d'este, como o fôra a ode 14.^a d'este livro IV. — É uma produçõao sublime do estro de tão admiravel poeta.

AGUIA. — Os antigos criam que a aguia ministrava os raios de Jupiter.

ALCIDES. — Hercules, celebre pelos seus grandes feitos e estremado valor. V. not. á ode 3.^a do livro I.

ÁLGIDO. — Monte perto de Roma. V. not. á ode 21.^a do livro I.

ALPES. — Grande sistema de montanhas da Europa, situado entre a França, a Italia e a Alemanha, que toma diversos nomes. Os Alpes são cobertos de neves eternas. Um grande numero de rios descem de seus flancos: os principaes são o Rheno, o Rhona (*Rhodanus*), o Pô, o Danubio.

AMAZONIA SECURE. — Machadinha de dois cortes de que usavam as Amazonas, mulheres guerreiras fabulosas que ha-

bitavam, segundo se dizia, as margens do rio *Termodonte*, na Cappadocia, região da Asia-Menor.

ANNIBAL. — Famoso general carthaginez. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

ASDRUBAL. — Dito *Barca*, filho de Amilcar, general carthaginez, irmão de Annibal. Commandou na Hespanha, onde venceu os dois Scipiões, mas indo reunir-se a seu irmão na Italia, foi batido e morto pelos consules *Claudius Nero* e *Livius Salinator*. Os vencedores cortaram-lhe a cabeça e a lançaram no campo de Annibal.

CLAUDIAS FORÇAS. — Dos *Neros*, que descendiam da família *Claudia*.

COLCHOS. — Paiz da Asia. V. *Colchicos venenos*, not. á ode 13.^a do livro II.

DRUSO. — Filho de *Tiberius Nero* e de *Livia*, a qual o deu á luz depois de desposada com Augusto, que o adoptou. Era irmão de *Tiberio*. Ganhou muitas batalhas nas Gallias, na Rheckia, na Vindelicia e na Germania.

ECHIONIA THEBAS. — V. *Thebas*, not. á ode 7.^a do livre I. — Como *Echion* ajudou *Cadmo* a edificar a cidade de Thebas, d'ahi se chamou a esta *Echonia*.

GANYMIDES. — Moço formosissimo, arrebatado pela aguia de Jupiter. V. not. á ode 20.^a do livro III.

HYDRA. — Serpente monstruosa de muitas cabeças que havia, segundo a fabula, na lagõa de *Lerna* em a Grecia. Apenas se lhe cortava uma cabeça, renasciam no mesmo logar muitas outras. Foi a final morta por Hercules.

LACIO. — Antiga região de Italia.

O AFRICANO. — É Annibal. V. *Péno*, not. á ode 12.^a do livro I.

PÉNOS. — Os Carthaginezes, os quaes, entrando nos templos, derrubaram e destruiram as imagens das divindades romanas.

RHETOS. — Povos da *Rhætia*, hoje os *Grisões*, que fazem parte da confederação helvetica, comprehendendo parte do

Tyrol e da Baviera. — Os *Vindelicos*, antigos povos da Germania, não distavam muito dos Rhetos. — A *Vindelicia*, hoje o S. de Wurtemberg e da Baviera occidental, era uma região da Europa entre a Rheckia e a Italia. A sua principal cidade é hoje *Augsbourg*.

RIO METAURO. — Rio de Italia, hoje *Metiro* ou *Metaro*. Nas margens d'este rio teve lugar a celebre batalha em que o exercito de Asdrubal foi derrotado, e elle morto.

ODE V.

Anno de Roma 740. — Antes de J.-C. 14. —
Edade de Horacio 51.

A PRESENÇA de Augusto, que então se demorava nas Gallias, era vivamente desejada em Roma, especialmente de Livia, sua consorte. Horacio, tornando-se o orgão dos votos publicos, compoz então esta ode, uma das suas obras-primas, e que devêra sér gratissima, pelos ternos sentimentos que exprime, ao grande e desvelado bemfeitor da Italia.

CARPATNICOS MARES. — De *Carpathos*, hoje *Scarpanto*, ilha do Mediterraneo entre as ilhas de *Creta* e de *Rhodes*.

CASTOR. — Irmão de Pollux. Foram ambos celebres na Grecia por virtudes e illustres feitos. V. *Irmãos de Helena*, not. á ode 3.^a do livro I.

CERES. — Filha de Saturno e de Cybelle: — era deosa dos trigos e das searas: — ensinou a Agricultura aos homens, e foi particularmente venerada na Sicilia e na Attica. — Instituiu-se, em Eleusis, mysterios ou festas mysteriosas em honra sua.

HESPERIA. — É Italia. V. not. á ode 1.^a do livro II.

GERMANIA. — Vasto paiz da Europa antiga: — correspon-
dia, pouco mais ou menos, á Alemanha actual. Na morte
de Augusto, tinha por limites ao N. o golfo *Codanus* (hoje
mar *Baltico*) e o mar Germanico, ao O. o curso do Rheno,
ao S. os Alpes e o curso do Danubio. Seu limite a L. era
incognito dos Romanos. — Os Germanos, no tempo de Cesar
e de Augusto, eram ainda barbaros, porem menos que os
Slaves e os Scythas.

IBERIA. — É Hespanha, chamada *Iberia* do rio *Iberus*
(hoje o Elba), nome que depois se deu á peninsula inteira.

LARES. — Deoses ou genios domesticos: — eram encarre-
gados de proteger cada casa e familia. Identificam-se muitas
vêzes os Lares com os Mânes dos antepassados de cada familia.
Confundem-se tambem com os Penates: — os Penates porem
parecem antes encarregados de dispendar as riquezas, e os
Lares de as conservar.

MESAS SEGUNDAS. — Entre os Romanos, a primeira mesa
constava de viandas e iguarias: — a segunda mesa era quan-
do se punham as frutas e os doces, e se lançava o vinho nas
taças para se fazerem as libações aos deoses.

Noto. — Vento proceloso do meio-dia ou sul. Chama-se
tambem *Austral*.

PARTHOS. — Povos bellicosos da Asia. V. *Persas*, not. á
ode 2.^a do livro I.

SCYTHAS. — Povos da *Scythia* que comprehendia grande
parte da Asia. V. not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

ODE VI.

737 — 738.

*Anno de Roma 737. — Antes de J.-C. 17. —**Edade de Horacio 48.*

ESTA ode, dirigida a Apollo, foi feita, segundo o parecer de illustres commentadores, para ser cantada em um dos tres dias consagrados aos jogos seculares ; — é como o preludio do hymno solemne que devia ser cantado por ultimo.

ACHILLES. — Principe grego mui valoroso. V. not. á ode 6.^a do livro I.

CAVALLO ENGANOSO. — O cavallo de madeira em que se meteram os Gregos para tomarem de improviso os Troianos, e que se fingiu ser consagrado a Minerva, deosa da sabedoria.

DELIA DEOSA. — É Diana, filha de Jupiter e de Latona, natural da ilha *Delos*. Era deosa da caça e da castidade; e presidia ao nascimento e educação dos filhos. V. *Virgem inimiga das feras*, not. á ode 12.^a do livro I.

ENÉAS (Æneas). — Filho de Anchises e de Venus : — casou Creusa, filha de Priamo, e d'ella teve Ascanio. Distinguui-se durante a guerra de Troia, mormente na noite fatal em que essa cidade foi tomada. Depois do saque de sua patria, fugiu levando sobre os hombros Anchises, seu pae, com seus deoses Penates, e pela mão seu filho Ascanio, indo tambem seguido da esposa, que se perdeu n'um bosque. — Embarcou-se com grande numero de Troianos para ir formar um estabelecimento em terra estrangeira ; e, depois de longa viagem tormentosa, e de ser lançado nas costas de Carthago, onde o amor de Dido o reteve, abordou finalmente á Italia, e foi no Lacio bem recebido do rei Latino que lhe ofereceu

a mão de sua filha Lavinia. Todavia Turno, rei dos Rutulos, a quem a princeza era promettida, lhe declarou a guerra; mas, vencido n'um combate singular, o vencedor Enéas esposou Lavinia, e edificou em honra sua a cidade de *Lavinium* (hoje *Patrica*), reinando muitos annos no Lacio.

FILHO DE LATONA. — É Apollo. V. not. á ode 2.^a do livro I.

LESBIO RHYTHMO. — De Sapho, poetiza celebre, natural de Lesbos, ilha do mar Egêo. V. *Lesbia cythara*, not. á ode 1.^a do livro I.

NIOBÉ. — Filha de Tantalo e mulher de Amphion, rei de Thebas. Tinha sete filhos e sete filhas. Soberba d'esta numerosa descendencia, ousou insultar Latona que só tinha dois filhos. Esta, para se vingar, fez matar toda a sua familia a tiros de flecha por Apollo e Diana. — Niobe, estupefacta pela dôr, foi transformada em pedra.

PHEBO. — *Apollo*, deos da poesia. V. Apollo, not. á ode 2.^a do livro I.

PÓ TEUCRO. — De Troia, que foi chamada *Teucria*, de *Teucro*, rei da Phrygia, sogro de Dárdano.

PRIAMO. — Rei de Troia. V. *Troia*, not. á ode 8.^a do livro I.

THALIA. — Uma das Musas: — presidia á poesia lyrica.

TICYO. — Gigante celebre, morto por Apollo e Diana, e lançado nos infernos. V. not. á ode 14.^a do livro II.

TORRES DÁRDANAS. — De Troia, chamada *Dardania*, de Dárdano, seu fundador e seu rei.

XANTHO. — Rio da *Troada*, pequeno paiz da Asia-Menor. É tambem chamado *Scamandro*: — sahia do Ida por duas origens, uma quente outra fria, e, unindo-se ao *Simois*, cabia no mar Egêo. — Os antigos cuidavam muito de conservar os cabellos, e os lavavam nas aguas crystalinas das fontes e dos rios.

ODE VII.

*Anno de Roma 738. — Antes de J.-C. 16. —
Edade de Horacio 49.*

SEMPRE os invernos rigorosos, ainda que já passados, inspiravam ao illustre poeta lyrico pensamentos moraes e melancolicos. O poder do frio, que destroe tantos seres no mundo, lhe fazia lembrar a brevidade da vida, a necessidade da morte, a conveniencia de aproveitar-se os poucos momentos em que o homem é chamado a gozar as maravilhas da natureza. Esta ode o demonstra: — pouco entretem o seu amigo com idéas risonhas e quadros graciosos.

Anco (*Ancus Martius*), — 4.^º rei de Roma. — Subiu ao throno depois de *Tullus Hostilius*. — Guerreiro e conquistador, fêz vitoriosamente guerra aos Latinos, aos Volscos, e a outros povos. — Engrandeceu e aformoseou Roma.

Hippolyto. — Filho de Thesêo e de Antiope, rainha das Amazonas: — amava a caça, e fugia do commercio das mulheres. Não assentindo aos desejos criminosos de sua madrasta Phedra, ella o accusou a Thesêo de a ter querido seduzir. Thesêo, enganado, chamou sobre seu filho a vingança de Neptuno: — o deos, para o punir, fez sair do mar um monstro horrendo, que, assustando seus cavallos, estes o arrastaram por entre rochedos, aonde perdeu a vida.

Minos. — Rei de Creta. V. not. á ode 28.^a do livro I.

Piritoo. — Amigo de Thesêo, com quem desceu aos infernos. V. not. á ode 4.^a do livro III.

Toreuato. — Filho de *L. Manlius Torquatus*, que foi consul no anno em que Horacio nasceu.

Tullo (*Tullus Hostilius*), — 3.^º rei de Roma. — Fêz contra Alba duas guerras assinaladas, a 1.^a pelo combate dos Horacios e dos Curiacios; a 2.^a pela destruição de Alba.

ODE VIII.

743 — 744.

*Anno de Roma 743. — Antes de J.-C. 11. —**Edade de Horacio 54.*

ERA costume entre os Romanos, como é ainda entre nós, que d'elles o derivámos, fazer o primeiro dia do anno um dia de festas, de cumprimentos, e de presentes recíprocos. — Horacio quiz presentear o seu amigo Censorino, mas como este era riquissimo, nada pôde offerecer-lhe, digno d'elle aceitar, senão versos. E' para isso que compoz esta excellente ode.

CENSORINO. (*Caius Martius Censorinus*). — Era filho de *L. M. Censorinus* que foi consul no anno de Roma 714, e elle mesmo foi feito consul em 746. — Era personagem estimavel, e, segundo *Velleius Parteculus* referido por Walckenaer (1), morreu no Oriente, causando a sua pêrda viva dor.

Eáco. — Pae de Pelôo. Era um dos juizes dos infernos. V. not. á ode 13.^a do livro II.

HEROE QUE VOLTOU D'AFRICA COM NOME ILLUSTRE. — E' Scipião o Africano (*Publius Cornelius Scipio*). — Assinalou-se por altos feitos militares na Hespanha, começando pela tomada de Carthagena: — ganhou contra Asdrubal a decisiva victoria de *Bérlula*, e reconquistou em quatro annos aquelle vasto paiz. Chamado a combater Annibal, fêz adoptar pelo senado, apezar da opposição de Fabio, o plano que havia concebido de transportar para as portas de Carthago o theatro

(1) *Hist. de la Vie et des Poes. d'Horace*, t. II, p. 421.

da guerra. Feito consul, passou-se a Africa, onde fêz gloriosos progressos. Os Carthaginezes, assustados, chamaram Annibal da Italia. Scipião ganhou sobre esse grande general uma victoria completa em *Zama*, e forçou Carthago a pedir a paz (202 annos antes de J.-C.). Tantas proezas lhe deram as honras do triumpho e o sobrenome de *Africano*. Este grande homem reunia ao genio militar as maiores virtudes, humanidade, temperança, desinteresse. Uma mulher bellissima lhe foi apresentada em Hespanha depois da tomada de Carthagena: — soube que estava desposada com um principe, *Allutius*: — mandou buscar o principe e lh'a entregou sem manchar a sua honra. Esta nobre acção attrahiu aos Romanos o principe e seus compatriotas. — Distinguiu-se na Asia como logar-tenente de seu irmão *Lucius*. Todavia, quando voltou, foi tres vêzes accusado por tribunos seus antagonistas. A 1.^a vêz, narrou ao povo seus brilhantes feitos, e ficou livre. A 2.^a vêz, exclamou: — « Romanos, em um tal dia venci Annibal em *Zama*; — vamos ao Capitolio render graças aos deoses. » Todo o povo o seguiu, ficando os seus accusadores sós no meio da praça publica. A 3.^a vêz, conseguiram enfim sentencial-o ao exilio. — Foi consul duas vêzes.

ILHAS VENTUROSAS. — As *ilhas Afortunadas* (*Fortunatae insulae*), que se considera serem as ilhas *Canarias* dos modernos no mar Atlantico. Os antigos ahi collocavam os *Campos-elysios*, que eram parte dos infernos onde existiam as almas virtuosas depois da morte. Reinava ahi uma primavera eterna.

ILIA. — Mãe de Romulo, fundador de Roma. V. not. á ode 2.^a do livro I.

MUSAS DE CALABRIA. — As poesias de Ennio (*Quintus Ennius*), antigo poeta latino natural de *Rudia* (hoje *Rugge* ou *Rotigliano*), cidade da Calabria. Esse poeta compoz comedias, tragedias, satyras, e um celebre poema intitulado

Annaes da república. Só restam fragmentos d'essas poesias.

PARRHASIO (*Parrhasius*). — Celebre pintor grego que viajou no anno 420 antes de J.-C. — Compoz, entre outras obras-primas, um quadro allegorico representando o povo de Athenas, e um *Meleagro* e um *Atlante* admiraveis. Era émulo de Zeuxis.

SCOPAS. — Farooso escultor grego nascido em Paros 460 antes de J.-C. — Mereceu ser sobre-nominado — *O artista da verdade*. Suas obras-primas eram um *Mercurio* e uma *Bacchante ebria*. Executou as esculturas de uma das faces do tumulo de Mausolo, uma das maravilhas do mundo.

TYNDARIDES. — *Castor* e *Pollux*, filhos de *Tyndaro*, rei de Esparta. V. *Irmãos de Helena*, not. à ode 3.^a do livro I.

ODE IX

Anno de Roma 738. — Antes de J.-C. 16. —

Edade de Horacio 49.

UM distinto amigo de Horacio, Lolloio (*Marcus Lollius Pollinus*), havia merecido a confiança de Augusto, que o fez prefeito da *Galatia*, antigo paiz da Asia-Menor, depois o fez consul, e emfim lhe deu o commando do exercito que devia combater os bellicosos Germanos. — Lolloio bateu-os, mas, atacado de improviso, viu derrotado o seu exercito, e em poder dos inimigos as aguias romanas, ainda que depois os forçára a aceitar a paz. Esse desastre não o privou do favor de Augusto, mas os seus antagonistas e invejosos o arguiram. Para desfazer pois essas arguições, que considerava injustas, com-

pos Horacio a presente ode, na realidade superior, não só por excellencias lyricas e litterarias, mas pelos factos historicos e maximas philosophicas e moraes que encerra. — Lollio gosou grande reputação até á morte de Horacio : — só annos depois, mandado ao Oriente, se deixou corromper vergonhosamente pelo ouro dos Parthos.

AGAMEMNON. — Generalissimo do exercito dos Gregos no cerco de Troia. V. not. á ode 4.^a do livro II.

ANACREONTE. — Famoso poeta lyrico de Téos, na Jonia. V. *Téos*, not. á ode 17.^a do livro I.

ARCO CYDONIO. — Cretense, de *Cydon* (hoje a *Candea*), cidade de Creta (hoje *Candia*), grande ilha do Mediterraneo. V. *Creta*, not. á ode 27.^a do livro III. — Em Cydon cresciam as melhores canas para flechas, e a melhor madeira para os areos : — d'ahi veio a frase — *arco cydonio*.

ÁUFIDO. — Rio da Apulia. V. not. á ode 30.^a do livro III.

CAMENA DE CÉOS. — As poesias de Simonides, poeta e philosopho grego natural da ilha de Céos, nascido em 558 antes de J.-C. — Gosou do favor de muitos principes : — foi distineto nos generos elegíaco e lyrico : — foi o rival de Pin-daro. Só restam alguns fragmentos de suas poesias.

DEIPHOBOS. — Principe troiano, filho de Príamo e de Hécuba : — esposou Helena depois da morte de Paris, mas logo que Troia foi tomada, Helena o entregou a Menelão para por este meio se congraçar com elle.

HEITOR. — O maior general troiano. V. not. á ode 4.^a do livro II.

HELENA. — Mulher de Menelão, rei de Esparta, roubada por *Paris*, a quem Horacio chama o *adúltero*. V. *Lacena*, not. á ode 3.^a do livro III.

IDOMENEO. — Rei de Creta. Foi um dos heroes que mais se distinguiram no cerco de Troia.

POETIZA ÉOLIA. — E' Sapho. V. not. á ode 13.^a do livro II.

STESÍCHORO.—Famoso poeta lyrico grego, que florecia em 626 antes de J.-C. — E' o inventor do *épodo*. Suas poesias, escriptas em dialecto dorico, formavam 26 livros : — só restam alguns fragmentos.

STHENEO.—Companheiro de Diomedes no cércio de Troia. V. not. á ode 15.^a do livro I.

TEUCRO.—Heroe grego. V. not. á ode 15.^a do livro I.

ODE X.

Anno de Roma 739. — Antes de J.-C. 15. —

Edade de Horacio 50.

NESTA ode, que não é destituida de poesia e de graça, exhorta Horacio o bello Ligurino a não sér tão orgulhoso dos dons da belleza de que Venus o dotára, lembrando-lhe o desagradavel effeito que n'elle fará a acção poderosa do tempo.

ODE XI.

Anno de Roma 738. — Antes de J.-C. 16. —

Edade de Horacio 49.

HORACIO, querendo celebrar o anniversario natalicio de Mecenas, convida Phyllis a vir com seus talentos tornar a

festa mais agradavel. — Por esta occasião busca consolal-a dos desprezos de Telepho, offerecendo-se a contrahir com ella amorosas relações, que nenhuma outras virão perturbar.

BELLEROPHONTE. — V. not. á ode 12.^a do livro III. — Bellerophonte, depois de haver desbaratado a Chimera, quiz ainda montar-se no Pégaso para ir vér o que se passava no céo: — o Pégaso, ferido de um tabão, o lançou por terra.

Idos (ou Idus). — Eram o meio do mez, entre os Romanos, e sempre o nono dia das *nonas*. Estas eram a 5 do mez, excepto nos mezes de março, maio, julho e outubro, que eram a 7. Quando as nonas eram a 5 do mez, os idos eram a treze; e quando eram a 7, os idos eram a quinze.

LICOR ALBANO. — O vinho de Alba, cidade do Lacio: — era muito estimado em Roma.

PHAETONTE. — Filho do deos do Sol e de Clymene, filha de Jupiter. Dizendo-lhe Epapho, em uma disputa, não ser filho de Apollo, Phaetonte dirigiu-se a seu pae, e lhe pediu uma graça para provar que era seu filho. Apollo jurou pelo Estygio nada denegar-lhe: — então Phaetonte pediu-lhe o conduzir o carro do sol um dia somente: — Apollo, ligado pelo juramento, não pôde a isso resistir. A empreza todavia era superior ás forças de Phaetonte: — os cavallos, mal dirigidos, arrebataram-no, abrasando a terra. Jupiter, para pôr termo á desordem, fulminou Phaetonte, e o precipitou no Pô, antigamente chamado *Eridano*, o maior rio de Italia.

ODE XII.

*Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —
Edade de Horacio 26.*

ESTA ode, segundo Dacier, Sanadon, Walckenaer e outros sabios, foi dirigida ao immortal Virgilio, então objecto das

liberalidades de Mecenas e de Octaviano, quando Horacio lutava ainda com a sorte adversa, e com os inimigos que seus primeiros escriptos e suas opiniões politicas lhe haviam atraido. — Horacio, convidando o seu caro amigo para um jantar, e galanteando com elle, pede-lhe que traga um vaso de essencia aromatica, sem o que não provará do seu vinho. — O vinho e os perfumes faziam, entre os Romanos, as delicias de um banquete.

ARCADIA. — Uma das antigas divisões do Peloponeso: — sua capital era *Megalopolis*: — As tradições acerca de Lycaon, o culto de Pan e de Minerva, a vida pastoral de seus habitadores, e grande talento d'elles para a poesia e a musica, são as principaes lembranças que a Arcadia deixou á historia. Os Turcos, seus conquistadores, a conservaram até a insurreição de 1822: — hoje é uma província do novo estado da Grecia.

CALES (hoje *Calvi*). — Cidade de Campania: — era famosa por seus excellentes vinhos.

CECROPIA FAMILIA. — O poeta serve-se aqui da frase — a casa de *Cecrops* —, fundador e primeiro rei de Athenas, pelos reis de Athenas em geral, como se diz — os *Ptolemeos* — pelos reis do Egypto, os *Cesares* pelos imperadores de Roma.

DE MOÇOS INCLITOS DILECTO. — Horacio allude, segundo os melhores commentadores, a Tiberio e a Druso, filhos de Livia, adoptados por Augusto.

DEOS A QUEM PRAZEM REBANHOS E COLLINAS DA ARCADIA. — É *Pan*, deos dos campos, dos rebanhos, e dos pastores.

ITYS. — Horacio falla aqui da andorinha, que faz seu ninho na primavera. A fabula é esta: — Pandion, rei de Athenas, teve duas filhas, *Progne* e *Philomela*. Progne casou-se com Terêo, rei de Thracia, de quem teve um filho chamado *Itys*. Terêo, tendo violado Philomela, arrancou-lhe a lingua para ella não divulgar seu crime, mas Philomela bordou

em um lenço sua desgraça, e o mandou a sua irmã. Progne indignada, deu a comer ao príncipe seu próprio filho Itys, cuja cabeça lhe apresentou no fim. Terêo quiz matá-la, mas foi metamorphoseado em gavião, Progne em andorinha, Philomela em roussinol, e Itys em faisão.

NARDO. — Planta aromatica da India. V. *Assyrio nardo*, not. á ode 11.^a do livro II.

SULPICIO (*Sulpicius Galba*). — Havia em Roma muitos armazens onde se vendia toda a sorte de mercadorias. Os de Sulpicio foram chamados de *Galba*, e n'elles se recolhiam vinhos. — Porphyron diz formalmente que de seu tempo os ármazens de Sulpicio Galba eram ainda cheios de vinhos, de azeite, e de outras cousas similhantes: — *Hodieque autem Galbae horrea vino et oleo similibusque aliis refecta sunt.*

ODE XIII.

Anno de Roma 735. — Antes de J.-C. 19. —

Edade de Horacio 46.

AINDA que esta ode, dirigida a Lycia, seja um modelo no gênero satyrico, é na realidade imprópria de Horacio, que reuniria a reputação de poeta illustre ás qualidades de homem circumspecto e digno. Elle amou ternamente a Lycia quando a ornavam as graças da mocidade, como se vê da ode 10.^a do livro III, não devêra injuriá-la quando o tempo, no seu giro rápido, lhe havia eclipsado os encantos.

Cós. (hoje *Có* ou *Stanco*). — Ilha do mar Egéo ao S. da costa meridional da Asia-Menor. Foi patria de Hippocrates e de Apelles. — N'esta ilha tingiam-se os estofoes em báa pur-

pura: — não é todavia a côr que o poeta teve em vista n'esta passagem, mas a fineza e a transparencia do tecido.

ODE XIV.

*Anno de Roma 741. — Antes de J.-C. 13. —
Edade de Horacio 52.*

NÃO tinha Horacio seito mengão de Tiberio na ode 4.^a do presente livro, que compuzera a favor de Druso quando este alcançára gloriosa victoria dos Rhetos e dos Vindelicos, em que fôra grandemente auxiliado por Tiberio. Augusto pois pediu ao poeta reparasse a omissão fazendo outra ode sobre o mesmo objecto. Horacio a isso se prestou gostosamente compondo esta magnifica ode, em que sobresahe a gloria do mesmo Augusto, director e conselheiro dos referidos principes, seus filhos adoptivos.

ALEXANDRIA. — Cidade do Egypto, capital do Baixo-Egypto, sobre uma lingua de terra que se estende entre o Mediterraneo e o antigo lago Mareotis. É o emporio do commercio da Europa com o Egypto. O grande Alexandre a fundou. Ella foi capital do Egypto sob o dominio dos Ptoléméos e dos Romanos. Teve grande celebridade por seus monumentos magnificos, e por uma immensa bibliotheca, a mais rica que houve no mundo, a qual, por ordem de *Omar*, foi reduzida a cinzas. — Depois da derrota de Antonio e de Cleópatra, entrando Augusto em Alexandria, o pôvo se lhe lançou aos pés e lhe entregou o supremo dominio.

BREUNOS. — Povos que occupavam os arredores do grande

Brenner (*Abnoba*), monte do Tyrol, entre o Inn (*Enus*) e o Adige. Alguns autores chamam a esses povos *Brennos*.

CLAUDIO. (*Tiberius Claudius Nero*). — Filho de *Tiberius Nero* e de Livia, e irmão de Druso. Distingui-se, joven ainda, na guerra contra os Cantabros e os Germanos. Na sua volta a Roma, recebeu o consulado e o poder tribunicio, mas a sua ambição e antipathia que mostrava para com os dois filhos mais velhos de Agrippa (*Caius* e *Lucius*) nos quaes via rivaes perigosos, o fizeram desterrar para Rhodes, onde passou seis annos. Chamado a Roma, Augusto, depois de falecidos aquelles filhos de Agrippa, o adoptou, e o fez esposar sua filha *Julia*, e adoptar Germanico, filho de Druso, designando-o seu herdeiro. — Por morte de Augusto, entrou Tiberio no poder, fingindo não querer o titulo de imperador. Em breve porem se tornou o typo de um tyranno cruel, receoso e sanguinario, mandando tirar a vida a Posthumo, filho de Agrippa, a Germanico, e a muitos senadores e pessoas illustres de Roma.

CANTABRO. — Povo de Hespanha (Tarragoneza). V. *Cantabros*, not. á ode 6.^a do^o livro II.

DAUNO. — Rei da Apulia. V. not. á ode 30.^a do livro III.

DRUSO. — Irmão de Tiberio. V. not. á ode 4.^a do livro IV.

GENAUNOS (*Genauni*). — Povos ferozes, que habitavam, com os Vindelicos, a parte exterior dos Alpes.

ISTRO (*Ister*). — Rio da Europa antiga, hoje o *Danubio*: — tem sua origem na Alemanha.

NILO. — Celebre e immenso rio do Egypto. V. not. á ode 3.^a do livro III.

PLEIADES. — Uma constellação de sete estréllas, entre os signos *Tauro* e *Aries*. O seu nascimento, no equinoctio de março, é acompanhado de ventos e tempestades. — Segundo a fabula, as *Pleiades* eram filhas de *Atlas* no numero de se-

te, e foram metamorphoseadas em estréllas, formando no ceo essa constellaçao.

RHETOS. — Hoje os *Grisões*, que fazem parte da confederação helvetica. V. not. á ode 4.^a do livro IV.

SICAMBROS (Sicambri). — Povos da Germania, que habitavam perto da margem direita do Rheno: — foram conquistados pelos Romanos, mas, rebellando-se contra elles, Tiberio os fêz passar para as Gallias, onde, á chegada de Augusto, lhe pediram a paz por seus embaixadores.

TAURIFORME AUFIDO. — O Aufido é um rio da Apulia, hoje *Ofanto*. V. not. á ode 30.^a do livro III. — O poeta chama-lhe *tauriforme*, porque as suas aguas impetuosas mugiam como um touro: — ou tambem porque os rios, na antiguidade, se pintavam com cornos sob a figura de um touro.

TIGRE (Tigris). — Rio da Turquia da Ásia: — nasce no monte *Niphates* em a Armenia, e entra no golfo da Persia. Este rio forma os limites orientaes da Mesopotamia. Hoje entra no rio *Euphrates*.

VINDELICOS (Vindelici). — Antigos povos da Germania, que habitavam entre o Danubio e o Rheno. V. *Rhetos*, not. á ode 4.^a d'este livro IV.

ODE XV.

Anno de Roma 744. — Antes de J.-C. 10. —

Edade de Haracio 55.

ESTA ode, segundo o parecer dos mais illustres interpretes, foi feita por Horacio para fechar a sua collecção de poesias

lyricas: — consideram ser a ultima que elle compuzera. É um pomposo e magnifico elogio a Augusto, pacificador do imperio, restaurador da prosperidade publica, e legislador illustrado e prudentissimo.

ANCHISES. — Principe troiano, da familia de Priamo, filho de Capys e de uma nympha. Foi amado de Venus, e d'ella teve Eneas. Sendo velhissimo, no saque de Troia, Eneas o tomou sobre os seus hombros, e com elle fugiu. Morreu na Sicilia, onde Eneas lhe levantou um magnifico tumulo.

FLAUTA LYDIA. — O som ou o modo *lydio*, era o mais proprio para as occasões de alegria e os festins; — o *phrygio*, proprio para as ceremonias religiosas e de cousas tristes; — o *dorico*, grave; — o *jonio*, brilhante. — Os Lydios, segundo alguns eruditos, foram os primeiros inventores das flautas, e eram dados a delicias.

GETAS (Getas). — Povos da Europa barbara: — habitavam nas montanhas da Hungria, da Transylvania, da Moldavia e da Valachia. Uns os fazem descender dos Thracios, outros dos Seythas: — confundem-se com os Daciots.

JANO (Janus). — O mais antigo rei de Italia: — veio estabelecer-se no Lacio, e recebeu em seus estados Saturno, expulso do ceo. — Policiou os povos barbaros de Italia, e o seu tranquillo reinado o fez olhar como um deos de paz. Romulo lhe erigiu em Roma um templo, cujas portas eram abertas em tempo de guerra, e fechadas em tempo de paz. Tres vizes, no reinado de Augusto, foi o templo de Jano fechado; a 1.^a em 725 depois da batalha d'*Actium*; a 2.^a em 729 depois do fim da guerra dos Cantabros; a 3.^a em 741, em que a paz foi universal (1).

REGIÃO HESPERIA. — Desde o occaso do sol; — assim se entende n'este logar.

SERAS (ou Seres). — Povos orientaes ao pé da India. V. not. á ode 12.^a do livro I.

(1) Walckenaer, *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. II, p. 447.

LIVRO V.

Das Epodas.

ODE I.

*Anno de Roma 723. — Antes de J.-C. 31. —
Edade de Horacio 34.*

MECENAS era designado por Octaviano para o acompanhar á guerra d'*Actium*: — Horacio queria seguir o seu illustre amigo, mas este se lhe oppoz: — para lastimar essa repulsa é que o grande lyrico romano compoz esta ode, dictada pelos sentimentos da amizade terna e corajosa, e pelo desinteresse que professára toda a sua vida.

ALPES. — Grande sistema de montanhas da Europa. V. not. á ode 4.^a do livro IV.

CAUCASO. — Grande sistema de montes na Asia. V. not. á ode 22.^a do livro I.

CHREMES. — Velho avarento celebrado por Terencio.

CIRCEOS MUROS. — De Tusculo (*Tusculum*) (hoje *Frascati*), cidade do Lacio ao S. E. de Roma, sobre o declive de uma collina, e que passava por ter sido fundada por *Telegono*, filho de *Circe* e de *Ulysses*. — Para se entrar aqui no sentido de Horacio, convem saber que a sua casa era um pouco afastada de Tusculo: — elle diz pois que não deseja engrandecê-la e estendê-la até aos muros d'essa cidade.

LUCANOS PASTOS. — De Lucania, que era, assim como Ca-

labria, parte do reino de Napoles. — Os Romanos costumavam ir passar o inverno na *Calabria*, por ser quente, e o verão na *Lucania*, de clima temperado, e até mudavam os seus gados.

NAUS LIBURNAS. — Eram embarcações mui ligeiras similhantes ás dos *Liburnos*, que eram altas de borda e tinham na poupa grandes torres.

SÍRIO FERVIDO. — É uma das estrelas que formam a constellação da Canicula (*cão celeste*). — O seu nascimento causa grandes calores. Os antigos offereciam-lhe sacrificios para evitar os seus efeitos. — Alguns deram tambem ao sol o nome de *Sírio*.

ODE II.

*Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —
Edade de Horacio 26.*

NESTA ode offerece Horacio os quadros mais bellos e seductores dos innocentes prazeres do campo, mas o final não pode deixar de desagradar ás pessoas dotadas de bom gosto. Vanderbourg e Walckenaer, críticos judiciosos, o desaprovam grandemente. — Lê-se, em muitos e bellissimos versos, os louvores da vida campestre, mas subitamente, quando o leitor se acha enlevado e enternecido, conhece não sér a expressão dos generosos sentimentos do cantor de *Venusia*, mas de um desprezivel usurario, que n'um momento se deixou arrastar pela idéa da tranquillidade da vida rustica, e os renuncia para proseguir no seu tráfico vergonhoso. — M. Nitch

crê, segundo refere Walckenaer (1), ser esta ode uma das primeiras composições do poeta, que, sentindo o seu defeito, não a inseriu nas collecções que publicára de suas poesias lyricas.

CALENDAS. — Era o primeiro dia do mez entre os Romanos. Os *idos* eram aos treze ou quinze do mez. V. *Idos*, not. á ode 11.^a do livro IV. — O costume era dar-se dinheiro a juro de um por cento ao mez; mas Alphio, famoso usurario do tempo de Horacio, dava-o a um por cento por quinze dias, pelos *idos* e pelas *calendas*, a vinte e quatro por cento de interesse no anno. — Columella falla d'este usurario, no liv. 1.^o cap. 7.^o

JONIA (ou *Ionia*), hoje as costas de *Sivas*, *Saroukan* e *Aidin*. — Dava-se este nome á parte litoral da Asia-Menor que se estende de Phocéa a Miletó, entre o Meandro e o Hermo, e que era comprehendida na Lydia (salvo o sul que pertence á Caria). — A Jonia foi celebre por seu commerçio, navegação, colonias, riquezas, luxo, e bellas-artes. — Entre as numerosas cidades gregas da Jonia, se notavam doze principaes que formavam uma confederação: — eram 1.^o no continente, do N. ao S., *Phocéa*, *Smyrna*, *Clazomenes*, *Erythres*, *Téos*, *Lebedos*, *Cokophon*, *Epheso*, *Priene*, *Miletó*; — 2.^o nas ilhas vizinhas, *Chio* e *Samos*. — Na Jonia nasceram Homero, Archiloco, Anacreonte, Pythagoras, Parrhasio, Aspasia, e outros génios eminentes,

PRIAPO (*Priapus*). — Filho de Venus e de Baccho. Era o deos dos jardins, dos vergeis, e dos prazeres obscenos; — suas festas eram acompanhadas de vergonhosas desordens.

SYLVANO — Guarda das divisas dos campos. V. not. á ode 29.^a do livro III.

TERMINAÇÕES (festas). — As festas do deos *Termino*, ou dos limites dos campos...

(1) *Histoire de la Vie et des Poesies d'Horace*, t. II, 2.^a parte, p. 426.

ODE III.

*Anno de Roma 716. — Antes de J.-C. 38. —
Edade de Horacio 27.*

ESTA ode é uma das primeiras que Horacio compoz para divertir Mecenas. Encerra imprecações contra o alho. — O poeta, em casa d'esse illustre amigo, havia em um prato comido alho, a que repugnava: — é o que deu lugar a esta galanteria poetica, onde o tom solemne e as imagens tragicas contrastam com o assumpto.

CANIDIA. — Uma mulher de *Neapolis* (hoje *Napoles*, antigamente *Parthenope*), cidade de Campania: — Horacio trata essa mulher de feiticeira. O seu verdadeiro nome, segundo illustres commentadores, era *Gratidia*.

MEDÉA. — Celebre magica, filha de *Æétes*, rei de Colchos, e da magica *Hypcēa*. Herdou a sciencia d'essa mãe. Quando Jason foi com os Argonautas conquistar o vellocinho de ouro que possuia *Æétes*, ella concebeu vivo amor pelo heroe, forneceu-lhe por sua arte os meios de vencér os obstaculos que se oppunham ao bom successo de sua empréza, e fugiu com elle de Colchos. — Chegada a Iolchos, patria de Jason, remoçou seu pae *Eson*. — Tendo aconselhado ás filhas de Pelias, usurpador do throno de Iolchos, a morte de seu pae, refugiou-se com Jason em Corinþo. Ahi se viu abandonada por Jason, que esposou *Glauce* ou *Circusa*, filha de Creonte, rei d'essa cidade. Medéa, irritada, resolveu vingar-se. Dissimulou a sua raiva, e offereceu a essa princeza, para o dia do seu casamento, um vestido magnifico e uma corda de ouro, que havia envenenado. Estes presentes produziram o desejado effeito: — apenas *Glauce* se serviu d'elles, sentiu-se devorada por um fogo que se não podia tirar nem extinguir. — Medéa depois salvou-se pelos ares em um coche tirado por dois dragões com azas.

ODE IV.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

MENAS, liberto do grande Pompéo, havia merecido a confiança de seu filho *Sextus Pompeius*, que o cumulára de bens e o fizera general de sua armada, mas, accendendo-se a guerra civil entre o jovem Pompéo e Octaviano, deixou o partido de seu bemfeitor, abraçando o de seu adversario, ao qual entregou a Sardenha e as forças de que dispunha. Esta perfidia foi remunerada por Octaviano com bens e honras, dando-lhe o direito de trazer o anel de ouro e elevando-o á ordem dos cavalleiros. Todavia, no anno seguinte, não satisfeita a sua ambição, voltou para o jovem Pompéo, que lhe perdoou e o reintegrou nos seus cargos. Este acto generoso teve consequencias funestas para o partido de Pompéo, porque Menas, não conhecendo fidelidade nem dever, o deixou segunda vez, e se passou novamente para Octaviano com a esquadra que commandava, descobrindo-lhe os segredos que lhe haviam sido confiados. Octaviano, posto que detestasse sua perfidia e ingratidão, aproveitou-se dos seus serviços, e, para o não tornar a perder, o fêz tribuno de soldados. — A impudencia de Menas accendeu a bils do jovem poeta, e lhe fez produzir esta ode eminentemente satyrica.

LEI D'OTHO. — *L. Roscius Otho*, tribuno do povo, tinha feito uma lei para separar, no theatro, os cavalleiros do povo, assignando-lhes quatorze bancos depois dos senadores. Esta lei, entre outras disposições, prohibia que o liberto, ou filho de liberto, fosse feito cavalleiro. Menas pois, sentado nos bancos dos cavalleiros, e talvez no primeiro lugar como tribuno, apresentava uma violação manifesta da lei, pois que havia sido escravo.

ODE V.

*Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —
Edade de Horacio 26.*

ESTA ode (disse o illustre Vanderbourg) não é um d'esses ensaios majestosos, onde o principe dos lyricos latinos se eleva á altura de Pindano: — n'ella não desenvolve nem sua philosophia desinteressada e corajosa, nem seu amor para com a virtude, nem sua affeição para com os seus amigos e a sua patria. — Naverdade, é só uma satyra sanguinolenta contra mulheres obscuras, sendo Canidia a principal, offeretendo um drama que desperta sentimentos de ternura e de piedade. — Esta ode, e a 17.^a, não esses jambos que o poeta chama criminosos; — arrependeu-se de os ter escripto. — O verdadeiro nome de Canidia, segundo os antigos escoliastes, e como já se disse em as notas á ode 3.^a d'este livro V, era *Gratidia*, uma perfumadora napolitana. — As mulheres d'essa profissão sabiam compor filtros amorosos e davam-se á magia. O veneno e o assassinio faziam parte do que era necessário para os encantamentos. — Criasse que furtavam meninos para os immolar.

CHAMMAS COLCHICAS. — Os fogos magicos. — Colchos, paiz da Asia, era famoso por seus venenos. V. *Colchicos venenos*, not. á ode 13.^a do livro II.

CREONTE. — Rei de Corintho, e pae de Creusa, que esposou Jason. V. *Medea*, not. á ode 3.^a d'este divro V.

ESQUILINAS AVES. — Do monte *Esquilino*, em Róma, onde se faziam as execuções dos criminosos, e que por isso era frequentado das aves de rapina. — Hoje é o monte de *Santa-Maria-Maior*.

IOLCHOS. — Cidade capital da Thessalia, famosa pelo nas-

cimento de Jason, e onde se juntaram os principes gregos para a conquista do vellocino de ouro.

LUCINA (de *lux*, luz). — Deosa que presidia aos partos e ao nascimento dos filhos. Confunde-se ora com Juno, ora com Diana, ou ainda com Latona.

PRAGAS DE THYESTES. — As imprecações com que Thyes-
tes amaldiçoou seu irmão, o infanticida *Atrevo*.

SAGANA, VEIA E FOLIA ARIMINENSE, eram tres feiticei-
ras que Canidia chamou para a ajudarem. — *Ariminense*, de
Arminum, hoje *Rimini*, cidade sobre a borda do Adriatico
na *Romania*, antiga província do estado eclesiástico, hoje
comprehendida nas legações de *Forlì* e de *Ravenne*.

SUBURA. — Era uma rua de Roma onde se praticavam
actos immoraes e dissolutos.

THESSALICAS VOZES. — Os Thessalos passavam pelos mais
habeis de todos os feiticeiros.

ODE VI.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

DISCORDAM os mais esclarecidos interpretes sobre quem se-
ja *Cassius Severus*, contra o qual se pronunciou Horacio vio-
lentamente n'esta ode. Dacier, Sanadon, Desprez e outros,
pensam ser o orador *Cassius Severus*, que atacava diante dos
tribunaes e diffamava em seus escriptos as personagens mais
distintas do seu tempo, e até os parentes e amigos de Au-
gusto. — Vanderbourg porem, Walckenaer, Duchemin e
outros, são de opinião contraria, não constando que aquelle

orador fosse poeta, nem parasito esfaimado a quem a menor comida fazia callar. — Além d'isso, Acron affirma que o *Cassius* de Horacio era um poeta maldizente.

BUPALO. — Famoso escultor, nascido em Chio: — vivia em 540 antes de J.-C. — Havia representado *Hipponax*, poeta grego de Epheso, sob uma figura redicula: — esse poeta tornou-se seu inimigo, e fez contra elle versos gravemente satyricos.

LACON. — Cão de Laconia, paiz do Peloponeso.

LYCAMBO. — Tendo promettido sua filha *Neobula* ao poeta *Archiloco*, natural de Paros, e faltando á sua promessa, foi alvo das violentas satyras d'esse poeta, que era tão licencioso como acerbo em suas poesias.

ODE VII.

Anno de Roma 722. — Antes de J.-C. 32. —

Edade de Horacio 33.

Foi esta ode manifestamente dictada pela indignação própria de um cidadão virtuoso no momento de ir vér a sua patria novamente lacerada pela guerra civil, !Os melhores interpretes a julgam composta quando houve o compromimento entre Antonio e Octaviano. A forma dramatica d'esta composição lyrica, como observa Mitscherlich citado por Vanderbourg (1), lhe dá uma grande energia: — é uma das peças mais interessantes d'este livro.

(1) *Les Odes d'Horace*, t. II, 2.^a parte, p. 465.

PARTHOS. — Povos belicosos da Asia. V. *Persas*, not. á ode 2.^a do livro I.

REMO. — Irmão de Romulo, que este matara. V. *Romulo*, not. á ode 12.^a do livro I.

SAGRADA VIA. — Desde o fim da rua sagrada até o *forum romanum* ia-se sempre descendo, e subia-se depois o *forum romanum* até o Capitólio, e isso era propriamente chamado *clivus capitolinus*.

ODE VIII.

Anno de Roma 714. — Antes de J.-C. 40. —

Edade de Horacio 25.

ESTA ode é uma das composições da mocidade de Horacio: — encerra sentimentos immoraes e impuras invectivas não proprias de tão illustre poeta. E' certamente por isso que o autor a não inseriu nas suas collecções poeticas que publicará. — Horacio, no veredor da mocidade, não teve, segundo parece, a dignidade de sentimentos que mostrou na edade madura,

ODE IX.

Anno de Roma 723. — Antes de J.-C. 31. —

Edade de Horacio 34.

HORACIO, n'esta ode, canta a victoria d'*Actium* e a fuga de Antonio. O seu entusiasmo é vivissimo: — conside-

ra-se no meio do banquete que deve ter logar, em casa de Mecenas, para celebrar-se o glorioso successo. Entrega-se á maior alegria, e personifica o triumpho que deve honrar a entrada de Octaviano em Roma.

CAPITÃO NEPTUNIO. — E' o joven Pompéo (*Sextus Pompeius*), que, orgulhoso de que seu pae tivesse sido senhor dos mares, quiz passar por filho de Neptuno.

GUERRA JUGURTHINA. — Jugurtha, rei de Numidia, foi vencido por Mario, famoso general romano. E' essa guerra de que trata aqui o poeta. V. *Jugurtha*, not. á ode 1.^a do livro II.

O AFRICANO. — E' *Publius Cornelius Scipio Africanus major*, dito vulgarmente *Scipião o Africano*, o primeiro *Africano*. V. *Heroe que voltou d'Africa com nome illustre*, not. á ode 8.^a do livro IV. — Os Carthaginezes, tendo começado a revoltar-se, um oraculo ordenou aos Romanos o erigirem um monumento funebre a Scipião voltado para Africa. O monumento foi construido entre a cidade e o porto d'Ostia: — as cinzas de Scipião foram tiradas da pyramide do Vaticano e depositadas n'esse novo tumulo. — Isto é referido por Acron e o escoliaste de Cruquio, que o leram em historia ainda existente no seu tempo. Walckenaer conforma-se exactamente com este parecer. Todavia, Dacier, Sanadon, Desprez, Duchemin e outros, são de opinião de que Horacio falla aqui figuradamente, querendo dizer que a virtude fêz de Carthago o monumento da gloria do primeiro Scipião o Africano, pois sabe-se que o seu tumulo fôra em *Linterne*, cidade de Campania, hoje *Terre di Patria*, no reino de Nápoles.

PAVILHÃO DE UMA EGYPCIA. — De *Cleopatra*, rainha do Egypto, celebre por sua belleza e seus crimes. Era filha de Ptolemeu Aulete. Tendo sido expulsa do throno, foi n'elle restabelecida por Cesar, movido de seus encantos. Depois da morte do dictador, Antonio a chamou a Tarse para responder a algumas accusações, mas tornou-se vivamente apaixon-

nado d'ella, e, para a esposar, repudiou Octavia, irmã de Octaviano. Esta conducta fez rebentar a guerra entre Octaviano e Antonio. Depois da batalha d'*Actium*, Antonio vencido suicidou-se, e Cleopatra, que vammente tentará seduzir o vencedor, temendo cahir em seu poder, tambem deu a si a morte, fazendo-se picar no brago por um áspide, no anno 30 antes de J.-C. — Ella tinha 39 annos.

Syrtes. — Nome dado pelos antigos aos dois golfos que forma o Mediterraneo sobre a costa septentrional d'Africa, entre o Egypto e o cabo *Hermæum*; — o 1.^º dito *Grande Syrte*, hoje o golfo de Sidra; — o 2.^º dito *Pequena Syrte*, hoje o golfo de Cabés. Eram cheios de bancos de areá, e por isso temidos dos navegadores na antiguidade. — Tomam-se aqui em geral pelo mar Libyco.

Tons dorios. — Os antigos tinham tres tons principaes, *dorio*, *lydio*, e *phryggo*; — o 1.^º era grave e monótono; — o 2.^º brilhante; — o 3.^º misturado de um e outro. Os Romanos serviam-se d'estes tons segundo a natureza dos assuntos que cantavam. O *dorio* em objectos serios, o *lydio* nos alegres, o *phryggo* n'aquelleas em que a religião tinha parte, e nas occasiões em que convinha excitar sentimentos mais apaixonados e vehementes. V. *Flauta lydia*, not. á o de 15.^a do livro IV.

VINHO DE CHIO E LESBOS. — Estes vinhos eram muito estimados. *Chio* e *Lesbos* eram ilhas do mar Egêo, hoje o *Archipelago*. *Chio* (hoje *Scio*), ao S. de *Lesbos*, perto da costa occidental da Asia-Menor. — *Lesbos* (hoje *Metelin*). V. *Lesbia cythara*, not. á o de 1.^a do livro I.

ODE X.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

MEVIO (*Mevius*), segundo os antigos escoliastes, era um mau poeta, inimigo acerrimo de Virgilio e de Horacio, e detractor infatigavel de todos os homens de merito do seu tempo. Já se vê o motivo porque o grande lyrico romano, no fôgo da mocidade, o ataca n'esta ode com a maior força e azedume: — era alvo dos insultos de tão baixo inimigo.

AJAX. — Valoroso grego. V. not. á ode 15.^a do livro I.

Orion. — Uma constellação. V. not. á ode 13.^a do livro II.

ODE XI.

Anno de Roma 717. — Antes de J.-C. 37. —

Edade de Horacio 28.

ESTA ode, dirigida a Peccio (*Pectius ou Pettius*), homem não conhecido, é uma das que Horacio compuzera no ver dor da mocidade, quando ainda vivia pobremente, ode que se não atrevêra a inserir nas collecções poeticas que publicára. Algumas idéas que apresenta, bem que proprias dos costumes gregos e romanos, não podem deixar de offendere a nossa delicadeza, a nossa moral, e a nossa religião: — é por isso que suprime a expressão d'essas idéas. No entanto não deixa esta ode de ter merecimento, já por sua energia poetica, já por pintar o autor com cores naturaes.

ODE XII.

*Anno de Roma 714. — Antes de J.-C. 40. —
Edade de Horacio 25.*

ESTA ode é do mesmo genero que a 8.^a d'este livro V., e, como ella, a producção da mocidade do autor, quando ainda pouco escrupulisa em ocupar a sua imaginação de objectos licenciosos e depravados, e exprimil-os na linguagem das Musas. — Esta composição é na realidade indigna de um poeta tão illustre e tão justamente admirado e applaudido: — envolve idéas obscenas e imagens vergonhosas: — não devêra ter chegado á luz publica. Horacio mesmo, segundo pode conjecturar-se, assim o reconheceu, pois não a publicou nas suas collectões. — Eu omitti todas as expressões de idéas desagradaveis, grosseiras, e obscenas. — Faz pasmar que o virtuoso e osabio Dacier achasse n'estas duas odes muita delideza e polidez! (1)

TYRIA PURPURA. — De *Tyro*, antiga cidade da Phenicia. V. *Tyro*, not. á ode 29.^a do livro III.

ODE XIII.

*Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —
Edade de Horacio 26.*

O PENSAMENTO que domina toda esta ode de Horacio é o que sempre o preoccupou desde os seus tenros annos, a bre-

(1) *Œuvres d'Horace*, 3.^a edit., t. V. p. 246.

vidade da vida, a necessidade de gosar em quanto não chega a velhice, e a morte nos não arrebata. — Parece que o poeta ía pôr-se á mësa com seus amigos em tempo de rigoroso inverno, e que um d'elles fazia sobre os negocios publicos, então desastrados, reflexões tristes como o tempo. O poeta o exhorta a afastar os cuidados com os sons da lyra e o vinho generoso.

ACHEMENIO NARDO. — Da *Persia*, onde reinou Achemenes, de quem descenderam Dario e Cyro. Entre os poetas *Achemenia* e *Persia* são muitas vêzes synonyms. — O *nardo* era uma planta da India de que se extrahia óleo odorífero.

ÁEQUILO TREICIO. — Vento do nordeste que soprova da Thracia na Phrygia, região da Asia-Menor. V. *Phrygios*, not. á ode 1.^a do livro III.

CYLLENIO. — Mercurio, que nascera em o monte da Arcadia denominado *Cylenius* (hoje *Zyria*), a elle consagrado. V. *Mercurio*, not. á ode 10.^a do livro I.

MÃE CERÚLEA. — Thetis, a mais bella das Nereidas, filha de Nereo e de Doris, e mãe de Achilles. — O epitheto *ceruleus*, azulado, era geralmente dado ás *nymphas* e deoses do mar, derivado da cõr do mesmo mar.

NOBRE CENTAURO. — Chiron, centauro nascido dos amores de Saturno metamorphoseado em cavallo e de Philyra. Foi insigne na caça, na astronomia e na medicina. Habitava o monte Pelion na Thessalia. Foi pedagogo de Achilles, como o havia sido de Hercules. Tendo sido ferido casualmente de uma flecha tinta do sangue da hydra de Lerna, Jupiter apressou a sua morte para abreviar os seus padecimentos, e o collocou no ceo, aonde elle formou a constellaçõe de *Sagittario*.

SCAMANDRO, e SIMOENTE. — Rios da *Troada*, pequeno paiz da Asia-Menor, entre o Hellesponto, o mar Egëo, e o Ida : — seu nome estende-se algumas vêzes a todo o reino de Troia. — O Scamandro, ou Xantho, sahia do Ida por duas ori-

gens, uma quente outra fria, e, unindo-se ao Simoente (*Simois*), cahia no mar Egêo. —O Simoente (hoje *Menderé-sou*), sahia do Ida, banhava o campo de Troia, e cahia no Xantho ou Scamandro.

ODE XIV.

Anno de Roma 721. — Antes de J.-C. 33. —

Edade de Horacio 32.

HAVIA Mecenas pedido a Horacio que ultimasse e publicasse seu livro de versos jambos. O poeta, apezar de lhe haver isso promettido, escusa-se com o fundamento de que o amor que o inflamma lhe não deixa repouso. — E' o objecto d'esta pequena ode.

AGUA LETHÉA. — Do *Lethes*, rio do esquecimento. Era um dos rios dos infernos entre os pagãos. Os que bebiam da sua agua esqueciam-se das cousas passadas.

ODE XV.

Anno de Roma 714. — Antes de J.-C. 40. —

Edade de Horacio 25.

ESTA ode, dirigida a Neéra, é uma das peças eroticas de Horacio em que mais respira sensibilidade e delicadeza: —

vê-se que o autor a fêz na sua mocidade, n'esse tempo feliz em que a vida costuma sér animada de doces illusões. — Os mais illustres interpretes concordam em que esta composição lyrica faz lembrar a graça e a sensibilidade de Tibullo, que amou ternamente a mesma Neéra.

Nirão. — Rei de Naxos (hoje *Naxia*), ilha do reino da Grecia (*Cycladas*) no Archipelago. Era o mais bello dos Gregos depois de Achilles. Horacio comprehende aqui as tres coisas que mais podem attrahir ou dominar o ser humano, *espirito, formosura e riqueza*.

Pactolo (*Pactolus*), hoje rio de *Sar* ou *Bagculet*. — Pequeno rio de Lydia, que, sahindo do monte *Tmolus*, cahia no *Hermus*. As suas aréas eram ferteis de ouro. Segundo a fabula, possuia esta propriedade desde que Midas, que transformava em ouro tudo em que tocava, se tinha banhado nas suas aguas.

Pythagoras. — Philosopho grego, nascido em Samos. Viajou longo tempo para se instruir, habitou no Egypto, e fêz-se iniciar nos mysterios de Baccho e de Orphéo. Foi estabelecer-se em Crotona, na Italia, onde fundou uma escola nova que se chamou *escola itálica*. Viu-se cercado de imensos discípulos, sobre os quaes exercia um imperio absoluto. — Abraçou todas as sciencias conhecidas de seu tempo, sobretudo as mathematicas. — Ensinou a extravagante doutrina da *metempsycose*, ou transmigração da alma em diferentes corpos, e por esse motivo proscrevia o uso das carnes. — Pertendia ter existido n'outro tempo em o corpo de Euphorbo, que assistiu ao cérco de Troia. E' por isso que Horacio usa aqui do termo *renascido*. V. *Euphorbo*, not. á ode 28.^a do livro I.

ODE XVI.

Anno de Roma 714. — Antes de J.-C. 40. —

Edade de Horacio 25.

ESTA ode é certamente uma das primeiras produções de Horacio. Bem que cheia de harmonia majestosa, de sentimentos patrióticos energicamente exprimidos, e n'um estylo poetico pomposo, encerra todavia uma superabundância de idéas e de imagens, um luxo de poesia descriptiva, que revela o grande genio ainda não contido pelas regras severas da arte e os dictames do bom-gosto, dependentes do tempo, do estudo e da reflexão. — Segundo os melhores commentadores, a guerra civil de que trata esta ode é a que se accendeu depois da batalha de Philippos. A necessidade de dar terras aos soldados occasionou desgostos graves e alvorogo entre os partidos. Horacio, perdendo a esperança de restabelecimento da liberdade, exhalou sua dor n'esta producção lyrica, em que seu talento se annuncia em todo o seu esplendor e magnificencia.

ALLOBROGES. — Povos da Gallia Trans-alpina. Foram subjugados pelos Romanos. Gravados de dívidas publicas, mandaram embaixadores a Roma pedindo o alívio d'ellas. Segundo Dacier, que se refere a Sallustio e a Floro, estes povos entraram na conjuração de Catilina, havendo Lentulo corrompido seus embaixadores. E' a explicação que varios interpretes dão a esta passagem. O mesmo Dacier porém entende que se trata aqui das guerras sanguinolentas dos *Gallos*, aos quaes Horacio chama *Allobrogés*, quadrando muito aos povos da Gallia o epitheto de *infieis*, por sua inconstância e versatilidade. Naverdade, a não ser esta interpretação, não poderia bem entender-se o poeta n'este logar, porquanto muitos escriptores graves asseveram que os embaixadores dos *Allobroges*, convidados até com ricos premios a entrar na

conjuração de Catilina, a repulsaram, e a foram denunciar a Cicero. — O paiz dos Allòbros teve depois o nome de *Sapaudia* (Savoia). — Os Savoienses, em 1792, quando o exercito francez conquistou a Savoia ao rei de Sardenha, toparam o primitivo nome de *Allobroges*, que conservaram até 1814.

APENNINO. — Os Apenninos são uma longa cadeia de montes que atravessa a Italia em todo o seu comprimento, e se separa dos Alpes em Cassino, cidade dos estados Sardos.

ARGOS. — Nau em que partiram os Argonautas para Colchos a conquistar o vellocino de ouro.

CAPUA. — Cidade principal de Campania, na Italia, primitivamente chamada *Vulturenum*. Era tão opulenta que lhe chamavam *Altera Roma*. Foi tomada por Annibal depois da batalha de *Cannas*. — Diz-se que as delicias de Capua enervaram seu exercito e causaram sua ruina. — Capua foi longo tempo, bem como Carthago, rival de Roma.

COLCHIDE IMPUDICA. — E' Medéa. V. *Medéa*, not. á ode 3.^a d'este livro V.

MARSOS. — Povos mui belicosos da Italia antiga. V. *Marsa cohorte*, not. á ode 20.^a do livro II.

MATINOS CUMES. — De *Matino*, monte da Apulia. V. not. á ode 28.^a do livro I.

PHOCENSES. — Naturaes de Phocéa, cidade maritima da Jonia, na Asia-Menor (hoje *Fòkia*). — Cançados da guerra continua que tinham com os *Persas*, desampararam a sua cidade, jurando não voltar a ella senão quando viesse acima da agua uma barra de ferro em brasa que lançaram no fundo do mar. A Phocéa enviou colonias á *Gallia* e á *Hespanha*; a principal foi a de Marselha.

Po (*Padus* em latim). — O maior rio de Italia, o qual banha a região septentrional d'esse paiz, que corta em duas partes (ditas dos antigos *Gallia-Cispadana* e *Gallia-Transpadana*), de que recebe quasi todos os rios. Toma sua origem no monte *Viso* (*Vesulus mons*), nos Alpes cottianos,

entre os estados Sardos e a França, e lança-se no Adriatico por varias bocas, sendo as principaes o *Po-di-Maestro* e o *Po-di-Goro*.

PORSENNA. — Rei de *Clusium* (hoje *Chiun*), cidade da Etruria. Declarou guerra a Roma, pondo-lhe cerco, sob pretexto de restituir a coroa a Tarquinio-o-soberbo. Teve a principio vantagens notaveis, mas os actos heroicos de alguns Romanos o espantaram e suspenderam sua marcha: — Clelia, que lhe fôra dada em refens, lançou-se ao Tibre e o atravessou a nado por entre um chuveiro de setas: — Horacio Cocles, só per si obstou a entrada do exercito etrusco na ponte *Sublicius*, até seus companheiros a cortarem por detrás, depois do que se lançou armado ao rio, reentrando incolum em Roma: — Mucio Scévola, joven corajoso, penetrando no campo inimigo e chegando á tenda do rei para o matar, feriu por engano o seu secretario; — preso e interrogado, pôz sua mão sobre um brasido ardente, como para a punir do engano, e a deixou queimar, dizendo depois ao rei que trescentos mancebos romanos deviam penetrar no seu campo decididos, como elle, a matá-lo e a morrer. Porsenna, atemorizado, deixou-o livre, e apressou-se a concluir a paz.

QUIRINO. — Romulo. V. *Romulo*, not. á oda 12.^a do livro I.

SIDONIOS NAVAS. — De Sidon, *Sidonia* (hoje *Seide*), cidade da Phenicia, um pouco ao N. de Tyro, sobre a costa. — Os seus habitantes eram famosos por suas viagens maritimas, actividade, e intelligencia em objectos de commercio.

SPÁRTACO. — Homem turbulentó e celebre, natural de Thracia. V. not. á oda 14.^a do livro III.

ODE XVII.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

HORACIO, n'esta ode, feita a Canidia, finge arrepender-se e retractar-se das injurias que lhe dirigira, mas ataca-a realmente com maior furor, porque, se a arguiu de sortilegios, agora a rediculisa pelo lado dos costumes; —usa da mais forte e amarga ironia, da-se por vencido, injuriando-a de novo.

A VISTA AO VATE RESTITUÍRAM. — Allude a *Stesichoro*, poeta lyrico grego, o qual infamára em seus versos a Helena. Os irmãos d'esta, Castor e Pollux, lhe tiraram a vista, que depois lhe restituíram. V. *Stesichoro*, not. á ode 9.^a do livro IV.

ETNA. — Famoso monte da Sicilia onde há um vulcão: — as suas erupções são conhecidas de tempo immemorial. A fabula nos mostra os gigantes Encelado e Typhon sepultados sob o Etna. Vulcano e os Cyclopes ahi forjaram os raios de Jupiter. — O poeta diz *chamma sicula*, por ser o vulcão na Sicilia.

MATRONAS ÍLIAS. — As Troianas, de Ilo (*Ilus*), rei de Ilion ou Troia.

MYSOS. — Povos da Mysia (hoje livah de *Karassi*), paiz da Asia-Menor, ao N. da Lydia.

NESO. — Centauro, que, querendo roubar Dejanira, mulher de Hercules, este o trespassou de uma flecha embebida no sangue da hydra de Lerna. Nesso, expirando, deu a sua tunica a Dejanira como um philtro que podia atrahir-lhe o esposo se fosse infiel: — Dejanira mandou essa tunica a Hercules, que, assim que a vestiu, sentiu-se abrasado em fogo que o devorou. V. *Hercules*, not. á ode 3.^a do livro I.

NETO DE NERÊO. — Achilles, filho de Thetis, e esta filha de Nerêo. V. *Achilles*, not. á ode 6.^a do livro I.

SABELLOS VERSOS. — Dos Samnitas, que eram de raça sábina, e por isso são chamados algumas vezes *Sabelli*. Entre elles havia muitos feiticeiros.

TELEPHO. — Filho de Hercules e de Auge: — havia sido exposto em seu nascimento e nutrido por uma corça. Foi adoptado por Teuthras rei de Mysia. Quando os Gregos sitiaram Troia, Telepho conduzia os Mysos em socorro da cidade: — bateu-se contra Achilles, mas foi ferido perigosamente. Só pôde ser curado, seguindo a voz do oráculo, pelo ferro mesmo que o ferira, e em reconhecimento passou-se ao partido dos Gregos.

ODE XVIII.

Anno de Roma 715. — Antes de J.-C. 39. —

Edade de Horacio 26.

RESPONSA de Canidia á ode precedente: — diz que não pode perdoar a quem tão vivamente a offende, e expõe os motivos que a determinam.

COTYTTIOS MYSTERIOS. — De *Collyto*, deosa da impureza e impudicicia entre os Gregos. Seu culto, nascido na Thiracia, passou á Phrygia e d'ahi á Grecia. Tinha um templo em Athenas e sacerdotes chamados *Baptes*.

ESPADA NÓRICA. — De Norico (*Noricum*), paiz antigo illyrico, famoso por suas minas de ferro. V. *Norica espada*, not. á ode 16.^a do livro I.

ESQUILINOS VENENOS. — De *Esquilino*, um dos montes de Roma. Dizia-se que n'elle se ajuntavam os feiticeiros.

PELIGNAS FEITICEIRAS. — Os *Pelignos*, povos da Italia, tinham entre os Romanos muito mau nome, como os *Marsos* e os *Sabinos*, por causa de suas bruxarias e feiticerias.

PROMETHEU. — Filho de Japeto e de Clymene: — por haver roubado o fogo do ceo, foi, em punição, amarrado no monte Capcaso, onde um abutre lhe roia o figado. V. not. á ode 16.^a do livro I.

SISYPHO. — Filho de Eolo. Foi condemnado, por seus crimes, a rodar continuamente para o alto de um rochedo uma grande pedra roliça. V. not. á ode 14.^a do livro II.

TANTALO. — Pae de Pelops, e rei de Phrygia. Jupiter o condemnou, por seus crimes, a morrer nos infernos devorado de fome e de cede. V. not. á ode 28.^a do livro I

POEMA SECULAR.

*Anno de Roma 737. — Antes de J.-C. 17. —
Edade de Horacio 48.*

AUGUSTO, seguindo o oraculo da Sibylla, ordenou os jogos seculares, e convidou Horacio a fazer versos para serem cantados n'essa festa solemne. O poeta, lisonjeado, compoz para esse objecto religioso o presente poema, uma das produções mais elegantes e magnificas do seu luminoso estro. Respira a simplicidade, a pompa harmoniosa e grave, que pedia a majestade do assumpto. O grande cantor lyrico não se esqueceu de quanto era proprio a fazer sobressair o poder de Roma, a gloria de Augusto, as funcções eminentes que elle preenchia, a grandeza, o esplendor, e a prosperidade do imperio.

ALBANAS SECURES. — De *Alba*, cidade do Lacio: — expressão identica a *secures romanas*.

ALCIDO. — Monte da cidade do Lacio. V. not. á ode 21.^a do livro I.

AVENTINO. — Monte (hoje *monte di Santa-Sabina*); — um dos sete montes ou collinas sobre que Roma era edificada, e o mais meridional, situado entre o Tibre, o monte Cœlio, e o monte Palatino. Sobre o Aventino se viam, entre outros bellos monumentos, o templo e o *atrium* da Liberdade, e um templo de Diana.

DOUTAS NOVE IRMANS. — As Musas. V. *Musas*, not. á ode 26.^a do livro I.

HEROE SANGUE DE ANCHISES. — E' Augusto.

ILITHYA. — Diana. V. *Virgem inimiga das feras*, not. á

ode 12.^a do livro I. — *Ilithya, Lucina e Genitalis*, eram diversas denominações de Diana, com que era invocada nos partos, aos quaes presidia.

LACIO. — Paiz de Italia, hoje *Campanha de Roma*. V. ot. á ode 35.^a do livro I.

MEDO. — Toma-se aqui pelos *Parthos*, que tinham enviado a Augusto as bandeiras romanas.

SCYTHAS e OS INDIOS. — Tinham enviado embaixadores a Augusto para lhe pedir a paz e sua amizade. V. *Scythas*, not. ás odes 19.^a e 35.^a do livro I.

SETE MONTES. — As sete collinas em que a antiga Roma era edificada. — Depois veio a comprehendér em seu recinto 12 montes, *Capitolino, Palatino, Quirinal, Aventino, Vaticano, Viminal, Esquilino, Janiculo, Célio ou Laterano, Testaceo, Citorio, Pincio*.

VERSOS SIBYLLINOS. — Das Sibyllas (*Sibyllæ*), nome dado pelos Gregos e os Romanos a donzelas ás quaes se atribuia o conhecimento do futuro e a inspiração divina. Ellas proferiam seus oraculos em termos ambíguos, ou os escreviam em folhas volantes que muitas vêzes eram brinco dos ventos. A mais celebre Sibylla foi a de *Cumas*, cidade da Italia.

FIM DAS NOTAS.

INDICE.

DAS ODES DE HORACIO.

NUM.	ODES.	PAG.
Livro Primeiro.		
1	A Mecenas — <i>Mecenas atavis</i>	21
2	A Augusto Cesar — <i>Jam salis terris</i>	24
3	Ao navio em que Virgilio ia para Athenas — <i>Sic te diva</i>	26
4	A Lucio Sextio — <i>Solvitur acris hyems</i>	28
5	A Pyrrha — <i>Quis multa gracilis</i>	30
6	A Agrippa — <i>Sariberis Vario</i>	31
7	A Munacio Planco — <i>Laudahunt alii</i>	32
8	A Lydia — <i>Lydia, dic, per omnes</i>	34
9	A Taliarcho — <i>Vides ut alta</i>	35
10	A Mercurio — <i>Mercuri facunde, nepos</i>	37
11	A Leoconoe — <i>Tu ne quæsieris</i>	38
12	A Augusto — <i>Quem virum</i>	38
13	A Lydia — <i>Quum tu, Lydia!</i>	41
14	A' Republica — <i>O navis, referent</i>	42
15	Vaticinio de Neréo — <i>Pastor quum traheret</i> . .	46
16	A Tyndaris — <i>O matre pulchra</i>	48
17	A Tyndaris — <i>Velox amænum</i>	50
18	A Quintilio Varo — <i>Nullam, Vare</i> ,	51
19	A Clycera — <i>Mater sæva</i>	53
20	A Mecenas — <i>Vile potabis</i>	54
21	Em louvor de Apollo e Diana — <i>Dian am teneræ</i> .	55
22	A Aristio Fusco — <i>Integer vix</i>	55
23	A Chloe — <i>Vitas hinnuleo</i>	57

NUM.	ODES.	PAG.
24	A Virgilio — <i>Quis desiderio.</i>	57
25	A Lydia — <i>Parcius juncetas.</i>	59
26	A Elio Lamia — <i>Musis amicus.</i>	60
27	Aos seus amigos — <i>Natis in usum.</i>	60
28	Falla de um marinheiro com a sombra de Archytas — <i>Te maris et terraz.</i>	62
29	A Iccio — <i>Icci, beatis.</i>	64
30	A Venus — <i>O Vénus, regina.</i>	65
31	A Apollo — <i>Quid dedicatum.</i>	66
32	A' sua lyra — <i>Poscimus, si quid.</i>	67
33	A Albio Tibullo — <i>Albi, ne doleas.</i>	68
34	A si mesmo — <i>Parcus deorum.</i>	69
35	A' Fortuna — <i>O diva, gratum.</i>	70
36	A Plocio Nemida — <i>Et thure et fidibus.</i>	73
37	Aos seus amigos — <i>Nasc est bibendum.</i>	74
38	Ao seu creado — <i>Persicos odi.</i>	76

Livro Segundo.

1	A C. Asinio Pollião — <i>Motum ex Metello.</i>	77
2	A C. Sullustio Crispo — <i>Nullus argento.</i>	79
3	A Delio — <i>Æquam memento.</i>	80
4	A Xanthias Phocio — <i>Ne sit ancillæ.</i>	82
5	Relativa a Lalage — <i>Nondum subacta.</i>	83
6	A Septímio — <i>Septimi, gades.</i>	85
7	A Pompeo Varo — <i>O sape mecum.</i>	86
8	A Barina — <i>Ulla si juris.</i>	88
9	A Valgio — <i>Non semper imbres.</i>	89
10	A Licinio — <i>Rectius vives.</i>	90
11	A Q. Hirpino — <i>Quid bellicosus.</i>	92

NUM.	ODES.	PAG.
12	A Mecenas — <i>Nolis longa.</i>	93
13	Imprecações contra uma arvore — <i>Ille et nefasto.</i>	94
14	A Postumo — <i>Eheu ! fugaces.</i>	97
15	Contra o luxo do seu seculo — <i>Jam pauca aratror.</i>	98
16	A Grospho — <i>Otium divos.</i>	99
17	A Mecenas — <i>Cur me querebis.</i>	101
18	Contra o avaro — <i>Non ebur neque aureum.</i>	103
19	A Baccho — <i>Bacchum in remotis.</i>	105
20	A Mecenas — <i>Non usitata.</i>	107

Livro terceiro.

1	Sentenças moraes — <i>Odi profanum vulgus.</i>	109
2	Aos seus amigos — <i>Angustum, amici.</i>	111
3	Louvores da justiça e da constancia — <i>Justum et tenacem.</i>	113
4	A Callíope — <i>Descende cælo.</i>	115
5	Louvores de Augusto e de Regulo — <i>Cælo tonantem.</i>	120
6	Aos Romanos — <i>Delicta majorum.</i>	123
7	A Asterie — <i>Quid fles, Asterie.</i>	126
8	A Mecenas — <i>Martius celebs.</i>	128
9	Dialogo entre Horacio e Lydia. — <i>Donec gratius eram.</i>	129
10	A Lycia — <i>Extremum Tanain.</i>	131
11	A Mercurio — <i>Mercuri, nam te docilis.</i>	132
12	A Neóbula — <i>Miserarum est.</i>	134
13	A fonte de Blandusia — <i>O fons Blandusiae,</i>	135

NUM.	ODES.	PAG.
14	Aos Romanos, na volta de Augusto — <i>Herculis ritu.</i>	136
15	A Chloris — <i>Uxor pauperis.</i>	138
16	A Mecenas — <i>Inclusam Danaen.</i>	139
17	A Elio Lamia — <i>Ælii vetusto.</i>	141
18	A Fauno — <i>Faune, nympharum.</i>	142
19	A Telepho — <i>Quantum distet.</i>	143
20	A Pyrrho — <i>Non vides quanto.</i>	145
21	A' amphora — <i>O nata mecum.</i>	146
22	A Diana — <i>Montium custos.</i>	147
23	A Phydile — <i>Cælo supinas.</i>	147
24	Contra os vícios do seu seculo — <i>Intactis opulentior.</i>	149
25	A Baccho — <i>Quo me, Bacche, rapis.</i>	152
26	A Venus — <i>Vixi puellis.</i>	153
27	A Galatea — <i>Impios parræ.</i>	154
28	A Lydia — <i>Festo quid potius.</i>	157
29	A Mecenas — <i>Tyrrhena regum.</i>	158
30	A si mesmo — <i>Eregi monumentum.</i>	162

Livro quarto.

1	A Venus — <i>Intermissa Venus.</i>	165
2	A Julo Antonio — <i>Pindarum quisquis.</i>	167
3	A Melpomene — <i>Quem tu, Melpomene,</i>	170
4	Louvores de Druso — <i>Qualem ministrum.</i>	171
5	A Augusto — <i>Divis orle bonus.</i>	175
6	A Apollo — <i>Divis, quem proles.</i>	177
7	A Torquato — <i>Diffugere nives.</i>	779
8	A C. Marcio Censorino — <i>Donarem paleras.</i>	181
9	A Lollio — <i>Ne forte credas.</i>	183

NUM.	ODES.	PAG.
10	A Ligurino — <i>O crudelis adhuc.</i>	185
11	A Phyllis — <i>Est mihi nonum.</i>	186
12	A Virgilio — <i>Jam veris comites.</i>	188
13	A Lycia — <i>Audivere, Lyce,</i>	190
14	A Augusto — <i>Quæ cura patrum.</i>	191
15	A Augusto — <i>Phæbus voleniem.</i>	194

Livro Quinto.

EPODOS.

1	A Mecenas — <i>Ibis Liburnis.</i>	197
2	Louvores da vida do campo — <i>Beatus ille.</i>	200
3	A Mecenas, sobre o alho — <i>Parentis olim.</i>	203
4	Contra Menas, liberto de Pompéo — <i>Lupis et agnis</i>	204
5	Contra Canidia feiticeira — <i>At o deorum.</i>	205
6	Contra Cassio Severo — <i>Quid immerentes.</i>	210
7	Aos Romanos — <i>Quo, quo scelesti.</i>	211
8	A uma velha amorosa — <i>Rogare longo.</i>	212
9	A Mecenas — <i>Quando repostum.</i>	213
10	Contra Mevio — <i>Mala soluta.</i>	216
11	A Peccio — <i>Pecti, nihil me,</i>	217
12	Contra uma velha — <i>Quid tibi vis, mulier.</i>	219
13	Aos seus amigos — <i>Horrida tempestas.</i>	220
14	A Mecenas — <i>Mollis inertia.</i>	222
15	A Neéra — <i>Nox erat, et calo.</i>	223
16	Ao povo romano — <i>Altera jam teritur.</i>	224
17	A Canidia — <i>Jam jam efficaci.</i>	228
18	Resposta de Canidia — <i>Quid obseratis auribus.</i>	231
	Poema secular — <i>Phoebe, silvarum.</i>	235

FIM DO INDICE.

51

ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
16, not. á vida d'Hor. — son reellement. . . sont réellement.		
24, ode 2 do liv. 1. ^o — as nações, receosas as gentes, receosas		
61, ode 27 do liv. 1. ^o — Carybdis Carybdes		
139, ode 16 do liv. 3. ^o — raio furibundo. . . raio fulminante.		
159, ode 29 do liv. 3. ^o — Exula. Esula		
175, ode 5 do liv. 4. ^o — consilio concilio		
251, notas do liv. 1. ^o — methamorphosea- metamorphosea-		
	das.	das.
255, notas do liv. 1. ^o — proposto proposta		
286, notas do liv. 1. ^o — Larisas Larissas		
304, notas do liv. 2. ^o — Camunabyses, . . Cambyses,		
389, notas do liv. 5. ^o — Seipião Scipião		

OBSERVAÇÃO FINAL

DO TRADUCTOR.

ESTA tradução das Odes de Horacio, principiada sob infastos auspiciosos, devia naturalmente sentir na sua publicação o influxo da sorte adversa, participar da infelicidade do traductor: — assim aconteceu. Remetti para Lisboa o autographo e a ordem para o pagamento das despesas necessárias em outubro de 1849, afim de sér impressa, conformemente ao meu annuncio, na Imprensa Nacional, d'onde esperava uma edição nítida e correcta, como algumas que haviam sahido d'esse grande estabelecimento typographicos. — Mandei vir de Inglaterra bom papel, e ali se começou a edição efectivamente. Cinco folhas se imprimiram, mas infelizmente tão cheias de erros, apezar de se escolher para collacionar as provas um revisor acreditado, que me vi na dura necessidade de mandar suspender, com grave prejuizo, o trabalho começado.

Julguei então urgente imprimir esta obra no meu paiz natal, onde eu existia, para cuidar propriamente na sua correção, objecto primario de meus desejos e sollicitude. — Busquei a melhor typographia: — desgraçadamente não tinha typo capaz: — mandei-o vir de Portugal á minha custa; e deu-se principio á edição, em Angra do Heroísmo, no mes de março de 1851.

Fatalidades porem que eu não podia prever, e, mais que tudo, os descuidos extraordinarios e incomprehensíveis do impressor, tão esquecido de sua palavra e de minha situação como de seus interesses, delongaram o acabamento da obra até o fim d'este anno de 1853 em que a dou á luz publica, e ainda para isso foi necessário mandar imprimir em Lisboa o poema secular e as notas illustradoras do texto! — Dois

annos e quatro mezes foram precisos ao impressor angrense para acabar as Odes simplesmente (232 paginas); e quatro annos ha que começaram os trabalhos e as despêses d'esta publicação litteraria! — Ficou esgotada a minha paciencia.

Não parou n'isto a serie de infelicidades. Remettendo para Lisbôa os impressos, o autographo e o papel existente, para se ultimar a impressão, os caixões em que foram, bem que recommendedos ao capitão do navio, attrahiram humidade e a cōmunicaram a muitas folhas tornando-as bastante desfeitas. Tudo foram contrariedades successivas!

Não pôde tirar-se da presente edição mais de 622 exemplares: — o seu producto liquido provavelmente, attentos os gravissimos transtornos indicados, não poderá exceder a importancia de metade das despêses! — Eu não esperava interesses certamente, mas não contava com prejuizos: — determinou-os a sorte. Assim vejo que me dediquei dezoito annos, posto que interrompido sempre por adversidades e objectos de serviço publico, a um trabalho grandissimamente acerbo e improbo, que tantas vêzes me abatêra o animo e me fatigára o espirito, para ficar finalmente mais infeliz do que era. Faltava este desastre para remate dos infortunios de toda a minha vida! . . . Que me resta? pedir desculpa aos Srs. Subscriptores da longa demora e pouca nitidez da edição, e buscar allivio a meus desgostos n'esta sentença do mesmo Horacio:

Durum: sed levius fit patientia
Quidquid corrigere est nefas.

FIM.

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 03067 3936

